UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA COGNITIVA

NORMANDO JOSÉ QUEIROZ VIANA

Tese de Doutorado

"Autoconsciência e padrões de atratividade no ciclo vital de homens e mulheres de orientação sexual homo e heteroafetiva"

RECIFE

2016

NORMANDO JOSÉ QUEIROZ VIANA

Tese de Doutorado

“Autoconsciência e padrões de atratividade no ciclo vital de homens e mulheres de orientação sexual homo e heteroafetiva”

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco para fins de obtenção do título de Doutor em Psicologia Cognitiva.

Área de concentração: Psicologia Cognitiva

Orientador: Prof. Dr. Alexsandro Medeiros do Nascimento

Recife
2016

Catalogação na fonte
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

V614a Viana, Normando José Queiroz.
"Autoconsciência e padrões de atratividade no ciclo vital de homens e mulheres de orientação sexual homo e heteroafetiva" / Normando José Queiroz Viana. – 2016.
314 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Alexsandro Medeiros do Nascimento.
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, Recife, 2016.
Inclui referências e anexos.

1. Psicologia cognitiva. 2. Cognição. 3. Autoconsciência. 4. Consciência. 5. Self (Psicologia). I. Nascimento, Alexsandro Medeiros do (Orientador). II. Título.

153 CDD (22.ed.) UFPE (BCFCH2016-18)

FOLHA DE APROVAÇÃO

Normando José Queiroz Viana

“Autoconsciência e padrões de atratividade no ciclo vital de homens e mulheres de orientação sexual homo e heteroafetiva”

Resultado:APROVADO , Recife, 29 de fevereiro de 2016.

Banca Examinadora

Presidente: Prof. Dr. Alexsandro Medeiros do Nascimento

Instituição: UFPE Assinatura:_____

Examinador externo: Prof. Dr. Marcus Túlio Caldas

Instituição: UNICAPAssinatura:_____

Examinador externo: Profa. Dra. Sabrina Araújo Feitoza Fernandes Rocha

Instituição: FAFIRE Assinatura:_____

Examinador externo: Profa. Dra. Bianca Arruda Manchester de Queiroga

Instituição: UFPE Assinatura:_____

Examinador externo: Prof. Dr. AntonioRoazzi

Instituição: UFPE Assinatura:_____

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos e a todas que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho, em especial ao meus pais pela dedicação e entrega de sempre, as minha irmãs e sobrinhos amados, a Epitácio, pela presença e paciência, aos demais familiares e amigos queridos, meu eterno agradecimento!

Especialmente, agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Alexsandro Medeiros do Nascimento pela atenção, gentileza e cordialidade, com que tem, pacientemente, me conduzido no campo do fazer ciência em psicologia cognitiva, bem como, e mais que especialmente, por sua notória competência e expertise em seara tão importante, a dos estudos sobre autoconsciência e consciência. Meu muito obrigado!

Meu muito obrigado aos colegas da pequena/grande turma do qual fiz parte, aos professores e funcionários da pós graduação pelos conhecimentos compartilhados, socorros e orientações prestadas.

Também gostaria de dizer obrigado a todos que fazem parte do Centro em Rede de Investigação em Antropologia - CRIA, instituição a qual fui acolhido com muito carinho.

Agradeço, por fim, a bolsa de estudos concedida pelo CNPq, bem como a bolsa de doutorado sanduíche a qual me fora concedida para realizar parte dos meus estudos fora do país.

RESUMO

Vem de longa data o interesse da ciência psicológica pela busca do autoconhecimento (James, 1890/1983). Neste contexto, os estudos oriundos do campo da autoconsciência, em especial com o advento da Teoria OSA (Duval & Wicklund, 1972), uma das primeiras teorias a considerar as discrepâncias entre o self e os padrões (Duval & Silva, 2001), têm reunido esforços no intuito de superar tamanha lacuna.

Neste contexto, entusiasmado pela compreensão do self, em especial em sua vertente simbólica, bem como no instanciamento dos processos autoavaliativos por este operados, tramados à identificação da natureza dos padrões de atratividade e a forma como estes têm sido fenomenologicamente conscienciazados no fluxo da experiência interna dos sujeitos, o presente estudo de tese objetiva identificar o que são os padrões de autoatratividade, qual sua dinâmica representacional no seio da experiência interna e o enlaçamento no processo autoavaliativo dos processos de atratividade autopercebida, autofocalização (autoconsciência situacional e disposicional), autoestima, bem estar (satisfação com a vida e felicidade), humor depressivo e religiosidade.

Para o estudo em questão, foi recrutada uma amostra mista composta por 657 participantes (563 brasileiros e 94 portugueses), adolescentes, jovens, adultos e idosos, de ambos os sexos e orientações sexuais homossexual e heterossexual, residentes na Região Metropolitana do Recife e na cidade de Lisboa, Portugal.

Os procedimentos relativos à coleta ocorreram em três etapas: a primeira com objetivo de levantar emicamente, por intermédio de procedimentos multimétodos, o campo semântico de autoatratividade (Estudo 1 – Qualitativo); a segunda, com base nos achados da etapa anterior, corresponde ao processo de elaboração e validação da Escala de Autoatratividade - EAA junto à pesquisa desta com o conjunto de instrumentos utilizados (Escala de Apreciação Corporal (EAC); Escala de Autoconsciência Situacional (EAS); Escala de

Autoconsciência Disposicional (EAD); Escala de Autoestima de Rosenberg; Escala de Satisfação com a Vida; Escala de Felicidade Subjetiva; Escala CES-D (Rastreamento de depressão); Escala de Religiosidade Global (ERG) e Escala de religiosidade de item único, bem como o roteiro de entrevista Fenomenológico-Cognitiva dos Estados Autoconscientes – EFEA), a fim de permitir a identificação da multidimensionalidade da maquinaria psíquica atrelada ao construto atratividade dentre a amostra recrutada (Estudo 2 – Ex-post-facto) e a terceira etapa refere-se ao aprofundamento dos achados da etapa que a antecede, por intermédio da apresentação do gradiente fenomenal dos padrões de atratividade com base na identificação dos modos como estes são representados no fluxo da experiência dos participantes durante estado autoconsciente relacionado a autoatratividade (Estudo 3 – Fenomenal).

A hipótese geral que dá sustentação ao estudo em questão considera que quanto mais autoconscientes e de modo reflexivo as pessoas são maior seria a capacidade que estas têm de minorar as influências que os padrões de atratividade exercem sobre os processos autoavaliativos, ocasionando prejuízos ao funcionamento psicológico saudável, além de que, os padrões, caso emerjam à consciência, no seio da experiência interna, se realizarão cognitivamente em elementos variados de natureza representacional, em especial na forma da fala interna e visualização interna.

De modo específico, dentre o conjunto de hipóteses que dá sustenção ao referido estudo, destaca-se aquela que chama atenção ao papel moderador da religiosidade no possível impacto deletério que os padrões de atratividade ocasionam à vida das pessoas, haja vista, a importância e centralidade de tal dimensão para subjetividade humana.

O modelo de análise de dados adotado no presente estudo de tese prezou, no tocante ao material quantitativo, pela investigação da dimensionalidade das escalas por via da metodologia das facetas (Guttman, 1968), com base nas Análises Multidimensionais não-

métricas do tipo SSA (Similarity Structure Analysis, ver Guttman, 1968; Roazzi, 1995). Por sua vez, o material qualitativo foi submetido à análise de conteúdo (Estudo 1, Bardin, 1970) e a metodologia fenomenológica padrão (Estudo 2, Cott & Rock, 2008).

Os principais achados do presente estudo de tese apontam que os padrões de autoatratividade e sua fenomenologia são representados cognitivamente na consciência por intermédio dos elementos da fala interna e das visualizações internas, associadas aos elementos do sentimento, bem como a consciência sensória. Não se encontrou, todavia, ocorrência de pensamento não simbolizado na análise fenomenal operada.

A estrutura de tal padrão se organiza a partir de duas dimensões, uma física e outra não física, representadas pelos fatores: sensualidade, moralidade, apresentação pessoal, afetividade, inteligência, bom humor e asseio. Tais fatores quando correlacionados entre si, e junto as demais medidas utilizadas, apontam a presença de correlações estatisticamente significantes, em especial, no tocante às variáveis: Orientação sexual, no âmbito geral, os heterossexuais encontram-se mais próximos de um campo de afeto positivo, e os homossexuais nas cercanias do afeto negativo; Idade, os mais jovens, também situados num campo do afeto negativo, passando por um campo intermediário, onde há a presença de jovens adultos, findando com os participantes com idades entre 36 e 76 anos, cravados num campo de afeto positivo; Religiosidade, igualmente caracterizada por uma disposição polar, nas cercanias desta variável, os que se dizem religiosos, os heterossexuais e os adultos e idosos, e distanciando-se da religiosidade, localizados em plano antagônico, os que relatam não professar nenhuma fé, os adolescentes de 14 a 20 anos e os jovens homossexuais; e Nacionalidade, os portugueses mais próximos de um padrão de atratividade com base em princípios morais e os brasileiros simpáticos às variáveis sociodemográficas de natureza religiosa, inferindo que estas exercem influência sobre o instanciamento dos processos

autofocalizadores, correlações estas cujos significados são corroborados pelos achados oriundos do estudo fenomenal.

Tal estudo representa um esforço em dar visibilidade a uma temática pouco investigada na ciência psicológica, a natureza dos padrões de correção e o impacto destes nos processos autofocalizadores, em diálogo com uma perspectiva de mente dual, que contempla aspectos psicológicos e fenomenais da subjetividade e cognição humanas, a fim de contribuir com uma compreensão mais profunda sobre os aspectos cognitivos cruciais relacionados ao instanciamento de modos mais adaptados e, consequentemente, menos comprometedores da existência significativa e feliz.

Palavras-chave: autoatratividade; padrões de correção; autoconsciência; experiência interna; epistemologia fenomenal; teoria das facetas.

ABSTRACT

The interest of the psychological science in the search for self-knowledge has come a long way (James, 1890/1983). In this context, studies from the self-awareness field, especially with the advent of the OSA Theory (Duval & Wicklund, 1972), one of the first to consider the discrepancies between the self and the patterns (Duval & Silva, 2001), have gathered efforts in order to overcome such gap.

Within this framework, keen on understanding the self, especially in its symbolic aspect as well as in the instantiation of the self-assessment processes it operates, hatched in the identification of the nature of attractiveness patterns and how they have phenomenologically been made aware in the flow of the subjects' inner experience, this study aims to identify self-attractiveness patterns, their representational dynamics within the inner experience and the intertwining of the self-perceived attractiveness processes, of self-focusing (situational and dispositional self-awareness), self-esteem and well-being (life satisfaction and happiness), depressive mood and religiosity in the self-assessment process.

For this study, a mixed sample of 657 participants (563 Brazilian and 94 Portuguese) was recruited, among whom were teenagers, adults and elderly people of both sexes, as well as homo and heterosexual orientations, living in the metropolitan area of Recife and in Lisbon, Portugal.

The collecting-related procedures were carried out in three steps: the first one, to emically raise, through multimethod procedures, the semantic field of self-attractiveness (Study 1 - Qualitative); the second, based on the findings from the previous step, corresponds to the process of development and validation of the Self-attractiveness Scale – SAS, along with its survey with the set of instruments used (Body Assessment Scale - BAS); Situational Self-Awareness Scale (SSAE); Dispositional Self-Awareness Scale (DSAS); Rosenberg Self-Esteem Scale; Life Satisfaction Scale; Subjective Happiness Scale; CES-D Scale

(Depression Tracking); Global Religiosity Scale (GRS) and Single-item Religiosity Scale, as well as the Self-Aware States Phenomenological-Cognitive interview script – SASPG), to enable the identification of the multidimensionality of the psychic machinery linked to the attractiveness construct within the recruited sample (Study 2 - Ex-post-facto). The third stage refers to deepening the findings of the previous one through the presentation of the phenomenal gradient of attractiveness patterns based on the identification of the ways they are represented in the flow of the participants' experience during the self-aware state related to self-attractiveness (Study 3 - Phenomenal).

The general hypothesis that supports the present study considers that the more self-aware and reflective people are, the greater the capacity they have to reduce the influence attractiveness patterns have on self-assessment processes, which bring harm to healthy psychological functioning. Moreover, those patterns, should they emerge to awareness within the inner experience, will cognitively take place in a range of elements of representational nature, especially in the form of inner speech and inner visualization.

In particular, among the set of assumptions that support this study, there is one that draws attention to the moderating role of religiosity in the possible deleterious impact attractiveness patterns cause to people's lives, given the importance and centrality of such dimension to human subjectivity.

With regard to the quantitative material, the data analysis model adopted in this thesis study valued the investigation of the scale dimensionality by means of the facet methodology (Guttman, 1968), based on the non-metric SSA (Similarity Structure Analysis, see Guttman, 1968; Roazzi, 1995) type Multidimensional Analysis. In turn, the qualitative material was submitted to content analysis (Study 1, Bardin, 1970) and to the pattern phenomenological methodology (Study 2, Cott & Rock, 2008).

The main findings of the present study indicate the self-attractiveness patterns and their phenomenology to be represented cognitively in the awareness by means of the inner speech and inner visualization elements, associated with both feelings and sensory awareness. There was no occurrence of non-symbolized thought in the carried out phenomenal analysis, though.

The structure of such a pattern is set considering two dimensions, physical and non-physical, represented by the following factors: sensuality, morality, personal presentation, affection, intelligence, good humor and neatness. Such factors, when correlated and with the use of other measures, suggest the presence of statistically significant correlations, especially regarding the variables: Sexual orientation, in general, heterosexuals are closer to a positive affection ground, while homosexuals, around negative affection; Age, the youngest also being in a negative affection ground, passing to a middle ground where young adults are present, ending with between 36 and 76 year-old participants, nailed to a positive affection ground; Religiosity, also characterized by a polar layout around this variable, those who claim to be religious, the heterosexual, the adults and the elderly, as opposed to those distant from religiosity, located in an antagonistic plan, who report not to profess any faith, 14 to 20 year-old adolescents and young homosexuals; and Nationality, with the Portuguese closer to an attractiveness pattern based on moral principles, whilst the Brazilians sympathize with the sociodemographic variables of a religious nature, inferring that they influence the instancing of self-focusing processes, correlations whose meanings are corroborated by findings of the phenomenal study.

This study represents an effort to give visibility to a little investigated topic in the psychological science, the nature of correction patterns and their impact on the self-focusing processes, dialoguing with a dual mind perspective, which includes psychological and phenomenal aspects of human subjectivity and cognition in order to contribute to a deeper

understanding of the crucial cognitive aspects related to the instancing of more adapted and consequently less compromising forms of a meaningful and happy existence.

Keywords: self-attractiveness; correction patterns; self-awareness; inner experience; phenomenal epistemology; theory of facets.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01.SSA Escala de Autoatratividade (EAA)..... 177

Figura 02.SSA Escala de Autoconsciência Situacional (EAS)..... 181

Figura 03.SSA Escala de Autoconsciência Disposicional (EAD) 183

Figura 04. Gráfico de Sedimentação com Itens da Escala de Religiosidade Global (ERG)..... 186

Figura 05. SSA Integrativa com todas as escalas do estudo, tendo como variáveis externas sexo, idade, orientação sexual, orientação sexual por grupo etário, nacionalidade e pertença à Religião..... 233

LISTA DE TABELAS

Tabela 01. Análise fatorial da Escala de Religiosidade Global (ERG)..... 187

Tabela 02. Intercorrelações (r de Pearson) dos fatores da EAA com as escalas EAC, ESV, EAR, EFS, EAS, EAD, CES-D, ERIU, ERG (total e por item) e a variável Pertença à Religião (Portugal)..... 191

Tabela 03. Intercorrelações (r de Pearson) dos fatores da EAA com as escalas EAC, ESV, EAR, EFS, EAS, EAD, CES-D, ERIU, ERG (total e por item) e a variável Pertença à Religião (Brasil)..... 192

Tabela 04. Intercorrelações (r de Pearson) dos fatores da EAA com as escalas EAC, ESV, EAR, EFS, EAS, EAD, CES-D, ERIU, ERG (total e por item) e a variável Pertença à Religião (Brasil e Portugal)..... 196

Tabela 05. Intercorrelações (r de Pearson) dos fatores da EAA com as escalas EAC, ESV, EAR, EFS, EAS, EAD, CES-D, ERIU, ERG (total e por item) e a variável Pertença à Religião (Brasil e Portugal)..... 200

Tabela 06. Intercorrelações (r de Pearson) dos fatores da EAA com as escalas EAC, ESV, EAR, EFS, EAS, EAD, CES-D, ERIU, ERG (total e por item) e a variável Pertença à Religião (Portugal)..... 202

Tabela 07. Intercorrelações (r de Pearson) dos fatores da EAA com as escalas EAC, ESV, EAR, EFS, EAS, EAD, CES-D, ERIU, ERG (total e por item) e a variável Pertença à Religião (Brasil)..... 203

Tabela 08. Intercorrelações (r de Pearson) dos fatores da EAA com as escalas EAC, ESV, EAR, EFS, EAS, EAD, CES-D, ERIU, ERG (total e por item) e a variável Pertença à Religião (Brasil e Portugal)..... 205

Tabela 09. Intercorrelações (r de Pearson) dos fatores da EAA com as escalas EAC, ESV, EAR, EFS, EAS, EAD, CES-D, ERIU, ERG (total e por item) e a variável Pertença à Religião (Portugal)..... 207

Tabela 10. Intercorrelações (r de Pearson) dos fatores da EAA com as escalas EAC, ESV, EAR, EFS, EAS, EAD, CES-D, ERIU, ERG (total e por item) e a variável Pertença à Religião (Brasil)..... 208

Tabela 11. Descritiva Religião..... 210

Tabela 12. Intercorrelações (r de Pearson) dos fatores da EAA com as escalas EAC, ESV, EAR, EFS, EAS, EAD, CES-D, ERIU, ERG (total e por item) e a variável Pertença à Religião (Brasil e Portugal)..... 211

Tabela 13. Intercorrelações (r de Pearson) dos fatores da EAA com as escalas EAC, ESV, EAR, EFS, EAS, EAD, CES-D, ERIU, ERG (total e por item) e a variável Pertença à Religião (Brasil e Portugal)..... 215

Tabela 14. Descritiva orientação sexual..... 216

Tabela 15. Intercorrelações (r de Pearson) dos fatores da EAA com as escalas EAC, ESV, EAR, EFS, EAS, EAD, CES-D, ERIU, ERG (total e por item) e a variável Pertença à Religião (Brasil e Portugal)..... 217

Tabela 16.Descritiva Brasil/Masculino..... 221

Tabela 17. Brasil* Heterossexual atração sexo oposto..... 222

Tabela 18. Intercorrelações (r de Pearson) dos fatores da EAA com as escalas EAC, ESV, EAR, EFS, EAS, EAD, CES-D, ERIU, ERG (total e por item) e a variável Pertença à Religião (Brasil)..... 222

Tabela 19. Intercorrelações (r de Pearson) dos fatores da EAA com as escalas EAC, ESV, EAR, EFS, EAS, EAD, CES-D, ERIU, ERG (total e por item) e a variável Pertença à Religião (Brasil)..... 224

Tabela 20. Intercorrelações (r de Pearson) dos fatores da EAA com as escalas EAC, ESV, EAR, EFS, EAS, EAD, CES-D, ERIU, ERG (total e por item) e a variável Pertença à Religião (Portugal)..... 225

Tabela 21. Intercorrelações (r de Pearson) dos fatores da EAA com as escalas EAC, ESV, EAR, EFS, EAS, EAD, CES-D, ERIU, ERG (total e por item) e a variável Pertença à Religião (Portugal)..... 226

Tabela 22. Intercorrelações (r de Pearson) dos fatores da EAA com as escalas EAC, ESV, EAR, EFS, EAS, EAD, CES-D, ERIU, ERG (total e por item) e a variável Pertença à Religião (Brasil)..... 227

Tabela 23. Intercorrelações (r de Pearson) dos fatores da EAA com as escalas EAC, ESV, EAR, EFS, EAS, EAD, CES-D, ERIU, ERG (total e por item) e a variável Pertença à Religião (Brasil)..... 228

Tabela 24. Resumo das regressões das escalas EAC, ESV, EAR, EFS, EAS, EAD e CES-D (VD's) tendo VI's como 1ºpasso Envolvimento com a Religião e com o 2º passo (stewise) as 7 dimensões da Autoatratividade (EAA), sendo apresentados os valores das % de variância explicada sidnificativas..... 230

Tabela 25. Descritiva variáveis sociodemográficas dos entrevistados..... 236

LISTA DE ANEXOS

Anexo 01.Escala de Autoatratividade (EAA)..... 314

Anexo 02. Escala de Apreciação Corporal (EAC)..... 315

Anexo 03.Escala de Autoconsciência Situacional (EAS)..... 316

Anexo 04. Escala de Autoconsciência Disposicional (EAD)..... 317

Anexo 05. Escala de Autoestima de Rosenberg..... 318

Anexo 06. Escala de Satisfação com a Vida..... 319

Anexo 07. Escala de Felicidade Subjetiva..... 320

Anexo 08. Teste CES-D (Rastreamento de Depressão)..... 321

Anexo 09. Escala de Religiosidade Global (ERG)..... 322

Anexo 10. Roteiro de entrevista fenomenológica em profundidade..... 323

Anexo 11.Questionário Sociodemográfico..... 328

Anexo 12. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)/maiores de 18 anos..... 330

Anexo 13. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)/ responsável por menores de 18 anos..... 333

Anexo 14. Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE)/ menores de 12 a 18 anos..... 336

Anexo 15. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)/Amostra portuguesa/ maiores de 18 anos..... 339

SUMÁRIO

Agradecimentos..... 04
Resumo..... 05
Abstract..... 09
Lista de Figuras..... 13
Lista de Tabelas..... 14
Lista de Anexos..... 17
Introdução ……...……..…… 20

Parte I: Enquadramento Teórico do Estudo

Capítulo 1: O campo de estudos da Atratividade..... 27
Capítulo 2: Self, Autoconsciênciae Representação Mental 36
Capítulo 3: Consciência e Experiência Interna: a auto experiência no processo auto avaliativo e o problema da conscientização dos standards..... 52
Capítulo 4: Bem estar Subjetivo e Bem estar Psicológico..... 69
Capítulo 5: Padrões de Correção..... 78
Capítulo 6: Sobre Experiência Religiosa..... 89
Capítulo 7: Sobre Sexo, Orientação Sexual e Atratividade..... 121
Capítulo 8: Sobre Desenvolvimento Humano: A perspectiva de Bronfenbrenner..... 137
Capítulo 9: Problema de pesquisa..... 150

Parte II*:* Estudo Empírico

Capítulo 10: Método..... 157
10.1.Delineamento de pesquisa……..…….....**.** 157
10.2. Objetivos da Pesquisa (Geral e Específicos)……..….....**.** 157
10.3. Participantes..... 158
10.4. Instrumentos 160
10.5. Procedimentos 164
10.6. Modelo de Análise 165
Capítulo 11: Estudo 1 (Estudo Qualitativo) 167
Capítulo 12: Estudo 2 (Estudo ex-post-fact)..... 175
Capítulo 13: Estudo 3 (Estudo Fenomenal)..... 236

Capítulo 14: Discussão 264
Capítulo 15: Considerações finais..... 287
Referências 290
Anexos..... 314

1.**Introdução**

Ao remeter as origens da psicologia remontando à filosofia, onde os aspectos subjetivos e intangíveis eram foco maior de atenção, desde os primórdios da ciência psicológica, até mesmo antes, quando da disseminação de ideias psicológicas até então, fora do espectro científico, (Cf. Ferreira, 2007), as trilhas da história da psicologia se cruzam com os caminhos de uma busca ancestral do conhecimento de si mesmo.

Mantendo o projeto do "conhecer a si mesmo", a psicologia, enquanto ciência surgiu a partir da superação do subjetivismo através da criação de laboratórios para o estudo quantitativo de fenômenos psíquicos.

No entanto, a ânsia pelo rigor científico, identificada na abordagem experimental-laboratorial, conduziu o trilhar da ciência da psicologia para caminhos que levavam ao interesse massivo acerca da investigação dos comportamentos, o que culminou com o surgimento do behaviorismo, e, consequentemente, com certo desvirtuamento do foco que outrora residia na compreensão dos aspectos subjetivos.

Apenas nos anos 50 do século XX é que estes caminhos foram refeitos, surgindo então, dentre estes, a psicologia cognitiva, aparato teórico oriundo do campo psi que surge em oposição à perspectiva behaviorista, servindo, dentre outros prismas, ao redirecionamento do foco de interesse aos aspectos internos e subjetivos dos seres humanos, aspectos estes que são (re)construídos com e no processo de interação social.

Ancorado nesta perspectiva, encontram-se os estudos sobre autoconsciência, os quais, por intermédio do esquadrinhamento do dinamismo e fluxo da experiência interna dos sujeitos, buscam lançar luz sobre uma dimensão teórica e metodológica pouco privilegiada no âmbito da ciência psicológica, a autoconsciência, como também, objetivam resgatar o projeto inicial de tal tradição científica, o "conhece-te a ti mesmo".

Entretanto, é digno de nota mencionar que o movimento teórico sistematizado que representou um esforço rigoroso por desenvolver formas de entendimento do ser humano, a partir da percepção de si mesmo, ou seja, do autofoco, só veio surgir no anos 70 do século XX, inspirados pelos estudos de Wundt (1897) e James (1890/1950), com o advento da Teoria OSA, apresentada por Duval e Wicklund (1972).

Esta também foi uma das pioneiras, dentre as teorias modernas, a considerar como as discrepâncias afetam as emoções observando as representações características acerca do self e dos padrões, dos standards, que o self que deveria apresentar (Duval & Silvia, 2001).

Na tradição psicológica, vários teóricos afeitos aos estudos acerca do self, já haviam identificado o quanto o experienciar de situações autoconflitantes e autoinconsistentes ocasionam problemas de diversas ordens, sobretudo, emocionais (Adler, 1964; Allport, 1955 e Cooley, 1902/1964).

Neste contexto, a Teoria da Autodiscrepância inaugurada por Edward Tory Higgins (1987), defende a tese de que a autodiscrepância reside no distanciamento entre o self e os padrões - aqui entendidos como entidades cognitivas "estranhas", "rígidas" e "inegociáveis", internalizadas pelos sujeitos no decorrer do processo de adaptação social - e, em decorrência deste, a emergência de sentimentos de aceitação e/ou rejeição.

Segundo Higgins (1987) e Higgins, Klein e Strauman (1985), ao defender a tese de que a auto discrepância reside no distanciamento entre o self e os padrões, emergindo daí sentimentos de aceitação e/ou rejeição, o self, para a teoria em questão, seria posicionado em três domínios, a saber: o *atual*, a representação da pessoa, do que ela é frequentemente; o *ideal*, o que ela gostaria de se tornar; e o que *deveria ser*, o que ela deveria tornar-se, as "obrigações" para o self.

Tais domínios representacionais dos selves, bem como a interface entre eles, encontram-se mediados por sistemas de comunicação verbal e não verbal responsáveis pelo instanciamento de estados autoconscientes, em especial, aqueles veiculados na forma de imagens mentais e fala interna, dimensão da experiência interna responsável por ¼ de nossa vida em estado de vigília (Hurlburt & Heavey , 2001).

Além da fala interna e das visualizações internas, Hurlburt e Heavey (2001) elencam como constituinte da experiência interna, os sentimentos, consciência sensória e o pensamento não simbolizado. Tal repertório representa um modelo mais enxuto com base nas características da experiência interna cotidiana, previamente apresentadas por Chalmers (1996), em duas grandes vertentes, a da experiência sensorial e outra fenomenal, de caráter mais representacional.

Todavia, importa referir que, apesar da compreensão da experiência interna ter sido, e continua a ser, um dos objetivos fundamentais da psicologia desde o seu início, o estudo dos aspectos fenomênicos subjetivos da experiência interna não se dá de forma habitual.

Com base nesta reflexão inicial, o presente estudo de tese intenciona identificar os padrões de atratividade, qual sua dinâmica representacional no seio da experiência interna e o enlaçamento no processo autoavaliativo dos processos de atratividade autopercebida, autofocalização (autoconsciência situacional e disposicional), autoestima, bem estar (satisfação com a vida e felicidade), humor depressivo e religiosidade apresentados no desenvolvimento do ciclo vital de homens e mulheres de orientação sexual heterossexual e homossexual na Região Metropolitana do Recife, no Brasil, e na cidade de Lisboa, Portugal.

Para tanto, este se organiza em duas grandes partes, uma que compreende o arcabouço teórico necessário à fundamentação da pesquisa em tela, e outra que diz respeito os aspectos empíricos e metodológicos postos em prática quando de sua operacionalização.

A parte referente ao aparato teórico estrutura-se em nove capítulos. O primeiro deles apresenta o campo dos estudos da atratividade, construto polissêmico por natureza que tem sido perseguido por diferentes campos de produção do conhecimento científico, no âmbito nacional e internacional, no entanto, ainda é pouco tematizado no campo das ciências humanas e sociais, em especial na psicologia, e quando o é, não raro reveste-se de uma concepção que mais aponta para a descritiva dos caracteres físicos da atratividade, do que para aqueles tomados como não físicos.

O segundo capítulo aborda o self, a autoconsciência e a representação mental. Ao tomar o interacionismo simbólico como ponto de partida, busca desvelar a centralidade do self, em especial do self simbólico, nos processos autoavaliativos e representacionais, bem como tematizar a questão dos padrões na tríade cognitiva (self, autofoco e padrões).

O capítulo seguinte diz respeito à consciência e a experiência interna, refletindo sobre o papel da autoexperiência no processo autoavaliativo e o problema da conscientização dos padrões. Para tanto, partiu-se à revisão da literatura acerca da identificação de diferentes perspectivas da consciência em sua vertente fenomenal, bem como na compreensão da experiência interna enquanto aspecto central da consciência.

O quarto capítulo destina-se ao entendimento sobre as faces subjetiva e psicológica do bem estar. Neste sentido, serão apresentados conceitos, modelos e metodologias na pesquisa empírica e será tematizado qual o lugar dos afetos resultantes do processo autoavaliativo no bem estar.

O quinto capítulo refere-se à apresentação do que são os padrões de correção e de como estes têm sido abordados pela ciência psicológica. A interface entre diferentes perspectivas e teorias, e a natureza representacional dos padrões, também serão tratados.

O capitulo 6 trata da apresentação do que é experiência religiosa, campo semântico deveras expressivo, todavia, de representação pouco consensual, a fim de iluminar a compreensão sobre uma dimensão de tamanha importância na vida das pessoas: a dimensão religiosa.

O capítulo 7 representa um esforço em busca de compreender, sociohistóricamente, as concepções vigentes, nas sociedades comtemporaneas, sobre o que vem a ser sexo e o rientação sexual, bem como o enlace destes com a dimensão da atratividade.

O capítulo 8 busca recuperar uma perspectiva do desenvolvimento humano simpática a uma perspectiva processual do desenvolvimento e distante dos clássicos modelos desenvolvimentais com ênfase numa perspectiva descritiva do desenvolvimento, estabelecendo períodos, ou melhor, estágios ao longo do ciclo vital, com ênfase, sobretudo, na infância.

O capítulo 9 compreende a construção do problema de pesquisa, o qual objetiva situar e articular as contribuições advindas dos demais capítulos teóricos junto aos objetivos e hipóteses do presente estudo de tese.

O capítulo 10 trata do desenho metodológico traçado para o estudo em questão. Neste serão detalhados o delineamento de pesquisa, os objetivos (geral e específicos), os participantes, os instrumentos, os procedimentos e o modelo de análise.

O capítulo 11 diz respeito ao estudo 1, estudo qualitativo, o qual intenciona descrever os significados êmicos da atratividade, com base na hipótese de que há, ao menos, duas diferentes dimensões da atratividade, uma de caráter “físico”, expressa pela apreciação, geral

ou específica, dos aspectos anatomo-fisiológicos dos corpos, a qual tem sido, de modo isolado, costumeiramente, relacionada a tal constructo, e outra de caráter "não físico", atrelada ao âmbito da sociabilidade, com atenção à moralidade, intelectualidade e ao comportamento.

O capítulo 12 refere-se ao estudo 2 , estudo ex-post-facto, cujo objetivo versa sobre exame estatístico do conjunto de escalas que fazem parte do presente estudo de tese, dez ao todo, a saber: a) *Escala de Autoatratividade* (EAA), b) *Escala de Apreciação Corporal* (EAC), c) *Escala de Autoconsciência Disposicional* (EAD), d) *Escala de Autoconsciência Situacional* (EAS), *e) Escala de Religiosidade Global* (ERG), f) *Escala de Religiosidade de Item Único*, g) *Escala de Autoestima de Rosenberg* (EAR), h) *Escala de Satisfação com a Vida*, i) *Escala de Felicidade Subjetiva* e a j) *Escala de Rastreamento Populacional para Depressão* (CES-D), as quais serão aqui apresentados, a priori, de modo particularizado, os resultados de suas análises fatoriais e multidimensionais, acompanhados dos respectivos indicadores de fidedignidade, e, na sequência, serão abordados os exames de suas intercorrelações, regressões, assim como a análise dimensional integrativa.

O capitulo 13 refere-se ao estudo 3, o estudo fenomenal, o qual compreende a análise, com base no método fenomenológico padrão adotado por Cott e Rock (2008), de seis entrevistas em profundidade, as quais foram realizadas, mediante a aplicação de roteiro pré-definido (em anexo), bem como em respeito aos princípios éticos na pesquisa com seres humanos.

Os capítulos 14 e 15, respectivamente, dizem respeito à discussão dos achados do presente estudo de tese balizados pelo aporte teórico e metodológico utilizado a fim de melhor acessar e compreender o fenômeno em escrutínio e o apresentar das considerações sobre o presente estudo destacando suas implicações, limites e potencialidades, e proposições de estudos futuros.

Parte I: Enquadramento Teórico

Capitulo 1. O campo de estudos da Atratividade

Atratividade, conforme o dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (2013), quer dizer a "qualidade do que é atrativo ou atraente". Ambos os adjetivos, palavras que expressam uma qualidade ou característica de um ser, correspondem (...)

> "(...) a propriedade de atrair: forças atrativas./Que concilia afeto; simpático (...) O que agrada, encanta, atrai: o atrativo da novidade, da glória (...) formosura, encanto, donaire de uma pessoa" e aquele/a "que atrai; que cativa, que encanta./Sedutor, insinuante: modos atraentes, pessoa atraente./Que prende a atenção (...)" (AURÉLIO, 2013).

No âmbito geral, a polissemia do termo atratividade põe em cena a diversidade de contextos sobre os quais este tem sido empregado, bem como a característica dinâmica e fluída deste construto.

Tal diversidade, quando tomada a partir da perspectiva científica, revela o quanto a atratividade tem se constituído como um construto relevante para a compreensão de diferentes fenômenos, haja vista, o modo como esta tem transitado em distintos campos de produção do conhecimento científico nacional e internacional.

Tamanha importância se identifica no campo das ciências agrárias, a exemplo dos estudos laboratoriais desenvolvidos por Vidal et al.(2010), acerca da atratividade nas abelhas, a fim de determinar como estas operam a remoção e deposição de pólen relacionada à atratividade da flor masculina; das moscas de frutas (Feitosa et al., 2008), com vistas à identificação dos atrativos alimentares utilizados na captura dos insetos e o estudo desenvolvidos com moscas brancas, no qual foram realizados teste de atratividade e preferência para ovoposição (Baldin et al., 2007)

Ainda no mesmo campo, identificam-se estudos a respeito da atratividade no cultivo de abóboras (Baldin et al, 2002), visando comparar a atratividade de plântulas de cultivares de abóbora e moranga à percevejos, e os efeitos desses materiais sobre a biologia

de ninfas dessa espécie, por intermédio de ensaios sob condições laboratoriais e estudos realizados na mata atlântica (Endres et al., 2005), com o objetivo de conhecer o padrão sazonal de determinada espécie do inseto da família Scarabaeidae, no tocante a atratividade deste às iscas utilizadas na ocasião de suas capturas.

Todavia, nesta seara a atratividade, apesar de ser utilizada com considerável frequência, parece assumir um papel mais periférico.

Também têm apresentado interesse acerca esta temática as ciências da administração, a exemplo do estudo, de caráter exploratório e longitudinal, realizado por Mello e Marco (2004), baseado em dados objetivos que servem de parâmetro para avaliação da eficácia das estratégias de posicionamento de determinadas organizações e da atratividade setorial, para os acionistas, dos principais setores da economia brasileira; o campo da publicidade, representado pelo trabalho de Pisnky e Jundi (2008), o qual, a partir do método da revisão bibliográfica, objetiva analisar se, e de que forma, a publicidade impacta o aumento do consumo de álcool, sobretudo, entre sujeitos jovens; e as ciências do turismo, aqui representado pelo estudo desenvolvido por Ikemoto (2009), cujo objetivo reside na avaliação do potencial turístico da trilha do Jequitibá, Parque Estadual dos Três Picos (RJ), para a sensibilização e conscientização dos seus usuários através da Interpretação Ambiental, utilizando como recurso metodológico a caracterização biofísica da trilha, avaliação da trilha, quanto a Interpretação Ambiental, e o Índice de Atratividade dos Pontos Interpretativos (IAPI).

Ainda nestes campos de produção do conhecimento científico, a atratividade parece manter um status de ordem secundária, quando muito, figurando como estratégia metodológica, a exemplo do instrumento de aferição do Índice de Atratividade dos Pontos Interpretativos (IAPI), utilizado por Ikemoto (2009), no âmbito do turismo.

Quem também têm se enveredado pelo campo da atratividade são as ciências da saúde, em especial os estudos desenvolvidos no campo da odontologia, a exemplo daqueles realizados por Morosine e Moresca (2012) e Borges et al. (2012), os quais tiveram o propósito de verificar se a análise facial numérica, realizada em fotografias frontais, é sensível em detectar a atratividade da face. Para tanto, a amostra dos referidos estudos foi composta por fotografias faciais padronizadas, frontais e laterais, em posição natural da cabeça, de 85 mulheres brasileiras, com idades entre 18 e 30 anos, sem histórico de cirurgia plástica facial, as quais foram classificadas de acordo com o grau de atratividade da face por uma banca composta de cinco especialistas em ortodontia, cinco leigos e cinco artistas plásticos.

A partir dessa classificação, os indivíduos foram divididos em três grupos: esteticamente agradáveis, esteticamente aceitáveis e esteticamente desagradáveis, cuja conclusão aponta que a análise facial numérica utilizada isoladamente, não foi sensível à detecção de padrões de atratividade, já que os critérios de beleza parecem ser altamente subjetivos.Vale ressaltar, conforme aponta os resultados das investigações em questão, que faz-se mister o advento de estudos de viés psicológico na compreensão da atratividade, haja vista a existência de uma clara dimensão subjetiva, portanto, simbólica, de tal objeto, para além de suas dimensões físicas, materiais e externas.

As ciências humanas e sociais, dentro e fora da psicologia, têm apresentado uma introdução menos expressiva nesta seara, quando comparado as investigações originárias de outros campos de produção do conhecimento.

Especificamente em psicologia, no Brasil, o interesse pela atratividade, de modo semelhante aos estudos em odontologia, versa sobre a atratividade física facial, com ênfase na atratividade entre faces simétricas e naturais, conforme aponta os estudos de Silva e Fukushima (2010). Para tanto, a fim de investigar se a simetria estaria então relacionada à

atratividade facial, vinte fotos em preto e branco de faces frontais de jovens adultos, pareados por sexo (10 do sexo feminino e 10 do sexo masculino), foram manipuladas por um editor gráfico de maneira a gerar faces simétricas pela reflexão de suas hemifaces direita e esquerda, e foram apresentadas a 62 voluntários, os quais julgaram a atratividade das faces simétricas e naturais por meio de uma escala visual analógica em dois experimentos. Em um experimento, as faces foram apresentadas com os elementos faciais externos e no outro sem eles. Em ambos os experimentos as faces naturais foram geralmente julgadas mais atrativas que as simétricas. O estudo, como um todo, concluí então, que a simetria facial por reflexão das hemifaces não é fator preponderante na definição da atratividade facial.

Ainda no âmbito da ciência psicológica, a atratividade também tem sido tematizada por estudos que põe em cena a questão da infidelidade sobre a atratividade facial de homens e mulheres (Tokumaru et al., 2010), haja vista os estudos sobre a atratividade e a seleção de parceiros têm recebido atenção especial dentro da perspectiva da Psicologia Evolucionista, mostrando influências, tanto de fatores físicos quanto de fatores não físicos. Neste estudo, também se utilizou de fotografias da face de homens e mulheres, pré-julgados como medianamente atraentes, desconhecidos dos participantes, associadas a uma história neutra ou que envolvia comportamento de infidelidade, para avaliar a influência de informação sobre o comportamento de infidelidade na avaliação da atratividade de indivíduos do sexo oposto. Os resultados mostraram diferenças significativas apenas quando as mulheres avaliavam fotografias de homens, atribuindo menor atratividade a homens associados à história de infidelidade. As diferenças entre homens e mulheres podem refletir mecanismos adaptativos para a avaliação da atratividade do sexo oposto relacionados às diferenças nos custos reprodutivos.

Ainda no âmbito da ciência psicológica, por ora, robustecida pela interface entre a atratividade física, aspectos sociométricos, comportamentais, afetivos e estratégias

metodológicas menos descritivas e mais analíticas da subjetividade humana, o construto em questão também tem sido investigado entre crianças em idade pré escolar, a exemplo do estudo executado por Lee Manoel et al. (2002).

Em tal estudo, a atratividade das crianças foi avaliada por três sujeitos adultos familiarizados com elas, por três outros que não as conheciam, por seus colegas e por elas próprias. Foram apuradas as escolhas positivas e negativas que cada criança recebeu. As crianças julgaram o comportamento dos colegas dentro de quatro dimensões: alegre/triste; agressivo/não agressivo; sociável/isolado; e colaborador/perturbador.

Para avaliar a autopercepção das crianças, aplicou-se a Escala Ilustrada de Competência e Aceitação Social Percebidas para Crianças. Encontraram-se correlações significativas entre a avaliação de atratividade física, segundo os sujeitos adultos familiarizados, e segundo os colegas com escolhas positivas e com atributos comportamentais pró-sociais. Os resultados denotam ligações entre afeto, julgamento de atratividade e avaliações comportamentais, bem estabelecidas em crianças de 5 anos, indicando que o efeito do estereótipo torna-se menor à medida que aumenta o grau de informação sobre a pessoa que está sendo julgada.

No âmbito internacional identificam-se, nos últimos cinco anos, estudos em psicologia que consideram a atratividade como elemento revelador da condição humana em diferentes perspectivas. Dentre estes há estudos sobre a influência da cor vermelha na atratividade, a partir de evidencias encontradas por Francis et al. (2013), com base nos estudos de Elliot et al. (2010), desenvolvidos no âmbito da psicologia experimental, de caráter exploratório.

Temas como as relações entre atratividade e as preferências implícitas e explícitas para a atratividade física em parceiros românticos, engajados numa perspectiva evolucionista clássica, sem deixar de levar em conta o intercâmbio social, sugere que

algumas pessoas valorizam mais seus parceiros do que outras, haja vista estas possuam características desejáveis, a exemplo do status e da atratividade, as quais são intrínsecas, inerentes ao próprio indivíduo. O presente estudo aponta dois possíveis resultados, um que denuncia o fato de que a pesquisa com esta natureza de relacionamento sugere uma medida alternativa de avaliação dos pares, e outra que relata que a pesquisa sobre a percepção das pessoas sugere que ambas as medida de qualidade da relação, uma baseada no traço e a outra na qualidade, devem conter uma mistura de variação no tocante ao destino e a variação da relação (Eastwick et al., 2011).

Outros pontos de destaque no espectro dos estudos sobre atratividade estão relacionados à sociabilidade no âmbito mais geral, a exemplo dos estudos sobre a importância da atratividade na vida cotidiana das pessoas, com ênfase nos efeitos dos traços da personalidade e da atratividade física em grupos sociais (Anderson et al., 2001). Para tanto, três estudos foram realizados, a fim de investigar os determinantes pessoais do status no grupo social, relacionando-os com os cinco grandes traços da personalidade e a atratividade física. Os resultados previram a incidência de elevados índices de extroversão entre ambos os sexos. Já os altos níveis de neuroticismo revelaram-se incompatíveis com as normas do gênero masculino. Dentre as mulheres, os níveis de extroversão apresentaram status tão estáveis quanto o dos homens, todavia, estes emergiram mais tardiamente.

A esfera cognitiva também tem sido considerada nos estudos sobre atratividade. Nesta há o registro de investigações realizadas por Maner et al. (2012), acerca do desenvolvimento da sensitividade em categorias sociais básicas. Este estudo insere-se em um campo de trabalho evolutivo por identificar as características que as pessoas usam para categorizar os integrantes de seus próprios mundos sociais. As descobertas sugerem que os motivos sociais fundamentais levam as pessoas a, de modo implícito, categorizar objetos sociais com base em se estas categorias objetivam revelar relevantes metas de traços fenotípicos.

No cenário científico internacional, a forma como os estudos sobre atratividade, conforme breve revisão aqui apresentada, aponta para certa proximidade a uma perspectiva evolutiva e adaptativa da compreensão humana, atribuindo maior relevo às diferentes dimensões da atratividade que não aquelas exclusivamente afeitas aos limites da atratividade física, mas que levem em conta a interface deste com as emoções, os comportamentos, os traços fenotípicos, bem como os demais elementos socioculturais presentes quando de sua apreciação.

Todavia ainda revela-se raro, quando não inexistente, a realização de estudos sobre as formas de atratividade autoreferida, ou seja, como as pessoas avaliam suas próprias atratividades, suas autoatratividades, haja vista os estudos sobre atratividade, tanto no âmbito nacional quanto no internacional, têm destinado considerável atenção às formas de atratividade heteroreferidas.

Escassa também tem sido a investigação acerca da temática atratividade em outros segmentos etários pouco privilegiados, a exemplo dos gerontes, constatado a partir da identificação de única literatura internacional, nos últimos cinco anos, sobre atratividade física no desenvolvimento do ciclo vital, com ênfase na experiência das pessoas idosas (Alterovitz et al., 2011), a qual denuncia a incipiência de tal feito.

Mais raro ainda são os estudos sobre atratividade a partir de outros substratos que não os da atratividade física. A partir de exaustiva revisão da literatura, identifica-se apenas dois estudos que apontam para uma iniciativa que compreenda tal perspectiva.

No contexto internacional, destaca-se o estudo realizado por Tracy e colaboradores (2011), sobre as expressões de alegria e atratividade sexual e, no âmbito nacional, o trabalho de Lee-Manoel (2002), anteriormente apresentado, sobre a avaliação das professoras a respeito de crianças em idade escolar, estudo este que insinua a existência de atributos da

atratividade não física, o modo como os investigadores tratam daquelas formas de atratividade que não estão subordinadas à dimensão material dos corpos, mas, no entanto, não conseguem transpor os limites da identificação de sua existência.

Não raro, mas de fato, inexistente, é a incidência de estudos com sujeitos de outras orientações sexuais que não heteronormativas, a exemplo das homossexualidades, que estabeleça algum enlace com a dimensão da atratividade, bem como, de estudos sobre a vertente experiencial da autoatratividade, a fim de investigar como, nesta perspectiva, este autoaspecto aparece enquanto objeto da experiência interna na consciência individual.

Desta feita, dado o atual estado da arte acerca do constructo atratividade no âmbito da ciência psicológica, constata-se que os estudos operados sob esta seara experimentam certa tensão: de um lado, a produção científica nacional apontando, com certa frequência, a ênfase na dimensão física da atratividade, os aspectos anatômicos dos corpos, com atenção à simetria facial, para fins de interação afetivo-sexual, especificamente, de caráter heterossexual, e ,de outro lado, os esforços advindos da literatura internacional, os quais parecem dar revelo a outras nuances da atratividade, a exemplos dos afetos, emoções, comportamentos, na interface com os aspectos socioculturais, como também a utilização de um aparato metodológico mais diversificado, do que aqueles utilizados nos estudos brasileiros, a fim de cercar o construto atratividade no intuito de construir um esforço por compreendê-lo de modo mais amplo.

Desta forma, tal dimensão da atratividade - a não física -, na interface com o seu contraponto - a dimensão física -, associada às variáveis etárias e de orientação sexual, quando tomadas no âmbito da autoatratividade, tornar-se-iam então, factíveis quando os sujeitos direcionam o foco de sua atentividade para eles mesmos, movimento este que representa um esforço por identificar os elementos, as características e as formas de anunciação do construto da atratividade, a fim de instituir um repertório de sentidos sobre

suas próprias atratividades o qual, constituído mediante a dualidade que compreende as esferas psicológica e social dos sujeitos, sofre as pressões advindas dos padrões de correção, dos padrões de atratividade, quando ambas põem-se em confronto.

Capítulo 2: Self, Autoconsciência e Representação Mental

O comportamento das pessoas e o modo como elas interagem em sociedade e, em especial, como tal interação se dá mediada a partir de símbolos construídos e compartilhados no e pelo grupo no qual elas estão inseridas, é o aspecto central da perspectiva teórica do interacionismo simbólico, perspectiva esta que, para efeito do presente estudo de tese, serve de referendum para uma compreensão acerca do self com base na visão assumida pela Escola de Chicago, a qual enfatiza a existência dos níveis simbólico e não simbólico da interação humana, segundo a leitura de Blumer (In: Hier, S., 1971), bem como, numa perspectiva evolucionista em psicologia, conforme salienta Sedikides e Skowronski (1997).

Considerando que o termo interacionismo simbólico, segundo Blumer (In: Hier, S., 1971), um dos pioneiros da perspectiva teórica em questão, compreende o processo de interação que se dá entre humanos, o qual, conforme o autor supracitado, busca, por intermédio de um modelo teórico e metodológico, dar relevo às peculiaridades inerentes deste processo, a fim de traduzir a forma como as pessoas interpretam e definem os outros, sejam estes coisas, pessoas ou ações.

Nestes termos, acredita Blumer (In: Hier, S., 1971), as respostas que nós humanos apresentamos no decorrer dos processos de interação aos quais estamos engajados, não operariam como meras respostas a estímulos advindos dos outros, mas sim nos significados que circulam nestes processos, significados estes mediados pela utilização de símbolos e pela forma como estes são interpretados.

Todavia, adverte Mead (citado em Blumer, In: Hier, S., 1971), um dos principais disseminadores do interacionismo simbólico, a natureza da interpretação em questão, não diz respeito ao reconhecimento de sua existência ou o considerar que símbolos, assim como normas ou valores, devem ser introduzidos no repertório do *modus* analítico das pessoas,

mas sim o que o ato de interpretar implica para o entendimento do ser humano, da ação humana e da associação humana, esta, cuja ocorrência se dá, segundo reitera Nascimento et al. (2008), quando o sujeito, individualmente, percebe a intenção do agir de outras pessoas e, com base nesta, elabora suas próprias respostas.

O argumento central do ponto de vista de Mead reside na ideia de que o ser humano possui um self e a existência deste tornaria possível que o próprio sujeito passasse a figurar como objeto de sua atenção e, consequentemente, de seu escrutínio e intervenção, como habitualmente se faz na relação com outros selves.

Ao destacar a importância do self e a possibilidade que este apresenta de viabilizar a capacidade do ser humano agir em relação a si mesmo, atribui a tal instância o status de um mecanismo central cujo funcionamento corrobora com a forma como o ser humano encara e se relaciona com seu próprio mundo.

Tal importância também é apontada por Haguette (2003) ao revisar os argumentos de Mead acerca do papel do self. A autora ressalta que o self é constituído a partir das definições oriundas da interação com os outros selves as quais, serviriam então, como uma espécie de guia, constituído por diferentes padrões, para que o self conheça e compreenda a si mesmo.

Neste sentido, levando-se em conta a ênfase na interação, a sociedade assume um lócus de extrema relevância no tocante a gênese e ao desenvolvimento do self. Tal desenvolvimento dar-se-ia, inicialmente, segundo Haguette (2003), com base em Meltzer (1972), no comportamento imitativo das crianças e, posteriormente, no ato delas "assumirem o papel de outros" significativos, momento este que as habilitaria a assumirem a condição do "outro generalizado", em decorrência das expectativas internalizadas a partir das interações com outras pessoas.

Ao se debruçar sobre o ponto de vista de Mead, Meltzer (ambos citados em Haguette, 2003), chama atenção para o fato de que o self representa um papel social no interior do indivíduo, envolvendo duas fases analíticas distintas: o *Eu* e o *Mim*.

Críticas a parte, haja vista a inconsistência e ambigüidade de tais construtos apontada pelo próprio Meltzer (1972), a fase do *Eu*, compreende a tendência impulsiva do indivíduo, a qual é tomada como aspecto inicial e espontâneo da experiência humana. Já o *Mim*, diz respeito ao "outro generalizado" incorporado pelo indivíduo. Teria este, nesta lógica explicativa, o caráter orientador, diretivo do agir humano, enquanto que aquele, o *Eu*, representaria a mola propulsora, o elemento propagador da ação humana.

Vale registrar que a natureza e a qualidade da relação e da dinâmica entre estas fases analíticas, o *Eu* e o *Mim*, não deve ser tomada como algo estático, mas sim vívido, pulsante, haja vista a submissão destas às vicissitudes dos padrões e dos conteúdos das interações que as pessoas experienciam, sejam na relação com outras pessoas ou com elas mesmas.

Neste contexto, Mead atribui à mente o estatuto de processo no qual a emergência se daria sempre que o indivíduo interage consigo mesmo fazendo uso de símbolos significantes, cuja ontogênese e a funcionalidade é, sobremaneira, social, haja vista a mente surge a partir do processo social de comunicação.

Ao passo em que vivemos num mundo rodeado por objetos, diferentemente de outras espécies de animais irracionais, nós, seres humanos, possuidores de estados mentais self relacionados, temos a capacidade de criarmos nossos próprios objetos conforme interesses e necessidades particulares, objetos estes os quais tornariam possível o planejar de nossas ações a fim de tornar factual o acesso e a interpretação – esta tomada como um processo formativo e não uma aplicação sistemática de sentidos já estabelecidos - dos mesmos.

No tocante à concepção das coisas, dos objetos, na opinião de Mead (In: Haguette, 2003) o interacionismo simbólico seria então constituído a partir de três premissas básicas. A primeira delas considera que o ser humano age com relação às coisas, sejam estas objetos físicos, outros seres humanos, situações ou instituições, levando-se em conta os sentidos que estas apresentam para ele/a.

A segunda premissa refere-se ao fato de que os sentidos destas coisas, objetos, surgem da interação que dado sujeito estabelece com seus pares. Por fim, destaca que tais sentidos seriam então modelados pelo próprio sujeito por intermédio de um processo interpretativo utilizado pela pessoa no tratamento das coisas, dos objetos que ela encontrar no cotidiano de suas interações.

Vale ressaltar que a despeito de outras abordagens oriundas da ciência psicológica, as quais advogam por um entendimento da interação humana como algo inerente ao ser, ou mesmo como uma expressão da maquinaria psíquica, o interacionismo simbólico atribui atenção fundamental ao sentido que as coisas têm para o comportamento humano (Haguette, 2003).

No âmbito metodológico, o interacionismo simbólico centra-se numa perspectiva empírica, a qual intenciona designar um conhecimento verificável sobre a vida humana em sociedade. Para tanto, faz-se necessário o cumprimento de alguns requisitos básicos, a saber: i) a existência de um mundo empírico disponível à observação e ii) a concepção de realidade, a qual deve ser tomada como existente na experiência humana, no mundo empírico e somente lá pode ser procurada e verificada. Neste sentido, a metodologia refere-se aos princípios subjacentes que servem de guia ao estudo de determinado mundo empírico.

Sendo assim, Blumer (1969, In: Hier, S., 1971), apresenta seis pontos relevantes à investigação cientifica no âmbito do interacionismo simbólico, preciosos à ciência empírica.

O primeiro dos pontos chama atenção a qual concepção de esquema de mundo empírico é utilizada na realização de dado estudo. A relevância desta reside no fato de que é a partir de tal concepção que serão definidos o problema de pesquisa, a natureza dos dados e a identificação das premissas utilizadas na caracterização do mundo investigado. O ponto seguinte refere-se à elaboração de questionamentos acerca do mundo empírico posto sob investigação e a transformação destes em problemas de pesquisa.

O terceiro ponto é o da determinação dos dados a serem coletados e os procedimentos para tanto, procedimentos estes que estão condicionados à identificação dos problemas de pesquisa e a natureza dos dados. A determinação das relações entre os dados corresponde ao quarto ponto. Alcançada, seja por intermédio de análises oriundas de procedimentos estatísticos e/ou outras de caráter estritamente reflexivo.

O quarto ponto é o da interpretação dos resultados, momento no qual o pesquisador propõe o encontro entre os dados analisados e o aporte teórico que dá sustentação ao estudo. Por fim, o quinto ponto, corresponde ao uso de conceitos, os quais guiarão a busca dos dados, a correlação entre estes, bem como a interpretação dos resultados.

Segundo Haguette (2003), tais pontos somariam esforços no intuito de contribuir com o desvelar de determinada realidade a qual, só seria possível mediante a aproximação e a "escavação" profunda da realidade posta em análise, cuja ocorrência dar-se-ia através de um estudo cuidadoso.

Tal "escavação" tornar-se-ia possível por intermédio da *exploração*, o que Blumer (In: Haguette, 2003) define como um procedimento flexível no qual o investigador é livre para alterar o processo de realização do estudo conforme o acúmulo de informações adquiridas durante o processo de investigação, a fim de melhor identificar, acessar e interpretar os objetos investigados.

Outro aspecto precioso à "escavação", diz respeito à *inspeção*. Esta representa um exame mais intenso a focalizado do conteúdo empírico dos elementos analíticos utilizados, bem como o da identificação da natureza empírica das relações entre tais elementos.

Ambos os aspectos, a *exploração* e a *inspeção*, representam, segundo Haguette (2003), dimensões centrais da investigação naturalista do mundo, aquela modalidade de investigação cuja atenção encontra-se direcionada ao mundo empírico na forma como este se apresenta de modo *strictu sensu*, e não sob simulações ou abstrações acerca deste.

Vale destacar que a perspectiva aqui posta em apresentação, o interacionismo simbólico, segundo o ponto de vista de Blumer, Mead e Meltzer, postos em revisão e apresentação por Haguette (2003) e Nascimento et al. (2008), respectivamente, não representa um movimento uníssono no âmbito das orientações interacionistas.

Segundo Haguette (2003), existem duas orientações interacionistas distintas, a Escola de Chicago, a qual tem como principais autores aqueles que serviram de referência à escrita desta seção, e a Escola de Iowa, sob a orientação de Manford Kuhn.

Apesar do consenso de ambas acerca dos principais postulados do interacionismo simbólico, a diferença faz-se marcante, especialmente, no campo metodológico. Enquanto Blumer considera importante a necessidade de se desenvolver uma metodologia específica para o estudo do homem, por intermédio de conceitos sensibilizantes da realidade, Kuhn persegue a comunalidade do método entre as diferentes disciplinas científicas, a qual tornaria possível a compreensão da realidade através da adoção de conceitos definitivos.

Outra diferença entre as duas Escolas também se faz presente no tocante a natureza do comportamento humano. Para Blumer, e os adeptos da Escola de Chicago, devido o caráter processual da interação, o comportamento humano deve ser concebido como imprevisível e indeterminado. No contraponto, a Escola de Iowa advoga a favor de uma concepção mais

estática da natureza do comportamento humano, com vista à sua determinação pelas definições do próprio autor, inclusive suas autodefinições.

Divergências também são identificadas no tocante à concepção de self e da sociedade, seja como processo ou como estrutura. Blumer parece ser simpático a uma concepção dinâmica tanto do self como da sociedade, uma vez que para Kuhn ambos, apresentar-se-iam como estruturas de padronização estáveis e previsíveis.

Por fim, a última das divergências pontuadas na revisão feita por Haguette (2003), diz respeito aos níveis da interação humana. Blumer e os demais teóricos associados à Escola de Chicago, admitem a existência de dois níveis de interação: a simbólica – característica dos seres humanos –; e a não-simbólica, também chamada de "conversação de gestos", baseado, essencialmente, no movimento pendular estímulo-resposta, cuja ocorrência se dá tanto entre tipos humanos como não humanos. Já os adeptos da Escola de Iowa desconsideram o referido ponto de vista, centrando o vértice de suas atenções nos aspectos cognitivos e não afetivos do comportamento humano.

Quem também sai na defesa do self simbólico, atrelado ao contexto evolucionário, são os estudos de Sedikides e Skowronski (1997). De posse de suas reflexões iniciais, tais autores consideram o quanto a noção de evolução biológica no modo como esta tem sido historicamente tratada por Darwin (1859, 1871, In: Sedikides & Skowronski, 1997), dentre outros estudiosos (1982; Huxley, 1957 e Rensch, 1959, In: Sedikides & Skowronski, 1997), tem dramaticamente afetado a forma como as pessoas pensam sobre o mundo natural, sobre elas próprias, bem como sobre as outras pessoas e a sociedade.

Tal perspectiva encontra amparo, especialmente, no conceito de seleção natural, o qual muito influenciou a psicologia evolutiva, tornando-a, particularmente, sensível ao contexto

em si, aos aspectos sóciohistóricos e ontogenéticos que servem à caracterização do self simbólico.

No âmbito geral, o ponto de vista dos autores em questão compreende dois tópicos frequentemente abandonados nos estudos acerca da autoconsciência e do self, a saber: o que é e qual é o papel daquilo que chamamos de self simbólico.

Os argumentos de Sedikides e Skowronski acerca destes possíveis "pontos cegos" no aparato teórico oriundo dos estudos modernos sobre autoconsciência, consideram o self simbólico como uma condição à adaptação da espécie a qual, para tanto, deve levar em conta a origem temporal, os problemas ecologicamente importantes e as funções evolutivas.

Todavia, ao perseguir tal condição, os autores apontam o quão útil é a distinção entre os diferentes aspectos do self, haja vista que um processo cognitivo de alta ordem, como a autoconsciência, se faz presente em diferentes organismos que não, exclusivamente, o humano.

A distinção anunciada se configura, a partir de três dimensões particulares da autoconsciência: a *autoconsciência subjetiva*; a *objetiva* e a *simbólica*. A primeira delas, a *autoconsciência subjetiva,* é um atributo de todos os organismos vivos, e representa a capacidade do organismo distinguir ele mesmo (o self), o ambiente físico e o social.

Tamanha distinção acerca do self permite ao organismo, ao mesmo tempo, se engajar em algumas formas de autoregulação, como perceber o ambiente, interpretá-lo, operar sobre ele e mudá-lo através de movimentos autoiniciados. Contudo, a forma como as espécies interagem com o ambiente variam consideravelmente.

A dimensão seguinte, a da *autoconsciência objetiva*, comum aos seres humanos e a apenas algumas espécies de primatas, é definida como a capacidade cognitiva do organismo para "tornar-se objeto de sua própria atenção", a qual implica na presença de uma

representação cognitiva do self, o self objetificado, ao passo que estabelece certa ligação com a autoconsciência subjetiva, todavia, não se encontra subordinado a ela.

A terceira dimensão, a da *autoconsciência simbólica*, atributo exclusivo do seres humanos, diz respeito à capacidade que o organismo adulto humano possui para formar uma representação cognitiva abstrata de si mesmo através da linguagem (self simbólico); comunicar o self simbólico para outros organismos e negociar o conteúdo do significado simbólico, num esforço para estabelecer reações pessoais e sociais; definir metas sociais ou conquistas que são induzidas pelo self simbólico em um futuro distante; executar comportamentos objetivos guiados; avaliar as respostas destes comportamentos; ligar as respostas comportamentais a sentimentos através do self simbólico e defender o self simbólico contra eventos ameaçadores e ideias através de diversas estratégias, tais como, evitação de respostas negativas, derrogação de avaliadores negativos, rejeição de respostas negativas e mesmo autodecepção.

Vale destacar que o papel operado pelo self simbólico no âmbito do ciclo vital, acarreta implicações para sua própria evolução. De início, há de se considerar que a evolução não se dá como um passo de mágica, mas sim como resultante da confluência de aspectos onto e filogenéticos.

Outra implicação compreende que a evolução objetiva modificar as capacidades existentes, a exemplo da condição dos homo *habilis*, espécie humana, inferior a homo *sapiens*, equipada com um aparato mental, constituído por uma plataforma de habilidades cognitivas, a exemplo da memória, dos mapas cognitivos e da capacidade para o uso de ferramentas primitivas, adequadas ao forrageamento, a busca e a exploração de recursos alimentares.

Neste sentido, o uso do raciocínio simbólico abstrato faz-se crítico à evolução do self simbólico, sem o qual, este não se faria emergir. Todavia, a emergência de tais capacidades cognitivas seriam então, contribuidores necessários, mas não suficientes, para a emergência do self simbólico, sobrando às capacidades cognitivas o status de meras definidoras do cenário necessário ao instanciamento do self simbólico.

No ponto de vista do self simbólico, o indivíduo determina a percepção dos outros sobre si mesmo, desta feita, tais percepções estariam em concordância com as próprias autopercepções. Neste sentido, a resposta advinda do social exerceria, então, um papel secundário, se destinando à verificação e validação do self projetado.

Uma segunda explicação para a evolução do self simbólico seria então, a perspectiva das pressões sociais, oriundas do surgimento de grupos sociais estáveis. Esta perspectiva sugere que o self simbólico é formado em ampla parte pela internalização da forma como os membros de um grupo social, percebem e avaliam os indivíduos.

As considerações endereçadas pela revisão operada por Sedikides e Skowronski (1997), delatam que, para perpetuar a capacidade de sobrevivência reprodutiva, muitos traços humanos evoluíram em respostas à pressão ambiental, a exemplo do self simbólico, assumindo este, o self, o papel de líder da novidade evolutiva dos seres humanos.

Desta feita, o self simbólico seria então, um traço que, amplamente disseminado entre humanos, assumiria uma função adaptativa, submetido às influências de diferentes pressões ambientais, cuja ocorrência se dá, não raro, por intermédio do instanciamento de padrões, modelos que sirvam de referente à sociabilidade humana.

Tal expressão da subjetividade humana, o self, sobretudo em sua forma simbólica, representaria então, um ponto crucial no instanciamento de processos autoavaliativos. Para dar sustentação a tais processos, faz-se mister tratar dos estudos sobre autoconsciência,

reconhecendo o papel central que esta ocupa no funcionamento vigoroso da existência humana, tanto na esfera psicológica, quanto na social.

Neste sentido, vale a pena observar que o movimento teórico sistematizado que representou um esforço rigoroso por desenvolver formas de entendimento do ser humano a partir da percepção de si mesmo, ou seja, do autofoco, dimensão por demais negligenciada na tradição teórica, prática e metodológica da ciência psicológica, só veio surgir no anos 70 do século XX, inspirados pelos estudos de Wundt (1897) e James (1890/1950), com o advento da Teoria OSA, Teoria da Autoconsciência Objetiva.

Tal teoria, apresentada por Duval e Wicklund (1972), inaugurou os estudos modernos sobre autoconsciência, a fim de compreender o conteúdo e o fluxo desta sobre a estrutura do self, a partir de uma perspectiva mais reflexiva e menos behaviorista, adotada nos estudos sobre a consciência até então.

Neste contexto, é digno de nota ressaltar o status de processo autoavaliativo destinado à autoconsciência no modelo explicativo da Teoria da Autoconsciência Objetiva, o qual se torna funcional à compreensão da tríade cognitiva autoconsciência-self-padrões.

Esta também foi uma das pioneiras, dentre as teorias modernas, a considerar como as discrepâncias afetam as emoções observando as representações características acerca do self e dos padrões, ou seja, dos standards que o self deveria apresentar (Duval & Silvia, 2001).

Segundo Higgins (1987) e Higgins, Klein e Strauman (1985), para a Teoria da Autodiscrepância, a qual defende a tese de que esta natureza de discrepância reside no distanciamento entre o self e os padrões, emergindo daí sentimentos de aceitação e/ou rejeição, o self seria posicionado em três domínios: o *atual*, a representação da pessoa, do que ela é frequentemente; o *ideal*, o que ela gostaria de se tornar; e o que ela *deveria ser*, as "obrigações" para o self.

Todavia, a relevância dos estudos reinaugurados por Duval & Wicklund, não suplantaram certos aspectos da autoconsciência que ainda representam pontos de tensão, conforme destaca Nascimento (2008; 2013; Nascimento *et al.*, 2011).

Um destes pontos, talvez um dos mais relevantes, diz respeito a natureza da autoconsciência e sua estrutura, se seria esta de caráter singular ou multidimensional (Nascimento *et al.*, 2011; Nascimento & Roazzi, 2013). Outro ponto, igualmente importante, denuncia o papel da mediação cognitiva e suas relações com os demais sistemas cognitivos, em especial, no tocante à consciência (ver Nascimento, 2008), haja vista a autoconsciência, nestes termos, seria tomada como uma "consciência de alta ordem" (Morin, 2002).

Para elucidar o segundo ponto, o qual enfatiza a mediação cognitiva, Morin (2004) propõe um modelo teórico sobre a autoconsciência que encontra nesta, em especial naquelas formas de mediação operadas por meio da autofala, o aspecto central de sua proposição.

A autoconsciência, segundo o autor em questão, parafraseado por Nascimento (2013), seria então vocacionada por intermédio de processos cognitivos autorepresentacionais, os quais fariam uso de diferentes sistemas de representação na geração de pensamentos de alta ordem, que ocasionariam uma redundância de informações dentro do self e representação de autoaspectos específicos que, ao serem escrutinados, passariam a ser avaliados, comparativamente, com padrões internalizados, produzindo respostas que poderiam potencializar ou limitar a ocorrência da manutenção do autofoco, considerando a discrepância entre o próprio self e as representações tomadas como ideais.

Neste sentido, Morin (1998) estende a hipótese da mediação cognitiva para além da autofala, considerando a existência de outros processos cognitivos autorepresentacionais presentes nesta natureza de mediação, com destaque as imagens mentais, nas palavras de

Piaget (1961), a evocação simbólica de uma realidade ausente, elemento que, juntamente com a autofala, far-se-ia relevante ao instanciamento da mediação cognitiva.

Segundo Nascimento (2013), as imagens mentais tornam-se úteis à mediação cognitiva mediante o caráter instanciador de estados autoconscientes que esta possui. Todavia, os argumentos aqui pontuados acerca da relevância das imagens mentais no processo de mediação cognitiva, reclamam a identificação de modelos teóricos que sirvam à fundamentação desta hipótese.

Neste sentido, a Teoria do Código Dual (DCT), apresentada por Paivio (1986, 2006 e 2007), endossada por Nascimento (2013), revela-se útil a tal identificação. O aspecto prático importante da análise da DCT é sua ênfase sobre o desenvolvimento inicial do sistema não verbal como a base para habilidades cognitivas posteriores, sobretudo, aquelas que incluem a linguagem verbal, uma vez que o fortalecimento do sistema verbal se dá de forma efetiva a depender da riqueza da base não verbal, reitera Paivio (2006).

Nesta perspectiva, segundo assinala Nascimento (2013), devido a duplicidade do objeto do self, o qual é objeto para si mesmo e para os outros (cf. Mead, 1973/1972), este constituir-se-ia, necessariamente, de modo transmodal, forma que daria conta da articulação de aspectos verbais, linguajeiros e não verbais, oriundos do contexto sociocultural do/no qual o sujeito/self está imerso, o qual resultaria num autoconceito estruturado a partir de um sistema de auto esquemas (*self-schemata*), substancialmente, visuais e verbais, presentes no curso do desenvolvimento ontogenético (Nascimento, 2008).

Na tentativa de iluminar o construto teórico da autoconsciência, haja vista a incipiência de modelos que, até o presente momento, consigam apresentá-la de modo mais delineado, Morin (2006) busca, por intermédio da comparação e integração de diferentes

visões neurocognitivas, apresentar quais seriam os níveis da consciência e da autoconsciência.

O referido autor introduz suas reflexões apontando duas importantes dimensões da consciência e da autoconsciência, a saber: o *tempo* e a *complexidade da autoinformação*. Esta, a *complexidade da autoinformação*, compreenderia a frequência do autofoco, a quantidade ou acessibilidade da informação autorelacionada, bem como a precisão do autoconhecimento; aquela, o *tempo*, considera que ao examinar aspectos passados e futuros, o self seria capaz de adquirir mais autoinformação conceitual (em oposição à perceptual), o que indiciaria elevados níveis de pensamento autodirigido.

Para tanto, parte de um campo teórico cuja base busca contrastar e integrar recentes propostas teóricas de níveis de consciência, segundo a classificação de Mead (1934) e Duval e Wicklund (1972), com foco no "exterior" (consciência) e no "interior" (autoconsciência) do self.

Tal campo revela uma perspectiva não rara na psicologia experimental social e da personalidade, perspectiva esta que, segundo Morin (2006), parte do entendimento que, para dirigir a atenção para o exterior ou para o interior, dado organismo, num primeiro momento, precisa estar consciente (processando informações do ambiente e respondendo aos estímulos, experienciando percepções, sensações, pensamentos, etc.), se não, seria tomado como inconsciente (estado no qual não existe processamento de informação seja a partir do ambiente ou do self).

Corrobora com esta perspectiva, segundo pontua Nascimento (2013), a explanação de Fenigstein, Scheier e Buss (1975), com base em estudo de natureza fatorial, da distinção entre a autoconsciência em sua dimensão de estado (*self-awareness*) e em sua dimensão traço (*self-consciouness*).

Tais dimensões ocasionariam dois distintos processos instanciadores da autoconsciência, um de ordem situacional, o qual se refere a estados transitórios de atenção autofocalizada, submetidos a estímulos ambientais resultantes de uma experiência pontual, e outro do tipo disposicional, tomado como um aspecto estável da personalidade, relativamente independente de estímulos autofocalizadores, respectivamente.

Sobre a autoconsciência, Fenigstein, Scheier, e Buss (1975) falam de duas diferentes dimensões, as quais compreendem os aspectos privados e os aspectos públicos. Seria então, a autoconsciência privada um processo autoatentivo, de caráter reflexivo, que congrega diferentes operações cognitivas na compreensão de elementos do self privado, aqueles que não são observados externamente, a exemplo das emoções, sensações psicológicas, valores, dentre outros; no contraponto, a autoconsciência pública, compreenderia o olhar atentivo sobre os elementos que constituem os aspectos visíveis do self, sua face pública expressa pelos comportamentos, pela aparência física, como também pela atratividade.

No tocante aos aspectos reflexivos da autoconsciência privada, Nascimento e colaboradores (Nascimento, 2008; Nascimento *et al.*, 2011; Nascimento & Roazzi, 2013; Escobar, Roazzi, Souza & Nascimento, 2013), ressaltam que estes se apresentam organizados em dois componentes: um de natureza epistêmica e outro de natureza voluntária, relacionados às formas de afeto positivo, propositivo quando da apreciação do autofoco - a autoreflexão (ou reflexão), e outro do tipo ruminativo, a autoruminação (ou ruminação), cuja referência reside nas formas de afeto negativos, por conseguinte, depreciativas do auto aspecto, e ocorrente de forma insidiosa, automática e sob parco controle voluntário, bem como relacionado a aspectos de psicopatologia (ver Nascimento, 2008).

Prosseguem frisando que a identificação de ambos os componentes tem aberto novas perspectivas para a compreensão sobre os modos de pensamento e autoconsciência enquanto

traços da personalidade no âmbito da saúde mental, haja vista as intrínsecas relações entre a ocorrência de ansiedade, depressão e outros problemas mentais (Nascimento, 2008; Nascimento & Roazzi, 2013; Morin, 2002; Takano & Tanno, 2009; Zanon & Hutz, 2009) com as formas de autoconsciência privada do tipo autoruminativa.

Neste sentido, a autoconsciência tomada como uma miríade de processos autoavaliativos direcionados ao próprio self, torna-se fortalecida pelas contribuições da perspectiva previamente citada, na medida em que as duas dimensões apresentadas, a do self privado e a do self público, em especial, a do self privado, acrescenta à discussão sobre a autoconsciência um caminho teórico que busca compreender como tais processos autoavaliativos encontram-se relacionados aos afetos, sejam eles positivos ou negativos, e como estes, não quando sua ocorrência se dá de forma pontual, mas sim de modo frequente, instanciam nos sujeitos, ou mesmo proporciona aos mesmos, o terreno propício ao indiciamento, seja danoso ou salutar, de índices de bem ou mal estar psicológico.

As perspectivas aqui passadas em revisão, parecem revelar um fio condutor o qual encontra no self, em especial em sua vertente simbólica, marcada por uma face privada do self, representada pelas emoções, e outra pública, a exemplo dos comportamentos e conjunto de características físicas, dentre outros aspectos visíveis da subjetividade, que se destinam à materialização de guias de orientação para a dinâmica das relações humanas em sociedade, ou seja, a definição do padrão.

Vale frisar que a tessitura deste fio encontra sustentação no âmbito do interacionismo simbólico, no qual ao self é destinado um papel central, e, sobretudo, na saliência dos conteúdos fenomenais que agenciam a experiência interna dos sujeitos no desenrolar de seus processos autoavaliativos e, consequentemente, na conscienciazação dos padrões, dentre eles os padrões de autoatratividade.

Capítulo 3: Consciência e Experiência Interna: a autoexperiência no processo autoavaliativo e o problema da conscientização dos padrões.

Pensar o constructo da consciência e como este tem sido abordado na tradição da ciência psicológica, desde os seus primórdios até tempos mais contemporâneos, nos remete a um lócus, que, apesar do aparente privilégio, tem-se revelado por vezes confuso, quando não raro e obscuro, conforme aponta a revisão apresentada por Nascimento (2008).

A miríade de aspectos que se encontram sob o elemento "consciência", reflete o quão diversa é a forma como tal constructo tem sido compreendido e acessado. Neste contexto, diferentes estudiosos, em distintas áreas da psicologia, lançam olhares, por ora dispares e por vezes complementares, seja sobre a ontogênese ou o dinamismo da consciência.

Todavia, tais olhares não têm se constituído aleatoriamente, mas sim sob a influência de "forças maiores" que servem como uma espécie de guiza de orientação acerca dos possíveis caminhos para a compreensão e o acesso daquilo que se toma por realidade e como a consciência seria pensada a partir desta.

Considerando a existência de diferentes olhares, Dybvig (2005) destaca que para uma compreensão mais robusta acerca da consciência, faz-se necessário, levar em conta os aspectos fenomenais dos estados conscientes.

O presente ponto de vista encontra assento na crítica efetuada pelo autor acerca do acúmulo de conhecimento a respeito da consciência a partir de uma perspectiva reducionista, materialista da consciência, a qual busca explicá-la, exaustivamente, a partir dos correlatos cerebrais, tal como a defesa de Crick (1994) e Dennett (1991).

Dennett (1996), ancorado numa perspectiva vitalista, a qual assume uma posição filosófica caracterizada por postular a existência de um impulso vital, sem o qual a vida não

poderia ser explicada, chama atenção para o fato de que a questão central do problema da consciência não deveria se restringir a mera divisão ou delineamento de campos, sejam eles fáceis ou difíceis, mas sim a forma como esta divisão é operada, forma esta que deveria considerar os aspectos funcionais da qualidade subjetiva da experiência dos sujeitos.

O referido autor comunga com a concepção de que a consciência não encontra-se situada em uma área específica do cérebro, acrescenta que esta se daria mediada por uma sequência de entradas e saídas, o que ele chama de *inputs* e *outputs*, os quais formariam uma espécie de rede que possibilita a mobilidade da informação processada.

Não obstante, Dennett (2007) nos adverte acerca dos riscos do introspeccionismo quando da compreensão do que venha a ser consciência. Tal ênfase introspeccionista, oriunda da corrente oriental nos estudos sobre a consciência, a qual concebe tal habilidade cognitiva como, prioritariamente, acessível e inteligível a partir de instrumentos em primeira pessoa, bem como a fidedignidade de seus (auto)relatos, caminhos linguísticos/linguajeiros, pelos quais, habitualmente esta é apresentada, de fato, não expressariam um retrato fiel da vida mental humana.

Dennet prossegue afirmando que o acesso a consciência se daria, de modo confiável, a partir de uma perspectiva em terceira pessoa, uma vez que, pensa ele, toda suposta atividade de exploração interior seria uma teorização desajeitada, alavancada por credulidade e distante de um lugar de neutralidade teórica e metodológica.

Para o autor a introspecção, quando se debruça sobre a consciência, não deve ser tomada como um processo de absoluta confiabilidade. Ele alerta que mesmo que estejamos certos a respeito de nossas experiências, os erros e confusões no processo de introspecção são frequentes o bastante para desqualificá-lo.

Um exemplo simples dos riscos da introspecção pode ser observado quando das situações em que precisamos fazer uso do campo visual periférico. Nestas, a definição de dado objeto não se dá a partir de definições nítidas de sua existência, mas sim de um acesso turvo e obtuso, o qual se torna factível a partir de uma explicação orientada pela lógica e não pelo o que o objeto é de fato.

Neste contexto, em nível mais sofisticado, observa-se a crítica de Dennet (2007) a concepção de Velmans (1995), sobre as qualidades subjetivas da experiência consciente, os *qualia*, os quais, na opinião do autor, seriam tão confusos que não constituiriam uma refutação válida ao fisicalismo.

Assim, no projeto proposto por Dennet (2007), não haveria espaço para a introspecção como método de estudo da consciência, nem tão pouco do acesso a esta a partir da perspectiva em primeira pessoa. Para o autor, apenas o acesso em terceira pessoa poderia explicar dada teoria sobre a consciência.

A defesa da consciência, conforme concebida por Dennett (1992) parte da heterofenomenologia, uma modalidade de fenomenologia efetuada pelo "outro", ou seja, um método em terceira pessoa que objetiva afastar o fantasma do introspeccionismo, ponto de vista que toma a aparência e a realidade da consciência como aspectos condizentes.

Neste método, leva-se em conta uma forma de interpretação neutra dos aspectos fenomênicos da experiência humana, caracterizada pela "suspensão" dos juízos em relação às convicções dos sujeitos, dando relevo às coisas no/do mundo na forma como estas aparecem para os sujeitos e não como elas são de fato.

Segundo Dennett (1992), a dimensão fenomenal das pessoas é estável e passível de verificação intersubjetiva, neste sentido, a heterofenomenologia passa a analisar os mundos

fenomenológicos das pessoas como ficções que expressão a compreensão e a experiência subjetiva acerca da realidade, e não a realidade em si.

Todavia, a perspectiva em questão, revela-se ainda incipiente, quando da compreensão dos aspectos fenomenais da consciência, habitualmente pormenorizados, quando não, excluídos, da discussão científica sobre a relação mente-cérebro.

Conforme o salienta Dybvig (2005), os principais posicionamentos a respeito da relação mente-cérebro advêm, a priori, ainda em tempos modernos - antes do século XX - do dualismo mente versus cérebro, o qual concebe a mente como um substrato não físico e o cérebro como o seu contraponto, o estado físico.

Nestes termos, a consciência não seria passível de acesso, haja vista sua vinculação à mente, a qual explicita sua condição não física, tornando-se acessível, apenas, a partir dos seus correlatos, quase sempre, físicos.

Já no século XX, em substituição à visão dualista, surgem os modelos materialista e fisicalista, os quais encontram na forma clássica do *behaviorismo*, considerando as disposições para o comportamento que dado organismo exibe; na *teoria da identidade*, a qual advoga que a mente não deve ser tomada como o comportamento em si, mas na observação dos aspectos que lhes servem de causa e de regulação, os estados mentais, concebidos como estados cerebrais; no *funcionalismo*, o qual, na tentativa de identificar a especificidade da natureza e da relação entre mente e cérebro, utiliza a metáfora do hardware-software, concebe que a mente não é o mesmo que os estados cerebrais, mas algo mais abstrato, que corresponderia esta aos estados funcionais do cérebro, e no *instrumentalismo*, que, a partir de uma perspectiva fortemente influenciada pela psicologia cultural, cuja ênfase reside em como as pessoas, no senso comum, atribuem sentido às coisas do/no mundo, incluindo, dentre estas, os estados mentais, assume que a concepção da mente,

advinda do senso comum, é uma teoria da mente, ou seja, uma forma de psicologia cultural, que atribui a esta um status de "ficção útil".

As perspectivas tomadas como não reducionistas, associadas a um entendimento antifisicalista da consciência, avessa ao dualismo mundo físico *x* mundo fenomenal, chama atenção ao caráter fenomenal dos estados conscientes, com destaque aos seus conteúdos representacionais.

Nesta seara, o monismo reflexivo, na forma como é proposto por Max Velmans (2012), seria útil ao entendimento das perspectivas não reducionistas. Tal natureza de monismo constitui um modelo teórico acerca da compreensão da realidade que intenciona dar resolução ao impasse entre as visões vigentes oriundas da filosofia e da psicologia ocidental e oriental.

No ponto de vista da psicologia ocidental, a realidade se constitui a partir de características físicas, cuja materialidade dos objetos e dos fatos são tomados como primordiais para sua compreensão. Neste caminhar, a consciência, a rebote, seria compreendida como uma propriedade e comportamento destas características, fisicalistas e materialistas da realidade.

Este entendimento aponta, sob forte assento no campo das neurociências, correlatos e afins, para a influência da dimensão anatomo fisiológica do cérebro na concepção da consciência, tomando-a dependente ou consequente desta base física.

Posicionamento distinto é defendido pela filosofia e psicologia oriental. Estas, apesar de não negarem a existência da materialidade da realidade, entendem que as características físicas desta devem ser compreendidas como um nível mais elementar de consciência e não como a consciência em si, haja vista tal modelo, por si só, não daria conta de explicar a complexidade de tal domínio, o qual deverá também ser compreendido a partir de uma

perspectiva fenomenal cuja ênfase da análise compreenderá uma perspectiva em primeira pessoa, a forma como o próprio sujeito interpreta e relata a experiência vivenciada, diferente do modo operado pelo ponto de vista da psicologia ocidental, o qual toma a consciência a partir de perspectivas em terceira pessoa, ou seja, o que a pessoa sente e experiencia é interpretado e expresso por outras pessoas.

Tal perspectiva, influenciada pela fenomenologia européia e a filosofia indiana clássica, que, no âmbito dos estudos modernos sobre a consciência, encontra em Searle (2007) um dos expoentes teóricos mais expressivos, reside no entendimento de que a consciência é, predominantemente, fenomenal, ou seja, reconhece o(s) referente(s) neurofisiológico(s) da consciência, no entanto, não a limita a este(s) termo(s), mas a expande quando introduz neste contexto, de modo complementar e dialógico, os aspectos fenomenais dos sujeitos com ênfase nos relatos em primeira pessoa, compreendendo que os pontos de vista supracitados devem ser considerados como complementares uma vez que são mutuamente irredutíveis.

Todavia, tomar a consciência desta forma requer um nível de reflexão que intencione esquadrinhar os meandros fenomenais da consciência e não tomá-la como oposta, contrária ao modelo materialista.

Velmans (2007), se referindo a Chalmers, pontua que os problemas relacionados à consciência estão organizados em dois grandes campos, um dos problemas fáceis, conhecidos como “easy problems”, o qual compreende a materialidade da consciência, tomando como referente as bases neurofisiológicas da mente e do cérebro, e outro, chamado de problemas duros, ou “hard problems”, que considera os aspectos fenomenológicos da experiência consciente como elementos centrais para sua compreensão.

Para o referido autor a “consciência”, em alguns escritos, é compreendida como sinônimo de mente, todavia, tal ponto de vista, revela-se frágil na perspectiva da psicologia ocidental, uma vez que a mente refere-se a uma gama de estados e processos psicológicos que não são exclusivamente conscientes. Outros a reconhecem como autoconsciência, a qual deve ser entendida como uma forma especial de consciência reflexiva cujo objeto da atenção recai sobre o eu, o self, ou sobre algum de seus aspectos, logo, sendo uma definição assaz restrita para consciência, dado que o ser humano experiencia outros objetos além de si próprio.

Velmans (2007) aponta ainda que o termo consciência também tem sido corriqueiramente utilizado para se referir ao estado de vigília, o que desconsidera os estados qualitativos de experiência onírica durante o sono.

Assim, tais estados da consciência, se por um lado revelam-se em sua gênese atrelados ao processamento da maquinaria psicológica e cerebral, no entanto, considerados estritamente dentro desse viés do processamento, carecem de um entendimento mais robusto acerca da consciência, o qual seria complementado pela ênfase no gradiente qualitativo dos domínios do mundo fenomenal dos sujeitos.

Neste sentido, adverte Velmans (1995), a consciência e os aspectos da consciência, dentre eles os *qualia* não devem ser tomados como equivalentes, nem mesmo reduzidos a qualquer estado físico ou funcional do cérebro.

É deste terreno, por vezes dispare e, que por vezes intenciona ser consensual, que surgem as bases epistemológicas e ontogenéticas dos estudos sobre consciência. Tais bases apontam para uma conquista gradativa do conceito de consciência como a *experiência* em si mesma, a partir da presença do fenômeno experienciado.

Velmans (1991) adverte que tal confusão não cobre, apenas, a dimensão terminológica ou conceitual da consciência, mas também se estende aos seus aspectos processuais. Para o autor, tanto a literatura psicológica quanto a filosófica acerca desta discussão, confundem três sentidos distintos acerca de como os processos podem ser identificados como conscientes.

O primeiro deles diz que um processo seria tomado como consciente na medida em que o sujeito tenha consciência de sua existência; outro daria conta de que a operação do processo é acompanhada pela consciência, especificamente, no tocante aos resultados e, por fim, a ideia de que a consciência seria parte integrante ou ocasionaria influência sobre o processo.

Na visão apresentada por Velmans (2009), as formas de acesso global, operadas pela atentividade, sejam estas direcionadas a outros objetos ou ao próprio self, no caso da autoconsciência, podem ser uma condição necessária para a consciência, no entanto, esta parece não ser suficiente para dar conta, seja da conceituação ou do processo da consciência.

Ainda dentro de uma perspectiva não reducionista de consciência, Shanon (2003), ao se coadunar à perspectiva fenomenológica da consciência, considera que, a partir de uma perspectiva estrutural, a consciência é, essencialmente, um sistema cognitivo que serve à governança da experiência subjetiva humana. Prossegue afirmando que tal sistema é definido por uma série de parâmetros, cuja diversidade, compreenderia o instanciamento de diferentes estados da consciência.

A partir de uma perspectiva funcional, diz Shanon (2003), a consciência é um sistema que compreende tanto os aspectos privados da pessoa, a sua individualidade, quanto os compartilhados, as formas de conexão com outros, sejam estes pessoas e/ou coisas, no mundo e o conhecimento que construímos acerca destes.

Neste sentido, ressalta o autor, “aquilo que eu não sou”, consiste tanto do mundo físico, no qual eu estou inserido, quanto no mundo das interações sociais, e, na base de tal contraste, reside uma diferenciação tomada entre o mundo interno e o mundo externo de dado sujeito.

A aposta de que a consciência deve ser compreendida com ênfase na dimensão fenomenal, também é compartilhada por outros autores, na filosofia da mente e na psicologia. Com base nos argumentos expostos no transcorrer desta seção, o decifrar daquilo que é tomado como consciência, não seria um atributo exclusivo de dada teoria, mas sim de diferentes teorias.

A título de exemplo, podemos citar teorias de base dualista ou mesmo materialista, do tipo não reducionista, em especial àquelas que se ocupam da compreensão da vertente fenomenal da consciência, a qual se daria a partir da identificação da natureza, bem como dos caminhos cognitivos percorridos pelos conteúdos fenomenais da consciência, cuja atenção versa sobre a ocorrência das sensações, dos “qualia”, os quais, no âmbito da ciência psicológica de caráter cognitivo fenomenológico, seriam então apreendidos por intermédio da observação do fluxo da experiência interna dos sujeitos.

Todavia, conforme destaca Chalmers (1996) em suas investigações sobre consciência e a filosofia da mente, as formas de fisicalismo que têm dominado a filosofia e a ciência moderna, não têm sido suficientes para suportar a tese da existência da consciência em si acessada a partir do esquadrinhamento do fluxo da experiência interna das pessoas.

Em resposta a perspectiva em questão, Chalmers (1996) propõe uma alternativa dualista na compreensão e identificação das dimensões da mente, e, por conseguinte, da consciência, cuja constituição dar-se-ia a partir da abrangência de dimensões que dêem conta da cobertura de dois diferentes fenômenos, um que sinaliza a existência de uma

dimensão chamada de *"fenomenal"*, a qual é caracterizada pela(s) a(s) forma(s) como as pessoas sentem, experienciam a mente, um conceito de mente como uma experiência consciente e um estado mental conscientemente experienciado; e outra *"psicológica"*, a qual considera não mais o que a mente sente, mas sim o que ela faz, no intuito de tomar ciência das bases causais ou explanatórias dos comportamentos.

Desta feita, tamanho processo representacional seria operado então, segundo Chalmers (1996), por diferentes expressões da experiência interna organizadas em dois grandes campos: um sensorial e outro representacional, os quais, no âmbito da ciência psicológica, foram posteriormente revisados e sumariados por Hurlburt e Heavey (2001), conforme se apresentará em momento oportuno no texto.

Para Chalmers (1996), as experiências internas oriundas do campo sensorial compreendem as experiências de natureza *visual, auditiva, tátil, olfativa, gustativa, de frio, de calor* e *de dor.*

As *experiências visuais* estariam então imersas no âmbito de uma natureza de experiência interna demasiadamente diversa a qual, seria explicada de modo mais claro, a partir da sensação das cores, a exemplo da cor vermelha das rosas a qual é experienciada e representada de modo deveras particular pelos sujeitos a depender do repertório de sentidos construídos em suas histórias de vida, bem como, de modo semelhante, a experiência de forma, tamanho, brilho e escuridão.

As *experiências auditivas*, cuja arquitetura independente, quando em comparação com as experiências imagéticas, parece não está diretamente relacionada à estrutura do mundo concreto. A experiência musical, segundo Chalmers (1996), talvez represente um dos mais ricos aspectos da experiência auditiva. Há pessoas que quando estão a ouvir uma música o

fazem de modo compacto, apreciando a peça como um todo, em sua amplitude, de modo oposto, há aqueles que se atêm a notas específicas, as nuances melódicas.

As *experiências táteis*, a aspereza de certas superfícies, a frieza do metal, a maciez da seda, todas as experiências desta natureza apresentam qualidades fenomenais únicas que transitam no fluxo da experiência interna dos sujeitos.

De modo semelhante, se dá a ocorrência das *experiências olfativas*, o experienciar de determinadas fragrâncias, a exemplo do cheiro de certa comida, de determinado perfume; e das *experiências gustativas*, as diferentes sensações experimentadas quando do apreciar de determinados alimentos, o doce, o amargo, o salgado, o apimentado e as suas conjunções, revelam um gradiente de experiências singulares inéditas e/ou revisitadas que trazem a rebote o instanciamento de estados autoconscientes.

As *experiências de frio e calor*, a exposição a temperaturas extremas, o frio do gelo, que de tão frio chega a queimar, *e outras sensações corporais*, a exemplo do bater abrupto e acidental do cotovelo sob certa superfície ou objeto, também se revelam tramadas às firulas da experiência singular dos sujeitos.

A *experiência de dor*, uma das classes mais distintivas da experiência qualitativa e difíceis de mapear, haja vista a natureza deveras subjetiva com a qual ela se apresenta, mesmo que embora, seja passível de localização em algum ponto da superfície ou do interior do corpo, também se revela enquanto um caminho oportuno ao instanciamento de estados autoconscientes, bem como a existência de outras sensações corpóreas, relacionadas a partes específicas do corpo, que não se encontram associadas à experiência da dor, a exemplo do orgasmo e da sensação de fome.

O outro campo da experiência interna, o de caráter representacional, corresponde às *imagens mentais*, a*o pensamento consciente*, *as emoções* e o *senso do self*. A experiência interna na forma das *imagens mentais* compreende uma modalidade de representação analógica cunhada a partir de experiências geradas internamente pelos sujeitos, as quais não estão correlacionadas a nenhum objeto particular presente no momento da experienciação no ambiente ou no interior do próprio corpo.

Já o *pensamento consciente* se ocupa, particularmente, de explicitar os pensamentos correntes de alguém acerca de si mesmo, os quais se encontram carregados de sensações qualitativas, sejam elas positivas ou negativas. O presente feito tornar-se-ia melhor compreendido dado o exemplo apresentado por Chalmers, sobre o pensar acerca de um leão. Tal pensamento estaria então preenchido por qualidades tomadas como tipicamente "leoninas" para a fenomenologia de dado sujeito, o que seria completamente diferente ter como cerne do pensamento outro objeto, como a Torre Eiffel, o qual traria à cena do fluxo da experiência outras qualidades fenomenais

As *emoções*, outra modalidade da experiência interna do tipo representacional, que apesar de não ser, de modo *strictu sensu*, um componente cognitivo, encontra-se a este organicamente enlaçada, apresentam-se, com certa frequência, tramada as experiências singulares de natureza diversa, a exemplo dos estados de humor, do cansaço de uma depressão profunda, da raiva, da melancolia, da sensação de ter "borboletas no estômago", quando numa situação de nervosismo, dentre outras.Todo este gradiente fenomenal pode sim, segundo adverte Chalmers, afetar profundamente a experiência consciente, haja vista a ocorrência desta se dá permeada, amplamente, pelas emoções.

Por fim, o *senso do self*, de fenomenologia tão profunda e intangível, compreende uma espécie de plataforma, de *background* ou ruído de fundo acerca da experiência humana

consciente, fundamental à consciência, cuja presença se dá no fluxo da experiência interna, mesmo quando da ausência de outros elementos experienciados, a exemplo dos anteriormente citados.

Ainda no campo da filosofia da mente, simpático à dimensão fenomenal da mente, Kriegel (2006) concebe a consciência fenomenal enquanto estados mentais, eventos e processos envolvidos quando, e apenas quando, dado objeto está sob a apreciação da consciência.

Tal posicionamento advém de uma perspectiva não reducionista e antifisicalista da consciência, avessa ao dualismo mundo físico *x* mundo fenomenal, a qual chama atenção ao caráter fenomenal dos estados conscientes, com destaque aos seus conteúdos representacionais.

Para além de uma perspectiva funcionalista da consciência, cuja atenção recai sobre o desempenho da maquinaria da consciência fenomenal, o autor em questão alerta que os estados mentais são representados de forma diversa e não há, ao menos não deveria haver uma aderência exclusiva, unilateral, a funcionalidade deste, nem aos modos como estes são representados.

Neste sentido, o conteúdo representacional de um estado mental, seria então, aquilo que se representa ou se pretende representar, a partir da apresentação de dado objeto à consciência e não os aspectos materiais e funcionais de sua existência.

Assumindo a consciência na dimensão de experiência interna, no âmbito da pesquisa propriamente psicológica, no esforço por compreender o fluxo desta natureza de experiência, Hurlburt (2009) parte da premissa de que esta deve ser compreendida como

algo que está “diretamente presente” para uma pessoa, algo de que a pessoa está “diretamente consciente” ou “(reflexivamente) consciente”.

Nestes termos, tais aspectos da experiência interna, conforme sumaria Hurlburt e Heavey (2001), organizar-se-iam em cinco elementos: 1) a fala interna, responsável por ¼ de nossa vida em estado de vigília; 2) a visualização interna; 3) o sentimento; 4) a consciência sensória e 5) o pensamento não simbolizado.

No tocante à primeira das elementos, a *fala interna*, outros autores, a exemplo de Uttl, Morin e Hamper (2011), denunciam que as motivações para sua incidência e frequência expressiva se daria por diversas razões, incluindo, dentre estas, a autoregulação, a resolução de problemas e a tomada de decisão.

Neste âmbito, faz-se relevante estabelecer a distinção entre o que entendo por fala ou conversa interna e a fala privada, haja vista estas não devem ser consideradas como sinônimos. A primeira refere-se ao pensamento verbal silencioso, fala para si mesmo em silêncio ou internamente (Morin, 2009; Uttl, Morin, & Hamper, 2011). Muitas vezes é associada aos termos “falar consigo mesmo”, “fala privada”, “autofala” (Morin, 2005, citado em Uttl, Morin, & Hamper, 2011), “discurso subvocal", “imagens mentais verbais”, “diálogo interno”, “monólogo interno”, “imagens auditivas”, “subvocalizações”, “autoverbalizações”, “autodeclarações” (Morin, 2009).

Já a outra se refere à fala consigo mesmo em voz alta (Morin, 2009; Uttl, Morin, & Hamper, 2011). Assinalando tais diferenças, Morin (2002) e Silveira (2011) explicam que a autofala do tipo reflexiva é definida como uma genuína curiosidade empreendida em direção ao self, em que a pessoa é interessada em aprender coisas novas sobre si mesma (suas próprias emoções, valores, processos de pensamento, atitudes, etc.) e a do tipo ruminativa

refere-se à atenção ansiosa direcionada ao self, ou seja, um alto grau de atentividade ao self, em que a pessoa receia falhar e se mantém, frequentemente, pensando sobre seus valores pessoais. Esta pode ocasionar tristeza, frágil autoimagem, depressão, bem como estados patológicos de outra ordem.

Dentre as demais elementos da experiência interna, aquela representada pela *visualização interna*, compreende a apreensão visual de algo que emerge na consciência de dado sujeito que, no entanto, não se faz, obrigatoriamente, presente de modo concreto. Um exemplo da ocorrência deste tipo de experiência pode se identificado no relato de um dos sujeitos do estudo realizado por Hurlburt e Heavey (2008), o qual revela que, ao imaginativamente ver o rosto de sua melhor amiga, ele pôde constatar a tristeza expressa em sua face, no entanto, não conseguia visualizar qualquer outro elemento que estivesse ao seu redor, nem ao menos o que ela estava vestindo.

O elemento dos *sentimentos*, diz respeito ao experienciar de um gradiente afetivo, seja positivo ou negativo, no fluxo da experiência interna, a exemplo da tristeza, alegria, (bom/mau) humor, nervosismo, ansiedade, dentre outros que, de modo isolado ou associado a outras elementos, marcam presença no fluxo da experiência interna.

A experiência interna, na forma da *consciência sensória*, incide sobre um olhar atentivo para dado aspecto do ambiente ou da própria superfície corpórea, cuja experiência sensória é, por si mesma, tema primário ou foco específico do objeto da percepção. Assim, sensações de dormência nas extremidades do corpo, o sentir a brisa fria no rosto, os cabelos em movimento fazendo cócegas na testa, dentre outras, seriam, segundo Hurlburt e Heavey (2008), exemplos das formas deste tipo de consciência.

Por fim, o *pensamento não simbolizado*, expressão da experiência interna pouco investigada, quando em comparação com as demais elementos pontuadas, representa uma forma de experienciação vívida oriunda dos domínios internos, no entanto, cuja veiculação não se dá por intermédio dos caminhos previamente assinalados, o da fala e da visualização interna, do sentimento ou da consciência sensória.

Hurlburt e Akhter (2008), advogam que, a despeito do pouco interesse no esquadrinhamento desta natureza de experiência interna, constata-se, a partir de evidências empíricas, que o pensamento não simbolizado faz-se presente no fluxo da experiência interna das pessoas, assim como a fala interna ou a consciência sensória, no entanto, carece de recursos metodológicos que dêem conta de seu acesso.

Tais elementos constituem um modelo teórico acerca da compreensão da experiência interna, nos moldes como é proposto por Hurlburt e Heavey (2001), o qual faz-se relevante aos interesses de pesquisa materializados no presente estudo de tese, a investigação acerca da conscientização dos padrões de atratividade.

Assim, importa referir que tamanho interesse com a compreensão da experiência interna tem reiterado um dos objetivos fundamentais da psicologia desde o seu início, o desvelar da dimensão introspeccionista na subjetividade humana.

No entanto, o estudo dos aspectos fenomênicos subjetivos da experiência interna, perspectiva que perpassa o construto consciência, na medida em que se busca, a partir de autorrelatos, reconstituir, empiricamente, a natureza e a qualidade da experiência consciente em seus próprios termos, ou seja, a partir da descrição e análise da fenomenologia decorrente desses estados, não se dava de forma habitual.

Assim, considerando a autoconsciência como a capacidade do sujeito encontrar no próprio self, como um todo ou em algum de seus aspectos, o objeto de sua atenção e reflexão, a condição para tanto encontraria esteio na interface entre as visões fenomenal e psicológica da mente, as quais, juntas, se esforçariam por compreender qual a conformação que os padrões apresentam, por quais caminhos estes advêm à consciência, em especial, qual gradiente experiencial que destes emana no fluxo da experiência interna, quando estão em cena no instanciamento de processos autoavaliativos.

Considerando os elementos da experiência interna elencados por Chalmers (1996) e Hurlburt e Heavey (2001), o revelar do gradiente experiencial dos padrões é questão não atendida na literatura psicológica, uma vez que, a descrição do processo autoconsciente, a partir da tríade cognitiva self-autofoco-padrão, preconizada na Teoria OSA, basicamente, a elenca no âmbito da mente psicológica, nos termos em que esta tem sido apresentada por Chalmers (1996).

Nota-se que a captura da fenomenologia dos padrões, quando voltada à apreensão do self, ou de um autoaspecto específico deste, a exemplo dos padrões de atratividade, apesar de tematizada, não tem sido tratada de modo *strictu sensu*.

Estes, dada a revisão apresentada, parecem ser mediados, sobremaneira, pela experiência interna na forma de fala interna ou privada, tramada às formas de experiência nos moldes das representações imagéticas, operadas pelas visualizações internas, como também, de importância substancial, pelos sentimentos, sejam estes positivos ou negativos que, quando crônicos, no desenrolar da experiência interna dos sujeitos, servem ao instanciamento de estados psicológicos saudáveis ou patológicos, comprometendo o bem-estar psicológico dos indivíduos, conforme se discutirá a seguir.

Capítulo 4: Bem estar Subjetivo e Bem-estar Psicológico

A preocupação com a existência feliz não é uma novidade da contemporaneidade, há indícios de seu encalço desde a Grécia antiga quando Aristóteles buscava elucidar os enigmas desta qualidade de existência (Siqueira & Padovam, 2008).

Neste sentido, o desafio de traduzir a natureza da existência feliz, da felicidade, mantém-se em voga até os dias de hoje e tem sido abraçado por diversos pesquisadores, em especial no âmbito da ciência psicológica, a fim de identificar os fatores psicológicos implicados na vida saudável.

Levando-se em conta tal perspectiva, a produção científica em psicologia, segundo adverte Ryan e Deci (2001), identifica dois grandes campos reflexivos na apreensão do bem-estar: um que aborda o estado subjetivo da felicidade, o bem-estar subjetivo (BES) (bem-estar eudônico) e outro que versa acerca do potencial humano, cujo pleno funcionamento repercutirá no instanciamento do bem-estar psicológico (BEP) (bem-estar eudemônico). Ambos, sucintamente, serão postos em revisão no intuito de explicitar o desenrolar sócio histórico do referido construto, bem como os respectivos delineamentos conceituais.

A revisão da literatura operada por Galinha e Ribeiro (2005), acerca dos movimentos sócios históricos do conceito do bem-estar subjetivo, aponta que tal construto, de natureza complexa e polimorfa, não se restringe à dimensão conceitual, mas sim a um campo de estudo que abrange a interface entre as dimensões cognitivas e afetivas, considerando seus respectivos gradientes.

As autoras advertem que a abrangência deste conceito assume um lócus central entre diferentes domínios da ciência psicológica, em especial, em sua face social, da saúde e da clínica.

Apesar de recente, as bases históricas de tal construto, remontam à década de 1960, quando do pioneirismo de Wilson (1960) em estudo acerca do termo bem-estar, na forma como este tem sido concebido nos dias de hoje (Diener, et al., 1999).

Sete anos depois, em 1967, o mesmo autor, ao aprofundar o referido estudo, estabeleceu a correlação de tal construto com os conceitos de satisfação e de felicidade numa perspectiva *bottom-up*, cuja ideia reside na concepção de que a satisfação imediata da necessidade ocasiona felicidade, enquanto que a não satisfação, quando permanente, seria responsável pela infelicidade.

Correlação distinta é a que considera a perspectiva *top-down*. Tal perspectiva entende que o nível de satisfação adequado ao instanciamento da felicidade estaria subordinado à adaptação, a qual sofre influência das experiências passadas, mediante as comparações com os outros, aos valores pessoais, bem como outros fatores (Galinha & Ribeiro, 2005).

Tais bases históricas encontram suas raízes ideológicas ainda no século XVIII, por ocasião do iluminismo, cujo propósito residia na existência da humanidade em si, tomando, neste sentido, o desenvolvimento pessoal e a felicidade como aspectos centrais.

No século seguinte, tal convicção, por ora orientada pelos princípios do utilitarismo, e não mais pela lógica iluminista, considerava que uma boa sociedade seria aquela que providenciasse a melhor felicidade para o maior número de pessoas (Veenhoven, 1996 In: Galinha & Ribeiro, 2005).

Já no século XX, os ideários do estado de bem-estar social (Welfare State) se fizeram imperativos a partir do domínio utilitarista, o qual influenciou a criação de medidas de reforma social em larga escala, a fim de definir estratégias de enfrentamentos àqueles denominados como os grandes males sociais da época: a ignorância, a doença e a pobreza.

Nos anos de 1960, identifica-se a migração dos valores utilitaristas para os pós-materialistas, ocasionada pelo novo temário da agenda política da época. Este, segundo Galinha & Ribeiro (2005), delatou uma concepção mais abrangente de bem-estar, a qual deveria ser estendida às formas de como o referido construto, tradicionalmente, tem sido aferido.

Neste sentido, introduz-se na discussão o termo qualidade de vida, no intuito de ressaltar que a condição humana é marcada por uma infinidade de aspectos – a exemplo da saúde, educação, a satisfação com a vida, etc - que não se restringem à dimensão do bem-estar material (Veenhoven, 1996).

Oriundo da mesma década é a primeira distinção conceitual acerca do bem estar, a qual busca demarcar as particularidades entre o bem-estar global e o bem-estar material. Este, inicialmente, fora associado aos estudos sobre economia, assumindo o significado de bem-estar material, tradicionalmente entendido pelos economistas como sinônimo de rendimento, mais especificamente, da avaliação das pessoas acerca de seus próprios rendimentos, a fim de identificar como estes contribuem para a aquisição de bens e serviços com vistas ao instanciamento do bem-estar (Galinha & Ribeiro, 2005).

Aquele, ao transcender dos domínios do material, assumiu uma dimensão global, passando a entender o bem-estar na vida como um todo organizado reconhecendo a importância de outras dimensões da vida humana (Novo, 2003 In: Galinha & Ribeiro, 2005).

Galinha e Ribeiro (2005) advertem que tal mudança conceitual, impactou, sobremaneira, os estudos empíricos operados nesta seara entre os anos de 1960 e 1980, contribuindo com a revisão e, consequentemente, com ampliação do escopo teórico e metodológico disponível até então, a exemplo dos estudos de Andrews e Robinson (1991) sobre bem-estar subjetivo e a criação do primeiro grande inquérito sobre bem-estar subjetivo

nos Estados Unidos da América, elaborado por Gurin, Veroff e Feld (1960), sob a designação de saúde mental, ao invés de qualidade de vida, termo mais utilizado entre os anos 1970 e 1980.

Outras mudanças de relevo foram identificadas nos estudos realizados por Andrews e Withey (1974, 1976) e Campbel, Converse e Rogers (1976), a fim de explorar, numa amostra composta por sujeitos norte-americanos, quais sentimentos eram atribuídos à qualidade de vida, ocasionando, a posteriori, o desenvolvimento de escalas para aferição de tal construto; bem como, em estudos realizados em outros países, como o estudo multinacional de Cantril (1967) sobre bem-estar subjetivo, o qual culminou com a elaboração da escala Lader e o conjunto de inquéritos realizados pelo Gallup International Research Institute, na metade dos anos de 1970, com a aquisição de amostras oriundas de 60 países diferentes (Veenhoven, 1996).

Outra herança sócio histórica relevante, apontada por Galinha e Ribeiro (2005), diz respeito a segunda revolução da saúde, datada da década de 1970. Em resposta à primeira revolução da saúde, cuja ênfase residia num modelo biomédico e preventivo das infecções, a segunda revolução objetivou desenvolver estratégias de enfrentamento aos "comportamentos de risco" associados às principais causas de mortalidade à época, recuperando uma perspectiva ecológica na saúde, com ênfase na saúde, e não na doença (Cf. Pais Ribeiro, 1998, 2005).

Surge então, a partir desta perspectiva, a qual toma o conceito de bem-estar de modo substancialmente relacionado ao de saúde, em especial ao de saúde mental, o modelo biopsicossocial que se faz conhecido por representar uma abordagem integral e holística que visa superar a ótica reducionista que imperava na ocasião da primeira revolução da saúde.

Tal organização conceitual revela-se útil ao conceito de bem-estar subjetivo uma vez que o conceito de saúde mental, segundo destaca a Organização Mundial de Saúde (World Health Organization – WHO, 2001), abarca um gradiente de dimensões positivas, a exemplo da percepção de autoeficácia, autonomia, competência e, em especial, o próprio bem-estar subjetivo.

Com a mudança de perspectiva na base conceitual do bem-estar subjetivo, a migração da ênfase na doença para a saúde mental, abre-se um caminho investigativo que fomenta a compreensão de que para manter o bem-estar as pessoas não devem, apenas, evitar o mal-estar, mas sim, buscar a felicidade.

Neste sentido, tal construto assume um papel central na emergência do campo de investigação da psicologia positiva, movimento recente da ciência psicológica, datado do início do século XXI, que objetiva lançar um olhar mais atentivo sobre as potencialidades dos sujeitos, e não, apenas, sobre suas limitações.

Mc Cullough, Heuber e Laughlin (2000) definem o bem-estar subjetivo a partir de um modelo tripartite, que engloba os níveis de satisfação com a vida global, entendida como uma avaliação cognitiva positiva da vida pessoal como um todo; o afeto positivo, a frequência das emoções positivas em dado indivíduo; e o afeto negativo, a frequência das emoções negativas.

Para Sirgy (2002), o bem-estar subjetivo compreende um estado afetivo duradouro, cuja constituição, também se dá de modo diverso, considerando a ocorrência de três aspectos: a experiência acumulada do afeto positivo em domínios relevantes da vida, o mesmo no tocante aos afetos negativos e a avaliação da satisfação com a vida como um todo.

Diener, Suh e Oishi (1997), conceituam o bem-estar subjetivo como um construto constituído a partir da interface entre três componentes básicos, a saber: a satisfação; o afeto positivo e os baixos índices de afeto negativo.

Tais autores ressaltam três características fundantes do campo de estudos do bem-estar subjetivo. A primeira delas aponta que o referido campo deve abranger não só os estados indesejáveis do bem-estar subjetivo, mas, sobretudo, as diferenças individuais nos níveis de bem-estar do tipo positivo, a fim de identificar os aspectos que diferenciam as pessoas levemente felizes, daquelas moderadamente felizes. A segunda característica valida à dimensão da experiência interna dos indivíduos, lançando luz sobre os aspectos fenomenais desta natureza de experiência, não impondo a estes critérios ou avaliações externas. A terceira característica considera que tal campo de estudos deve enfatizar os estados de bem-estar subjetivo de longo termo e não apenas os episódios de humor momentâneo.

Ainda perseguindo o caminho da distinção conceitual, observa-se, na década de 1980, a emergência de conceito que expressa a subdivisão do construto bem-estar subjetivo, revelando que o mesmo não mais deve ser concebido, nem tão pouco acessado, de forma homogênea.

Assim, oriundo desta crise conceitual, fomentada, sobremaneira, a partir do esforço de vários pesquisadores, a fim de aprofundar e expandir o modelo teórico com fundamento nos aspectos biopsicossociais, com ênfase na saúde mental, emerge o conceito de bem-estar psicológico.

Enquanto o conceito de bem-estar subjetivo compreende um campo de estudos que integra as dimensões de afeto e satisfação com a vida, ou seja, as respostas emocionais das pessoas e os domínios de satisfação e julgamentos globais de satisfação com a vida; já o conceito de bem-estar psicológico, inaugurado por Ryff (1989), enfatiza outro campo que

intenciona articular os conceitos de autoaceitação, autonomia, controle sobre o meio, relações positivas, propósito na vida e desenvolvimento pessoal (Galinha & Ribeiro, 2005).

Segundo Siqueira e Padovam (2008), os trabalhos de Ryff e Keyes (1995), produções seminais no âmbito das investigações teóricas acerca do bem-estar subjetivo, apontam que as investigações que dão sustentação aos achados do BES não seriam suficientemente abrangentes, a ponto de incorporar a face do bem-estar psicológico (BEP).

Neste sentido, os referidos autores lançam mão de dois argumentos centrais. O primeiro deles incide sobre o fato de que o estudo realizado por Bradburn (1969), referência fundante da perspectiva do BES, sugeriu que a existência de duas dimensões na estruturação dos afetos, uma positiva e outra negativa, emerge enquanto resultantes do efeito de serendipidade, ou seja, descobertas dadas ao acaso, estreitamente relacionadas ao campo de produção de conhecimento científico da sociologia, sem levar em conta referente rigoroso no âmbito da ciência psicológica.

O segundo argumento ressalta que, para suportar as proposições do BEP, Ryff (1989), Ryff & Keyes (1995) advogam que, dentro do espectro da ciência psicológica, há diversas teorias, muitas delas com assento privilegiado na abordagem clínica, escrutinando diferentes dimensões da subjetividade humana, em especial, os fenômenos de individuação (Jung, 1933), auto realização (Maslow, 1968) e maturidade (Allport, 1961), como também, em visões teóricas de caráter desenvolvimental (Erickson, 1959; Neugarten, 1973) e da saúde mental (Jahoda, 1958), as quais permitem construir concepções, suficientemente consistentes, acerca do funcionamento psíquico com ênfase no desenrolar da potencialidade dos sujeitos no âmbito do ciclo vital, aspecto central para o entendimento do BEP (Siqueira & Padovam, 2008).

Tais autores destacam que, enquanto o foco da atenção do BES reside no *modus operanti* das avaliações de satisfação com a vida e num balanço entre os afetos positivos e negativos no revelar da felicidade, o BEP teria sua atentividade dirigida às formulações psicológicas acerca do desenvolvimento humano e a capacidade de enfrentamento aos desafios apresentados pela vida (Siqueira & Padovam, 2008).

Tomando este copioso referencial teórico, Ryff (1989) propôs um modelo especulativo constituído por seis componentes: a *autoaceitação*; o *relacionamento positivo com outras pessoas*; a *autonomia*; o *domínio do ambiente*; o *propósito de vida* e o *crescimento pessoal*. O primeiro deles, a *autoaceitação*, concebida como aspecto central da saúde mental, diz respeito a uma característica que compreende altos índices de autoconhecimento, excelência do funcionamento psíquico e maturidade.

O componente seguinte, o *relacionamento positivo com outras pessoas*, refere-se a fortes sentimentos de empatia e afeição dirigidos a outrem, a fim de estabelecer, entre outros aspectos, vínculos de amizade, companheirismo e identificação.

O terceiro componente, o da *autonomia*, encontra na dimensão interna e no uso de padrões internos de autoavaliação, resistência à aculturação e independência acerca de aprovações externas, os indicadores dos critérios avaliativos.

O *domínio do ambiente*, o quarto componente, compreende a capacidade do indivíduo para escolher ou criar ambientes adequados não só relacionados às suas próprias características psíquicas, mas também aos aspectos ecológicos.

O quinto componente é o do *propósito com a vida*. Este compreende a manutenção de objetivos, intenções e senso de direção diante da vida, preservando o sentimento de que a vida tem significado.

Por fim, o sexto componente, o do *crescimento pessoal*, refere-se à necessidade de constante crescimento e aprimoramento pessoal, abertura a novas experiências e superação de desafios que se fazem presentes em diferentes momentos do ciclo do desenvolvimento vital.

À luz da revisão por ora apresentada, faz-se relevante pensar a importância das dimensões do bem-estar subjetivo e do bem-estar psicológico, em como elas, historicamente, vêm se transformando, se robustecendo, e o quão relevante parece ser a participação dos afetos nestes contextos.

Emerge então da presença dos afetos, seja em sua forma positiva ou negativa, considerando a interface e o desdobramento interno de ambas, o qual revela o experienciar de diferentes nuances de positividade e negatividade, a hipótese de que estes seriam resultantes do desenrolar de processos autoavaliativos, cuja incidência frequente de dada expressão de afeto tornaria crônica uma afetividade geral no sujeito, impactando tanto a vertente psicológica quanto a subjetiva do bem estar.

Diante do exposto, a discussão acerca do bem-estar subjetivo e o bem-estar psicológico fazem-se relevantes aos objetivos do presente estudo de tese, os quais versam sobre a identificação dos padrões de autoatratividade e nos modos como estes são cognitivamente consciencizados no fluxo da experiência interna dos participantes do referido estudo, com atenção à estrutura, representatividade e dinamismo.

Tamanha relevância encontra fundamento na hipótese de que o instanciamento dos padrões de autoatratividade se presta ao indiciamento de estados de bem ou mal estar psicológico e subjetivo, hipótese esta verificada quando da apreciação dos resultados do presente estudo.

Capítulo 5: Padrões de correção

Ao nos depararmos com uma situação de avaliação, seja esta no tocante a qualidade dos afetos, ou qualquer outro objeto, considerando sua natureza ou mesmo o contexto sócio cultural em que este se enquadra, faz-se necessário a identificação de um referente externo, uma espécie de guia à definição de nossos modos de ser, estar e se relacionar com o mundo.

Tal guia, nos termos em que aqui será abordado, assume a vez de um standard, ou seja, de um padrão ou norma, geralmente relacionado com a forma (i.e. formato standard, ou formato padrão, é quando um determinado objeto tem as formas e dimensões exatas, atribuídas diretamente a esse mesmo objeto), sem, contudo, deixar de levar em conta o conteúdo e a relação entre ambos, forma e conteúdo.

Considerando tal perspectiva, algo semelhante ocorre quando do instanciamento do processo autoavaliativo, de como o self, o eu, avalia a si próprio. Segundo Lalwani (2013), para a compreensão de tal processo, também se faz necessário ter conhecimento de quais padrões são apresentados para o self.

Sendo assim, faz-se mais do que útil, necessário, empreender um esforço que objetive se lançar para além da identificação dos padrões, mas sim que dê conta, ou ao menos se esforce para, buscar identificar quais padrões são significativos para determinado self e, sobretudo, como estes se apresentam no fluxo da experiência interna, qual sua natureza e de que forma, se positiva e/ou negativamente, impactam as dimensões cognitivas das pessoas.

Numa perspectiva histórica, constata-se que a teorização sobre os padrões tem assumido um papel deveras eclético. Conforme adverte Lalwani (2013), diversos campos de produção do conhecimento científico, dentro e fora do espectro da ciência psicológica, a exemplo da Sociologia (Shibutani, 1961), da Psicanálise (Freud, 1923; Horney, 1950; Wolf, 1993), da clínica (Rogers, 1951), da Psicologia do Desenvolvimento (Glick & Zigler, 1985)

e dos teóricos do sistema de controle (Carver & Scheier, 1998), têm algo a dizer sobre a natureza dos padrões.

Na opinião do autor supracitado, os padrões são imagens codificadas de formas, tomadas como corretas, de pensar, sentir, agir e ser. Prossegue pontuando que, como representações, cujo conteúdo revela-se quase ilimitado, os padrões emergem e se modificam de acordo com os princípios que governam as representações cognitivas para determinado self.

Considerando os padrões como imagens de estados corretos e, consequentemente, incorretos, a conceituação deste constructo apresenta diferentes tipologias, as quais serão na sequência apresentadas conforme a revisão realizada por Lalwani et al. (2013).

Segundo Heider (1958), enquanto imagens, os padrões não possuem características que deveriam ser tomadas como inerentemente ideais ou obrigatórias, seriam, simplesmente, possíveis descrições de estados do self, as quais surgem a partir da experiência fenomenológica das pessoas, experiência esta na qual as obrigações seriam mais fortemente determinadas por causas externas, do que pelos ideais para o self. Já Carver e Scheier (1998), questionam a compreensão dos padrões como estruturas hierárquicas rigidamente organizadas.

Neste contexto, demasiadamente complexo e plural, o de tentar decifrar o que vem a ser o padrão, constata-se, segundo Lalwani (2013), que, no âmbito da teoria original da autoconsciência (OSA Theory), não existe uma compreensão clara de como se dá a emergência dos padrões.

A fim de, pensar qual a origem dos padrões, Lalwani *et al.* (2013), faz uso de avançados temas psicodinâmicos, um deles defendido por Freud (1923) e o outro por Rogers (1951), os quais seriam úteis à compreensão de como as crianças internalizam as orientações de seus pais, acerca de como elas devem ou não devem se comportar.

Para Freud (1923), o conflito experienciado pela criança, oriundo da tensão entre seu interesse e os impulsos sexuais pela figura parental, seja do sexo oposto ou do mesmo sexo, e a oposição dos pais acerca de tal inclinação, produz um estado psicológico aversivo, experienciado, à luz do Complexo de Édipo, como o medo da castração. Neste contexto, o ego da criança, a fim de dar resolução a tal conflito, introjeta as prescrições da figura parental, as quais definem como a criança deve e não deve agir.

Deste modo, segundo Lalwani et al. (2013), é possível considerar que o aquilo se chama de "padrão de correção", surge no ser humano para reduzir um estado psicológico aversivo resultado do conflito entre a criança e a figura parental, seja ela o pai ou a mãe, sobre a própria expressão do instinto sexual.

No ponto de vista de Rogers (1951), o padrão não emergiria a partir do conflito vivenciado pela criança e a figura parental, por ocasião do Complexo do Édipo, mas sim devido a conflitos de caráter interpessoal.

Com base neste entendimento, as figuras significativas para criança, geralmente o pai e/ou a mãe, podem avaliá-la negativamente quando as atividades pelas quais a criança demonstra interesse não se alinham àquelas referentes aos interesses dos pais. Neste momento, a criança passa a imaginar as causas para tanto, devastando aspectos do seu próprio self.

A fim de recuperar uma visão favorável do próprio self, a criança aceita a idealização de outros sobre como ela deve se comportar, o que Lalwani chama de *simbolização distorcida*, uma forma de restabelecer a harmonia entre a criança e os seus pais, bem como de ressuscitar a cognição de que o self é agradável, ou seja, a criança introjeta o ponto de vista dos pais como o padrão de correção.

Em ambas as perspectivas teóricas, os padrões de correção emergem quando há tensões entre os pais e a criança, tensões estas, sejam elas originariamente motivadas por

questões da ordem do sexual, no caso de Freud (1923), ou mesmo, do interpessoal, na opinião de Rogers (1951), que requerem resolução no intuito de restabelecer a harmonia na relação entre as partes, e assim, reduzir a incidência de estados psicológicos aversivos.

No entanto, apesar da notória contribuição e relevância dos modelos apresentados, a crítica efetuada por Lalwani (2013), aponta que uma teoria que se propõe investigar a origem dos padrões, deveria ter um poder de abrangência que desse conta de acessar como se dá a estruturação, o dinamismo e a emergência dos padrões em outras fases do desenvolvimento do ciclo vital, e não, apenas, limitar-se à sua ocorrência quando na primeira infância e em contextos de relações familiares.

Neste sentido, a abordagem ao tema proposta pelo referido autor, busca caracterizar como os padrões de correção são adquiridos através do ciclo da vida. Propõe ainda, que estes, quando endossados pelas necessidades individuais das crianças, não refletem, necessariamente, os valores de seus pais, nem mesmo tais valores deveriam ser tomados, obrigatoriamente, como condições para a origem dos padrões.

Outro aspecto pontuado por Lalwani (2013), ainda no tocante a origem dos padrões, diz respeito a autodúvida. O argumento para tanto, reside na concepção de que a condição psicológica envolvida na origem dos padrões está duvidosamente relacionada à correção do que a pessoa é, está fazendo, pensando e sentindo.

Nestes termos, com base nos estudos de Duval e Wicklund (1972), a tensão oriunda da divergência de opiniões entre o que considera a própria pessoa, ou seja, o self, e o ponto de vista dos outros, das outras pessoas, o não self, geraria alguma forma de afeto negativo, experienciado pelo sujeito como erro da diferença.

A defesa de Lalwani (2013) e demais colaboradores, sugere que, atribuir tal erro ao self, causaria dúvidas acerca da correção de sua própria posição, ocasionando a instalação de um estado psicológico aversivo.

Neste sentido, a autoconsciência de uma posição subjetivamente percebida como adequada, digamos que, mais "correta", reduziria a autodúvida e, esta redução, associada a imagens, se prestaria tanto à codificação quanto a origem de representações internas que operam os padrões de correção.

Todavia, a atribuição de tal erro, ao ponto de vista de outras pessoas, o que aqui chamo de não self, manteria, de certa forma, intacto, o posicionamento do próprio self, criando um contexto de inexistência da ocorrência de autodúvida, como também, de origem do padrão.

Vale ressaltar que, dentre os diferentes aspectos presentes no esforço por identificar as bases epistemológicas da origem dos padrões, o autofoco assume um papel fundamental.

A visão defendida por Lalwani et al. (2013), compreende que a autodúvida ocorre apenas quando a pessoa localiza o "problema" no próprio self, como oposição a posição conflitiva. Neste sentido, a capacidade de focar atenção em dado domínio, seja ele o do não self, e, em especial, o do self, desenvolve um papel importante na determinação da causalidade percebida no tocante ao instanciamento do padrão.

Partindo desta perspectiva, com o crescimento do autofoco, a capacidade da pessoa ter a si mesa como objeto de reflexão, aumentaria, consequentemente, a possibilidade de a referida causalidade ser atribuída ao self. Noutro pólo, quando o foco da atenção não é mais autodirigido, está direcionado para os aspectos externos, o dito "erro do self" será, mais facilmente, atribuído a fatores externos ao self, ao domínio do não self.

Ancorado em Duval e Wicklund (1972), Lalwani (1998), considera que a emergência do padrão se dá na ocasião em que uma pessoa vivencia uma situação na qual sua forma de pensar, sentir e agir difere das demais pessoas que vivenciam a mesma situação, e por ocasião desta, atribui o erro ao próprio self, defronta-se com a autodúvida e então, se torna

consciente de uma posição "correta", posição esta que, ao passo que o erro recai sobre o próprio self, estaria associada a outros selves.

Assim, com base nas considerações feitas até então, diferentes opiniões, combinadas com condições que corroborem com o direcionamento do erro para o próprio self, devem ocasionar a codificação das respostas dos outros enquanto um padrão de correção.

Até então, muito do aparato teórico utilizado por Lalwani (2013) para explicar a origem dos padrões, tem encontrado respaldo nas investigações de Duval e Wicklund (1972) no âmbito dos estudos modernos sobre autoconsciência, todavia, a possibilidade de diálogos com outras teorias e campos de produção de conhecimento científico tem se revelado heterogênea.

France-Kaatrude e Smith (1985) propõem que as pessoas se comparam a outras pessoas a fim de identificar os padrões relevantes para a autoregulação. Na opinião destes autores, a referida proposição ancora-se no fato de que as outras pessoas possuem padrões passíveis de serem acessados, ou seja, não haveria padrões que seriam tão elevados, que não possam jamais ser alcançados, mesmo que tal alcance ocasione implicações danosas ao self da pessoa envolvida na relação com os outros, nem mesmo padrões considerados tão restritos, que sejam, constantemente, ultrapassados.

Esta condição, caracterizada pela evitação dos extremos, de um lado os padrões, digamos que, mais "complexos", ditos inacessíveis, e do outro, os mais "simples", facilmente superados, pode proporcionar uma fonte significativa para a identificação de critérios razoáveis para o autocontrole.

Outra das teorias que perseguem a compreensão e os modos de anunciação dos padrões é a Teoria do Terror Gerenciado (Greenberg et al., 1997). Esta teoria, tomada como uma abordagem provocativa da emergência dos padrões, tem como premissa inicial o fato

das pessoas experimentarem ansiedade quando confrontadas com suas próprias condições de seres finitos, mortais.

Padrões culturais válidos são então criados como o primeiro passo para amenizar a ansiedade da morte experienciada pelos selves, passo este que poderia ser considerado um componente no processo de gênese dos padrões. Neste sentido, a autoconsciência da condição de ser finito deverá impactar, segundo Lalwani (2013), em certa medida, a avaliação dos padrões de correção de toda existência de um dado self, não apenas um comportamento em especial.

Dada uma situação de profunda autoduvida e da ausência do estabelecimento de posicionamentos adotados pelo self, acerca do que deve ser tomado como correto ou não, as pessoas podem gerar padrões de correção.

O entendimento de Lalwani (2013), com base nesta perspectiva teórica, é que as pessoas endossam a existência dos padrões acompanhados de uma intensa autoconsciência de suas próprias mortalidades, um efeito que pode ser previsto pelo desejo de reduzir a autoduvida.

Até o momento, os padrões de correção, considerando o espectro geral das perspectivas teóricas por ora pontuadas, têm sido definidos como profundas imagens codificadas relevantes para o que a pessoa é, pensa, sente e faz (Lalwani, 2013). Tais padrões emergem quando uma pessoa põe em dúvida o quanto correto o próprio self é, ou parece ser, e torna-se consciente da "posição correta" que este deve adotar.

A autoduvida é, por sua vez, um funcionamento da interação de dois fatores: a possibilidade de que próprio self está errado e a atribuição da responsabilidade deste erro para o próprio self. Neste sentido, a compreensão acerca dos padrões requer um esforço que objetive ir além da identificação de sua natureza e tipologia, mas que também diga do seu dinamismo.

Para tanto, Lalwani (2013) adverte que o dinamismo do sistema de comparação compreende um sistema télico, sistema que denota uma ação, ou um conjunto de ações, que visa atingir uma finalidade, ação essa que cessa quando a finalidade é atingida, cujos elementos que o constituem são o self e os padrões de correção.

Tais elementos possuem uma dinâmica relacional com valores específicos que transitam entre estados totais de identidade e dissimilaridade, dentre os quais existe certa prevalência pelas formas de identidade autopadronizadas, modalidade de identidade na qual o self, justaposto ao padrão, direciona o foco da atenção para sua própria extensão, a fim de revelar qualquer diferença que exista entre o self e o padrão.

A teoria proposta por Lalwani (2013), também suporta a existência de conflitos entre os padrões relevantes, sejam estes entre o self e os seus próprios padrões de correção, ou desse com os padrões oriundos dos outros selves. Considera ainda que uma pessoa autoconsciente daria conta do transitar e satisfazer os interesses de ambos os padrões.

Neste contexto, Vallacher e Solodky (1979) advertem que a atenção às demandas de ambos os padrões, sofrem os impactos da dinâmica da interação entre o self e os outros selves, a qual pode alterar facilmente a interpretação da situação tornando um dos padrões mais ou menos relevante.

Para além das vicissitudes do dinamismo de tal interação, no ponto de vista de Lalwani (2013), qualquer diferença entre o self e o padrão, seja comum ao próprio self ou externo a este, é tomada como uma discrepância a partir do estado do padrão preferido, possível e/ou adequado à situação.

Todavia, a complexidade de tais processos comparativos entre o self e o padrão ocasiona consequências. A primeira dela chama atenção ao autofoco. Segundo Lalwani (2013), a atenção autofocada aumenta o nível no qual o self é comparado com os padrões de

correção, processo este que indica se o sistema de comparação está no padrão preferido de identidade autopadronizada.

Neste contexto, a proximidade do sistema com o padrão desejado, implica no desprendimento de energia, conforme aludem Brehm e Self (1989) e Wright (1996). Assim, quanto maior a discrepância, maior seria a energia potencial empregada nos processos comparativos, aumentando, consequentemente, a quantidade de energia disponível para apoiar atividades futuras, como também, atualmente, a quantidade de energia recrutada, a depender do nível de dificuldade da atividade em questão (Gendolla, 1998/1999).

Prossegue explicitando que, com a ocorrência da ruptura do self com o padrão preferido, se experiencia a promoção de afetos negativos. O oposto se dá da mesma forma, a aproximação com o padrão possibilitaria o experienciar de afetos positivos. No entanto, vale lembrar que a polaridade dos afetos positivo-negativo, deve ser tomada como substancialmente indiferenciada, abstrata e geral.

Os afetos envolvidos na relação entre dado autopadrão, não são qualitativamente diferentes dos afetos envolvidos em outras relações entre o self e demais padrões. Para Lalwani (2013), os afetos, sejam eles positivos ou negativos, são os mesmos, independentemente de que sejam representados como discrepantes ou congruentes.

Tanto Festinger (1957), quanto Heider (1958), ao corroborarem com este ponto de vista, afirmam que a dissonância cognitiva observada na relação entre o self e o padrão é idêntica em diferentes tipos de contradição, a exemplo da dissonância que surge a partir da hipocrisia ou mesmo de formas de atitudes conflitivas.

Neste sentido, os afetos seriam também tomados como abstratos na medida em que, conforme destaca Tomkins (1962/1991), não conteriam informações acerca de suas próprias causas.

Tal ideia também é compartilhada por Nathanson (1992), que considera que os afetos são completamente abstratos, livres de significados inerentes ou associações que lhes sirvam de elemento disparador.

Todavia, o entendimento apresentado pelos autores em tela, não se presta a argumentar que as pessoas nunca sabem a causa dos seus sentimentos, ou mesmo não se esforçam para tanto. Ao contrário, as atribuições do afeto são preciosas na medida em que, conforme ressalta Lalwani (2013), servem à constituição da pedra angular da dinâmica do autoconhecimento.

No entanto, o cerne da discussão proposta por tal autor, em consonância com os demais anteriormente citados, é de que o afeto, por si só, não explica sua ontologia, expondo apenas seus "sintomas" e não suas origens. Neste sentido, o autor adverte que a pessoa precisa de um segundo sistema psicológico, um sistema de atribuição, a fim de que se torne possível a conexão entre os afetos e suas causas.

O terceiro aspecto assumido pelos afetos, o aspecto geral, compreende, à luz de Tomkins (1991), que esses não especificariam como lidar com o problema vivenciado pela pessoa quando da interação do self com o padrão nem mesmo à descrição de comportamentos úteis a dada situação.

Os autores em tela advogam que os afetos, de fato, não apresentam informações a respeito de suas origens, bem como, também não informam sobre o que é preciso ser feito e como as pessoas devem agir quando das interações self padronizadas.

A título de exemplo, Lalwani (2013) lembra que se uma pessoa se sente mal, o sentimento por ela vivenciado neste momento não sugere quais caminhos ela precisa seguir para passar a sentir-se melhor. O mesmo acontece quando a pessoa concebe formas de lidar com a discrepância, neste caso, o afeto negativo não diz quais elementos são discrepantes ou como eles podem ser religados.

Imbuído destas reflexões, Lalwani (2013) considera que a interação entre o self e o padrão deve ter como suporte outros sistemas de operação. Prossegue pontuando que, reiterado por Duval e Dana (2001), se o afeto negativo é indiferenciado e abstrato, é possível que ele construa circunstâncias as quais as pessoas atribuam causalidade para aspectos negativos ocasionados por um autopadrão discrepante para alguns outros fatores.

Em suma, o sistema de comparação é um sistema télico, com um estado preferido de identidade auto padronizada. O crescimento do autofoco justapõe o self com os padrões e revela os níveis de congruência entre eles. Discrepâncias a partir de estados preferidos são refletidas em afetos negativos indiferenciados, abstratos e gerais; isto não é, em e por ele mesmo, gerador de atividades especificas desenhadas para restabelecer o estado preferido do sistema. De outro lado, a experiência de um afeto negativo irá, em certas circunstâncias, instigar a operação de sistemas de atribuição causal (Lalwani, 2013).

Capítulo 6: Sobre Experiência Religiosa

Pouco consensual, tem sido o campo semântico comumente utilizado para definir o que vem a ser religião, conforme destaca Dalgalarrondo (2008). Expressões como religião, religiosidade, espiritualidade, fé, mística e magia, são algumas das muitas utilizadas na tentativa de traduzir, e melhor entender, o que vem a ser uma dimensão de tamanha importância à vida das pessoas: a dimensão religiosa.

Para Tylor (1871 In: Dalgalarrondo, 2008), ao findar do século XIX, a religião deveria ser definida como a crença em seres espirituais. Seguindo a mesma perspectiva filosófica, Mueller (1903, In: Dalgalarrondo, 2008) advoga que a religião consiste na habilidade de experienciar o infinito no finito.

A partir de uma mirada mais sociológica, Durkheim concebe a religião enquanto um conjunto de práticas e representações revestidas de caráter sagrado, ou mesmo um sistema solidário de crenças e práticas relativas a entidades sacras.

Alinhado ao pensamento de Giovanetti (2004), no contexto da representação da religião, atualmente, muito tem se discutido sobre a presença do sagrado. Distintas são as opiniões acerca deste assunto. Há aqueles que consideram que, com o advento da sociedade industrial, o sagrado não mais habita a vida cotidiana das pessoas, por sua vez, outros advogam que, no âmbito da sociedade pós-industrial, o retorno ao sagrado parece ser perceptível.

Contudo, prossegue o autor em suas reflexões, o sagrado que por ora emerge, apresenta outras feições. Surge, então, um tipo de sagrado que parece se adequar aos padrões civilizatórios da sociedade contemporânea, assumindo uma postura mais dialética entre a tradição e a religiosidade, conforme aponta Vaz (In; Giovanetti, 2004).

Para as sociedades tradicionais toda a vida cotidiana era organizada a partir do sagrado, partindo deste, inclusive, a incumbência de definir aquilo que seria tomado como da ordem do profano na orbe simbólica da sociedade.

Segundo Otto (1917/1992 In: Dalgalarrondo, 2008) o elemento comunal de toda experiência religiosa seria, justamente, a contraposição entre o sagrado e o profano, duas dimensões de relevo na vida cotidiana. De um lado, o profano, debruçado sobre o cotidiano simples e prosaico do trabalho, envolto em diversas obrigações, como também, diversões. No lado oposto, de natureza completamente distinta, o sagrado, surge como um departamento particular, e muito especial, da vida.

Quando da inauguração do projeto iluminista, pontua Giovanetti (2004), o sagrado perde espaço para o profano, o qual passa a vigorar, especialmente, no âmbito da sociedade civil por intermédio do estatuto da necessidade e da liberdade que as pessoas têm para fazer suas escolhas "livremente".

Neste contexto, prossegue advertindo Giovanetti (2004), o sagrado perde força, abandonando o projeto estruturador da vida social, assumindo o lugar de consolo para as agruras da vida cotidiana.

Alinhado ao pensamento de Otto, Durkheim (1978 In: Dalgalarrondo, 2008) conclui, acerca da religião, que esta seria então um fenômeno social universal mais fortemente influenciado pela polaridade sagrado – profano, do que por qualquer sorte de crença mágica ou fé em dada transcendência. Em sua opinião, a magnitude da força que caracteriza o sagrado é, de fato, a expressão da própria sociedade, encoberta pelas concepções e experiências religiosas vividas.

Segundo o autor supracitado, a dialética sagrado-profano, apresenta, num enquadre histórico, três grandes processos. O primeiro deles está relacionado à lógica que imperava

quando do período renascentista. Na ocasião, a concepção do que era o cosmos passou a perder o status de divino, uma vez que, com o desenvolvimento da ciência, foram sendo criados instrumentos e métodos suficientemente capazes de compreender e dominar o cosmos.

O processo seguinte, diz respeito à sociedade, na medida em que se torna mais amena a influência do sagrado na regulação da vida das pessoas em sociedade, tornando-se independentes do domínio religioso as dimensões econômicas, por meio do domínio da economia virtual sobre a economia real; políticas, a apartação do poder divino e o poder político; e culturais, quando a cisão entre o saber, a moralidade e a arte, do âmbito religioso, se dá devido a crescente racionalização das pessoas nos dias de hoje (Giovanetti, 2004).

O terceiro processo destaca o impacto da razão especulativa no contexto da sociedade ocidental. Razão esta que se encontra disseminada em uma sociedade onde a ordem vigente para a organização da vida parte do poder argumentativo do próprio sujeito, o qual cria um campo de possibilidades interpretativas que, dentre outros, apontam para o instanciamento de um discurso de negação de Deus na vida humana, tornando o surgimento e a consolidação do ateísmo factível.

Nas sociedades pós-modernas, segue advertindo Giovanetti (2004), o lugar destinado ao sagrado tem sido deslocado para campos mais periféricos e não mais centrais como antigamente fora, fato que caracteriza e denomina a modernidade pós-cristã.

Nesta natureza de modernidade, a motivação religiosa deixou de ser originária da instituição religiosa, mas sim da espontaneidade dos sentimentos experienciados pelo sujeito quando da relação expressa com o divino. Destes são oriundos os critérios do que venha a ser os sentidos de valor para a constituição da referência religiosa.

A variedade de estilos de vida oriundas desta forma de relação com o divino é, segundo Rojas (In: Giovanetti, 2004), uma das características mais marcantes das sociedades pós-

modernas. O porte desta característica tem, por demais, influenciado a forma e o conteúdo da vida cotidiana. Nas palavras de Rojas, tendo como lastro a obra "El hombre light", as relações humanas, postas em prática nas sociedades pós-modernas, seriam então demasiadamente suaves, superficiais, aligeiradas e de baixo conteúdo calórico. O que resultaria, segundo o autor, no empobrecimento da qualidade desta natureza de relação.

Neste cenário de (re)elaboração de valores, oriundos de outra configuração da relação com o divino, o ser humano se encontra num contexto de "perda de referências". Este, por sua vez, reiterado pelo espírito niilista, comum às sociedades pós-modernas, torna ainda mais enfática a indagação acerca dos questionamentos apresentados pela vida cotidiana.

A atmosfera em questão, na opinião de Rojas (Giovanetti, 2004), passaria então a contribuir para a constituição de humanos, em certa medida, doentes, marcados por um pensamento niilista de caráter hedonista, caracterizado pela supremacia do prazer como um bem da vida humana; consumistas, estratégia que nos conduziria a satisfação pessoal, ocasionando, assim, um sentimento de felicidade instantânea; permissivos, a ideia de que uma vida feliz seria uma vida sem limites, sem proibições e, por fim, relativistas, alicerçado na tese de que na vida não há nada absoluto, não há nada absolutamente bom ou ruim.

Ainda afeito à perspectiva sociológica, Weber (In: Dalgalarrondo, 2008) aponta que a religião representa um "sistema de regulação da vida". Na opinião de Erikson (1962 In: Dalgalarrondo, 2008), esta seria uma forma de tradução linguajeira e cinética da degradação que envolve a existência humana.

Para Bryne (2001, In: Dalgalarrondo, 2008) a definição de religião tem um acento moral. O autor considera que a religião é um sistema simbólico influenciado pelo princípio de que há fundamento moral que mobiliza nossas ações no mundo.

Numa perspectiva multidimensional, Wilges (1995 In: Dalgalarrondo, 2008) concebe a religião como um conjunto de crenças, leis e ritos que operam um poder, passível de negociação, sobre o ser humano.

Conforme o autor, as religiões são constituídas por quatro elementos: 1º) uma doutrina, a qual compreende um conjunto de crenças e mitos sobre a origem do universo, os sentidos atribuídos a vida, a finitude, ao sofrimento, ao além, entre outros; 2º) ritos e cerimônias, os quais servem a atualização dos símbolos religiosos; 3º) sistema ético, que envolve leis, proibições, guias de conduta mais ou menos expressos e codificados e 4º) uma comunidade de fiéis, com distintos tipos de líderes e sacerdotes, medianamente convencidos dos princípios que orientam vossas religiões.

Contudo, observa-se que as diferentes formas de entendimento sobre a religião e os conceitos a esta associados, aqui brevemente apresentados, expressam, não raro, uma forma de conexão com o "divino" simpático ao estilo de vida individualista, comum à dinâmica das sociedades contemporâneas, destaca Giovanetti (2001).

Nesta perspectiva, a institucionalização de uma hetero regulação das relações em sociedade perdeu a força necessária à sua sobrevivência, tornando, desta forma, a experiência individual o único critério de importância.

Segundo o autor, a agudez desta fragilidade se deu ao final do século XX, mais precisamente no início dos anos de 1970. Ao passo que esta assumiu, inicialmente, um status de condutor e, mais recentemente, para além da intermediação, tornou-se o cerne da experiência em si, o único critério de verdade. A centralidade do eu da sociedade contemporânea destaca, que o mais importante é buscar o que proporciona bem estar à pessoa.

Todavia, a adesão a tal perspectiva implica em perdas e ganhos. Se, num extremo, a afirmação radical de uma ideologia individualista representa riscos à integração da subjetividade

contemporânea, haja vista a ênfase na vivência do prazer, por intermédio do questionamento a toda e qualquer referência deixada pela tradição, pode lançar o sujeito numa profunda crise de identidade a qual, expressa numa sensação de vazio, abrirá espaço à perda das referências, e a emergência do "não sentido", além de, a meu ver, também poder contribuir com a anunciação de aspectos deletérios à identidade, a exemplo do instanciamento de afetos negativos, bem como, o risco de ser acometido por certas naturezas de psicopatologias, em especial, aquelas na forma da depressão.

No outro extremo, a vivência do individualismo pode contribuir com o processo de integração das pessoas uma vez que esta representa uma forma de tirar o indivíduo do anonimato fazendo com que este possa por em prática o desejo de autorealização e assumir a condução do seu próprio destino, situação esta que, em meu ponto de vista, seria salutar ao fomento de um contexto de afeto positivo e propositivo a respeito da subjetividade do sujeito (Giovanetti, 2001).

Na opinião de Paiva (2001), o desejo, seria então, uma palavra chave para pensar o interesse renovado pela religiosidade, a qual encontra acalento no seguinte dilema: seria a religião fruto da necessidade ou do desejo humano?

Conforme o autor, o revigoramento das religiões cristãs, o aumento proporcional, nos últimos anos, de religiosos, em comparação aos agnósticos, têm deposto acerca de tal interesse.

No esforço por responder ao presente dilema, Paiva (2001) ressalta que, se tomado enquanto *desejo*, a religião terá um gradiente diverso em conformidade com o fluxo de liberdade que o espírito permite. Já, se concebida como uma *necessidade* terá vigor suficiente para não se render às vicissitudes da cultura na qual esta é operada.

Na ciência psicológica, à luz da psicologia contemporânea, constata-se a existência de uma diferença não só semântica, mas, sobretudo, ontogenética, dentre os conceitos de desejo e

necessidade. O primeiro deles, a necessidade, parece mais se perfilar a tradição da psicologia acadêmica, por sua vez, o desejo, mais de afilia à literatura francesa de base psicanalítica.

Paiva (2001) prossegue destacando que é no campo dos estudos sobre motivação e personalidade que mais frequentemente se aplica o conceito de necessidade. Segundo Mc Dougall (1972 In: Paiva, 2001) o termo necessidade, introduzido no âmbito da ciência psicológica nos anos 30 do século passado, diz respeito a uma variável motivacional de importância, dotada de senso de direção e magnitude, a qual compreende uma fonte de desejo específico que emana energia, emprega valor a determinados objetos e produz força.

Neste sentido, Murray & Baron Jr. (1984 In: Paiva, 2001), acerca da teoria da Necessidade-Pressão, chamam atenção ao caráter organizador que esta confere à vida das pessoas. Explicam os autores que as necessidades são concebidas enquanto tendências organizadoras que atribuem sentido e direção ao comportamento do indivíduo, comportamento este que deve ser tomado em termos do dinamismo da satisfação das necessidades.

A literatura psicológica a respeito da motivação e da personalidade, na tentativa de decifrar o que vem a ser o conceito de necessidade, vai além de um purismo psicológico ao lançar mão de esforços que expressam a interface entre aspectos mais biológicos/genéticos e outros de caráter mais sócio/psicológicos.

À luz da *psicobiologia*, as necessidades humanas seriam então sensíveis à estruturação biológica do comportamento, em especial, àquelas que dizem das condições de regulação da sobrevivência do organismo, a exemplo dos comportamentos de exploração do ambiente, a aquisição e acumulação de alimentos, acasalamento, defesa, organização social, dentre outros do gênero.

Seguindo o mesmo raciocínio lógico, a *sociobiologia* contemporânea ressalta que a raiz dos comportamentos humanos mais sofisticados reside no arranjo biológico oriundo da evolução da espécie (Paiva, 2001).

No hall das necessidades humanas, com destaque a necessidade da religião, diversos autores chamam atenção às diferentes formas de inatismo na religião (Argule & Beit-Hallahmi, 1975; Batson et al, 1993 e Paloutzian, 1996, In: Paiva, 2001). Dentre estes há formas de compreensão da necessidade da religião, datadas do início do século que, mediante a universalidade do fenômeno religioso, pensam neste com base num possível componente genético, ou mesmo em uma forma de instinto inerentemente religioso. Nesta perspectiva, mais recentemente, a neuropsicologia propõe a existência de mecanismos neuropsicológicos "profundamente fixados no pool genético". Existem outros que pensam a religião como uma necessidade de conhecimento ou de realização.

Neste sentido, a necessidade religiosa tornou-se elemento importante da estrutura do psiquismo humano, importante ao ponto de que, a não satisfação deste ocasionaria a origem da genuína patologia psíquica, segundo salienta um dos percussores da psicologia da religião (Rümke, 1952/1939 In: Paiva, 2001).

Diversa também é a identificação do cognome desejo. Webster (In: Paiva, 2001), no intuito de conhecer sua etimologia, encontrou, embora, apesar de incerta, duas origens. Uma que religa *desire* com *desiderium* e daí com o latino *sidus, sidera, constelação*, e remete ao paralelo "consideração", e outra, com base nos etimólogos de língua portuguesa, que tomam a origem da palavra desejo como desconhecida ou a relacionam com a palavra *desedium*, originária do baixo latim, no sentido de indolência, favorável lascívia.

Na seara da religião, o termo desejo tem sido tomado de modo por demais ambíguo, adverte Delattre (1987 In: Paiva, 2001). Nos escritos bíblicos, das passagens de Santo Agostinho,

ao novo testamento, fala-se dos desejos como com certa ideia de oposição, a exemplo dos desejos do espírito e dos desejos da carne. Por sua vez, a tradição budista vem falar da extinção do desejo uma vez que é nele que reside a origem da infelicidade humana.

De modo semelhante, a psicologia também precisa lhe dar com tamanha ambiguidade. Tradicionalmente, a psicologia de acento psicanalítico tem se esforçado por compreender os desejos, expressos na forma de libido e de eros, destacando a relação de dependência e de independência do desejo com a necessidade.

Segundo Paiva (2001), enquanto a necessidade tem suas raízes fincadas pela natureza, o desejo surge de uma dimensão antropogenética sendo ele o pressuposto de toda florescência sublimatória, amorosa, estética, religiosa e científica.

No entanto, a relação entre necessidade e desejo não deve ser concebida em termos de oposição, uma vez que é da necessidade que o desejo retira sua energia. Nestes termos, o desejo deve ser tomado mais como uma relação recíproca, mediada e operada pela linguagem, do que um movimento coordenado entre dois protagonistas.

Alinhado ao ponto de vista de Paiva (2001) acerca da dualidade necessidade-desejo, Giovanetti (2001), incrementa a discussão com a inserção de outro elemento, mais precisamente no campo do desejo, a sedução.

O desejo na sociedade de consumo, segundo aponta Giovanetti (2001), dá-se, sobremaneira, por intermédio da sedução, faceta por demais presente em toda sorte de relações contemporâneas. Esta seria então, ao parafrasear Lipovertsky (1983, p. 26 In: Giovanetti, 2001), a relação social dominante, princípio de organização global das sociedades em abundância.

Nestes termos, a sedução não estaria restrita à esfera das relações pessoais, expressaria muito mais vigor na medida em que representaria um processo sistemático de personalização na

sociedade dominada pela ideologia individualista, processo este que objetiva regular o consumo, as organizações, a informação, a educação e os costumes (idem, p. 25).

A lógica de personalização que serve de orientação ao referido processo, se funda no argumento de que tudo é oferecido ao sujeito como um complemento do que ele precisa em sua vida. Desta feita, tais necessidades tornam-se parte constituinte da identidade dos próprios sujeitos. Todavia, estes, geralmente, se quer percebem que é a própria sociedade que lhe apresenta, ou melhor, lhes impõem, aquilo que eles devem consumir deixando-o pensar que esta escolha se dá de modo livre, autônomo.

O caráter deletério do referido processo, que serve ao esfacelamento das relações sociais mediante a fragilização da dimensão social do ser humano (Cf. Lipovetsky), também é apontado por Baudrillard (1992, In: Giovanetti, 2001). Para o autor a afirmativa "tudo é sedução, nada mais que sedução", comum ao *modus operanti* das sociedades industrializadas, expressa como tamanha faceta envolve e domina as pessoas criando uma sensação de liberdade, de estar fazendo aquilo que as pessoas consideram mais adequado para suas vidas.

Portanto, para Giovanetti (2001), o processo de sedução nada mais é do que a ativação contínua e exacerbada do desejo humano. Ou seja, desejar é seguir desejando. Neste sentido, falamos aqui de um desejo insaciável, que não se esgota, que não deixar desfalecer no sujeito a capacidade de se manter um sujeito do desejo, orientado pelo desejo, um sujeito desejante.

Neste cenário, indaga o autor supracitado, qual o lugar ocupado por Deus? Seria ele objeto do desejo num mundo cada vez mais científico e tecnológico?

Levando-se em conta a civilização ocidental, fortemente influenciada pelo projeto iluminista originário do século XVIII, a ideia de progresso passou a ocupar um lugar de importância na organização da vida em sociedade, lugar este outrora ocupado pela religião e,

consequentemente, por certa ideia de Deus, devido à emergência do projeto individualista cuja centralidade reside na concentração do eu.

Atualmente, destaca Giovanetti (2001), em resposta ao instanciamento do projeto em questão, a vivência do sagrado, a expressão de Deus, está subordinada às vivências pessoais. Mediante esta influência, observa-se então, o abandono crescente da frequência às organizações religiosas. Os templos, igrejas estão cada vez mais vazios, prática esta colocada em xeque com base no argumento de que para encontra-se com Deus não mais é preciso ir a sua casa, basta olhar para dentro de mim mesmo, ou seja, eu sou minha igreja. A partir desta lógica o recolhimento individual é suficiente para dar conta do encontro saudável e adequado com o sagrado, revelando-se um tempo de privatização e individualização do religioso na vida cotidiana.

Nestes termos, adverte o autor, as qualidades mágicas, extraordinárias dos objetos do desejo, é algo que encanta o ser humano devido à atmosfera de mistério que os circunda e, tornando-se então, tais objetos, dentre eles, em especial, a ideia de Deus, mais um elemento da sociedade de consumo em que vivemos.

Ao refletir sobre a representação da religião na pós-modernidade, Giovanetti (2004) concebe que a experiência religiosa das pessoas está estreitamente relacionada com a forma como estas concebem, interpretam e atribuem sentido ao mundo. Tais interpretações apresentam ideias e características distintas, alinhadas aos valores e princípios comuns a cada tempo.

Também oriunda de uma forma de relação mais pessoal e personalizada com a religião, é a concepção de desenvolvimento religioso defendido por Amatuzzi (2000). Para o referido autor, tamanho desenvolvimento se dá de modo associado ao desenvolvimento psicológico, especialmente na forma como este tem sito tematizado por Piaget (1967), Jung (1979), Erickson

(1998) e Fowler (1992) (In: Amatuzzi, 2000), ao longo do ciclo vital do desenvolvimento humano, dos infantes aos mais longevos, em nove etapas específicas.

A primeira etapa, a do bebê, que se inaugura com nascimento e vai até por volta dos dezoito meses de vida, diz respeito ao momento do estabelecimento de uma relação de confiança básica entre a criança com os pais, relação esta que a faz sair de si e se debruçar sobre o mundo, condição fundamental ao instanciamento das etapas posteriores.

Na etapa seguinte, a da criança, geralmente entre dois e seis anos, o desafio central reside no avançar da relação com o outro no mundo preservando os princípios de uma relação de separação e autonomia. Tal etapa coincide com a inserção da criança na experiência da linguagem enquanto construção simbólica do mundo interior.

A terceira etapa, a do menino/a, dos sete aos doze anos, tem como aspecto principal a transição entre uma postura passiva e inábil para outra mais pró ativa, marcada pela competência e habilidade, de modo a conquistar maior segurança interior e autoestima.

O adolescente, entre os treze até os vinte anos de idade, refere-se à quarta etapa. Nesta etapa o principal desafio para o adolescente diz respeito ao deslocamento do estabelecimento de uma vivencia de certa indefinição acerca de si mesmo, para uma de maior definição. Tamanho deslocamento se dá, então, igualmente, por intermédio do aprofundamento de uma verdade pessoal e pelo questionamento a outras formas de construção de sentido que não encontrem neste o seu cerne, a exemplo da religião.

A etapa que segue, compreende o jovem adulto, dos vinte aos trinta anos. Aqui o que caracteriza o desenvolvimento religioso é o fortalecimento da abertura a uma relação mais pessoal e aprofundada, relacionada a uma experiência de intimidade, que não se restringe às pessoas, mas também alcança as coisas no mundo. Nesta etapa, faz-se difícil manter uma postura

religiosa diante da vida sem que ela seja baseada em uma experiência pessoal de base critica e reflexiva.

A sexta etapa é a do adulto, entre trinta e quarenta anos. Aqui registra-se a continuidade da abertura identificada na etapa anterior, robustecida, pelo principio da atividade. Nestes termos, agora, o que passa a vigorar, não mais é a abertura em si, mas sim a capacidade de operar um fazer que oportunize a materialização da referida abertura.

A etapa do adulto maduro, dos quarenta aos sessenta anos de idade, destaca que o desafio central nesta etapa refere-se à relativização das normas e dos papéis sociais com vistas à superação das rotinas e dos padrões assumidos, a fim de encontrar um sentido mais livre e pessoal para vida.

A oitava etapa é a do adulto mais velho, dos sessenta aos oitenta anos de idade. Etapa caracterizada pela agudização do sentimento de libertação das diferentes formas de apego que estabelecemos com as pessoas e coisas no mundo.

Por fim, a nona etapa, a da proximidade com a morte, destaca que o grande desafio diz respeito a passagem de uma vida individual para algo, radicalmente diferente, a fim de que seja possível um modo de entregar-se em paz. Caso isto se garanta, destaca Amatuzzi (2000), haveria, então, uma progressiva transcendência do eu empírico com aceitação da autodissolução e uma abertura para o totalmente outro.

De modo semelhante, todavia com uma mirada mais específica, o modelo teórico para compreensão do desenvolvimento religioso proposto por Fowler (1992), lança um olhar sobre o desenvolvimento religioso o qual se dá por meio de uma de suas expressões fundamentais: a fé. Igualmente influencia pelo mesmo campo teórico que influenciou o pensamento de Amatuzzi (2000), Fowler (1992), quando do desenvolvimento de teoria dos estágios da fé, ressalta que desde o nascimento o ser humana possuiria então capacidades inatas para a fé, as quais seriam

colocadas em prática em conformidade com a qualidade de como a criança será e recebida pelo mundo, bem como se dará a interação entre ambos.

Conforme Fowler (1992), a fé se apresentaria a partir de um padrão triádico, o qual integra o eu, o outro e o centro de valor e poder compartilhado, padrão este que refere-se tanto à pessoa propriamente dita, bem como ao estabelecimento de relações significativas com outras pessoas e instituições, as quais possam servir de esteio e sustentáculo de suas próprias vidas.

Tal teoria fora elaborada com base em um processo evolutivo e dinâmico, cuja mudança na expressão da fé acontece de acordo com seu desenvolvimento em diferentes estágios, estágios estes que, em movimento aspiral, são dotados de força motriz capaz de impulsionar ou esmoecer a ascensão ao estágio seguinte.

O primeiro dos estágios elencados por Fowler (1992) é o pré-estágio, caracterizado por uma natureza de fé primal ou indiferenciada. Neste estágio, as crianças do nascimento até os dois anos de idade, a qualidade da fé estaria então condicionada a qualidade da relação estabelecida entre a criança e aqueles que exercem a função paterna/materna.

A transição para o estágio um, o estágio da fé indiferenciada, entre os dois e seis anos de idade. Neste estágio, a criança, ainda centrada em si mesma, passa a tomar consciência de sua inserção nas regras e normas sociais e culturais, bem como o desenrolar do conhecimento de uma dimensão religiosa com base em experiências que levam à noção de encantamento e sagrado.

O segundo estágio, o mítico-literal, o qual cobre, aproximadamente, o segmento etário que vai dos sete aos doze anos de idade, coincide com o estágio das operações concretas de Piaget, no qual a criança torna-se capaz de perceber o ponto de vista das outras pessoas, assumindo histórias e costumes de seu grupo de pertença. Neste estágio a fé torna-se mais linear e com sentido.

Dada a entrada na adolescência, o terceiro estágio, o da fé sintético-convencional, dos dozes aos dezoito anos de idade, é caracterizado pela ampliação da experiência de mundo dos adolescentes para além de suas famílias. Todavia, tal ampliação parece apontar para o reconhecimento de ideologias dos adolescentes, mas, contudo, não garantem uma percepção amadurecida de suas próprias identidades.

O estágio da fé individuativa-reflexiva, o quinto estágio, que vai dos dezoito aos vinte e cinco anos, faz-se caracterizado pelo fortalecimento das identidades próprias, a partir da compreensão dos limites e potencialidades pessoais e não coletivos.

O quinto estágio é o da fé conjuntiva. Nesta, aqueles com idade igual e superior os 25 anos, seriam então, dotados da capacidade de rememorar suas experiências vividas à luz de uma consciência reflexiva acerca de si mesmo.

Por fim o estágio da fé universalizante, cujo autor não destaca um marcador etário específico, tem como característica básica o engajamento das pessoas em dado agrupamento com o intuito de contribuir com a transformação da realidade, sem perder de vista os valores últimos e a transcendência.

Ambos os modelos teóricos do desenvolvimento religioso, aqui, objetivamente apresentados, o de Amatuzzi (2000) e o de Fowler (1992), ajudam a inferir que, no referido contexto de desenvolvimento, o gradual mergulho no self e a abertura para relação com os outros, sejam estes pessoas e/ou coisas, no mundo, conquistada, e robustecida, a cada etapa do desenvolvimento, tornariam as pessoas mais gabaritadas à negociação com os padrões sociais pré-estabelecidos, dentre estes os padrões de atratividade, pelo fato da religiosidade, nestes termos, propiciar um processo de auto-observação que, ao passo que identifica os limites, também valoriza as potencialidades das pessoas tornando possível uma relação mais aprazível e menos violadora do self quando da discrepância com os padrões.

Na sociedade clássica, a religião assumiu lugar central, haja vista toda a organização da vida cotidiana era passada pelo crivo de ordem religiosa. Para os desta época, segundo aponta Giovanetti (2004), a criação do universo, no que tange sua natureza e dinâmica, seria então da incumbência de uma "força superior", a qual também seria responsável pela criação do cosmo.

Já no século XV, a religião deixou de assumir a centralidade de outrora, destinando ao ser humano este lugar e papel, adotando-se outra forma de compreensão do mundo, de caráter antropológico, onde os critérios para tanto se dariam a partir do próprio humano.

Em tempos mais recentes, sob a alcunha de pós-modernidade ou modernidade tardia, denominação esta, embora pouco consensual, por ora é apresentada por Giovanetti (2004) como uma categoria de leitura do tempo histórico e objeto do discurso filosófico, observa-se o regresso à ênfase no sujeito, orientado pela razão, o que, novamente, resgata a emergência deste como guia para a ordem das coisas no mundo e, dentre elas, o fenômeno religioso.

Ao observar o desenrolar da história do pensamento ocidental, no intuito de compreender o papel do fenômeno religioso nas sociedades, identifica-se a disparidade entre dois grandes períodos, o primeiro chamado de modernidade clássica e o segundo de modernidade pós-cristã.

Para a modernidade clássica, conforme adverte Giovanetti (2004), a qual data do século VI a.C. até meados do século XVIII, tal tempo histórico possui um caráter sagrado. No outro extremo, a perda da sacralidade, seria então o que caracterizaria o período da modernidade pós-cristã, característica esta que parece assumir relevo nos dias de hoje.

Segundo Vaz (In: Giovanetti, 2004), a transição entre os tipos de modernidade clássica e pós-critã tem deixado um legado para as sociedades pós-modernas. A aposta do autor aponta que o legado em questão seria então de ordem simbólica, legado este que ocasionaria uma transformação tão profunda que justificaria a intitulação de revolução filosófica. Surge daí então,

outra maneira de pensar, acessar e organizar o mundo com base na filosofia, de assento racionalista, de Descartes, cuja dúvida é o elemento motor para a produção do conhecimento.

Nesta perspectiva, a expressão: *"penso logo existo"*, cunhada por Descartes, passa a ser o elemento basilar da organização do pensamento humano no tempo pós-moderno. Este não precisa mais buscar pela referência para apreciação das coisas uma vez que esta se encontra nele mesmo.

Para Vaz (In: Giovanetti, 2004), a fim de explicar o posicionamento de Descartes, a competência da "ordem de conhecimento", originário do latim: *"ordo cognoscendi"*, na universalidade das regras, irá predominar no âmbito da lógica conceitual cartesiana, com base no ceticismo metodológico, expresso, sobremaneira, pelo domínio da tecnociência, ciência esta que representará um paradigma para o comportamento humano.

Ao tomar o paradigma em questão, o ser humano passa a adotar um papel ativo numa civilização fortemente científica e tecnológica, assumindo uma dupla função: a de explorador e interprete de sua própria realidade.

Na opinião de Giovanetti (2004), um dos aspectos que caracteriza as sociedades pós-modernas é o espírito niilista. Para o autor, o niilismo seria então o elemento motor da constituição das sociedades, sociedades estas que parecem não mais dar margem às condições necessárias para a vivência do sagrado, embora este ainda se mantenha presente, mesmo que de modo por demais reprimido.

Nietzsche (In Giovanetti, 2004) define niilismo como um posicionamento diante da vida que não mais se orienta por valores e ideias postos pela tradição, mas sim por intermédio dos referenciais dos próprios sujeitos. A transição entre tais campos de referência, um oriundo do mundo externo e outro da interioridade dos sujeitos, gera, nos mesmos, um sentimento de instabilidade que faz com que estes se debrucem sobre as peculiaridades de seus próprios

universos, mobilizados pelo argumento, de base axiológica, de que a aceitação do nada, oriunda do trânsito entre a tradição e interioridade, emerge enquanto princípio fundamental, por ora, à constituição de todos os valores.

Com base nos princípios da perspectiva niilista, surge, consequentemente, o contexto das sociedades pós-modernas, uma ideologia de caráter individualista, a qual, ao aderir à razão, saí em defesa da supremacia dos valores individuais como centro do sistema simbólico e organizacional das sociedades em detrimento dos critérios oriundos dos valores de ordem exterior.

Conforme Vaz (In: Giovanetti, 2004), tamanha ideologia é constituída por aspectos de caráter axiológicos, epistemológicos, político e ético. No que tange ao aspecto axiológico, o autor ressalta que a questão central reside no fato de que o indivíduo torna-se o valor e, consequentemente, a referência para toda sorte de comportamento.

A face epistemológica da ideologia em indagação destaca que a concepção do que vem a ser ciência, comum ao Renascimento, endossa uma preocupação com a concretude das ocorrências, tornando-se, toda ela, submetida à medição e quantificação, fortalecendo, por sua vez, outra ideologia, a do cientificismo.

O aspecto político diz que a ideologia individualista se expande por intermédio da defesa do valor de igualdade, expressa pelo ideal da democracia. Por sua vez, o aspecto ético considera que o princípio *sine qua non* desta natureza de ideologia é a pessoa buscar o próprio prazer e tomá-lo como suficiente para a implementação de sua existência feliz, sem sequer levar em consideração qualquer informação que não parta de si mesmo.

Na cena religiosa contemporânea, outros conceitos como religiosidade e espiritualidade também têm ganhado notoriedade. Estes, no âmbito geral, seriam dimensões mais genéricas e independentes de denominações e formas institucionalizadas de religião.

Segundo Simmel (1909/1997 In: Dalgalarrondo, 2008), religiosidade é concebida como um "estado" ou uma "necessidade" interna, um conjunto de crenças ou conhecimentos ofertados pela tradição a fim de atender a tal necessidade. Para o autor, a religiosidade assume o status de um "ser particular", uma "qualidade funcional" da humanidade de forte impacto na vida de uns e restrita relevância para outros.

Consoante com Larson, Swyers e Mc Cullough (1998 In: Dalgalarrondo, 2008), as expressões religiosidade e espiritualidade, não obstante, sejam sobrepostas, têm significados distintos: um de caráter mais institucional e outro pessoal, respectivamente.

De acordo com tais autores, apesar de noviço, o termo religiosidade aglutina um repertório de crenças pessoais a exemplo da crença em Deus ou em dada forma de força superior, bem como o credo e as práticas institucionais, o sentimento de pertencimento a certas denominações religiosas, a participação em cultos e o engajamento com doutrina professada por determinada fé.

Castells (2001 In: Dalgalarrondo, 2008), também se coaduna-se a tal ponto de vista, o qual significa o que vem a ser religião para o homem comum seria então um atributo da sociedade, próprio da natureza humana. Na opinião do autor, para que possamos seguir na trajetória da vida, necessitamos da fé em um Deus, tenha ele a feição que for. Independente da forma como este Deus é representado, precisamos desta fé para que possamos lhe dar com o medo da morte e as dores que experienciamos durante a vida.

Por sua vez, o termo espiritualidade tem sido costumeiramente utilizado numa perspectiva mais intimista e existencial, direcionada a uma relação intra/inter/transpessoal e direta com Deus ou qualquer outra força superior, a qual não depende de rituais e está relacionada a maneira, os caminhos como se busca a Deus ou a esta força superior.

Do repertório disponível na seara da religiosidade, outros termos também são merecedores de destaque, dentre eles chama-se atenção aos termos mística e misticismo.

Comunica William James (1902/1991 In: Dalgalarrondo, 2008), que a experiência mística faz-se caracterizada pela presença de quatro aspectos, a saber: 1. a inefabilidade; 2. a qualidade noética; 3. a transitoriedade e 4. a passividade.

A inefabilidade, segundo o autor, apesar de não ser facilmente compartilhada, expressa uma qualidade que precisa ser vivenciada, apontando que a experiência mística faz-se apreensível mais por sua negatividade. A noese, a qualidade noética, o aspecto subjetivo da experiência, refere-se à ocorrência de eventos transitórios relacionados a estados de conhecimento não acessíveis ao intelecto discursivo.

Segundo Eliade (1975 In: Dalgalarrondo, 2008) a mística, usualmente, estaria associada aos processos de iniciação postos em prática por indivíduos que desejam transcender à condição humana cotidiana e aproximar-se do sagrado.

Alinhado ao exposto até o presente, acerca da experiência mística, postula-se que esta integra um processo de unificação entre a experiência e aquele que a experimenta, o qual, mesmo de modo passivo, percebe o "encontro" com uma totalidade (Gasper et al. 1990 In: Dalgalarrondo, 2008).

Parte dos mesmos autores a ideia de que a experiência mística não deve ser tomada como uma "supra-religião" ou que sua essência seja comum a todas as religiões concretas, mas sim deve ser entendida à luz de determinado contexto.

Distintos são os tipos de misticismo conforme descreve Suzuki (1961, In: Dalgalarrondo, 2008). Há misticismo racional e irracional; especulativo e oculto; sensível e fantástico. Por conseguinte, a magia estaria relacionada com atos e crenças orientados por objetivos mais específicos e pragmáticos, no âmbito geral, de natureza menos reverente e mais trivial.

Ao longo da história da humanidade, diferentes foram as concepções daquilo que tomamos como sagrado e Deus, chama atenção Dalgalarrondo (2008). Vem da antiguidade, data de Epicuro (341-270 a.C.), a concepção de que a imagem que os homens faziam de Deus não representa o que ele é de fato. Para os desta época, os deuses são seres perfeitos e os humanos trazem em si a marca da imperfeição.

Tal imperfeição, segundo apontavam os antigos, dizem do interesse sobre os limites da experiência humana, caminho sobre qual também se debruçam aqueles que têm fascínio em estudar as religiões e os fenômenos religiosos. Dentre estes limites, a finitude, expressa pelo medo da morte, revela-se enquanto uma experiência mobilizadora do contato com Deus, com o sagrado e com as experiências religiosas.

No tocante às experiências religiosas, no que concerne a literatura científica de base psicológica, encontra-se registro do interesse por tal dimensão desde tempos mais remotos, a exemplo do estudo realizado por Willian James (In: Ávila, 2007) acerca da experiência religiosa, por vezes também tomada sobre a alcunha de misticismo ou experiência mística.

Outros célebres autores, já nos primórdios da ciência psicológica, também demonstraram interesse pela temática. Allport (1972, In: Ávila, 2007) foi um deles. Para o autor a compreensão da experiência religiosa, a qual ele denominava "sentimento religioso", mais se ocupava de um debruçar sobre as atitudes humanas do quê sobre a dimensão afetiva.

Vergote (1975), no estudo intitulado "Psicologia religiosa", tomava a experiência religiosa como o momento inicial da estrutura religiosa, uma experiência de encontro imediato com o Outro, de abertura para o divino. Em "Religião, fé e descrença" (1983) o mesmo autor aponta a existência de diferentes categorias utilizadas na literatura psicológica acerca do tema. Para ele as experiências religiosas podem ter 1) uma natureza estável, de base intuitiva, comumente acessível; 2) podem expressar vivências, quase sempre de caráter afetivo, que têm o poder de

alterar, mesmo que momentaneamente, o indivíduo; 3) podem resultar de contatos interpessoais prolongados; 4) iluminações místicas que expressam o ápice de dado processo e 5) o experienciar de visões e revelações privadas (Ávila, 2007).

Para Ávila (2007), a experiência religiosa é uma forma de experiência imediata e intuitiva de algo ou alguém que me transcende, seja de forma pontual ou relativamente estável no ciclo da vida do indivíduo, podendo esta cristalizar-se como uma vivência religiosa plena ou não.

Segundo tal autor, inicialmente, a experiência religiosa pode apresentar o experienciar de episódios de iluminação ou emoção, todavia, esta não se restringe ao vivenciar destes fenômenos, uma vez que a referida natureza de experiência articula-se num dado sistema de significação. Nestes termos, reitera o autor, a experiência religiosa deve ser entendida como um primeiro momento não temporal, de caráter existencial, que legitima e atribui credibilidade às manifestações religiosas, por outros de denominada fé.

Todavia, prossegue questionando o autor, acerca da natureza e da qualidade das manifestações que são experienciadas pelo indivíduo. Para ele estas seriam frutos de religiosidades motivadas pela experiência religiosa de caráter relacional, que oportuniza a experiência de encontro e não aquelas religiosidades rotineiras, aprendidas ou vazias de sentido.

Definir o que vem a ser a experiência religiosa não foi algo fácil para psicologia. Ávila (2007) apresenta duas razões para tanto. A primeira delas diz respeito à dificuldade de precisar e observar tal experiência, fato pelo qual se torna difícil indicar, precisamente, onde termina a experiência religiosa. Outra razão funda-se na suposição da presença de uma realidade última, que, ao passo que extrapola os limites da ciência, também corre o risco de ser confundida com projeções subjetivas, a exemplo de desejos, fantasias ou delírios. Tal razão faz pensar, segundo James ou Boisen (In: Ávila, 2007), que não é a natureza da experiência que a define como religiosa, mas sim os seus resultados.

Nesta breve introdução faz-se possível perceber que a experiência religiosa não deve ser tomada como um fenômeno singular, mas sim como uma realidade plural, complexa e multifacetada. Contudo, faz-se mister refletir acerca desta, a fim de saber se há, ou não, um centro comum que referenda tamanha pluralidade, bem como se articulam os critérios que servem à sua identificação e classificação.

Na opinião de Stace (1960), há sim um centro comum na compreensão da experiência religiosa. Para o referido autor, esta experiência apresenta um caráter universal idêntico em termos fenomenológicos, apesar de suas distintas interpretações, com base nas diferentes ideologias e religiões, lhes servirem de sustentação (Ávila, 2007).

Posição contrária é defendida por Katz (1977, In: Ávila, 2007) e Velasco (1999 In: Ávila, 2007), os quais advogam que não há comunalidade nas experiências religiosas. Para os autores, estas seriam regidas por diferenças marcantes entre pessoas e religiões que expressariam realidades por demais distintas. Tal posicionamento fora denominado "teoria da diversidade".

Segundo Ávila (2007), a discussão em pauta encontra-se situada na polaridade, comunalidade ou diversidade da experiência religiosa. Diante desta diversidade religiosa, Söderblom (1966, In: Ávila, 2007) propõe uma tipologia de religiões, de caráter complementar, como também classificatória e fenomenológica, tipologia esta que se organiza em dois grandes campos: o profético e o místico.

O campo das religiões proféticas destaca o predomínio das dimensões éticas, as quais pressupõem uma compreensão de Deus, eminentemente, paterna, à luz das teorias psicanalíticas (Fromm, 1974; Sovernigo, 1990; Spinks, 1963 e Vergote, 1975, In: Ávila, 2007). Nestes termos, a religião é vivenciada como uma forma de *chamado* e *missão*.

Por sua vez, o campo das religiões místicas orienta-se pelo desejo de *comunhão* com o divino, materializando uma compreensão materna e afetiva de Deus (Ávila, 2007). Todavia, não

é apenas na base experiencial e fenomenológica que se sustenta a experiência religiosa. Levando a cabo a tese da pluralidade de tal experiência, faz-se oportuno tecer algumas considerações sobre os fundamentos neurobiológicos da experiência religiosa.

Com o advento dos avanços da neurologia e da biologia, no século XX, abriu-se um leque de estudos a respeito da base biológica de experiência religiosa (Wood et al., 1996 e Wulf, 1991, In: Ávila, 2007), estudos estes que versaram, de modo geral, sobre os aspectos neurofisiológicos desta na relação com os hemisférios direito (responsável pelas respostas emocionais, capacidade visual, espacial, etc) e esquerdo (ênfase na racionalidade, lógica, etc).

Com acento nesta perspectiva, um grupo de pesquisadores imprimiu esforços a fim de identificar a localização cerebral da experiência religiosa, a qual fora identificada como uma capacidade normal do hemisfério direito.

Jaynes (1976, In: Ávila, 2007), todavia, buscou articular a base biológica da experiência religiosa com os fatores culturais. Para o autor, o funcionamento dos hemisférios cerebrais nos primeiros humanos se dava de modo particular, o qual resultará em dada falta de interconexão entre tais hemisférios. Desta monta, supunha que as pessoas se comportavam de modo inconsciente, obedecendo ao que os "Deuses" lhes ordenavam. Contudo, tais ordens advinham não de uma divindade, mas sim de suas mentes, mais especificamente, do hemisfério direito delas.

De certo, neste contexto, o hemisfério esquerdo não permanecia inerte. No entanto, se ocupava de tentar articular e criar um repertório de sentido e significado das experiências vivenciadas pelo hemisfério oposto.

Com a evolução da espécie, especula Jaynes, a dupla consciência tornou-se ínfima, quando não inexistente, dando espaço a uma natureza de consciência mais racional, comum à consciência moderna.

Mesmo que fortemente especulativa, a perspectiva apresentada representa um esforço em enlaçar a experiência religiosa à base neurofisiológica. No entanto, carece de empiria e peca por reduzir as experiências religiosas a estruturas e funcionamentos neuroanatomicos.

A despeito deste posicionamento, Swedenorg e Jung (In: Ávila, 2007) apontam que a relação harmoniosa entre os dois hemisférios seria importante para uma compreensão mais ampla de seus desenvolvimentos. Deste modo, ambos, e não apenas um deles, estariam implicados no funcionamento cerebral e, em alguma medida, contribuiriam com a experiência religiosa, evitando interpretações unilaterais e simplistas acerca da compreensão de fenômeno tão complexo.

Para além das bases neurofisiológicas, a experiência religiosa também pode ser tomada enquanto uma experiência de natureza mística. Todavia, a terminologia "mística" não tem sido aplicada, exclusivamente, ao âmbito religioso, mas também ao campo do conhecimento experiencial, nas formas da mística natural e do misticismo profano (Cf. Zaehner, 1978. In: Ávila, 2007).

De procedência grega, a expressão "mística", conforme destaca Martin Velasco (1999, In: Ávila. 2007), significa fechar os olhos. Contudo, não implica num fechar de olhos que desconecte a pessoa da realidade, mas sim como uma forma de não se ludibriar pelas armadilhas sensoriais comuns à apreensão imediatista da realidade.

Trata-se de um *modus operante* que proporcione maior profundeza no contato com a realidade, criando uma atmosfera de mais comunhão e menos distanciamento. Nas palavras de Velasco, é uma tentativa de escuta da própria profundidade do ser.

De natureza mais experiencial do que sensorial, a experiência mística apresenta diferentes características, as quais foram sumariadas a fim de garantir maior clareza à sua compreensão,

perfazendo um total de sete características, a saber: a vivência da comunhão; inefabilidade; iluminação; valor; autoridade; passividade e a universalidade (Cf. Ávila, 2007).

A vivência da comunhão diz respeito a uma experiência de encontro, de revelação de algo alheio ao indivíduo e de sua união com ele. Já a inefabilidade, embora expressa de forma negativa, segundo James (In: Ávila, 2007), é o sinal mais evidente para se chamar de místico um estado mental. haja vista sua natureza indescritível, complexa e intensa. Por sua vez, a característica da iluminação compreende vivências de revelações plenas de significado e de importância que resultam na comunhão íntima com a verdade as quais não podem ser tomadas pelas vias da racionalidade.

A característica do valor aponta para a existência da experiência mística enquanto fim e não como um meio, característica esta que expressa uma forma de refutação à afirmação de que a vida carece de sentido. A evidência de sentido de autoridade absoluta para aqueles que a vivenciaram, ainda segundo James, é o que particulariza a característica da autoridade.

A passividade, apesar de menos relevante que as demais, é uma característica descrita como constituinte da experiência mística. Tal experiência conduz o indivíduo a uma condição de maior passividade e receptividade que quando em situações ordinárias. Esta compreende uma forma de consciência que anula a vontade do indivíduo, como se ele fosse tomado por uma força superior (James, 1986. In: Ávila, 2007).

Por fim, a característica da universalidade. De modo não exclusivo da experiência mística, esta compreende uma forma de se referir a todas as religiões e a todos os saberes a estas relacionados.

Dada a apresentação das características supracitadas, faz-se relevante pontuar que as experiências místicas apresentam uma tipologia que não encontra esteio na experiência comum. De natureza por demais diversa, tais experiências têm sido abordadas por diferentes teóricos em

distintas perspectivas, com o intuito de levantar critérios classificatórios capazes de gerar alguma sorte de tipologias.

Nestes termos, Inge (In: Ávila, 2007) propõe uma distinção entre três tipos de experiência mística: um de ordem especulativa (neoplatônica); outro de ordem prática, que busca Deus na vida; e, por fim, um que trate da mística da natureza, que vê Deus em todas as coisas. Tal autor também propõe a divisão das experiências místicas em dois campos: o religioso e o profano.

Na tradição da psicologia da religião, a tipologia proposta por Stace (1960, In: Ávila, 2007), revela-se mais adequada à compreensão da experiência mística. Para o autor em questão, existem apenas duas formas de experiência mística, uma extrovertida e outra introvertida. Esta expressa uma experiência de unidade vazia de conteúdo, concebida como a pura consciência, o que o autor chama de experiência do "nada". Já a experiência mística na forma da extroversão, em oposição à forma introvertida, compreende a totalidade da percepção dos objetos.

Todavia, as formas de experiência mística não implicam, necessariamente, na adoção de uma atitude religiosa. O presente questionamento, outrora do interesse de Maslow (In: Ávila, 2007), encontra-se expresso na obra "A personalidade criadora".

Para o referido autor, não é suficiente aspirar a experiências místicas pontuais, mas sim alcançar um repertório de atitudes estáveis que possibilitem apontar a existência de uma genuína maturidade religiosa.

Nestes termos, Maslow apresenta três condições que permitem uma vivência mística. A primeira delas refere-se, desde os primórdios da vida, à presença de uma experiência de aceitação e de felicidade. Para tanto, é necessário que o indivíduo tenha vivenciado uma experiência positiva de segurança e de amor, especialmente, no tocante à qualidade da relação deste com as figuras parentais, tornando-se esta a condição para a vivência salutar da experiência religiosa (Fromm, 1974; Vergote, 1975. In: Ávila, 2007).

A condição seguinte trata da posse de uma capacidade intelectual que permita a abertura ao conhecimento do mistério, sem reduzi-lo a categorias humanas, capacidade esta que oportunizará a consciência da inefabilidade de Deus, bem como a insuficiência das categorias humanas para expressá-lo. A terceira condição compreende o exercício da vontade, o qual corrobora com a arquitetura de uma forma de ser que responda adequadamente à experiência inicial obtida.

No tocante às etapas do desenvolvimento da experiência mística, Ávila (2007) aponta que as condições supracitadas se apresentam em duas etapas, uma chamada de *ativa* ou de *purificação* e outra *passiva* ou de *iluminação*.

As considerações em tela são esquadrinhadas pela psicologia da religião a partir das respostas dos indivíduos acerca das vivências em questão, respostas estas, outrora catalogadas por James (In: Ávila, 2007), as quais serviram à comparação dos comportamentos e atitudes dentre aqueles que não manifestaram e manifestaram experiências religiosas, no intuito de evidenciar os efeitos, sejam estes, imediatos ou duradouros, cuja incidência se dá por período igual ou superior a seis meses.

Na etapa *ativa,* faz-se mais grave a dimensão da vontade. Para tanto, é necessário que o indivíduo possa dar conta do instanciamento de um processo autoatentivo, o qual será levado a termo, a partir da utilização de exercícios de uma dupla ordem: alguns dirigidos ao silêncio e outros para o comportamento e para a ética. No âmbito geral, tais exercícios têm sido cultivados, tanto no mundo oriental quanto no ocidental, de três formas distintas: uma que diz respeito ao corpo e sua postura; os relativos ao apaziguamento da personalidade e os com ênfase na atenção.

O primeiro dos exercícios, o qual foca atenção no corpo, apresenta consideráveis diferenças filosóficas. A partir de uma perspectiva oriental, há o interesse em perseguir o centro unificador da personalidade, lócus de plenitude e totalidade, o qual, segundo o autor, situa-se na região do baixo ventre.

Para os ocidentais, o acento reside no acalanto das ideias platônicas de que o corpo é um "problema", um peso, um estorvo que está a serviço das paixões e dos instintos, prestando-se ao aprisionamento da alma, ou seja, das dimensões mais espirituais do homem.

O exercício seguinte refere-se ao apaziguamento interior. Neste observa-se a importância do ritmo respiratório para obtenção do estado de apaziguamento o qual, nestes termos, seria alcançado a partir da adoção de exercícios respiratórios que migrariam da forma de respiração clavicular para outra do tipo abdominal.

O último dos exercícios são aqueles com ênfase na atenção. A aplicação deste dar-se-ia por intermédio do foco em um ponto específico, seja este de caráter visual ou auditivo, a fim de dar sustentação a diferentes formas de meditação, tanto com base em textos sagrados quanto em fatos da vida.

Tais exercícios seriam então elementos que colaborariam com os processos de purificação, estimulando o trânsito entre a superficialidade e a "mesmidade" da personalidade, contribuindo com a incursão em camadas mais profundadas desta estrutura. Nesta etapa a pessoa é confrontada com as vicissitudes de sua própria história e, apenas quando for capaz de apaziguá-las, estará apta à etapa seguinte do crescimento religioso: a iluminação.

Conhecida como etapa passiva, ou de iluminação, esta se refere a um processo de

comunhão com a realidade última que revela neste encontro a força para a transformação e a plenitude das pessoas. Costumeiramente, a iluminação tem sido estudada a partir dos relatos autobiográficos dos sacerdotes de diferentes tradições religiosas, como também, desde longa data, tem se mostrado objeto de interesse da psicologia da religião, conforme apontava James (In: Ávila, 2007), em estudos sobre os comportamentos e as atitudes dos sujeitos que vivenciaram experiências religiosas, a exemplo do humor positivo e a vivência de felicidade.

Outros elementos relevantes presentes no campo semântico da religiosidade são as expressões fé e crença. Esta compreende certa filiação àquilo que parece ou pode ser verdadeiro. Por conseguinte, a fé, em especial a fé religiosa, conforme aponta Jolivet (1967 In: Dalgalarrondo, 2008), abarca a dimensão do sobrenatural, extrapolando a inteligibilidade humana e cerrando os olhos para verificação empírica.

Contrária a razão, a concepção de fé religiosa defendida por Kiekegaard (In: Dalgalarrondo, 2008) destaca a "incerteza objetiva" do crer como seu elemento essencial. Em harmonia com Kirsch (2004 In: Dalgalarrondo, 2008), o constructo crença, para muitos antropólogos, corresponde à expressão "visão de mundo" o que, nas palavras do autor, transforma a crença na "menor unidade da cultura", no tocante a uma atitude mental e emocional relativamente duradoura, que regula as práxis sociais e a apreensão das experiências no percurso da vida.

Nos dias de hoje, o pensamento em voga acerca do fenômeno religioso e da religião mostra que esta está a serviço das pessoas, a fim de suplantar suas angústias e anseios. Atualmente, adverte Giovanetti (2004), as pessoas estariam muito mais interessadas em vivenciar suas experiências particulares com o divino do quê se esforçar por decifra-lhe, o que revela uma dinâmica de vida cuja predominância reside numa forma de religião vivida e não institucional.

Esta nova forma de relação com o religioso, não apaga a religião tradicional da vida contemporânea em si, mas a submete a transformações que apontam para o surgimento de outra religiosidade fruto do convívio de duas diferentes formas de manifestação religiosa: a religião externa (tradicional) e a religião interna (individualista) (Giovanetti, 2004).

Diante do exposto até o presente, é à luz de uma religiosidade enraizada numa perspectiva individualizante da experiência religiosa, que se transmuta conforme a cena sócio-histórica que a permeia, bem como, mediante a interface desta com os aspectos anatomofisiológicos, em

especial de acento neurológico, culturais e, sobretudo, fenomenológicos, mais do quê com a frequência a instituição religiosa em si, que se busca pensar o problema de pesquisa do presente estudo de tese, o qual compreende identificar como se estrutura a autoatratividade ao longo da vida e como esta se articula com a dimensão religiosa, assim como revelar como tal estrutura é experienciada no fluxo da experiência interna dos participantes.

A questão do enlace entre religiosidade e o ciclo vital encontra esteio nos estudos realizados por Levenson, R. et al. (2005) sobre "O Desenvolvimento Religioso da Adolescência ao Adulto de Meia Idade" ("Religions Development from Adolescence to Middlle Adulthood"); e por McFadden, H. Susan (2005), intitulado "Pontos de Conexão: Gerontologia e Psicologia da Religião" ("Points of Connection: Gerontology and the Psychology of Religion"), ambos oriundos do Handbook of the Psychology of Religion and Spirituality, editado por Palouitzan, F. et al. (2005). Neste estudo a autora aborda a questão do quão a longevidade humana tem impactado, significativamente, os estudos sobre religião e psicologia. Prossegue destacando que as pessoas idosas, costumeiramente, apresentam índices elevados de religiosidade, em comparação a outros segmentos etários, e que estes recebem das organizações religiosas as quais estão vinculados, considerável apoio psicológico. Para tanto, realiza uma revisão dos estudos sobre envelhecimento e religião nas duas últimas décadas do século XX. Destaca ainda que estes foram, em sua maioria, realizados por sociólogos da religião, que devotaram pouca atenção a disciplinas psicológicas básicas, a exemplo da psicologia cognitiva do envelhecimento na tardia vida emocional.

O grupo de pesquisadores que abordaram o segmento etário da adolescência chamam atenção a importância da religiosidade no desenvolvimento das pessoas, todavia, salientam a pouco atenção que tem sido prestada aos adolescentes e jovens adultos quando da investigação de dimensão de tamanha relevância. Neste sentido, o coletivo de pesquisadores revisa a literatura sobre adolescência e adultez, a fim de expor o quão, teoricamente, fragmentado, tem sido este

campo de investigação. Findam por frisar a relevância em observar o futuro do compromisso religioso atentando para a religiosidade dos adolescentes nos dias de hoje.

Outro tema que merece destaque a fim de estabelecer uma interface com a dimensão religiosa, refere-se à questão da orientação sexual, em especial, no âmbito das orientações sexuais de natureza homoafetiva. Não raro o enlace entre ambas as dimensões tem posto em pauta temas como homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas (Natividade, Marcelo; 2006); igrejas inclusivas (Natividade, Marcelo; 2010); sobre as percepções e ações das lideranças judaicas a frente das reivindicações LGBTS (Machado, L. B. & Piccolo, 2010); como também sobre juventude religiosa, promoção de saúde e direitos sexuais e reprodutivos (Silva, C. et al., 2013).

No tocante ao presente estudo de tese, com base no problema de pesquisa que visa identificar o que venha a ser um padrão de autoatratividade, assim como os formatos e a dinâmica que estes apresentam no continuo da experiência interna dos participantes, observa-se que os resultados da análise fatorial dos dados coletados por intermédio do conjunto de medidas psicométricas utilizadas na segunda etapa da coleta, em especial na aplicação dos instrumentos de aferição da religiosidade geral; do bem estar subjetivo; do rastreamento de depressão e da autoatratividade, apontam que os sujeitos que apresentaram altos índices de religiosidade geral são menos vulneráveis aos impactos danosos advindos dos padrões de atratividade, em especial quando no estágio da adultez e da velhice, uma vez que tais sujeitos encontram na religião e/ou na experiência religiosa, uma rede psicológica como apoio para manter a harmonia do self no tocante aos processos autoavaliativos.

Capítulo 7: Sobre Sexo, Orientação Sexual e Atratividade

Dimensão central da subjetividade humana, a sexualidade, de longa data, tem sido investigada por diferentes campos de produção do conhecimento científico. A fim de reunir esforços para pensar o que vem a ser tal dimensão, como ela se estrutura e se caracteriza ao longo da história da humanidade, o presente capítulo, ancorado no objetivo do estudo de tese em questão, o qual compreende a identificação dos padrões de atratividade, como estes são representados no fluxo da experiência interna e articulados com processos autoavaliativos de atratividade autopercebida, autofocalização, autoestima, bem estar, humor depressivo e religiosidade, ao longo do ciclo vital de homens e mulheres de residentes na Região Metropolitana do Recife e na cidade de Lisboa, Portugal, se funda na hipótese de que pessoas de diferentes sexos e orientações sexuais, em especial as de natureza heterossexual e a homossexual, seriam impactadas de modo particular pela representação dos padrões de atratividade ao longo do ciclo vital.

Neste sentido, no intuito de refletir sobre a amplitude dos caminhos pelos quais a sexualidade humana tem construído seu repertório de sentido e significado, aqui parte-se da discussão sobre os sexos fisiológicos e sociais e os papéis a estes atrelados, a exemplo dos estudos sobre sexo e temperamento realizados por Margareth Mead, sob o título homônimo, no ano de 1935 (In: Mead, 2000) e outro intitulado Macho e Fêmea (1949).

A partir deste, inaugura-se uma forma de pensar a sexualidade que não mais se sustenta na tese de que a diferença no comportamento dos dois sexos se dá, exclusivamente, no âmbito anatomo-fisiológico, haja vista que cada cultura forja os papéis sociais necessários à constituição do ser homem e do ser mulher.

Ao definir os atributos que compreendem a cena masculina e a feminina, a sociedade em escrutínio levanta diversas e específicas expectativas a cada um dos sexos, as quais

passam a ser observadas, perseguidas e, quando preciso, corrigidas e por que não dizer "tratadas", ou melhor "curadas", para ser mais fiel a atual conjuntura política do Brasil, conjuntura esta que, bem recentemente, tem pautado o debate sobre a "cura gay" e o "estatuto da família", cujo entendimento, da representação política que sai em sua defesa, diferentemente do que tem apontado amplamente a literatura científica em voga, entende por família, única e exclusivamente, aquelas unidades constituídas por pai, mãe e filho(s), excluindo todos os possíveis arranjos existentes, ponto este, por ora, aprovado em primeira instância, na câmara dos deputados federais.

A fim de dirimir o desconforto experimentado pela não adequação às expectativas associadas a cada um dos sexos, este se tornaria passível de explicação por intermédio de argumentos "naturalizantes" dos comportamentos sexuais, argumentos estes, não raro, operados mais por vias biológicas e psicológicas, do que sociais.

Mais recentemente, Vance (1989 In: Viana, 2010) com base na perspectiva sócio-construcionista da sexualidade, sugere que devemos reconhecer que muitas vezes também os cientistas sociais, ainda que digam fundar suas abordagens teóricas no princípio da construção social da sexualidade, tem, muitas vezes, criado um pensar a respeito da sexualidade em caminhos fortemente essencialistas, dentre os quais aqui serão citados dois: a instabilidade da sexualidade como categoria e o papel do corpo.

No que tange a instabilidade da sexualidade como categoria, é possível, em linhas gerais, questionar como autores em geral consideram como práticas sexuais aquilo que é assim considerado no âmbito da própria cultura de origem. Assim, muitos construcionistas sociais assumem, talvez pela busca da "tranquilidade" de critérios mais concretos, que comportamentos e relações físicas específicas, geralmente inerentes às partes genitais do corpo anatomo-fisiológico, são realmente entendidos como sexual, mesmo se eles ocorram em diferentes regiões, períodos históricos ou culturais. (Viana, 2010).

Outro caminho refere-se ao lugar do corpo nas teorias sobre sexualidade. Nesta seara, ao centro da problemática residiria em trabalhar com a dialética natureza/cultura que transpassa, não apenas as teorias sobre sexualidade em si, mas, de modo mais amplo, as Ciências Humanas. Nesse sentido, Vance (1989) aponta para o binômio corpo/cultura como uma dimensão inaugural dos fenômenos humanos, cuja, ainda hoje, se mantêm o desafio, de por ambas em diálogo, a fim de constituir análises mais esclarecedoras sobre a sexualidade humana.

Nestes termos, no afã de problematizar (e libertar) categorias sociais-sexuais do essencialismo (ideológico) que as localiza e subjugam, os teóricos deixam de discutir as dimensões oganísmicas dos fenômenos sexuais. Parece claro, então, que o incômodo experimentado por essa "escapulida do corpo" tem origem numa perspectiva que receia perder o espaço conquistado (político e teórico) com a ênfase na construção, abdicando, portanto, da materialidade do corpo anatomico-fisiológico (Viana, 2010).

Também se coaduna com esta discussão entre corpo-cultura-sexualidade, olhares advindos do campo da sexologia. Kinsey (1948, In: Robinson, 1977), um dos mais proeminentes sexólogos modernos, defende a tese de que, no campo da sexualidade, como em outros distintos, e a este correlacionados, a variabilidade humana é uma realidade da natureza e não um desvio em relação a uma norma determinada, destacando que, neste sentido, os conceitos largamente utilizados na classificação daquilo que venha a ser tomado como da ordem do sexual, não são realidades em si, expressam, antes disso, construções históricas contextualizadas.

Tal ponto de vista não se restringe, apenas, ao espectro da sexologia, tornando-se compartilhado por outros segmentos teóricos comuns a distintos campos de produção do conhecimento científico.

No âmbito da psicologia cognitiva, os estudos sobre autoesquema de gênero, na forma como tem sido apresentado por Markus (1977), representa um caminho para a compreensão de construtos sócio-culturais de tamanha relevância: a feminilidade e a masculinidade. A referida autora, ao assumir uma posição bidimensional acerca de tais construtos, considera que estes apresentam uma natureza multidimensional, ortogonal e independente entre si, diferente da visão unidirecional, a qual vigorava nos anos 30 do século passado, a qual concebia feminilidade e masculinidade como pólos opostos de um continuun, com forte adesão à diferenciação anatomo-fisiológica dos corpos.

Para Markus (1977), segundo aponta Giovani e Tamayo (2000/2005), os autoesquemas de gênero, compreendem esquemas cognitivos, os quais, costumeiramente, têm a capacidade de explicar a organização complexa de conhecimentos. Tais esquemas tratam-se de um agrupamento estruturado de conceitos, quase sempre de natureza genérica, cuja utilização se presta à representação de uma sorte de coisas, eventos, situações, objetos e pessoas no mundo.

Uma vez estruturados, os esquemas funcionam como uma espécie de lente que retem e organiza informações sintonizadas com a estrutura de dado esquema, criando um padrão o qual servirá de referência a julgamentos futuros acerca do próprio self, preciosos a suas autodescrições. Neste sentido, do autoconceito é de onde parte a teoria do autoesquema, concebendo os esquemas de gênero como parte deste, resultantes da estruturação de conceitos, teorias, valores e experiências que a pessoa obtém ao longo da vida (Giovani & Tamayo, 2005).

Nestes termos, Markus e colaboradores (1982 In: Giovani & Tamayo, 2005) destacam que as pessoas seriam então agrupadas em quatro grupos tipológicos de gênero: os esquemáticos masculinos; os esquemáticos femininos; os esquemáticos masculinos e

femininos e os aesquemáticos. Os dois primeiros compreendem o conjunto de estruturas cognitivas que representam, de modo particularizado, os padrões de masculinidade e feminilidade, respectivamente. O agrupamento seguinte, diz respeito àquelas pessoas que, ao mesmo tempo, compartilham características de ambos os padrões, e, por fim, o grupo denominado como não esquemático, o qual não espelha as características de quaisquer dos gêneros.

No campo das ciências sociais, tamanha ideia é endossada pela historiadora brasileira Maria Luiza Heilbron (1996), a qual reitera que nenhum dos termos aplicados ao sujeito ou a seara do sexual dizem respeito ao funcionamento de realidades permanentes, descoladas de um contexto sócio histórico no qual e pelo qual são definidos.

Segundo a filosofia mais contemporânea, com base em Foucault (1976), a palavra sexo aglutinou, artificialmente, elementos anatômicos, funções biológicas, condutas, sensações e prazeres. Assim, tanto a homossexualidade quanto a heterossexualidade tornar-se-iam banais identidades socioculturais que condicionam nosso *modus operanti* de viver, sentir, pensar, amar, sofrer, etc., e não uma ordem genérica da diferença entre os sexos.

A partir de um ponto de vista mais sócio-histórico, Sedgwick (1990) destaca que não existe uma essência da sexualidade, o que existe é uma sorte de coisas e eventos que a linguagem prosaica anui em chamar de sexo, ou seja, sexo, nas sociedades contemporâneas, possui duas características básicas: a de que é separado das condutas sexuais das pessoas e a de que o ser humano é, naturalmente, dividido em dois grupos: o sexo do homem e o sexo da mulher. Porém, esta concepção de sexo, com alicerce na teoria da bissexualidade original, é um produto histórico moderadamente recente.

No mundo ocidental, até o século XVIII, imperava uma ideia de sexualidade a partir do entendimento de que os fenômenos do universo eram tomados como signos aparentes de

formas essenciais. Assim, a concepção científica da sexualidade era a do *one-sex model*: na economia sexual vigente, com base no conceito de bissexualidade que tanto fundamenta a ideia de heterossexualidade como da homossexualidade, a mulher era entendida como sendo um homem invertido e inferior. Em respeito a esta perspectiva, do ponto de vista científico, havia apenas um único sexo traduzido no corpo do homem (Laquer, 2001).

Tal assertiva, não implicou no estabelecimento das diferenças entre homens e mulheres as quais foram definidas por outros atributos que não os da ordem do sexual. Neste sentido, tamanha diferença passou a ser explicada através da operação de papéis sociais e culturais distintos e não pela diferença originária dos sexos.

Por volta do final do século XVIII e início do século XIX, destaca Laquer (1992), sob a influência da revolução burguesa e do pensamento iluminista, a realidade social, bem como a percepção médica e científica da anatomia da mulher se transfigura. Com a instalação de uma nova ordem política, as diferenças entre homens e mulheres passaram a ser pensadas em termos de oposição, surgindo daí o modelo do *two-sex model*, o qual parte da aurora da existência de um dimorfismo radical e original da sexualidade.

Neste sentido, chama atenção Albuquerque (1987 In: Laquer, 2001), o sexo da divisão bipolar passa agora a justificar e impor diferenças morais aos comportamentos femininos e masculinos, conforme os interesses da sociedade burguesa, capitalista e individualista. No regime sexual, com base no formato inicial, o *one-sex model*, as mulheres eram consideradas desiguais e inferiores aos homens; com o advento do iluminismo e da revolução burguesa, a mulher tornou-se, a princípio, igual ao homem perante a lei, haja vista que ambos, homens e mulheres, tratavam-se de seres portadores de racionalidade.

Em virtude do incomodo causado pela igualdade jurídica e política entre homens e mulheres, preferiu-se designar os corpos com a diferença de sexos, fazendo-se instalar a desigualdade e a oposição. Neste contexto, a teoria científica despontava, a partir do interesse de filósofos, moralistas e políticos, com o intuito de encontrar um critério natural para justificar a inferioridade político-jurídico-moral da mulher.

Outro aspecto relevante nesta discussão diz respeito ao conflito entre as esferas do público e do privado. A resolução da celeuma residiu em transformar a mulher em signo da fragilidade da vida privada e familiar, família que passou a assumir o cerne do Estado burguês, enquanto que o homem se mantinha no âmbito do domínio público e da política.

Greenberg (1988) se coaduna com o pensamento exposto no parágrafo anterior, ao postular que a constância da dominação do homem, face às aspirações igualitárias das mulheres, resultava do fato de que os homens eram dotados de qualidades que os distinguiam, particularmente, das mulheres. Assim, fez-se necessário manter a vigilância sobre aqueles homens que não manifestassem as ditas qualidades, dentre estes os homossexuais, bem como as mulheres que as representassem. Ou seja, nota-se que a dominação masculina dependia da recusa da feminilidade.

Com o advento da bissexualização dos corpos, observa-se que o psiquismo também se tornou bissexualizado. Se na ordem do *one-sex model*, a mulher era um homem invertido e inferior, mas importante à reprodução da espécie, na medida em que ela se torna o inverso complementar do homem, quando da ocasião do *two-sex model*, a categoria de inversão, por ora concebida como antinatural e perversa, recai sobre os sujeitos homossexuais.

A partir desta concepção é que aqueles, sobre a alcunha de homossexual, juntamente a toda sorte de “perversos”, passaram a ser objeto do escrutínio da ciência, uma vez que se

tornaram uma grave ameaça à família, à raça e à sociedade. Neste momento se dá a divisão dos sujeitos em tipos heterossexuais e homossexuais (Foucault, 1976).

Desta feita, consoante a Barcelos (1998), a versatilidade da sexualidade humana submeteu-se a categorias dualistas estáticas, tais como mulher e homem, heterossexual e homossexual, certo e errado, normal e anormal.

A esta versatilidade fora acrescida e destacada a utilização dos conceitos de instinto sexual, degeneração e evolucionismo, os quais, para a medicina do século XIX, serviram de combustível para justificação científica da moral burguesa da época (Maya, 2003).

Afinado a este pensamento, a homossexualidade seria então, inicialmente, definida como uma perversão do instinto sexual ocasionada pela degenerescência de seus agentes assumindo, posteriormente, o status de atraso evolutivo ou mesmo uma espécie de retardo psicológico, o qual se manifestava pelo funcionamento feminino do homem. Isto posto, emergia, neste momento, o clã dos degenerados instintivos, do qual faziam parte todos aqueles que apresentassem comportamentos subversivos a ordem moral vigente, e a partir desta, o estabelecimento de um conjunto de crenças sexuais civilizadas (Greenberg, 1988).

A partir do século XIX, a sexualidade tornou-se a chave da individualidade. O discurso médico transformou os comportamentos sexuais em identidades sexuais e o sexo tornou-se a última verdade do ser.

Na mesma linha de raciocínio, Heilbron (1996) defende que, na cultura ocidental contemporânea, a questão da identidade sexual tornou-se um tema fulcral para a constituição da identidade social dos indivíduos, daí o temor e o interesse disseminado por compreendê-la.

Para além da problemática da identidade sexual, identifica-se a presença de outro aspecto precioso a discussão: temática do gênero. Segundo a versão digital do Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, gênero é uma categoria que indica, por meio de desinências, uma divisão dos nomes em critérios, tais como sexo e associações psicológicas. Há gênero masculino, feminino e neutro, porém, é importante lembrar que gênero, em ciências humanas, é um conceito que há muito transcende os limites linguísticos e gramaticais do idioma.

Para além do pragmatismo gráfico e gramatical, avançando no âmbito das ciências humanas e sociais, a compreensão do conceito de gênero, a princípio, versava sobre explicações universais e simplistas que, em certa medida, empobreceram sua complexidade.

Nesta perspectiva, gênero por muito tempo foi visto como sinônimo de "mulheres", pensamento que, não raro, ainda mantêm sua influência nos dias de hoje, quando deveria ser entendido como uma categoria social, uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de ambos os sexos, segundo Scott (1991).

Ao pensar na construção desta identidade de gênero, se faz interessante considerar as interpretações que partem da premissa da diferenciação anatômica entre os sexos, uma vez que este adendo ainda funciona como condição interpretativa, como a base que estrutura a feminilidade e a masculinidade em nossa sociedade, fazendo do corpo o lócus de aprendizagem e vitrine do que é ser homem e ser mulher, reforçada pelas e nas instituições que validam os modelos convencionais de gênero.

Em “Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade” Almeida (2000), traça, em dada altura dos capítulos teóricos, um panorama do pensamento antropológico acerca dos estudos de gênero, antes mesmo do impacto que as teorias feministas acarretaram à temática.

A respeito da espécie humana na crença originária do mito fundador, há um registro que circunscreve uma relação hierárquica entre homem e mulher, onde esta se encontra subordinada ao seu oposto, o homem, subordinação tal, decretada, em certa medida, devido à função reprodutiva da mulher. Por sua vez, o homem, apesar de "superior", é condenado ao sacrifício do trabalho, da transformação da natureza por ter sido fraco diante dos apelos de sua parte feminina, diz o autor referenciado.

Nesta perspectiva, torna-se clara a ideia de que a sociedade, desde os tempos mais remotos, encontra na divisão sexual, o que mais recentemente tem se tratado por gênero, um dos pilares para sua configuração. Para tanto, basta observar que as mudanças mais significativas na sociedade moderna, no tocante ao campo dos estudos sobre sexualidade e gênero, foram, equitativamente, transformações na análise do corpo, do sexo, da reprodução da identidade individual e das emoções, resultantes, sobremaneira, da substituição da igreja pelo Estado laico, e desse pela ciência, com o intuito de explicar o mundo (Almeida, 2000).

Ao tomarmos o gênero como uma elaboração cultural do sexo, encontramos neste argumento, o qual invoca o determinismo cultural ao campo da sexualidade, a tese útil à percepção de que ser homem, ou ser mulher, vai além da identificação dos caracteres sexuais/biológicos que ocupam, espera-se, corpos possuidores de pênis e corpos possuidores de vagina, alcançando os meandros de uma constante construção social.

Partindo desta premissa, pensar o que é ser homem, como também o que é ser mulher, não mais deve estar descolado da análise dos requisitos socioculturais do lugar de onde se faz esta pergunta. Para saber o que faz de um indivíduo do sexo masculino um homem, e outro, do sexo feminino, uma mulher, é preciso perceber quais requisitos se faz presentes, considerando que estes, nem sempre, pousam ao nível da materialidade do corpo. É comum

que estes transbordem a corporalidade alcançando diversos níveis, como o social, a família, o trabalho, a classe, idade, linguagem verbal e gestual, dentre outros (Almeida, 2000).

Observando o exposto até o presente, não resta dúvida do quanto o gênero é uma área de estudos transdisciplinar, relativamente recente e por demais complexa. Segundo Almeida (2000), seria ele, o gênero, a "última fronteira" de reflexividade crítica nas ciências sociais, o qual, ao passo que serve a constituição de identidades pessoais e sociais, não se destina à criação de grupos sociais, mas sim de categorias.

Em suma, falar de gênero é mais que pensar um lugar, é refletir a respeito de uma relação. Toma-se demasiadamente comprometedor, tanto para homens quanto para mulheres, entender, interpretar a atuação humana e seus papéis sociais, dentro de uma perspectiva unilateral, à medida que ambos os universos se influenciam reciprocamente.

Sendo assim, falar sobre a condição feminina implica inevitavelmente pensar a condição masculina, centrando atenção na relação, no *entre*, e não nos extremos, nos lugares de homem ou de mulher. Nesse contexto, o termo gênero é (...),

> *"(...) utilizado para sugerir que a informação a respeito das mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica no estudo do outro. Este uso insiste na idéia de que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens) que ele é criado dentro e por esse mundo" (Scott, 1991, p.04).*

Todavia este *entre* não fica imune às marcas das relações de poder. Falar sobre gênero é falar, antes de qualquer coisa, sobre poder. Gênero também é um instrumento de classificação social que, ao instituir saberes aos corpos, cria uma rede de dominação e hierarquização manifestada sutilmente nas relações não só entre sexos, como também entre classes, raças e etnias.

Assim, a sociedade (de)forma a imagem de gênero que lhe parece mais adequada ou, quem sabe, conveniente aos seus interesses e expectativas. Como resultado, surge a aparição de uma compreensão vigente que privilegia uma sexualidade hegemônica pautada na heterossexualidade, para não dizer heterossexismo, desconsiderando e limitando a diversidade sexual, atribuindo um caráter antinatural às identidades sexuais distantes da vida reprodutiva. Pautados em explicações "simplistas", intenciona-se reforçar um entendimento tradicional, naturalizante e naturalizado das relações de gênero que há muito se faz descabido.

Sair da inércia, romper com a rigidez, é a isso que se propõem as discussões de gênero, problematizando os lugares, posturas e saberes tradicionalmente atribuídos ao feminino e ao masculino em nossa sociedade, sociedade essa que tarda em reconhecer, a apreender e a respeitar as diferenças e os diferentes.

À luz do que fora exposto até o presente, faz-se perceber que em diferentes perspectivas de apreciação da sexualidade, a exemplo dos construcionistas sociais, dos sexólogos e dos estudos em gênero, o caminhar dos homens e das mulheres, bem como dos sujeitos heterossexuais e dos homossexuais, quase sempre foram, e em certa medida, ainda, de forma aparentemente menos intensa, parece persistir uma compreensão que aponta para um modelo bipolar o qual, num extremo, associa, inicialmente, o homem heterossexual como o modelo de correção no tocante ao comportamento sexual, modelo este ao qual a mulher, também heterossexual, fora inserida, quando o contraponto da incorreção e imaturidade psicológica, passou a recair sobre os sujeitos homossexuais.

Ao observar este caminhar, o qual tem se revelado de modo mais sinuoso que linear, busca-se pinçar como a questão das sexualidades, tem sido tematizada pela literatura vigente ao longo do desenvolvimento do ciclo vital humano. Neste contexto, aqui se apresenta um conjunto de estudos que intencionam situar como diferentes segmentos etários, adolescentes,

adultos e idosos, no âmbito da sexualidade, buscam construir suas autoapreciações, marcando, neste processo, uma linha de permanências e descontinuidades.

Oriunda do hiato entre a infância e a adultez, a adolescência e a juventude, a primeira mais fortemente caracterizada por um sentido etário e individualizante e a outra por um sentido geracional, representam um momento especifico do desenvolvimento do ciclo vital, por demais recentes na história da humanidade. Tal assertiva encontra acento nas reflexões de Vilela e Doreto (2006), as quais apontam as transformações do e no mundo de trabalho como a inauguração de um conjunto de experiências, práticas sociais e estilos de vida distintos, as quais, entrelaçadas às questões de gênero, classe e etnia, bem como às marcas que estas pertenças imprimem à subjetividade de cada um, associadas aquilo que assim nomeamos como adolescência e juventude.

Marcado por uma série de transformações físicas e biológicas, concomitantes às transformações de caráter psicológico e social, a adolescência compreende um momento de (re)elaboração de uma identidade, que transita entre o ser criança e o ser adulto. Neste contexto, a sexualidade tem representado uma dimensão importante ao estabelecimento desta identidade que se anuncia (Nery I. S., et al. 2015).

Na opinião de Sales e Paraíso (2013), a articulação entre a sexualidade e o gênero, compreende um aspecto relevante para a construção das subjetividades juvenis, as quais servem de guia ao estabelecimento de um modo de ser e estar no mundo. Reitera os autores que o poder exercido nos discursos analisa as ações das/os jovens, de modo a produzir uma política de normalização – de caráter heteronormativo -, a qual se presta à fabricação de subjetividades (in)adaptadas com vistas à regulação e ao controle da juventude.

A discussão no campo da sexualidade dos adolescentes ainda é algo tomado como aberto (Teixeira, F. S., et al, 2012). Desta cena surgem perspectivas que, ao mesmo tempo, vêm advogar em prol de sexualidade juvenil que não marca uma distinção específica entre

os domínios da heterossexualidade e da homossexualidade (Borrillo, 2001; Eribon, 2008); outras simpáticas ao discurso biologizante da sexualidade, com ênfase na questão hormonal (Bailley & Pillard, 1991), (Hamer, et al.,1993 e LeVay, 1991); bem como outras que apontam para uma interpretação culturalista (Seidman, 2003); bem como, em atenção às performances de gênero (Butler, 2003).

Neste contexto, a atratividade entre os adolescentes, apesar de revelar considerável afinidade com os domínios da atratividade física, com vistas à inserção nas práticas sexuais, tanto hetero quanto homossexuais, costumeiramente, regulada a fim de coibir riscos à integridade física dos adolescentes, quase sempre o risco da gravidez indesejada (Altman, 2007) e a contaminação por HIV e outras doenças sexualmente transmissíveis (Mora & Monteiro, 2013), também se ocupa de uma apreciação anatômica dos corpos, a exemplo de estudos sobre corpo e juventude entre adolescentes e jovens empobrecidas (Nicolino, 2012); corpo e beleza, salientando porções corporais, bem como formas, em especial, magra e longilínea – para os participantes do sexo feminino – e forte e musculosa – no caso dos participantes do sexo masculino – como elementos fulcrais da definição do que venha a ser uma pessoa atraente (Passos MD et al., 2013); estudos com base na imagem corporal e adoção de medidas extremas no tocante ao controle do peso (Claro, R. M. et al., 2014); bem como sobre a perspectiva do corpo adornado, por intermédio de investigações sobre escarificações (Le Breton, 2010).

Estudos em diferentes áreas têm chamado atenção que, para os adolescentes e jovens, outros elementos devem ser observados quando da apreciação da atratividade. Nestes termos, questões étnicas e de classe social (Corossacz, 2014), as questões de gênero (Sales & Paraíso, 2013), bem como o papel da religiosidade na apreciação da dimensão sexual (Coutinho, R. Z. e Miranda-Ribeiro, P., 2014) têm, gradativamente, inserindo à discussão

sobre a atratividade, elementos outros que apontam para a relevância dos domínios não físicos.

Nesta seara, um aspecto que merece atenção, diz respeito ao papel da religião e da religiosidade na vida das pessoas, em diferentes momentos do desenvolvimento do ciclo vital, representando um domínio vigoroso da subjetividade humana (Amatuzzi 2001), mas, especialmente, quando da adolescência, por ocasião da iniciação sexual, segundo destaca Coutinho, R. Z. e Miranda-Ribeiro, P. (2014).

Neste contexto, os referidos autores destacam que a associação entre religião e iniciação sexual entre os adolescentes, revela-se mais robusta entre aqueles jovens que se dizem mais religiosos. No entanto, a literatura também salienta que os jovens se vêem divididos entre ao menos por dois discursos normativos: o da comunidade religiosa e o do convívio social mais amplo, sendo esse segundo provedor das informações que se fazem disponíveis para a maioria da população, tais como discursos de educação em saúde sobre sexo e preservativos, cabendo ao jovem, ouvir os discursos, assimilá-los ou "colocá-los em tensão".

Entre os sujeitos adultos, tamanha atenção à dimensão não física da atratividade revela-se de modo mais consolidado, haja vista as tensões vivenciadas pelas transformações físicas e hormonais dos corpos juvenis, bem como, a transição da condição identitária entre o ser criança e o ser adolescente, fora, em grande parte superada.

Dada a maturidade anatomo-fisiológica dos corpos e o estabelecimento de uma condição identitária, relativamente mais estável, caracterizada pela adultez, neste momento do ciclo do desenvolvimento vital, as pessoas estariam mais devotadas a uma forma de atratividade que põe em relevo o princípio de equidade entre o exercício de uma identidade e de uma prática sexual mais "estável", bem como, o aprimoramento de dispositivos não físicos que se mantêm em jogo quando da apreciação do que vem a ser uma pessoa atraente,

sem, contudo, o abandono da dimensão física da atratividade, perspectiva que pode ser percebida nos estudos de López (2011) sobre masculinidade e sexualidade entre cortadores de cana no México, o qual trás à cena uma série de fatores que vão além do sexo/gênero em si, como a classe social, o lugar de origem, a cor da pele e a idade; bem como nas investigações de Córdoba, A. M. C. et al. (2012) realizadas na Colômbia sobre a percepção do envelhecimento entre mulheres adultas, estudo este que aponta que o envelhecer trás ganhos no tocante a imagem corporal, a atividade cognitiva e os contatos interpessoais.

Por sua vez, na população idosa observa-se, com base no que destaca a literatura, o fortalecimento da face não física da atratividade. Como uma espécie de movimento inverso àquele experienciado pelos adolescentes e jovens, neste momento do ciclo vital humano, as pessoas tendem a ressaltar elementos societais da atratividade, sem, contudo, deixar de reconhecer o papel da prática sexual de modo strictu sensu, fato que pode ser corroborado pelo estudo de Queiroz, M. A. C. et al (2015) sobre as representações sociais do sexo entre os idosos, o qual salienta importância do amor, do respeito e do carinho enquanto dimensões centrais à organização e estruturação da sexualidade neste segmento etário.

Neste contexto, também se destaca o estudo de Alencar, D. L. et al (2014), o qual, por intermédio de uma revisão integrativa de artigos científicos em língua portuguesa, inglesa e espanhola, busca levantar quais fatores interfere na sexualidade dos idosos, destacando como fatores importantes a ausência do parceiro devido à viuvez, a valorização do padrão da beleza jovem, a ocorrência de doenças, uso de medicamentos e mudanças na fisiologia sexual, os quais ressaltam que tantos os fatores de base social, cultural, bem como a fisiologia corporal e a ocorrência de doenças interferem na sexualidade dos mais velhos.

Capítulo 8: Sobre Desenvolvimento Humano: A perspectiva de Bronfenbrenner

Não raro os estudos sobre o desenvolvimento humano, costumeiramente, têm sido operados com vistas a um entendimento mais segmentado e menos processual, com ênfase no contexto e não, verdadeiramente, no desenvolvimento das pessoas no contexto.

Numa tentativa de, em certa medida, reatar estas pontas, pessoa-contexto, o presente estudo de tese objetiva identificar no desenvolvimento do ciclo vital de homens e mulheres de orientação sexual homossexual e heterossexual, domiciliados na Região Metropolitana do Recife e na cidade de Lisboa, Portugal, quais são os padrões de atratividade, como eles são representados na experiência interna dos participantes do estudo, bem como, estes se encontram articulados com os processos autoavaliativos de atratividade autopercebida, autofocalização, autoestima, bem estar, humor depressivo e religiosidade.

Tal objetivo encontra-se amparado na hipótese de que os significados da atratividade se organizam de modo diferente ao longo do ciclo vital, estando estes subordinados às vicissitudes dos domínios sociais e culturais.

A tradição nos estudos sobre desenvolvimento humano, em especial no âmbito da psicologia do desenvolvimento, ainda quando do início do século XX, se revelou por demais centradas numa perspectiva descritiva do desenvolvimento, estabelecendo períodos, ou melhor, estágios ao longo do ciclo vital, com ênfase, sobretudo, na infância, passando em revisão uma diversidade de características, as quais eram organizadas em seus estágios específicos, a saber: infância, adolescência, juventude, adultez e velhice.

Todavia, tamanha perspectiva não se manteve no passado. Mais frequente do que se imagina, nos dias de hoje, esta ainda preserva sua força e capilaridade. Hoje, a cena contemporânea é compartilha por outras perspectivas, por ora mais consolidadas, mas, cuja emergência se deu, especialmente entre os anos 30 e 60 do século passado, na medida em

que ocorreu a transição da ênfase no cerne da discussão dos estudos sobre o desenvolvimento humano, migrando este de um lugar descritivo para outro processual.

Não só mudou-se a mirada, e, consequentemente, a forma de compreensão do fenômeno em questão, mas, também, reformulasse a forma de acesso a ele. Neste sentido, o desenho metodológico migra de uma ênfase em práticas realizadas em condições experimentais, pouco, quando não em nada, comuns à vida cotidiana das pessoas, para outra de caráter mais naturalístico, sob o argumento de que apenas os experimentos, cuja ocorrência se daria em ambientes naturais, seriam reais em suas consequências (Lerner, 2002 In: Bronfenbrenner, 2011).

Contudo, o fato de que a atual pesquisa sobre o desenvolvimento humano, nem tão atual assim, haja vista esta fora já anunciada por Bronfenbrenner algumas décadas atrás, (Bronfenbrenner, 1963), passa a preocupar-se com a inferência acerca dos processos e dos construtos, não exclui da cena, mas sim enfraquece uma perspectiva mais descritiva sobre o desenvolvimento humano.

Neste cenário, de novidades e permanências, outros adeptos se perfilam à perspectiva processual do desenvolvimento humano. Nomes de peso como Jean Piaget, Erik Erikson, Paul B. Baltes, David Magnusson, Glen H. Elder Jr e Gilbert Gottlieb, com destaque a Urie Bronfenbrenner, cujas ideias tem servido de guisa de orientação à vanguarda dos estudos em questão.

Tal destaque tem sido merecido não apenas por suas contribuições ao escopo teórico e metodológico dos estudos sobre o desenvolvimento humano, mas também por interfacear estes com a discussão sobre as políticas públicas. Para Bronfenbrenner (Lerner, In: Bronfenbrenner, 2011), a natureza do estudo em questão, além de ser promovida por

tamanha interface, também se beneficiaria mediante a potencialização dos aspectos teóricos imanente às relações do tipo pessoa-contexto.

Segundo Lerner, as contribuições de Bronfenbrenner para os estudos em psicologia do desenvolvimento humano foram demasiadamente importantes ao fortalecimento de tão complexo campo de investigação. A mudança de perspectiva proposta pelo autor, da descrição ao processo, endossada por outros colegas, como fora citado em parágrafo anterior, fez com que os estudos ganhassem mais robustez no tocante à implementação de ações que, ao passo que se comprometem com a trajetória ecológica do desenvolvimento, ultrapassam os limites teóricos e metodológicos do fazer ciência em si e per si, mas sim para outros (In: Bronfenbrenner, 2011).

Em seu célebre texto, "Toward an Experimental Ecology of Human Development" (1977), oriundo do livro "The Ecology of Human Development", datado de 1979, Bronfenbrenner argumenta sobre a relevância do entrelace dos diferentes níveis ecológicos para a compreensão do desenvolvimento humano.

Para o autor, são em número de quatro os níveis em questão, os quais se apresentam numa perspectiva crescente, e aqui serão brevemente apresentados. A saber: o *microssistema*, o *mesossistema*, o *exossistema* e o *macrossistema*.

O nível do *microssistema* compreende aquele nível no qual a pessoa está em atividade em dado momento de sua vida, o que Bronfenbrenner define como "o complexo de relações entre a pessoa em desenvolvimento e o ambiente imediato no qual ela está inserida" (Bronfenbrenner, 1977, p. 515. In: Bronfenbrenner, 2011).

O *mesossistema*, por sua vez, diz respeito a um conjunto de microssistemas que se interfaceiam, postos em operação em determinado momento da vida da pessoa, a exemplo

do diálogo entre os sistemas família e escola, no desenvolvimento de crianças, bem como sobre família e comunidade, na experiência do desenvolvimento de um sujeito adulto.

O nível seguinte, o *exossistema*, constitui-se pelos ambientes nos quais a pessoa não está inserida, mas que, de alguma forma, exercem influência no desenvolvimento de sua vida em algum dos níveis anteriormente citados. Este funciona, segundo Lerner (In: Bronfenbrenner, 2011), como uma versão extendida do mesossistema.

Por fim, o *macrossistema*, refere-se ao nível que envolve todos os níveis citados. Trata-se de uma estrutura mais ampla da ecologia do desenvolvimento humano que absorve as influências oriundas de diferentes expressões da sociedade, a exemplo das macroinstituições, do governo federal, das políticas públicas e, em especial, da cultura como um todo, impactando as interações nos níveis previamente citados.

No entanto, tal modelo, apesar de representar uma contribuição substancial sobre a compreensão da natureza e do dinamismo do desenvolvimento humano, também é alvo de críticas, inclusive, daquelas endereçadas pelo seu próprio criador.

Bronfenbrenner (2011) ao revisar seus próprios escritos, deu-se a perceber alguns aspectos que necessitavam ser novamente apreciados. Dentre estes, possivelmente o mais amplo, refere-se, propriamente, a ênfase dada a perspectiva ecológica.

Curioso pensar que o caminho que liberta, também pode ser o mesmo que aprisiona. Pois, se trazer o olhar ecológico para a perspectiva do desenvolvimento humano representou um ganho a este campo investigativo, em igual proporção, se afundar neste, sem deixar fazer submergir a temática do desenvolvimento individual, seria então um descompromisso.

Nestes termos, atualmente, a literatura vigente sobre desenvolvimento humano, especialmente sobre a psicologia do desenvolvimento humano, tem revelado um arcabouço

teórico e metodológico que mais se debruça por compreender as vicissitudes dos níveis ecológicos do que sobre a inclusão dos aspectos estruturais e funcionais do indivíduo, a exemplo dos caracteres biológicos, psicológicos e comportamentais.

Ou seja, o modelo em questão tornou-se refém de si mesmo. A fim de dar resolução a tamanho dissenso, Bronfenbrenner, a partir da teoria por ele mesmo formulada, propôs integrar os níveis de desenvolvimento humano, previamente apresentados, à Biologia, à Psicologia e ao comportamento, criando um modelo que ele passou a chamar de modelo bioecológico do desenvolvimento humano.

Conforme Bronfenbrenner (2011), dada a revisão dos escritos iniciais e a supressão das lacunas, surge do estudo revisitado, um modelo teórico que articula, no âmbito do desenvolvimento, o *processo*, a *pessoa*, o *contexto* e o *tempo*, o modelo PPCT.

O primeiro dos elementos do quarteto, o *processo* de desenvolvimento, acarreta o ajuntamento e o entusiasmo do nexo entre a pessoa e o contexto. O elemento seguinte é a *pessoa*. A qual contém e expressa um acervo particular, subjetivo de caracteres de acento biológico, cognitivo, emocional e comportamental. O *contexto* é o terceiro dos elementos, o qual se define como os níveis ou sistemas entretecidos da ecologia do desenvolvimento humano já descritos.

Por fim, temos o elemento *tempo*. Seja qual for sua configuração, a do tempo ontogênico, o familiar ou mesmo o histórico, este elemento engloba as distintas dimensões da temporalidade, que servem à constituição do cronossistema que atenua as transformações no desenrolar do ciclo da vida.

Para Bronfenbrenner (2011) o *processo* cobre modelos específicos de diálogo do organismo com o ambiente, denominado de processo proximal, processo este cuja atuação se dá ao longo do tempo passando a ser situado enquanto mecanismos elementares de

produção do desenvolvimento humano. Não obstante, a tenacidade deste processo varia em função das peculiaridades da pessoa, do contexto e do tempo que caracterizam a ocorrência do processo proximal.

Por sua vez, os três outros elementos, - a *pessoa*, o *contexto* e o *tempo* – priorizaram as definições dos atributos de base biopsicossocial da pessoa, a fim de suprir a lacuna identificada na versão original do estudo de Bronfenbrenner.

Neste aspecto, o autor chama atenção a três tipos de características específicas. A primeira delas é titulada *disposições*, características estas que tem a capacidade de incitar, bem como manter, os processos proximais sob o arbítrio *sui generis* de desenvolvimento.

Subsequente está à característica dos *recursos*, sejam eles bioecológicos de capacidade, experiência, conhecimento e habilidades, essenciais ao funcionamento factual dos processos proximais concedido em certo nível do desenvolvimento humano.

Finalmente, há as características de *demanda* que servem a invitar ou a esmorecer respostas ecológicas que estimulem ou obstaculizem o desenrolar dos processos proximais.

Reitera Bronfenbrenner e Morris (1998), que estas três dimensões distintas conduzem as combinações à definição de padrões de estrutura da pessoa, que se presta a elucidar as diferenças na direção e na intensidade dos processos proximais, bem como seus impactos no desenvolvimento (Bronfenbrenner, 2011).

Na opinião dos autores supracitados, alinhada a proposta integralizada da teoria dos sistemas de desenvolvimento humano, quando se expande o elemento *pessoa* no modelo PPCT, resulta deste a expansão da compreensão do sistema ecológico onde o desenvolvimento da pessoa é enraizado.

Nestas circunstâncias, Bronfenbrenner (2011) redimensiona o nível do microssistema, atribuindo a pessoa o caráter biopsicossocial, assumindo, este nível, o status de "centro de gravidade" para a teoria que, na ocasião, fora reelaborada.

A este nível é preciosamente incluído as interações das pessoas, não apenas com outros em seus grupos de pares, mas, sobretudo, com o sistema semiótico e linguajeiro vigente.

Uma lacuna expressiva no modelo em escrutínio, na versão original da teoria do desenvolvimento humano, refere-se à dimensão do *tempo*. Esta que, anteriormente, fora pouco observada, sem embargo, por ora, ascendeu a lugar notório. Dada a revisão da referida teoria, o tempo tornou-se observado a partir de três níveis sucessivos: o *microtempo* – a permanência e as transformações nos episódios contínuos do processo proximal; o *mesotempo* – a constância de tais episódios por extensos períodos, e o *macrotempo* – centra atenção nas expectativas e eventos em transformação na sociedade como um todo, em um recorte intra e transgeracional, cuja influência recíproca, entre pessoa-contexto, e vice e versa, sofre a interferência dos processos e resultados do desenvolvimento humano ao longo do ciclo de vida.

A revisão da teoria do desenvolvimento humano, a partir do panorama bioecológico, fez com que esta evoluísse a ponto de incluir outras proposições a seu escopo.

Dentre o agrupamento de proposições identificadas, Bronfenbrenner e Morris (1998 In: Bronfenbrenner, 2011) destacam uma como sendo central à consolidação do modelo bioecológico, aquela que defende a tese de que é na extensão do ciclo vital, especialmente, nas fases primeiras do desenvolvimento humano, que os processos de interação recíproca ocupam lugar, gradualmente mais sofisticado, entre um ativo organismo biopsicossocial e as pessoas e "coisas" – os objetos, símbolos, etc -, no mundo imediato.

Prossegue o autor a destacar que estes processos, denominados de processos proximais – postulados como a força motriz primária do desenvolvimento humano -, para que sejam efetivados, necessitam ser postos em prática em uma base regular expressa em dado período de tempo.

Outra proposição de destaque assume que tanto a potência, quanto a conformação, a substância e a direção dos processos proximais, induzem o desenvolvimento humano mudando, continuamente, como uma função articulada das características da pessoa em desenvolvimento com o contexto, seja este imediato ou remoto; a natureza dos resultados desenvolvimentais; as (des)continuidades sociais identificadas ao longo do tempo no decorrer do ciclo vital, bem como, o período histórico no qual a pessoa tem vivido. (Bronfenbrenner e Morris, 1998. In: Bronfenbrenner, 2011).

Ao definir as propriedades do modelo bioecológico da teoria do desenvolvimento humano, Bronfenbrenner (2011) chama atenção ao fato de que a evolução do citado modelo, compreende a interlocução de dois processos de desenvolvimento contíguos. O primeiro deles se debruça sobre a continuidade e a mudança das características biopsicológicas do seres humanos, o segundo recai sua atenção para o desenvolvimento do aparato científico, os modelos teóricos e os delineamentos de pesquisa precisos ao escrutínio da continuidade e da mudança.

Ao retomar o conjunto de proposições, Bronfenbrenner (2011) evidencia a *experiência* enquanto um elemento crucial da definição do modelo ecológico. Esta teria o intuito de iluminar o conteúdo experiencial e fenomenal do processo do desenvolvimento, por vezes, subsumido pelas condições objetivas igualmente presentes no mesmo processo, obstaculizando o interfacear de ambas as forças.

Uma das maiores peculiaridades da aludida proposição, segundo Bronfenbrenner (2011), concerne ao fato de que esta é repleta de conteúdos emocionais e motivacionais, os quais preservam as polaridades – emoções e motivações de natureza positiva e negativa -, todavia, em gradações distintas. Avança o autor a atestar que a coexistência destes conteúdos pode também exercer influência relevante na forma como é delineada a direção do desenvolvimento humano no futuro.

Outra proposição de relevo, salientada por Bronfenbrenner (2011), refere-se ao desenvolvimento de atividades progressivamente mais complexas, a fim de possibilitar o desenvolvimento intelectual, emocional, moral e social das crianças. Estas seriam então postas em prática em uma plataforma temporal que se estende por um contínuo período, com uma ou mais pessoas com as quais as crianças desenvolvam um apego emocional forte, estando estas comprometidas com o bem estar e o desenvolvimento, com vistas à qualidade de vida dos pequeninos não apenas por ora, mas também por toda a vida (Bronfenbrenner e Evans, 2000; Bronfenbrenner e Morris, 1998. In: Bronfenbrenner, 2011).

A quinta proposição refere-se à *internalização* das ações e sentimentos afetivos manifestados pelos pais. Este liame, por sua vez, mobiliza o interesse e o engajamento da criança em situações que requerem desta a habilidade de por em prática a capacidade de exploração, manipulação, elaboração e imaginação (Bronfenbrenner, 2011).

A fim de ampliar a discussão sobre o círculo familiar, a proposição seguinte acrescenta a este nível de relação, outro elemento: a figura do *terceiro responsável*. Cabe a este, na relação em tese, manter-se presente por longos períodos e mostrar-se, genuinamente, interessado em endereçar à criança as melhores e mais propositivas formas de afeto e carisma.

Perfaz Bronfenbrenner (2011), que as proposições nomeadamente citadas, nos parágrafos antecedentes, transitam entre os campos teóricos e metodológicos para a concretude das ações operadas no cotidiano, trânsito este que, diga-se de passagem, nunca fora abandonado no modelo bioecológico, todavia, tornou-se mais profícuo nos últimos quarenta anos.

Como fora sinalizado, anteriormente, o tempo, bem como o espaço, tem expressado temáticas relevantes e, igualmente, desafiadoras, nos estudos sobre a ecologia social.

Centrado neste panorama, Cairns e Cairns (1994. In: Bronfenbrenner, 2011), realça que, apesar de, teoricamente, fazer-se presente há longa data (Baldwin, 1897; Mead, 1934; Bronfenbrenner, 1979/1996; Magnusson, 1988; Schneirla, 1966 e Kuo, 1967), a diligência por uma ciência integrada do desenvolvimento humano ainda padece de uma fragilidade metodológica, denotando a dificuldade em criar os meios necessários para a implementação da investigação em tal seara.

No âmbito da pragmática, segundo os autores, esta teoria precisa superar desafios que dêem conta da conformação de métodos suficientemente inventivos, criativos que sejam passíveis de análises laboratoriais minuciosas.

Bronfenbrenner, em um dos seus primeiros escritos, datado de 1943, já assinalava que o desenvolvimento social das pessoas não deveria ser dissociado das redes sociais nas quais as mesmas estão inseridas, sinalização esta que, ao compor a pauta da ciência moderna, contribuiu de modo expressivo para a transformação do pensamento científico vigente.

Persiste neste contexto, o problema do tempo. É imerso numa linha temporal que as pessoas crescem, interagem, se transformam e se desenvolvem, neste continuum, as sociedades mudam, o mundo e as pessoas se alteram. Assim, faz-se um desafio para os estudos sobre o desenvolvimento humano, o de tentar captar, e acompanhar, as possíveis

mudanças simultâneas identificadas no fluxo do desenvolvimento no liame entre pessoas e contexto, as quais servem à determinação de suas interrelações.

É inscrito em um continuum de caos e ordem que os organismos humanos levam a termo seus processos de desenvolvimento e evolução, funcionando como sistemas (Sifuentes,T. R. e cols., 2007).

Conforme tais autores, com o advento do nascimento, se inaugura o processo de desenvolvimento, dando-se início a uma trajetória probabilística, na qual o organismo humano cresce na busca de coerência entre suas pré-disposições genéticas e padrões socioculturais estabelecidos. Neste sentido, agente do seu próprio desenvolvimento, o humano tem então, a capacidade de apresentar novidades, comportamentos inéditos ao seu padrão, bem como criar novos padrões de interação na relação com os outros ou consigo mesmo.

Tal processo constrói-se ao longo do tempo, e encontra-se organizado em estágios, nem sempre lineares, haja vista, que muitos dos momentos de transição são apresentados como caóticos, mediante sua complexidade e diversidade de fatores, alguns de tipologia imprevisível e incontrolável. Todavia, feito o caos, é chegada à bonança, momento onde é possível recuperar a estabilidade outrora impactada por um conjunto de forças, situação esta, caos-bonança/ordem, a qual se mantém em um ciclo dinâmico que se repete diversas vezes em um transcurso que se estende por todo o ciclo vital do desenvolvimento humano (Sifuentes, T. R. e cols., 2007).

Em conformidade com a perspectiva sistêmica do desenvolvimento, ressaltam os autores supracitados, a pessoa encontra-se integrada e estabelecendo relações, a partir de distintos sistemas organizados, dentro os quais aqui destacasse os sistemas elencados por Bronfenbrenner (2011), sistemas estes que, desde os níveis mais simples aos mais

sofisticados, objetivam garantir um processo de adaptação humana com melhor e maior qualidade de equilíbrio dinâmico, o qual compreende um estado que decorre quando as forças envolvidas conseguem manter, umas às outras, em um nível fixo e estável (van Geert, 2003, p. 644 In: Sifuentes, T. R. e cols., 2007).

Neste sentido, tais forças seriam então denominadas de forças de coação, em referência às tensões criadas nos níveis estruturais e funcionais do organismo, quando este é confrontado com circunstâncias novas ou adversas à manutenção do seu equilíbrio (Gottlieb, 1996 In: Sifuentes, T. R. e cols., 2007).

O experienciar destas tensões representaria então, em certa medida, uma proximidade conceptual com a ideia de caos, a qual se assemelha a concepção de "crise normativa", na forma como tem sido elencada por Bronfenbrenner (2011). Tal natureza de crise faz-se então caracterizada como momentos complexos de transição entre estágios do desenvolvimento, na medida em que o organismo almeja por nova estabilidade dinâmica.

Nesta perspectiva, as forças de coação experienciadas pelos humanos, por ocasião da altura da transição entre os escalonamentos etários da adolescência à juventude, da juventude à adultez e desta ao momento final do ciclo vital do desenvolvimento humano, caracterizado pelos gerontes, representariam mecanismos impulsionadores da evolução cognitiva, na medida em que, justamente por ocasião do trânsito, entram em jogo outras circunstâncias, tanto de base maturacional, anatomo-fisiológica, bem como psicossocial, as quais fazem com que as pessoas se esforcem por estabelecer uma natureza de relação que garanta a mudança e a evolução, sem, contudo, por em risco o equilíbrio dinâmico necessário ao restabelecimento do organismo humano.

Desta feita, à luz da breve explanação aqui aludida, faz-se possível perceber a plausibilidade da concepção de "crise normativa" representar uma explicação razoável,

também às mudanças das pessoas no tocante à (re)elaboração dos padrões de atratividade, os quais, em cada momento do desenrolar do ciclo vital do desenvolvimento humano, somadas às experiências que as caracterizam, gerariam uma plataforma de possibilidades e limitações para o momento seguinte. À medida que o organismo interage com o ambiente, ao longo do tempo, ele se constrói e, ao mesmo tempo, torna-se cada vez mais complexo, alterando-se as formas de relação com ele mesmo e com os outros ao redor (Geert, 2003, In: Sifuentes, T. R e cols., 2007).

Nestes termos, o presente estudo de tese reflete uma tentativa de superação desta lógica de fragmentação na medida em que busca, no tocante aos padrões de autoatratividade, levando-se em conta a extensão do ciclo vital humano, perceber o que vem a ser tal padrão e como este é representado, cognitivamente, no fluxo da experiência interna dos participantes, dando ênfase a perspectiva do self, trazendo à cena aspectos afetivos e intelectuais oriundos das idiossincrasias dos sujeitos sem, contudo, apagar deste processo a interface de tal perspectiva com a perspectiva bio-psico-sócio-ecológica do desenvolvimento humano, cujo diálogo entre as diferentes dimensões, somados ao self, representariam um esforço profícuo por compreender como tais perspectivas se interafetam no âmbito do desenvolvimento humano, corroborando com o estabelecimento de uma visão mais integradora acerca do aludido campo de investigação.

Capítulo 9: Problema de Pesquisa

A fim de dar conta dos objetivos do estudo de tese em questão, o de revelar o que é um padrão de autoatratividade, qual a estrutura e dinamismo de sua plataforma representacional no fluxo da experiência interna, bem como por quais modos de agenciamento cognitivo tal padrão é consciencizado, faz-se relevante partir de uma perspectiva que busque enlaçar diferentes miradas teóricas, "dentro" e "fora", da produção teórica e empírica no campo da produção do conhecimento científico da psicologia e das ciências cognitivas, as quais sirvam de fundamento aos objetivos supracitados.

No âmbito da ciência psicológica de acento cognitivo, parte dos estudos sobre self, autoconsciência e representação mental um contributo para o pensamento sobre a autoconsciência enquanto uma profusão de processos autoavaliativos, de base representacional, direcionados ao próprio self, tanto em sua face pública quanto na privada, somados ao esforço por compreender como tais processos, costumeiramente, estão relacionados a afetos, sejam estes de valência positiva ou negativa, e como os mesmos se prestam ao instanciamento, saudável ou deletério, dos índices de bem ou mal estar psicológico.

Na interface com contextos mais amplos do campo psicológico, tal índice aponta para a importância das dimensões do bem estar subjetivo e bem estar psicológico à elucidação do presente estudo de tese. As referidas dimensões se fazem relevantes na medida em que abrem um espaço para a reflexão sobre a participação dos afetos nos mais diversos processos autoavaliativos, em especial, a autoatratividade, cuja incidência frequente de dada expressão de afeto tornaria crônica uma afetividade geral no sujeito, impactando tanto a vertente psicológica quanto a subjetiva do bem estar.

Também afeita à questão dos afetos é a discussão sobre os padrões de correção. Considerando que o sistema de comparação é um sistema télico, com um estado preferido de identidade autopadronizada, o crescimento do autofoco justapõe o self com os padrões, revelando os níveis de congruência entre eles. Neste sentido, as discrepâncias experimentadas a partir de estados preferidos são expressas em afetos negativos diversos, geradores de atividades específicas organizadas com vistas ao restabelecimento do estado ótimo do sistema de comparação. Numa outra perspectiva, a experiência de um afeto negativo irá, em certa medida, encorajar a operação de sistemas de atribuição causal (Lalwani, 2013).

Vem da interface entre os estudos sobre consciência e experiência interna o vagar sobre a autoexperiência no processo autoavaliativo e o problema da conscientização dos padrões. Ao tomar a autoconsciência como a capacidade do sujeito encontrar no próprio self, seja no âmbito geral ou em dado aspecto, o objeto de sua atenção e reflexão, a condição para tanto se funda no diálogo entre as visões fenomenal e psicológica da mente, as quais reúnem esforços para compreender qual a conformação que os padrões de autoatratividade apresentam, por quais caminhos cognitivos estes advêm à consciência, e, especialmente, qual o gradiente fenomenal é por eles apresentado no fluxo da experiência interna, quando do operar de processos autoavaliativos.

Contudo, com base na literatura vigente (Chalmers, 1996; Hurlburt & Heavey, 2001), nota-se que o revelar do gradiente supracitado não tem sido devidamente tematizado pela literatura psicológica, haja vista que, a descrição do processo autoconsciente a partir da tríade cognitiva self-autofoco-padrão, preconizada na Teoria OSA, basicamente reporta o desenrolar de processos inerentes ao âmbito da mente psicológica, nos termos em que esta é apresentada por Chalmers (1996).

Tamanha fenomenologia, com base na literatura supracitada, corroborada pelos achados do presente estudo de tese, mostra uma forte vertente discursiva e imagética, que, por ora isolada e por ora dialógica, revela considerável associação entre elas, bem como, de modo mais discreto, com os elementos do sentimento e da consciência sensória.

Uma variável relevante ao instanciamento dos padrões de correção à luz dos objetivos do presente estudo de tese refere-se à problemática da orientação sexual, em especial da homossexualidade. A hipótese que dá sustentação a tal argumento se funda na ideia de que os sujeitos de orientação sexual homoafetiva, em especial os homens jovens, são mais vulneráveis aos impactos deletérios dos padrões de atratividade quando do confronto destes com suas autoapreciações.

Outra variável que merece destaque, diz respeito à religiosidade. Espera-se que os participantes que apresentem consideráveis índices de religiosidade geral sejam então, menos vulneráveis aos impactos danosos oriundos dos padrões de atratividade, especialmente entre os adultos e os idosos, haja vista que a religiosidade/a religião e a experiência religiosa, devam funcionar, na experiência dos participantes investigados, como uma rede psicológica com vistas a dar suporte a harmonia do self, quando da operação dos processos autoavaliativos.

No que tange à questão desenvolvimental, a hipótese que dá sustentação ao presente estudo de tese, realça que os padrões de autoatratividade se alteram com o trilhar do desenvolvimento humano, os quais, de forma geral, partem de uma natureza de autoatratividade do tipo “física”, a qual avulta os caracteres corpóreos, entre os participantes adolescentes e jovens, para outra forma de autoatratividade denominada de “não física”, com ênfase nos aspectos comportamentais, comum entre os participantes adultos, sobretudo, os idosos.

Neste contexto, as variáveis etárias, de religiosidade e de orientação sexual, quando tomadas no âmbito da autoatratividade, se tornariam exequíveis na ocasião em que os sujeitos direcionam o cerne de sua atenção para eles mesmos, exercício que intenta identificar uma dinâmica que se esforça por encontrar os constructos da atratividade, e os modos como estes são inscritos no repertório de sentido e significado dos participantes sobre suas próprias atratividades, as quais, erguidas a partir da dualidade entre as esferas psicológica e social, padecem dos impactos oriundos dos padrões de autoatratividade, quando ambas põem-se em confronto.

A partir das questões supradiscutidas e fundamentadas, precipitam-se as principais hipóteses do estudo de tese:

Hipótese 1. O campo semântico da auto-atratividade é complexo e multidimensional, comportando significados relacionados à base física do self e a elementos de base não física..

Hipótese 2. A Escala de Autoatratividade tem adequadas dimensionalidade e características psicométricas, bem como validade ecológica, no que espelha os significados êmicos da atratividade pessoal (dimensionalidade reproduz a organização do campo semântico).

Hipótese 3. As dimensões de significado da auto-atratividade se organizam e presentificam-se distintivamente ao longo do ciclo vital de homens e mulheres de orientação sexual hetero e homoafetiva, sendo modeladas culturalmente, em contextos de sociabilidade, etários e societários distintos.

Hipótese 4. A auto-atratividade está relacionada em níveis altos a escores otimizados de variáveis cognitivas de valência positiva dos processos autofocalizadores (autoconsciência situacional e disposicional), autorepresentações do self (autoestima), bem estar psicológico (satisfação com a vida e felicidade), humor (afeto positivo) e religiosidade

ao longo do ciclo vital de homens e mulheres de orientação sexual hetero e homoafetiva; e inversamente, baixos níveis de auto-atratividade se relacionarão com escores otimizados das variáveis citadas de valência negativa.

Hipótese 5. A auto-atratividade não só está relacionada, mas ela impacta de modo robusto as variáveis de autoconsciência (situacional e disposicional), autoestima, bem estar (satisfação com a vida e felicidade), humor depressivo e religiosidade ao longo do ciclo vital de homens e mulheres de orientação sexual hetero e homoafetiva, sendo porém tal impacto moderado pelo envolvimento com a religião, a qual exerce efeito protetivo sobre o self em relação a auto-atratividade.

Hipótese 6. Variáveis sociodemográficas como sexo, orientação sexual, idade, renda e religiosidade devem estar relacionadas a distintos perfis de fatores das escalas psicométricas e dos elementos e estruturas do gradiente fenomenal da experiência interna durante estado autoconsciente relacionado a autoatratividade.

Hipótese 7. A experiência interna relacionada a autoatratividade deve exibir uma fenomenologia complexa com elementos de distintos conteúdos representacionais, sendo mediada pela autoconsciência fenomenal, com presentificação na consciência dos standards de autoatratividade veiculados por estes elementos construtores da experiência da atratividade pessoal.

Ver-se-à que a presente investigação, organizada em três estudos sequenciados, e logicamente conectados, tratarão nesta ordem das seguintes hipóteses:

-O Estudo 1, de base qualitativa, encontra-se fortemente enlaçado a Hipótese 1;

-O Estudo 2, de tipo *ex-post-facto,* alicerçado em escalas psicométricas e variáveis quantificadas, assenta-se sobre o exame das Hipóteses 2, 3, 4, 5, e 6;

-O Estudo 3, em perspectiva fenomenal, com foco na experiência interna voltada a atratividade autopercebida, edifica-se sobre a Hipótese 7, e parcialmente na Hipótese 6.

O conjunto dos estudos listados, com suas hipóteses guia, pretendem iniciar uma sistematização sobre o conhecimento da autoatratividade humana, em termos psicológicos e fenomenais, com vistas a criação de modelo teórico futuro que explane de modo compreensivo estas relações encontradas em distintas trajetórias desenvolvimentais, em homens e mulheres de orientação sexual hetero e homoafetiva, vivenciando o transcorrer de suas vidas em distintos nichos desenvolvimentais e societários.

Parte II - Estudos Empíricos

Capítulo 10. MÉTODO

10.1.Delineamento de Pesquisa

O estudo proposto é multimétodo, assentado na interface entre epistemologia ideográfica e descritiva, por um lado, e nomotética e *ex-post-facto*, por outra, visando um mais completo acercamento da questão de pesquisa proposta, em fidelidade à perspectiva fenomenal assumida com sua interface entre dimensões psicológicas e fenomenais da mente (ver Chalmers, 1996).

10.2.Objetivos da Pesquisa

10.2.1.Objetivo Geral:

- Identificar os padrões de atratividade, qual sua dinâmica representacional no seio da experiência interna e o enlaçamento no processo autoavaliativo dos processos de atratividade autopercebida, autofocalização (autoconsciência situacional e disposicional), autoestima, bem estar (satisfação com a vida e felicidade), humor depressivo e religiosidade apresentados no desenvolvimento do ciclo vital de homens e mulheres de orientação sexual heterossexual e homossexual na Região Metropolitana do Recife.

10.2.2.Objetivos Específicos:

- Identificar qual a natureza dos padrões de atratividade, se de base física ou não física, e em termos de sua semântica e fenomenalidade ao longo do ciclo vital de homens e mulheres de orientação sexual hetero e homoafetiva;
- Mapear as interrelações entre atratividade autopercebida (física e não física) e os tipos e níveis de autoconsciência (situacional e disposicional), autoestima, bem estar

(satisfação com a vida e felicidade), humor depressivo e religiosidade ao longo do ciclo vital de homens e mulheres de orientação sexual hetero e homoafetiva.

- Descrever os elementos e estruturas da experiência interna durante estado autoconsciente relacionado à autoatratividade e discernir a natureza representacional dos padrões de atratividade nesse substrato fenomenal.
- Investigar o impacto da atratividade autopercebida sobre os processos de autofocalização, bem estar psicológico e humor depressivo e o possível papel moderador destas relações exercido pela religiosidade em homens e mulheres de orientação sexual hetero e homoafetiva.
- Investigar o papel de variáveis sociodemográficas como sexo, orientação sexual, idade, renda e religiosidade na delimitação dos níveis e tipos de fatores das escalas psicométricas e dos elementos e estruturas do gradiente fenomenal da experiência interna durante estado autoconsciente relacionado a autoatratividade.
- Validar instrumento psicométrico de aferição da atratividade autopercebida (Escala de Autoatratividade; Viana & Nascimento, 2014).

10.3.Participantes:

A amostra do estudo em questão fora composta por 657 participantes, de ambos os sexos e orientações sexuais homossexual e heterossexual, distribuídos em respeito ao escalonamento etário que compreende o fluxo do desenvolvimento do ciclo vital humano, a exceção da infância, compreendendo a adolescência (estágio que vai dos 12 aos 17 anos e 11 meses de idade), a jovem adultez (dos 18 aos 29 anos e 11 meses); a adultez (dos 30 anos aos 59 anos e 11 meses) e os gerontes (a partir dos 60 anos).

Vale ressaltar que a organização da referida amostra deu-se em três frentes, as quais compreenderam distintas fases da coleta de dados do estudo e quantitativos de participantes.

A primeira das fases compreende a realização do estudo qualitativo, a fim de levantar o repertório dos significados êmicos sobre atratividade. Para tanto, foram consultados 80 participantes, em respeito ao escalonamento etário supracitado, a partir de três estratégias metodológicas distintas: a Escrita livre, a Associação livre e a Entrevista fenomenal em profundidade.

A fase seguinte refere-se ao processo de validação da Escala de Autoatratividade, o qual contou com uma amostra mista composta por participantes brasileiros, oriundos da Região Metropolitana do Recife (563 participantes) e portugueses, domiciliados na cidade de Lisboa (94 participantes), contabilizando um total de 657 participantes.

Seis participantes, oriundos do segundo momento, integraram a terceira fase da coleta, a qual objetiva identificar os modos de representação e a fenomenologia dos padrões de atratividade no fluxo da experiência interna por intermédio do método da entrevista Fenomenológico-Cognitiva dos Estados Autoconscientes - EFEA.

No tocante as estratégias de recrutamento adotadas, ressalta-se que, no caso dos participantes adolescentes, fora estabelecido contato com seus responsáveis, e com escolas públicas e/ou privadas nas séries do ensino fundamental II e médio.

Acerca dos adultos jovens e adultos maduros, o contato se deu em instituições de ensino superior, públicas ou privadas, academias de ginástica, clubes e organizações governamentais e não governamentais, dentre outras.

A estratégia de mobilização dos sujeitos gerontes ocorreu a partir do contato com instituições asilares e organizações governamentais e não governamentais, que desenvolvem atividades com pessoas idosas.

Dado o acesso aos sujeitos a partir das estratégias supracitadas, também levou-se em conta o princípio da técnica da *snowball* (“bola de neve”) (Biernacki, P. & Waldorf, D, 1981), a qual possibilitou que, em algumas situações, os sujeitos, inicialmente contatados, indicassem outros sujeitos, que indicam outros, até que alcançar o ponto de saturação.

10.4.Instrumentos:

1) Escala de Autoatratividade – Elaborada e validada por Viana e Nascimento (2014), a referida escala (Escala total/ Alfa de Cronbach =.96) é composta por sete fatores: (F1) Sensualidade (SEN) (Alfa de Cronbach =.931), (F2) Inteligência (INT) (Alfa de Cronbach =.901), (F3) Bom Humor (Alfa de Cronbach =.894), (F4) Afetividade (AFE) (Alfa de Cronbach =.849), (F5) Apresentação Pessoal (APR) (Alfa de Cronbach =.892), (F6) Moralidade (Alfa de Cronbach =.811) e (F7) Asseio (Alfa de Cronbach =.828). Tal instrumento, constituído por 56 itens dispostos numa escala likert de cinco pontos (“1” – “Discordo totalmente” e “5” – “Concordo totalmente”), objetiva aferir as dimensões em que as pessoas se consideram, ou não, atraentes, ou seja, seus níveis de atratividade pessoal. Itens típicos: “Em relação a minha atratividade pessoal, me considero uma pessoa...: ‘Carinhosa’ (Item 06); ‘Sedutora’ (Item 14)”. (ANEXO. 1 pág. 314).
2) Escala de Apreciação Corporal (EAC) – versão brasileira validada por Campana ANNB et al. (2012) (Escala total/Alfa de Cronbach = .81), originalmente elaborada por Tylka, T (2005), apresenta-se na forma de uma escala unifatorial (F1) Imagem Corporal Positiva (AC, de Apreciação Corporal), conformada por 13 itens (de 01 a 13), organizados em uma escala likert com 5 pontos (“1” – “Nunca” e “5” – “Sempre”), objetiva averiguar como as pessoas apreciam seus próprios corpos. Itens típicos: (Item 01) Eu respeito meu corpo; (Item 02) Eu me sinto bem acerca de meu corpo (ANEXO. 2 pág. 315).
3) Escala de Autoconsciência Situacional (EAS) - construída e validada por Nascimento (2008), composta por três fatores: (F1) Reflexão (REF) (Alfa de Cronbach = .74), (F2)

Ruminação (RUM) (Alfa de Cronbach = .74) e (F3) Mediação Icônica (MI) (Alfa de Cronbach = .69), e 13 itens (de 01 a 13), dispostos em uma escala do tipo likert com 5 pontos (“1” – “Discordo completamente” e “5” – “Concordo completamente”), tal escala tem como objetivo avaliar as características da autoatenção dos participantes em determinado momento. Itens típicos: Neste instante, eu avalio algum aspecto que me diz respeito (Item 01) e Neste instante, eu penso sobre aspectos meus que me causam ansiedade (Item 02) (ANEXO. 3 pág. 316).

4) Escala de Autoconsciência Disposicional (EAD) – elaborada e validada por Nascimento (2008), a presente escala é composta por três itens: (F1) Conscientização (COM) (Alfa de Cronbach = .71), (F2) Atentividade (AT) (Alfa de Cronbach = .74) e (F3) Mediação Cognitiva (MC) (Alfa de Cronbach = .66), distribuídos em 20 itens, formatados em escala likert de 5 pontos (“1” – “Discordo completamente” e “5” – “Concordo completamente”), pretende aferir os hábitos de focalização da autoatenção em seu continuum disposicional. Itens típicos: Eu presto bastante atenção em mim mesmo (Item 01) e Eu gosto de me autoanalisar, de refletir sobre mim mesmo e conhecer mais meus pensamentos, emoções e necessidades (Item 02) (ANEXO.4 pág. 317).
5) Escala de Autoestima de Rosenberg – adaptada e validada para a língua portuguesa por Nascimento (2009), a presente escala revela uma estrutura unifatorial (F1) Autoestima Global (AE) (Alfa de Cronbach = sem informação no estudo de validação) é composta por 10 itens (de 01 a 10) formatados em uma escala likert likert de 4 pontos (“1” – “Discordo completamente” e “5” – “Concordo completamente”) e se propõe avaliar a maneira como o indivíduo se sente em relação a si mesmo, seus autosentimentos. Itens típicos: Em geral, estou satisfeito (a) comigo mesmo (a) (Item 01) e Ás vezes acho que não sou bom (boa) de jeito nenhum (Item 02). (ANEXO.5 pág. 318).

6) Escala de Satisfação com a Vida – versão brasileira adaptada por Nascimento (2013) da escala elaborada por Diener et al. (1985), a qual apresenta uma estrutura unifatorial (F1) Satisfação com a vida (SV) (Estudo original/Alfa de Cronbach = .97), constituído por 05 itens dispostos em sete pontos ("1" – "Discordo fortemente" até o "7" – "Concordo fortemente"), a fim de avaliar o nível de satisfação geral com a vida. Itens típicos: Na maioria dos modos a minha vida está perto do meu ideal (Item 01) e As condições da minha vida são excelentes (Item 02) (ANEXO.6 pág. 319).

7) Escala de Felicidade Subjetiva - versão brasileira de Rodrigues e Silva (2010) (Alfa de cronbach = .674), da escala de Lyubomirsky e Lepper (1999), apresenta estrutura unifatorial (F1) Felicidade Subjetiva (FS), composta por 4 questões, as quais devem ser respondidas numa escala crescente 1 a 7 pontos, cujo objetivo reside em identificar como as pessoas avaliam suas próprias felicidades com base na experiência ou não da felicidade por outras pessoas. Itens típicos: Em geral me considero - Uma pessoa não muito feliz/Uma pessoa feliz (Item 01) e Comparando com a maioria dos meus amigos, eu me considero – Uma pessoa não muito feliz/Uma pessoa feliz (Item 0) (ANEXO.7 pág.320).

8) Escala CES-D (Rastreamento de depressão) – originalmente elaborado por Radlof (1977) (Estudo original/Alfa de Cronbach = .84), na versão em língua portuguesa do Brasil (ver Silveira & Jorge, 1998), a presente escala é composta por quatro fatores: (F1) Afeto Depressivo (ADEP), (F2) Afeto Positivo (APOS), (F3) Atividade Somática (AS) e (F4) Relações Interpessoais (RI), e 20 itens distribuídos em uma escala likert de 4 pontos, partindo do "0" – " Raramente (menos de 1 dia)" e "3" – "Durante a maior parte do tempo (de 5 a 7 dias)", a qual objetiva avaliar o estado atual do humor, mensurado a partir dos dias duração. Itens típicos: Senti-me incomodado/a com as coisas que habitualmente não me incomodam (Item 01) e Não tive vontade de comer, tive pouco apetite (Item 02) (ANEXO.8 pág. 321).

9) Escala de Religiosidade Global (ERG) – elaborada e validada por Nascimento (2008), tal escala é composta por um único fator (F1) Religiosidade Global (RG) (Estudo de validação/Alfa de Cronbach = .85), distribuídos em 05 itens, formatado em uma escala likert de 5 pontos ("1" – "Discordo completamente" e "5" – "Concordo completamente"), cujo objetivo compreende aferir os níveis de religiosidade, avaliados globalmente. Itens típicos: Eu sou adepto de uma determinada tradição religiosa, acredito em suas crenças fundamentais, participo de seus rituais e procuro orientar a minha vida cotidiana segundo seus ensinos (Item 01) e Eu participo de rituais religiosos e vários de meus comportamentos são orientados religiosamente, além de executar práticas religiosas quando estou sozinho ou em companhia de outras pessoas (Item 02) (ANEXO.9 pág. 322).
10) Escala de Religiosidade de Item Único (ERIU) – elaborada e validada por Nascimento (em preparação) para mensuração da religiosidade com um único item com foco nos níveis de envolvimento com a religião autopercebidos, formatada numa escala tipo Likert de 05 pontos, indo de "1" (Nenhum envolvimento e participação) a "5" (Altíssimo envolvimento e participação), a partir de questão indutora versando sobre envolvimento e participação nas atividades, cultos e obrigações religiosas.
11) Entrevista Fenomenológica – construída, com base na Entrevista Fenomenológica-Cognitiva dos Estados Autoconscientes–Parâmetros da Vigília (EFEA-V) (NASCIMENTO, 2008), em torno de dois momentos específicos e sequenciados, nesta ordem: (1) Tarefa de Indução de Autoconsciência e (2) Entrevista em Profundidade, com apoio no roteiro de orientação fenomenológico cognitiva, com o objetivo de exploração e descrição exaustiva da fenomenologia da experiência autoconsciente desencadeada no decorrer da tarefa de autofocalização, para esta pesquisa, com foco em auto-aspecto específico – a auto-atratividade, adaptação realizada para este estudo por Viana e Nascimento (2014) (ANEXO.10 pág. 323).

Para efeito do estudo proposto, as escalas foram enfeixadas num protocolo, que inclui também o questionário sociodemográfico elaborado para esta pesquisa, o qual encontra-se disposto em 11 itens com o intuito de avaliar as variáveis sócio-demográficas de interesse da pesquisa como sexo, idade, nível de escolaridade, nível de renda, religiosidade, variáveis relacionadas à vida laboral, etc.(ANEXO.11 pág. 328).

10.5.Procedimentos:

Após a aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Pernambuco (Parecer nº 821.475), o recrutamento dos participantes se deu a partir de duas frentes, uma que corresponde ao contato formal com instituições públicas e/ou privadas que trabalhem com grupo de sujeitos que correspondam aos caracteres de etários, sexo/gênero e orientação sexual e outra a partir da técnica do "Snow Ball".

Os procedimentos relativos à coleta em si, ocorreram em três etapas, a saber:

1ª etapa: refere-se ao levantamento do campo semântico de autoatratividade, a partir do qual se foram identificados os significados êmicos atribuídos a tal construto, os quais constituíram os itens da escala de Autoatratividade.

2ª etapa: compreende o processo de validação da escala de Autoatratividade junto à pesquisa desta com o conjunto de instrumentos utilizados no presente estudo de tese.

3ª etapa: diz respeito a identificação dos elementos representacionais e conteúdos fenomenais presentes no fluxo da experiência interna quando da realização de exercício autofocalizador.

Vale ressaltar na realização de todas as etapas do procedimento, foram respeitados os princípios éticos elencados pela resolução nº 466-12 no que tange a realização de pesquisas com seres humanos.

Também é digno de ressalva destacar que a coleta de dados, em todas as etapas, apenas ocorreu após o conhecimento e anuência explícita dos participantes acerca dos

objetivos do estudo e possíveis riscos oriundos da realização deste. Tal anuência fora concedida por intermédio da assinatura do participante, ou de seu responsável direto, no caso dos sujeitos menores de 18 anos, no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) destinado a população lisboeta (ANEXOS. 12/pág.330, 13/pág.333, 14/pág.336 e 15/pág.339), bem como na forma audiogravada, quando da realização das entrevistas em profundidade.

Os dados coletados em sua totalidade, após sistematização e quantificação foram digitados em planilhas do software SPSS for Windows 21 e submetidos à análise estatística. Por sua vez, os dados oriundos das entrevistas foram transcritos na integra e analisados à luz da perspectiva fenomenológica.

10.6.Análise de Dados

O modelo de análise de dados adotado no presente estudo de tese prezou pela investigação da dimensionalidade das escalas de Autoatratividade, Apreciação corporal, Autoconsciência Situacional, Autoconsciência Disposicional, Religiosidade Global, Satisfação com a vida, Felicidade Subjetiva, Rastreamento populacional para depressão, Autoestima de Rosemberg e escala de item único de envolvimento com a religião, por via da metodologia das facetas, (Luis Guttman,1968), por se tratarem de construtos complexos e multidimensionais, e as Análises Multidimensionais não-métricas do tipo *SSA (Similarity Structure Analysis*) (Similarity Structure Analysis, ver Guttman, 1968; Roazzi, 1995), por se apoiar no coeficiente MONCO de monoticidade, coeficiente de natureza não paramétrica, o qual permite um acercamento da estrutura da escala de modo menos restritivo e mais rigoroso que a psicometria tradicional (Nascimento, 2008).

Para verificação das relações entre as variáveis do estudo utilizou-se os coeficientes de correlação de Pearson, Spearman e Ponto Bisserial, coadjuvados por Regressões Passo-a-passo e teste de Kruskal-Wallis (Dancey & Reidy, 2006).

O material qualitativo advindo das entrevistas foi submetido à análise fenomenológica segundo a metodologia fenomenológica padrão (Cott & Rock, 2008) a fim de revelar quais os componentes da experiência interna se fazem presentes no fluxo do pensamento dos participantes, bem como seu dinamismo, quando da ocasião do exercício autofocalizador proposto no estudo em questão.

Capítulo 11. Estudo 1 (Qualitativo)

No âmbito geral, o presente estudo de tese, tem como objetivo geral identificar quais são os padrões de atratividade, sua representação no fluxo da experiência interna e o interfacear desta no processo autoavaliativo com os processos de atratividade autopercebida, autofocalização, autoestima, bem estar, humor depressivo e religiosidade, apresentados no desenvolvimento do ciclo vital de homens e mulheres, de orientação sexual homossexual e heterossexual, domiciliados na Região Metropolitana do Recife e na cidade de Lisboa, Portugal.

Por sua vez, cabe a este estudo qualitativo descrever os significados êmicos da atratividade, com base na hipótese de que há, ao menos, duas diferentes dimensões da atratividade, uma de caráter "físico", expressa pela apreciação, geral ou específica, dos aspectos anatomo-fisiológicos dos corpos, a qual tem sido, de modo isolado, costumeiramente, relacionada a tal constructo, e outra de caráter "não físico", atrelada ao âmbito da sociabilidade, com atenção à moralidade, intelectualidade e ao comportamento.

Tal hipótese encontra fundamento no fato de que, apesar do construto atratividade ser de interesse de diferentes áreas de produção do conhecimento científico, a exemplo das ciências agrárias, exatas e da saúde, no âmbito das ciências humanas, em especial na psicologia, os poucos esforços identificados têm apontado para uma compreensão da atratividade que mais se debruça sobre sua face física atribuindo pouca importância à sua dimensão não física. Mais rara ainda é a investigação da atratividade na seara da cognição que aborde o construto em questão enquanto um aspecto específico do autoaspecto, o qual se inscreve no self esquemata das pessoas conformando um modo próprio de autoapreciação e autoagenciamento.

Neste contexto, a fim de levantar, emicamente, o repertório de sentido atribuído à atratividade, foram consultados 80 sujeitos, considerando as características da amostra do

presente estudo de tese no tocante aos aspectos etários (participantes adolescentes, jovens, adultos e idosos), de sexo e orientação sexual (homens e mulheres heterossexuais e homossexuais), os quais foram recrutados, em sua maioria, em grupos de adolescentes, idosos, academias de ginástica e centros universitários, grupos e instituições formalmente contatados para tal fim, bem como, pessoalmente, a partir da técnica da "bola de neve", onde um participante indica outro para fazer parte do estudo.

Do ponto de vista metodológico, a consulta a tais participantes se deu por intermédio da triangulação de três diferentes técnicas: 1. Escrita livre; 2. Associação livre, e, 3. Entrevista fenomenológica em profundidade[1].

A partir do método da escrita livre 32 participantes, individualmente ou em pequenos grupos, foram convidados a produzir dois pequenos textos, em tempo livre, com base nas frases estímulos: "Na sua opinião, o que é um homem atraente?" e na "Na sua opinião, o que é uma mulher atraente?". Para tanto, fora entregue, por vez, a cada um dos participantes, duas folhas de papel A4, cuja em uma delas estava grafada a primeira frase estímulo supracitada e a segunda, a frase seguinte. Em ambas as folhas constavam linhas em branco.

O resultado destas produções textuais foi submetido ao método da Análise de Conteúdo (Bardin, 1970), por intermédio do qual emergiu um contingente de 374 unidades temáticas, as quais foram organizadas, mediante a similitude de seus componentes semânticos, em dez grandes categorias, a saber: Sensualidade, Beleza, Características Físicas, Apresentação Pessoal, Etiqueta, Inteligência, Moralidade, Comportamento, Bom Humor e Asseio.

A categoria "Sensualidade" aglutinou um repertório diverso de expressões relacionadas com a dimensão mais sensual, erótica, por vezes lasciva, das pessoas, a exemplo das palavras sedutora, gostosa, encantadora, charmosa e sexy.

[1] Para saber mais sobre a diferença entre êmico (uma interpretação particular e nativa sobre dado fenômeno) e ético (a opinião dos pesquisadores a respeito, com base nos modelos teóricos de seus campos), ver Roazzi (1995).

Por sua vez, a categoria “Beleza” fora adotada para dizer de um conjunto de palavras relacionadas à apreciação do que é belo, do que desperta atenção, a exemplo das expressões linda, com beleza externa, com beleza física e com beleza interna.

A categoria seguinte, “Características Físicas”, sumaria um conjunto de verbetes estritamente relacionados à apreciação de partes específicas do corpo, ou mesmo porções particulares, o que pode ser representado por expressões como olhos, olhar, cabelos, cabelos lisos, cabelos cacheados, dentes, sorriso, altura, músculos, dentre outros.

A “Apresentação Pessoal” se refere a uma categoria que reúne expressões afeitas ao campo do cuidado com o visual, com a aparência, a escolha, avaliada enquanto adequada, de que roupas vestir e a melhor forma de comportar quando apresentá-las, em dada situação e/ou circunstância, ou mesmo de forma geral, exemplificadas pelas expressões arrumada, bem vestida, bem cuidada, que se veste bem, estilosa, elegante e etc.

A categoria “Etiqueta” diz respeito a um conjunto de práticas ou praxes cerimoniosas em uso na sociedade, exemplificadas, na recolha de dados do presente estudo, por palavras como gentil, educada e galante.

Já a categoria “Inteligência”, uma das mais expressivas dentre os participantes da amostra recrutada para este estudo, faz referência ao campo da sapiência, da intelectualidade e da erudição, o que se faz perceber por intermédio das palavras inteligente, inteligência, intelectual, sábia, culta, que tem conteúdo, atualizada e outras congêneres.

A próxima categoria, “Moralidade”, chama atenção ao conjunto de princípios e valores morais que orientam a conduta humana, os quais foram por ora expressos, a partir dos verbetes como justa, honesta, generosa, digna, bondosa e etc.

“Comportamento” é uma categoria que aborda um conjunto de expressões mais genéricas, e propositivas, acerca de como as pessoas devem portar-se e proceder, em

especial na relação com outrem, as quais podem ser exemplificadas em palavras como companheira, carinhosa, atenciosa, amorosa, amável e amiga.

A categoria "Bom Humor" destaca uma dimensão relacionada à disposição de animo de gradiente positivo, também aplicado ao âmbito relacional, a exemplo das palavras extrovertida, engraçada, brincalhona, animada, alegre dentre outras.

Por fim, a última das categorias, o "Asseio", refere-se ao ajuntamento de unidades semânticas relacionadas ao campo da higiene, da assepsia, as quais podem ser exemplificadas pelas palavras cheirosa, higiênica, limpa e perfumada.

A presença dos diferentes itens semânticos que constam das categorias supracitadas, podem ser percebidos na passagem da redação de uma participante de 65 anos, sexo feminino e orientação sexual heterossexual. A participante, quando questionada, a partir de seu ponto de vista, sobre o que vem a ser um homem atraente, relata que (...) "Um homem atraente é um homem simpático, inteligente, bem vestido, que tenha cultura, alegre, bem humorado, educado, atual, que goste de ler e de viajar, espiritualizado e que conviva bem com as pessoas" (Mulher, 65, heterossexual). Quando convidada a pensar acerca do que é uma mulher atraente diz que uma (...) "Mulher atraente é uma mulher simpática, agradável, educada, espiritualizada, se vestir bem e confortável, se dar bem com as pessoas, gostar de ler e viajar, estar atualizada e se dar bem com as pessoas" (Mulher, 65, heterossexual).

Informe semelhante também fora emicamente emitido por outro participante, este do sexo masculino, 20 anos de idade e heterossexual. Ao observar um excerto de suas produções textuais constata-se que, na opinião do participante, um homem atraente seria aquele que (...) "(...) impressiona pela atitude, pois num simples gesto demonstra sua capacidade, seu caráter" (Homem, 20 anos, heterossexual). Por sua vez, quando se refere a o que seria uma mulher atraente diz que ela (...) "É aquela que, além da beleza, tem seu

ponto de vista estratégico, e um caráter intelectual, pois para seduzir, não basta só a beleza, mas sim ter personalidade" (Homem, 20 anos, heterossexual).

Quando do método da associação livre, 40 participantes, individualmente ou em pequenos grupos, foram convidados a registrar, por vez, em uma folha de papel A4, em branco, durante o período de um minuto, cronometrado pelo pesquisador, quais palavras lhe vinham à cabeça após ouvirem as frases estímulo: "Na sua opinião, o que é uma mulher atraente?" e "Na sua opinião, o que é um homem atraente?". Como resultado foram, identificados 473 palavras, as quais foram dispostas nas dez categorias citadas no método anterior (Sensualidade, Beleza, Características Físicas, Apresentação Pessoal, Etiqueta, Inteligência, Moralidade, Comportamento, Bom Humor e Asseio) tomando-se como princípio o compartilhamento dos componentes semânticos.

Na categoria "Sensualidade" fora notificada a presença de expressões diversas a exemplo de sensual, sexy, sensualidade, sexualidade, sexo, tesão, charmoso, etc. No que diz respeito a categoria "Beleza" registra-se a freqüência de expressões como beleza, bonita e linda. Quando da observação da categoria "Características Físicas" há a elevada incidência de verbetes como corpo, alta, esbelto, cabelo, magra, estética, dentes, bunda, rosto, peito, músculo, etc. A categoria "Apresentação Pessoal" se faz expressa pela presença de palavras como charmosa, elegante, postura, estilosa, arrumado, dentre outros. A "Etiqueta" reflete uma categoria explicada, emicamente pelos participantes, por meio de palavras como, gentil, educado, cortês e educação.

Altamente expressiva, fora a categoria "Inteligência", a qual os participantes, a fim de apresentar-lhe, se reportaram a expressões como inteligente, inteligência, informado, culta, sábia, sabedoria, etc. No que tange à categoria "Moralidade" emerge um contingente de unidades semânticas exemplificadas por palavras como caráter, honesto, correta e bom. A categoria que segue, "Comportamento", faz-se presente através de verbetes como amiga,

atitude, amável, segura, serena, carismática, companheira, decidida, delicada, simplicidade, comunicativa, perceptiva, sincero, etc. “Bom Humor”, é uma categoria que é espelhada pelas expressões brincalhão, humorado, extrovertida, animada, etc. Por sua vez a categoria “Asseio” faz referência a um conglomerado de palavras como cheiro, perfumado, perfume e limpa.

Os achados aqui sumariados parecem corroborar os resultados obtidos por ocasião do método da Escrita livre, posicionamento este que pode ser percebido no relato de uma participante do sexo feminino, idade de 26 anos e de orientação sexual homoafetiva.

Quando arguida sobre o que pensa, a partir do seu próprio ponto de vista, o que venha a ser uma mulher atraente, a participante relata que esta mulher, em especial, é dotada dos seguintes atributos (...) “animada, arrumada, bela, bonita, cabelos longos, companheira, educada, inteligente, organizada, sarada e sensual” (Mulher, 26 anos, homossexual). Por sua vez, quando questionada acerca do que seria um homem atraente, relata que este seria explicado por palavras como (...) “cama, carinho, casamento, cheiro, corpo, inteligência, masturbação, passeio, prazer, sensualidade e sexo” (Mulher, 26 anos, homossexual).

Na ocasião da realização do método da Entrevista fenomenológica em profundidade, 08 participantes, assim como os demais nos métodos supracitados, foram consultados a fim de levantar, emicamente, quais expressões e categorias expressam o que vem a ser atratividade, de forma geral, ou em algum de seus aspectos.

Aqui, mais uma vez, corroboram-se os achados identificados tanto do método da Escrita livre quanto da Associação livre, contemplados pelas dez categorias elencadas em ambos os métodos anteriormente (Sensualidade, Beleza, Características Físicas, Apresentação Pessoal, Etiqueta, Inteligência, Moralidade, Comportamento, Bom Humor e Asseio).

Ao observar as transcrições das entrevistas percebem-se a presença de expressões como sensual, sexy e sensualidade, na categoria “Sensualidade”; bonita, linda e bela, sob a elemento da “Beleza”; forte, magra, alta e proporcional, na categoria “Características Físicas”; bem vestida, sabe se vestir, se veste adequadamente e outras do gênero, no quesito “Apresentação Pessoal”; gentil, educação e educado, no que se refere à categoria “Etiqueta”; intelectual, inteligente, inteligência, culta e outras congêneres, para refletir a categoria “Inteligência”; com princípios, correta, honesta e justa, no que se refere a categoria “Moralidade”; amável, agradável, séria, simpática, na categoria “Comportamento”; alegre, divertido, bem humorado e extrovertido, a respeito da categoria “Bom Humor” e limpa, higiênica, perfumada, cheirosa e asseada, para detalhar a categoria “Asseio”.

Algumas destas expressões podem ser percebidas, emicamente, nos turnos de fala presentes no excerto extraído da entrevista de um participante do sexo feminino, 58 anos e orientação sexual heterossexual.

> “Entrevistador: Em sua opinião o que é uma pessoa atraente?
>
> Participante: Bem, para mim uma pessoa atraente é uma pessoa que tem o que dizer, tem aspectos positivos, são pessoas é é, que acrescentam. Não é o aspecto físico que me atrai, na verdade é a inteligência, nesse sentido. Lógico que tem outras características né? A pessoa que é feliz, sorridente, então, assim, que está mais para o aspecto positivo (...)” (Mulher, 58 anos, heterossexual).

De modo preliminar, é possível inferir que os aspectos elencados pelos participantes, no âmbito geral do estudo qualitativo, a partir dos diferentes métodos utilizados, parece corroborar a hipótese inicial do presente estudo de tese, uma vez que aponta para uma natureza de atratividade com base em dois expoentes: um que privilegia os atributos “físicos” da atratividade e, sobremaneira, outro que ressalva os aspectos “não físicos”, de modo contrário à literatura na área a qual associa a tal construto fortemente à apreciação dos

corpos, ressaltando características físicas mais gerais ou específicas e, de modo menos expressivo, a dimensão não física.

A fim de sumariar o repertório semântico da atratividade a partir do ponto de vista dos participantes do estudo qualitativo como um todo, levando-se em conta a considerável similitude dos achados nos três métodos utilizados: a Escrita livre, a Associação livre e a Entrevista fenomenológica em profundidade, optou-se pelo método da Associação livre por considerar que este se revela expressivo por bem representar o conjunto dos resultados identificados a partir dos diferentes métodos e procedimentos adotados.

Desta feita, os resultados advindos do método da Associação livre foram então submetidos à Análise de Conteúdo (Bardin, 1970), fazendo emergir desta um universo de sete categorias a partir das frequências mais robustas, e que receberam a seguinte titulação: (F1) Sensualidade, (F2) Inteligência, (F3) Bom Humor, (F4) Afetividade, (F5) Apresentação Pessoal, (F6) Moralidade e (F7) Asseio e estas, por sua vez, tiveram seus itens submetidos à análise estatística do tipo multidimensional, categorias estas que serviram de fundamento para a elaboração da Escala de Autoatratividade (EAA), cuja elucidação será abordada no capítulo posterior.

Capítulo: 12 Estudo 2 (*ex-post-facto*)

O presente estudo de tese apresenta como objetivo principal a identificação do que são os padrões de atratividade, como estes são representados no âmbito da experiência interna dos participantes, assim como se dá a interface destes com os processos de atratividade autopercebida, autofocalização, autoestima, bem-estar, humor depressivo e religiosidade, revelados no fluxo do desenvolvimento do ciclo vital de homens e mulheres homo e hetero afetivamente orientados, domiciliados na cidade de Recife e demais municípios da Região Metropolitana.

De modo particular, tal estudo busca levantar por quais caminhos representacionais e fenomenais tais padrões se apresentam; assim como elencar a interface entre atratividade autopercebida e a autoconsciência, autoestima, bem-estar, humor depressivo e religiosidade; reportar e identificar os componentes e o design do fluxo da experiência interna na ocasião de estado autoconsciente atrelado à autoatratividade; perceber a influência da atratividade autopercebida sobre os processos de autofocalização, bem estar psicológico e humor depressivo, bem como o status de moderador que a dimensão religiosidade parece exercer neste contexto; averiguar o papel de variáveis sociodemográficas tanto na delimitação de fatores das escalas psicométricas como no âmbito fenomenal da experiência interna durante estado autoconsciente relacionado a autoatratividade; validar instrumento psicométrico de mensuração da atratividade autopercebida (Escala de Autoatratividade/ Viana & Nascimento, 2014) e examinar as características psicométricas dos instrumentos psicológicos utilizados na pesquisa.

Com base nas questões colocados pelos objetivos supracitados, este capítulo refere-se ao estudo *ex-post-facto* em si, o qual se dá a partir da apresentação do exame estatístico do conjunto de escalas que fazem parte do presente estudo de tese, dez ao todo, a saber: a) *Escala de Autoatratividade* (EAA), b) *Escala de Apreciação Corporal* (EAC), c) *Escala de*

Autoconsciência Disposicional (EAD), d) *Escala de Autoconsciência Situacional* (EAS), *e) Escala de Religiosidade Global* (ERG), f) *Escala de Religiosidade de Item Único*, g) *Escala de Autoestima de Rosenberg* (EAR), h) *Escala de Satisfação com a Vida*, i) *Escala de Felicidade Subjetiva* e a j) *Escala de Rastreamento Populacional para Depressão* (CES-D), as quais serão aqui apresentados, a priori, de modo particularizado, os resultados de suas análises fatorias e multidimensionais, acompanhados dos respectivos indicadores de fidedignidade, e, na sequência serão abordados os exames de suas intercorrelações, regressões, assim como a análise dimensional integrativa.

a) Escala de Autoatratividade (EAA)

Com vistas ao exame da dimensionalidade da EAA, examinou-se primeiramente a matriz de correlações composta pelos itens da referida escala, e observou-se a necessidade da retirada de itens por sua baixa correlação item-total (itens: 02; 06; 12; 22; e 43). Os itens restantes foram encaminhados a Análise de Estrutura de Similaridade (SSA) para investigação das dimensões subjacentes à matriz de correlações. Os resultados desta estatística podem ser examinados na Figura 01.

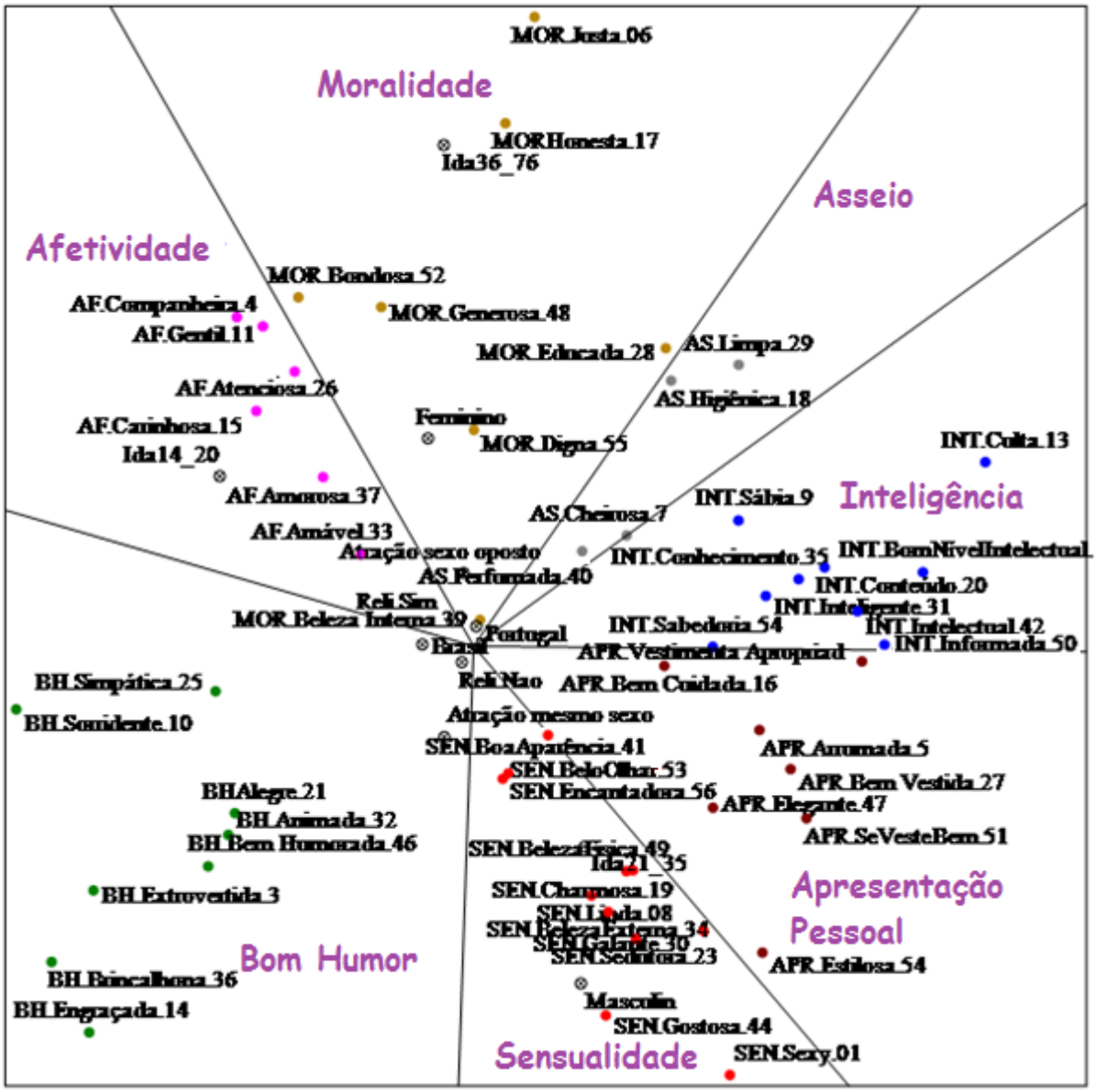

Figura 01.

SSA Escala de Autoatratividade (EAA) (3D 1X2; Coeficiente de Alienação = .12261)

Quando do exame da dimensionalidade da Escala de Autoatratividade (EAA) mediante a análise SSA, observa-se, conforme a projeção gerada, que tais itens, juntamente às variáveis externas, encontram-se distribuídos no espaço euclidiano, no formato de agrupamentos, considerando um conjunto de sete facetas, aqui apresentadas respeitando o movimento horário, da esquerda para a direita: bom humor; afetividade; moralidade; asseio; inteligência; apresentação pessoal e sensualidade, os quais serão, por ora detalhadamente apresentados.

Na face esquerda, do quadrante inferior esquerdo, encontra-se um conglomerado de itens, minimamente relacionados, denominado de “bom humor”. Tal faceta, num movimento que parte de baixo para cima, compreende os seguintes itens e seus respectivos números, a saber: engraçada (item 14); brincalhona (item 36); extrovertida (item 03); bem humorada (item 46); animada (item 32); alegre (item 21); sorridente (item 10) e simpática (item 25). Situados nas proximidades de tais itens encontram-se, próximo ao centro do conjunto, as variáveis externas referentes à amostra do Brasil, os participantes que se autodeclaram sem religião e aqueles que sentem atração afetivo/sexual por pessoas do mesmo sexo.

Ainda na face esquerda, agora no quadrante superior esquerdo, encontra-se a faceta “afetividade”, constituída por seis itens, aqui apresentados de baixo para cima: amável (item 33); amorosa (item 37); carinhosa (item 15); atenciosa (item 26); gentil (item 11) e companheira (item 04). Os quais encontram-se situados nas proximidades das variáveis externas que dizem respeito ao segmento etário de 14 a 20 anos e aos participantes que dizem ser religiosos.

Na face superior, localizado na região central, haja vista abarca tanto parte do quadrante direito, como também, parte do esquerdo, encontra-se a faceta “moralidade”. Esta é constituída por sete itens, apresentados junto a seus respectivos números de ordenação/distribuição na própria escala, em um movimento de baixo para cima, a saber: beleza interna (item 39), esta situada às cercanias do conjunto de itens: digna (item 55); educada (item 28); generosa (item 48); bondosa (item 52); honesta (item17) e justa (item 06). Na cercania de tais itens encontram-se as variáveis externas que compreendem a faixa etária dos 36 aos 76 anos, a amostra de sujeitos do sexo feminino, aqueles que se dizem atraídos por pessoas do sexo oposto, como também a amostra portuguesa, esta localizada bem próxima ao centro do agrupamento.

Mantendo-se na face superior, agora no quadrante esquerdo, situam-se, da base inferior à superior, os itens: perfumada (item 40); cheirosa (item 07); higiênica (item 18) e limpa (item 29), itens que configuram a faceta “Asseio”.

Abrangendo parte dos quadrantes superior e inferior, da face direita do diagrama, encontra-se a faceta “inteligência”, faceta esta formada por um conjunto de itens os quais são aqui apresentados a partir da base à sua face superior, a saber: informada (item 50), situado bem à fronteira da faceta “apresentação pessoal”; intelectual (item 42); sabedoria (item 54); inteligente (item 31); conteúdo (item 20); conhecimento (item 35); bom nível intelectual (item 24); sábia (item 09) e culta (item 13).

Ainda na face direita, agora no quadrante inferior, situa-se a faceta “Apresentação Pessoal”. Tal faceta constitui-se por sete itens, os quais serão aqui apresentados em respeito a um movimento que parte da base ao topo da faceta, a saber: estilosa (item 54); se veste bem (item 51); elegante (item 47); bem vestida (item 27); arrumada (item 05); bem cuidada (item 16) e vestimenta apropriada (item 38), este bem próximo à fronteira com a faceta anterior, a “inteligência”.

Na mesma face e quadrante, por ora na porção centro-direita, encontra-se a faceta constituída por itens relacionados à “Sensualidade”. Estes, quando apresentados de baixo para cima, dizem de um conglomerado de 11 itens: sexy (item 01); gostosa (item 44); sedutora (item 23); galante (item 30); beleza externa (item 34); linda (item 08); charmosa (item 19); beleza física (item 49); encantadora (item 56); belo olhar (item 53) e boa aparência (item 41). Também se localizam nesta faceta as variáveis externas do sexo masculino e dos participantes dos 21 aos 35 anos.

Ressalta-se ainda que as dimensões encontradas na Análise SSA, espelham os fatores esperados para este instrumento psicométrico, sendo os mesmos levados a verificação de sua

consistência interna pelo Alfa de Cronbach, com os seguintes resultados, a saber: Sensualidade (Alfa de Cronbach = .931), Inteligência (Alfa de Cronbach = .901), Bom humor (Alfa de Cronbach =.894), Afetividade (Alfa de Cronbach =.849), Apresentação pessoal (Alfa de Cronbach =.892), Moralidade (Alfa de Cronbach =.811) e Asseio (Alfa de Cronbach =.828), bem como a escala total (Alfa de Cronbach =.96), números estes que fazem da versão final da Escala de Autoatratividade suficientemente estável e confiável, tanto para a utilização em pesquisa como para fins de diagnóstico, segundo preconiza literatura psicométrica vigente (Hair *et al.*, 2005; Nascimento, 2008).

b) Escala de Apreciação Corporal (EAC)

Escala criada por Tylka (2006), adaptada para a língua portuguesa, no Brasil, pela pesquisadora Campana (2011), fora incorporada ao referido estudo de tese com o intuito de aferir sua validade contingente junto à Escala de Autoatratividade (EAA), haja vista ambas compartilham o interesse pelo mesmo campo semântico, o da atratividade, especificamente, sua dimensão física nesta escala em exame. De estrutura unifatorial, (F1) Imagem Corporal Positiva, utilizados na íntegra seus itens que vão de 1 a 13, a escala apresentou excelente índice de fidedignidade total com o Alfa de Cronbach = .90.

c) Escala de Autoconsciência Situacional (EAS)

No tocante ao exame da dimensionalidade da Escala de Autoconsciência Situacional constata-se, a partir da observação do diagrama SSA, a conformação de duas facetas, uma, de menor dimensão, situada em toda porção superior do quadrante, denominada de "Autoconsciência Não-Ruminativa" e a outra, em maior dimensão, ocupando tantos as faces inferiores esquerda e direita, como também parte das mesmas faces no quadrante superior, sob o nome "Autoconsciência Ruminativa", conforme é possível observar na figura que segue.

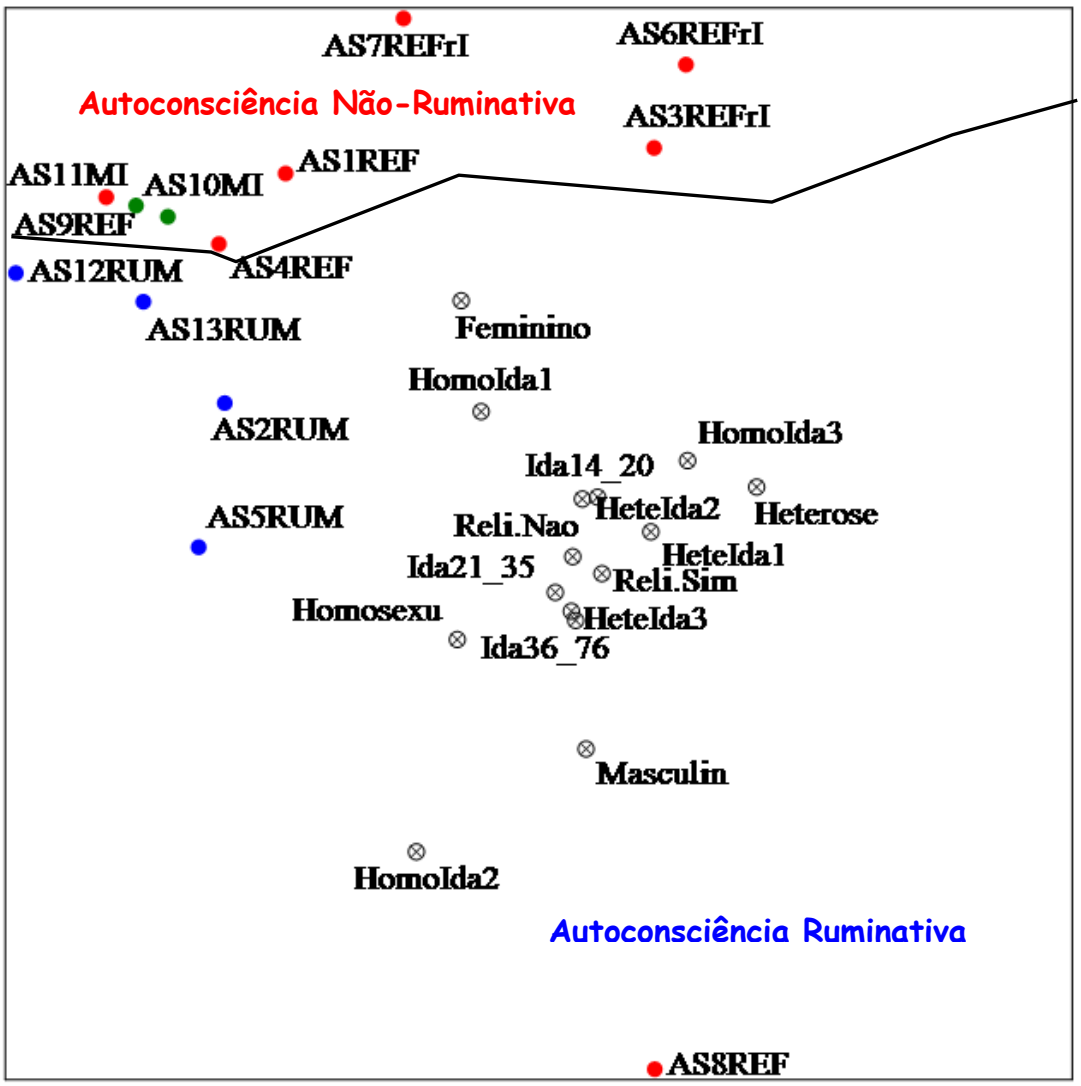

Figura 02.

SSA Escala de Autoconsciência Situacional (EAS) (3D 1X2; Coeficiente de Alienação = .09975)

Na faceta "Autoconsciência Não-Ruminativa" encontra-se, exclusivamente, um conjunto de itens, os quais aqui serão descritos, respectivamente, em respeito a um movimento que parte da base da faceta. Os primeiros itens, referem-se a dimensão da reflexão, o item 04 (Reflexão) e o item 09 (Reflexão), na sequência, surgem os itens de mediação icônica, o item 10 (Mediação Icônica) e o item 11 (Mediação Icônica). Os demais itens, situam-se na dimensão relfexiva da escala, o item 01 (Reflexão), o item 03 (Reflexão), o item 07 (Reflexão) e o item 06 (Reflexão).

Por sua vez na faceta “Autoconsciência Ruminativa” encontra-se um conglomerado de variáveis sociodemográficas, itens de ruminação e apenas um de reflexão. Vale destacar que, no ponto inferior da faceta em questão, encontra-se o item 08 (Reflexão), o qual, apesar de sua natureza reversa, apresenta certa afinidade com os itens de ruminação pela via negativa, o de não estar preocupado, haja vista a ruminação tem seu centro semântico na “preocupação”.

Para além da presença do item de reflexão, identificam-se variáveis sociodemográficas referente aos participantes de orientação sexual homossexual com idades entre 21 a 35 anos, dos participantes do sexo masculino, dos participantes de orientação sexual heterossexual com idades entre 36 e 76 anos, dos participantes homossexuais, dos participantes, no âmbito geral, com idades entre 21 e 35 anos, dos participantes que possuem religião, os que relatam não possuir religião, os participantes de orientação sexual heterossexual com idades entre 14 e 20 anos, o item 05 (Ruminativo), as variáveis referentes aos participantes de orientação sexual heterossexual com idades entre 21 e 35 anos, os participantes heterossexuais como um todo, os participantes de orientação sexual homossexual com idades entre 36 e 76 anos, outra vez um item de ruminação, o item 02 (Ruminação), as variáveis participante homossexual com idades entre 14 e 20 anos e os participantes do sexo feminino, acompanhados pelos itens, também da dimensão ruminação, item 13 (Ruminação) e o item 12 (Ruminação).

Por sua vez, quando das análises referentes ao presente estudo de tese, constata-se que a EAS, como um todo, apresenta um nível de fidedignidade representado por um Alfa de Cronbach = .65, superior ao ponto de corte psicométrico recomendado para fins de pesquisa (.40, ver Hair et al. 2005). Contudo, ao partir para as estatísticas de confiabilidade dos fatores em particular, percebe-se certa flutuação dos níveis de fidedignidade, quando comparados ao estudo de validação original, os quais, por ora, são representados por um

Alfa de Cronbach = .28 para o fator (F1) Reflexão (REF); Alfa de Cronbach = .65 para o fator (F2) Ruminação (RUM) e um Alfa de Cronbach = .83 para o fator (F3) Mediação Icônica (MI).

d) Escala de Autoconsciência Disposicional (EAD)

Para que seja possível analisar a dimensionalidade da Escala de Autoconsciência Disposicional, fez-se necessário submeter o conjunto de seus itens a Análise SSA, cujos resultados podem ser observados na Figura 03.

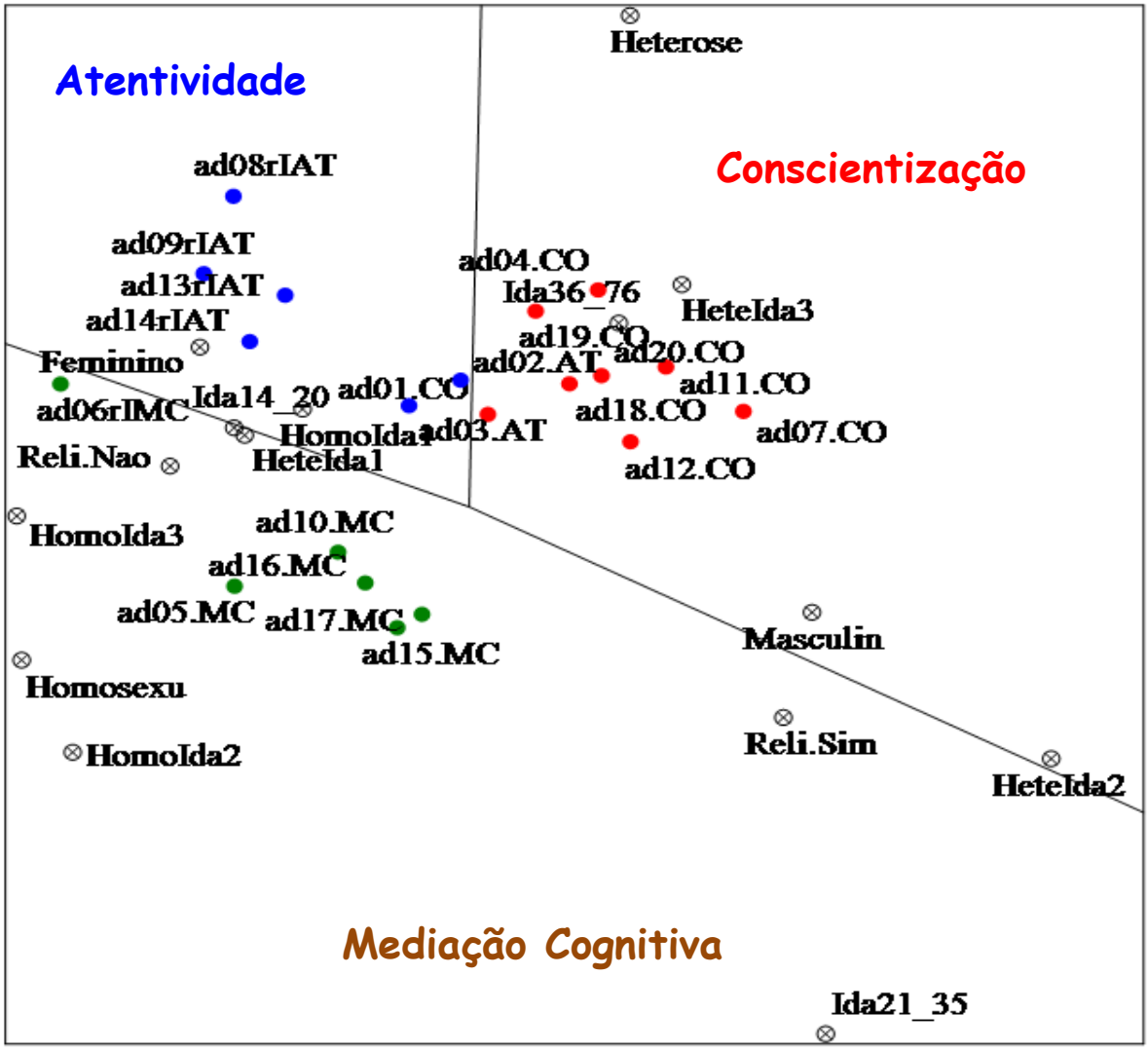

Figura 03.

SSA Escala de Autoconsciência Disposicional (EAD) (3D 1X2; Coeficiente de Alienação = .15799)

Na face esquerda do quadrante superior encontra-se um conglomerado de itens e variáveis sociodemográficas que compreendem à faceta “Atentividade”. A partir do ponto inferior da faceta faz-se presente o item 01 (Conscientização); a variável referente aos participantes do sexo feminino; o item 14 (Atentividade); o item 13 (Atentividade); o item 09 (Atentividade) e o item 08 (Atentividade), os quais apresentaram considerável nível de saturação.

Ainda no quadrante superior, agora, por sua vez, na face direita, se extendendo para a face direita do quadrante inferior, estão distribuídos os itens e variáveis refentes à faceta “Conscientização”. Da base ao topo da faceta estão distribuídos, respectivamente, as variáveis referentes aos participantes de orientação sexual heterossexual com idades entre 21 e 35 anos, na fronteira com a faceta seguinte, a da “Mediação Cognitiva”, e os participantes referentes à variável masculinidade; acompanhados pelo item 12 (Conscientização), o item 03 (Atentividade), o item 07 (Conscientização), o item 18 (Conscientização), o item 11 (Conscientização), o item 02 (Atentividade), o item 20 (Conscientização), o item 19 (Conscientização); outra vez pela variável referente aos participantes de orientação sexual heterossexual com idades entre 36 e 76 anos; em seguida há o item 04 (Conscienctização) e, por fim, a variável referente aos participantes de orientação sexual heterossexual como um todo.

Ambas as faces do quadrante inferior, com uma leve projeção à face esquerda do quadrante superior, compreende a faceta “Mediação Cognitiva”. A partir do ponto inferior da referida faceta encontram-se as variáveis relacionadas aos participantes com idades entre 21 e 35 anos, aos participantes de orientação sexual homossexual com idade entre 21 e 35 anos, àqueles que responderam possuir religião, aos participantes de orientação sexual homossexual; o item 15 (Mediação Cognitiva), o item 17 (Mediação Cognitiva), o item 05 (Mediação Cognitiva), item 16 (Mediação Cognitiva); a variável referente aos participantes

de orientação sexual homossexual com idades entre 36 e 76 anos; o item 10 (Mediação Cognitiva), a variável referente aos participantes que responderam não possuir religião, já na fronteira com a faceta “Atentividade” a variável relacionada aos participantes de orientação sexual heterossexual com idades entre 14 e 20 anos e o item 06 (Mediação Cognitiva).

No presente estudo de tese, faz-se perceber para a EAD níveis de fidedignidade significantes tanto na escala total (Alfa de Cronbach = .67), como em dois dos fatores da EAD (F1 – Alfa de Cronbach = .72 e F3 – Alfa de Cronbach = .57), todavia, apenas um deles tem indicativo para utilização em fins diagnósticos, o F1. Tanto a escala como um todo como o fator F2 seriam então recomendados para fins de pesquisa, haja vista superam o ponto de corte expresso no Alfa de Cronbach = .40. Se aproximando do corte psicométrico indicado para uso em pesquisa (.40, Hair et al., 2005) revelou-se a fidedignidade do fator (F3) Atentividade (Alfa de Cronbach = .34), um fator observado pouco consistente nesta amostra de pesquisa, o que recomenda cautela na interpretação dos resultados a este atrelados.

e) Escala de Religiosidade Global (ERG)

Criada por Nascimento (2008), a referida escala apresenta um único fator, (F1) Religiosidade Global (RG), composto por 5 itens distintos: 1º. Adesão Religiosa (AR), 2º. Comportamento Religioso (CR), 3º. Experiência Mística (EM), 4º. Fé (FE) e 5º. Vinculação Epistêmica (VE). Com o desdobramento das análises fatoriais revelam-se índices de fidedignidade estatisticamente significantes tanto no estudo original de validação (Nascimento, 2008), com Alfa de Cronbach = .85, quanto no presente estudo de tese com Alfa de Cronbach = .87.

Quando submetido a análises fatoriais mais aprofundadas, observa-se resultados significantes no teste de KMO (.816) e Bartlett (1425,531) com a matriz de correlações,

valores indicadores da existência de variáveis latentes a serem extraídas. O uso conjunto dos critérios de Kaiser e Catell revelou a existência de um único autovalor (3.293) a ser extraído da matriz de correlações, corroborado pelo critério de Catell expresso pelo gráfico de sedimentação, com a retenção dos autovalores situados antes da suavização dos ângulos da curva, como observa-se na Figura 04.

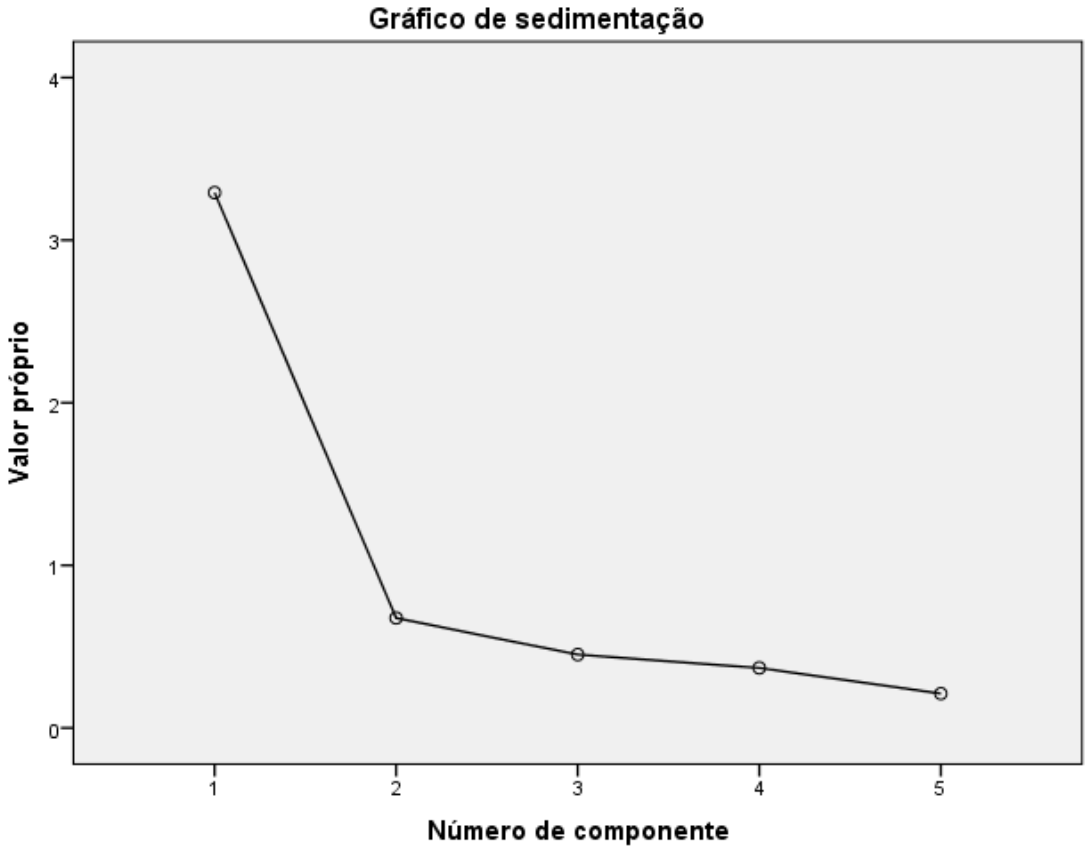

Figura 04.

Gráfico de sedimentação com itens da ERG

Após extração do único fator indicado pela Análise de Componentes Principais, foram observadas elevadas comunalidades com extração .725 no item 01 (Adesão Religiosa); .725 no item 02 (Comportamento Religioso); .645 no item 03 (Experiência Mística); .547 no item 04 (Fé) e .650 no item 05 (Vinculação Epistêmica). A partir da

utilização do mesmo método de extração é possível captar elevados índices de variância total explicada de 65,852%, e uma fidedignidade excelente (Alfa de Cronbach = .87). A solução fatorial com as respectivas cargas fatoriais podem ser avaliadas na Tabela 01.

Tabela 01. Análise fatorial da Escala de Religiosidade Global (ERG) (*eigenvalue*> 1 e saturação > .40)

Itens	**F1**	h^2
01. Eu sou adepto de uma determinada tradição religiosa, acredito em suas crenças fundamentais, participo de seus rituais e procuro orientar a minha vida cotidiana segundo seus ensinos.	,852	,725
02. Eu participo de rituais religiosos e vários de meus comportamentos são orientados religiosamente, além de executar práticas religiosas quando estou sozinho ou em companhia de outras pessoas.	,851	,725
05. Entre o que o conhecimento religioso afirma e o que outros tipos de conhecimento afirmam, prefiro acreditar no que ensinam as afirmações religiosas.	,806	,650
03. Eu vivencio estados de completa união com Deus ou com o que me parece ser a Força ou Poder que governa tudo que existe e nesses estados me sinto muito diferente de como me percebo na vida cotidiana.	,803	,645
04. Deposito minha confiança e esperança em um Poder mais alto que eu.	,740	,547
Número de Itens	5	
Valor Próprio (Eingenvalue)	3.293	
% de variância por cada fator	65.85	
Alfa de Cronbach	.87	

Notas. **Índice Kaiser-Meier-Olkin de Adequação da Amostra**: ,816; **Teste de esfericidade de Bartlett**: 1425,531, *p* = .000; **Identificação dos fatores:** F1: *Religiosidade*.

Podem ser observadas elevadas cargas fatoriais para todos os itens da escala ERG (>.40), bem como uma solução fatorial similar a do estudo de validação original de Nascimento (2008), com retenção de todos os itens, reunidos num único fator geral de religiosidade global.

f) Escala de Religiosidade de Item Único

Elaborado por Nascimento (2013) a referida escala é composta por um único fator, (F1) Religiosidade (REL). No tocante ao presente estudo de tese, não fora possível aferir o nível de fidedignidade por se tratar de instrumento de item único, e não ter-se realizado retestes com as escalas, o que permitiria o cálculo de sua fidedignidade (método teste-reteste). Por sua vez, tal escala fora incorporada ao referido estudo com vistas ao estabelecimento da validade convergente com a Escala de Religiosidade Global (ERG), com a qual tem apresentado intercorrelações estatisticamente significantes, tanto neste estudo, quanto no estudo de validação.

g) Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR)

Criada por Morris Rosenberg (1965), adaptada à língua portuguesa por Nascimento (2008), a EAR é uma escala unifatorial composta por 10 itens, a qual foi originalmente desenvolvida para mensurar a autoestima em uma amostra de estudantes norte-americanos do ensino médio, no entanto, desde então, esta tem sido utilizada em uma variedade de grupos.

Como uma escala Guttman, os escores podem ser um pouco complicados, sobretudo, em razão da influência dos itens reversos, conforme advertem Ciarrochi, J. e Bilich, L. (2006). Todavia, o estudo de validação originário aponta que a EAR apresenta significante indicador de consistência interna com Alfa de Cronbach = .92. Contudo, quando aplicada ao presente estudo de tese, a referida escala não apresentou um bom desempenho revelando baixo indicador de consistência interna com Alfa de Cronbach = .05, dado que, apesar de acrescentar informes à literatura, revela que, na amostra recrutada para o estudo em questão, de fato, não consegue mensurar a autoestima com os níveis de precisão desejados.

h) Escala de Satisfação com a Vida

Elaborada por Diener e colaboradores (1985), com versão brasileira de Nascimento (2013), a Escala de Satisfação com a Vida apresenta uma estrutura unidimensional, composta por 5 itens (de 01 a 05). No presente estudo, no exame dos níveis de consistência interna, constatou-se, no tocante à amostra do estudo de tese em questão, a presença de considerável índice de fidedignidade da escala como um todo (Alfa de Cronbach = .83), superior ao ponto de corte psicométrico (Alfa de Cronbach =.70) para realização de diagnóstico, conforme preconiza a literatura vigente.

i) Escala de Felicidade Subjetiva

A Escala de Felicidade Subjetiva (Lyubomirsky & Lepper, 1999), a qual fora utilizada, no presente estudo, a versão brasileira validada por Rodrigues e Silva (2010), trata-se de um instrumento de medida psicométrica unifatorial, constituído por 4 itens (01 a 04), cujo os indicadores de consistência interna, quando do estudo de validação para língua portuguesa apresenta um Alfa de Cronbach = .674, por sua vez, na ocasião da análise dos dados coletados na amostra do presente estudo de tese, revelou-se um índice de fidedignidade total da escala, (Alfa de Cronbach = .425) ligeiramente superior ao ponto de corte psicométrico notificado pela literatura para a aplicação de tal instrumento para fins de pesquisa.

j) Escala de Rastreamento Populacional para Depressão (CES-D)

A Escala de Rastreamento Populacional para Depressão (CES-D), criada por Radloff (1977), com versão em língua portuguesa validada por Silveira (1998), é um instrumento de aferição psicométrica conformado por 20 itens distribuídos em quatro fatores: (F1) Afeto Depressivo (ADEP) (itens 03, 06, 09, 10, 14, 17 e 18); (F2) Afeto Positivo (APOS) (itens

04, 08, 12 e 16); (F3) Atividade Somática (AS) (itens 01, 02, 05, 07, 11, 13 e 20) e o (F4) Relações Interpessoais (RI) (itens 15 e 19).

No tocante aos índices de consistência interna da escala, o estudo de validação original diz de uma fidedignidade significante seja, no que se refere ao instrumento como um todo (Alfa de Cronbach = .84) ou mesmo quando da exclusão de dois itens, o 02 e o 04, (Alfa de Cronbach = .86). Por sua vez, quando da observação do estudo de validação brasileiro, não há informes disponíveis sobre a fidedignidade dos fatores. Contudo, no presente estudo de tese, constata-se a presença de níveis de fidedignidade estatisticamente significantes tanto na escala total (Alfa de Cronbach = .80), como também em cada um dos seus fatores, a saber: (F1) Afeto Depressivo (ADEP) (Alfa de Cronbach = .86; (F2) Afeto Positivo (APOS) (Alfa de Cronbach = .54); (F3) Atividade Somática (AS) (Alfa de Cronbach = .70) e (F4) Relações Interpessoais (RI) (Alfa de Cronbach = .63).

Exame das intercorrelações entre as escalas/variáveis

No tocante ao exame das intercorrelações dos fatores da Escala de Autoatratividade (EAA) com as demais escalas do estudo, na amostra portuguesa, observa-se a presença de correlações estatisticamente significantes especificamente no que diz respeito a Escala de Apreciação Corporal (EAC) e as variáveis sociodemográficas de envolvimento com a religião e àqueles que responderam possuir religião, conforme faz-se perceber na tabela apresentada na sequência.

Tabela 02.

Intercorrelações (*r* de Pearson) dos fatores da EAA com as escalas EAC, ESV, EAR, EFS, EAS, EAD, CES-D, ERIU, ERG (total e por item) e a variável Pertença à Religião (Portugal)

	Sensualidade		Inteligência		Bom Humor		Afetividade		Apr. Pessoal		Moralidade		Asseio	
	r	*p*	*r*	*p*	*r*	*p*	*r*	*p*	*r*	*p*	*r*	*p*	*r*	*p*
Aprec. Corporal	,386**	,000	,324**	,001	,205**	,034	,280**	,004	,413**	,000	,399**	,000	,320**	,001
Rel. Envol. c/Religião	-,114	,519	-,164	,354	-,001	,995	-,045	,801	-,132	,455	-,199	,259	,017	,925
Reli. Sim	-,161	,103	-,092	,351	-,043	,666	-,022	,827	-,128	,194	,011	,913	,048	,627

Nota: **correlação significante até o nível 0.05.

Quando da ocasião das correlações entre os fatores supracitados da Escala de Autoatratividade (EAA) com as demais escalas utilizadas no presente estudo de tese, observa-se, na coleta portuguesa, uma correlação estatisticamente significante entre os fatores sensualidade (r = .386, p < .000); inteligência (r = .324, p < .001); bom humor (r = .205, p < .034); afetividade (r = .280, p < .004); apresentação pessoal (r = .413, p < .000); moralidade (r = .399, p < .000); e asseio (r = .320, p < .001), com a Escala de Apreciação Corporal (EAC). A escala de religiosidade de item único (envolvimento com a religião), bem como pertença a religião autoreportada não se correlacionaram com quaisquer dos fatores da EAA.

Por sua vez, o exame das intercorrelações dos mesmos fatores na amostra brasileira, também notifica a presença de correlações estatisticamente significantes, segundo revela a Tabela 3 por ora apresentada.

Tabela 03.

Intercorrelações (*r* de Pearson) dos fatores da EAA com as escalas EAC, ESV, EAR, EFS, EAS, EAD, CES-D, ERIU, ERG (total e por item) e a variável Pertença à Religião (Brasil)

	Sensualidade		Inteligência		Bom Humor		Afetividade		Apr. Pessoal		Moralidade		Asseio	
	r	*p*	*r*	*p*	*r*	*p*	*R*	*p*	*r*	*p*	*r*	*p*	*r*	*p*
Aprec. Corporal	,535**	,000	,354**	,000	,264**	.000	,311**	,000	,430**	,000	,331**	,000	,302**	,000
Satis. Vida	,380**	,000	,363**	,000	,315**	,000	,237**	,000	,374**	,000	,250**	,000	,227**	,000
Autoestima	,569**	,000	,422**	,000	,399**	,000	,353**	,000	,448**	,000	,367**	,000	,287**	,000
Felic. Subjetiva	,459**	,000	,303**	,000	,400**	,000	,205**	,000	,339**	,000	,210**	,000	,216**	,000
Reflexão	,035	,405	,117**	,005	-,045	,285	,095*	,024	,096*	,023	,114**	,007	,028	,510
Ruminação	,151**	,000	,095*	,024	,011	,794	,113**	,007	,098*	,020	,106*	,012	,097*	,022
Mediação Icônica	,170**	,000	,125**	,003	,020	,632	,154**	,000	,098*	,020	,107*	,011	,083*	,050
Conscientização	,310**	,000	,316**	,000	,182**	,000	,268**	,000	,336**	,000	,314**	,000	,222**	,000
Atentividade	,086*	,042	,152**	,000	,049	,247	,144**	,001	,077	,069	,130**	,002	,067	,115
Mediação Cognitiva	,027	,529	,033	,431	-,011	,801	,063	,135	,027	,520	,042	,322	,049	,246
Afeto Depressivo	-,286**	,000	-,214**	,000	-,321**	,000	-,114**	,007	-,241**	,000	-,103*	,015	-,123**	,004
Afeto Positivo	,353**	,000	,306**	,000	,302**	,000	,238**	,000	,314**	,000	,233**	,000	,214**	,000
Ati. Somática	-,217**	,000	-,250**	,000	-,216**	,000	-,095*	,024	-,195**	,000	-,083*	,049	-,115**	,006
Rel. Interpessoais	-,176**	,000	-,132**	,002	-,199**	,000	-,075	,074	-,123**	,003	-,034	,425	-,046	,278
Rel. Envol. c/Religião	,192**	,000	,168**	,000	,177**	,000	,194**	,000	,212**	,000	,221**	,000	,167**	,000
Reli. Global	,215**	,000	,121**	,004	,173**	,000	,260**	,000	,227**	,000	,253**	,000	,188**	,000
ERG01 (Adesão Religiosa)	,120**	,004	,051	,228	,082	,052	,154**	,000	,125**	,003	,163**	,000	,124**	,003
ERG02 (Comportamento Religioso)	,121**	,004	,073	,085	,097*	,021	,187**	,000	,129**	,002	,171**	,000	,100*	,018
ERG03 (Experiência Mística)	,212**	,000	,131**	,002	,154**	,000	,243**	,000	,224**	,000	,228**	,000	,160**	,000
ERG04 (Fé)	,210**	,000	,149**	,000	,192**	,000	,249**	,000	,196**	,000	,235**	,000	,204**	,000
ERG05 (Vinculação Epistêmica)	,220**	,000	,100*	,018	,188**	,000	,230**	,000	,255**	,000	,239**	,000	,185**	,000
Reli. Sim	,188**	,000	,124**	,003	,138**	,001	,190**	,000	,200**	,000	,185**	,000	,179**	,000

Nota: * correlação significante até o nível de 0.01 e **correlação significante até o nível 0.05

No tocante a amostra brasileira, constata-se a presença de correlações estatisticamente significantes entre o conjunto de escalas, haja vista, nesta amostra, fora aplicado um universo de dez escalas, além de um questionário sociodemográfico, e os

fatores da Escala de Autoatratividade (EAA). Tais correlações emergem na Escala de Apreciação Corporal (EAC) com os fatores sensualidade (r =.535, p <.000), inteligência (r = .354, p <.000), bom humor (r = .264, p < .000), afetividade (r = .311, p <.000), apresentação pessoal (r = .430, p <.000), moralidade (r = .331, p <.000) e asseio (r = .302, p < .000); na Escala de Satisfação com a Vida com os fatores sensualidade (r . 380) (p <.000), inteligência (r = .363, p <.000), bom humor (r = .315, p <.000), afetividade (r = . 237, p <.000), apresentação pessoal (r = .374, p < .000), moralidade (r = .250, p < .000) e asseio (r = . 227, p < .000).

Também são notórias as correlações estabelecidas entre a Escala de Autoestima de Rosenberg e os fatores sensualidade (r =. 569, p < .000), inteligência (r = .422, p < .000), bom humor (r = .399, p < .000), afetividade (r = .353, p < .000), apresentação pessoal (r = .448, p < .000), moralidade (r = .367, p < .000) e asseio (r = .287, p < .000); na Escala de Felicidade Subjetiva junto aos fatores sensualidade (r = . 459, p < .000), inteligência (r = .303, p < .000), bom humor (r = .400, p < .000), afetividade (r = .205, p < .000), apresentação pessoal (r = .339, p < .000), moralidade (r = .210, p < .000) e asseio (r = .216, p <.000).

Faz-se presente correlações entre o fator Reflexão, da Escala de Autoconsciência Situacional (EAS), juntamente ao fator inteligência (r = .117, p < .005), assim como, o fator Ruminação, da mesma escala, com a variável sensualidade (r = .151, p <.000). Na mesma escala também há correlações estatisticamente significantes com o fator de Mediação Icônica, com o fator sensualidade (r = .170, p < .000), inteligência (r = .125, p < .003) e afetividade (r = .154, p < .000).

No fator Conscientização da Escala de Autoconsciência Disposicional (EAD) com as variáveis sensualidade (r = .310, p < .000), inteligência (r = .316, p < .000), bom humor (r

= .182, p < .000), afetividade (r = .268, p < .000), apresentação pessoal (r = .336, p < .000), moralidade (r = .314, p <.000) e asseio (r = .222, p < .000); na mesma escala, entre o fator Atentividade na interface com os fatores inteligência (r = . 152, p < .000), afetividade (r = .144, p < .001) e moralidade (r = .130, p < .002); entre o fator de Afeto Depressivo da Escala de rastreamento populacional para depressão (CES-D), correlacionado negativamente, com as variáveis sensualidade (r = . -286, p < .000), inteligência (r = .-214, p < .000), bom humor (r = . -321, p < .000), apresentação pessoal (r = .-241, p < .000) e asseio (r = .-123, p < .004).

Não mais negativas, são as correlações percebidas entre o fator de Afeto Positivo, da Escala de rastreamento populacional para depressão (CES-D), e as variáveis sensualidade (r = .353, p < .000), inteligência (r = .306, p <.000), bom humor (r = .302, p < .000), afetividade (r = .238, p < .000), apresentação pessoal (r = .314, p < .000), moralidade (r = .233, p < .000) e asseio (r = .214, p < .000).

Novamente negativa é a correlação que se observa entre o fator de Atividade Somática e as variáveis sensualidade (r = .-217, p < .000), inteligência (r = .-250, p < .000), bom humor (r = .-216, p < .000), e apresentação pessoal (r = .-195, p < .000); como também, entre o fator Relações Interpessoais, com os fatores sensualidade (r = .-176, p <.000), inteligência (r = .-132, p < .002), bom humor (r = .-199, p < .000) e apresentação pessoal (r = .-123, p < .003).

No tocante a seara da religião, observa-se correlações estatisticamente significantes entre envolvimento com religião e os fatores sensualidade (r = . 192, p < .000), inteligência (r = .168, p < .000), bom humor (r = .177, p <.000), afetividade (r =.194, p <.000), apresentação pessoal (r = .212, p <.000), moralidade (r = .221, p <.000) e asseio (r = .167, p < .000). Ainda no mesmo contexto, ao analisar a Escala de Religiosidade Global (ERG),

constata-se a ocorrência de correlação com os fatores sensualidade (r = .215, p < .000), inteligência (r = .121, p < .004), bom humor (r = .173, p < .000), afetividade (r = .260, p <.000), apresentação pessoal (r = .227, p < .000) moralidade (r = .253, p < .000) e asseio (r = .188, p < .000). Também se notifica correlações significantes entre se o participante é adepto de alguma tradição religiosa com os fatores sensualidade (r = . 120, p < .004), afetividade (r = .154, p < .000), apresentação pessoal (r = .125, p < .003), moralidade (r = .163, p < .000) e asseio (r = .124, p < .003).

Ainda no âmbito da religiosidade, há correlações entre a participação em rituais religiosos com os fatores sensualidade (r = .121, p < .004), afetividade (r = .187, p < .000), apresentação pessoal (r = .129, p <.002) e moralidade (r = .171, p < .000); no tocante à vivência de estados de completa união com Deus, junto aos fatores sensualidade (r = .212, p < .000), inteligência (r = .131, p < .002), bom humor (r = .154, p < .000), afetividade (r = .243, p < .000), apresentação pessoal (r = .224, p < .000), moralidade (r = .228, p < .000) e asseio (r = .160, p < .000); entre aqueles que depositam sua confiança e esperança com os fatores sensualidade (r = .210, p <.000), inteligência (r = .149, p <.000), bom humor (r = .192, p < .000), afetividade (r = .249, p < .000), apresentação pessoal (r = .196, p < .000), moralidade (r = .235, p < .000) e asseio (r = .204, p < .000); dentre o que o conhecimento religioso afirma com os fatores sensualidade (r = . 220, p < .000), bom humor (r = .188, p <.000), afetividade (r = .230, p < .000), apresentação pessoal (r = .255, p < .000), moralidade (r = .239, p < .000) e asseio (r = .185, p < .000); assim como, àqueles que responderam possuir religião, mais uma vez, correlacionado com os fatores sensualidade (r = .188, p < .000), inteligência (r = .124, p < .003), bom humor (r .138) (p <.001), afetividade (r .190, p < .000), apresentação pessoal (r = .200, p < .000), moralidade (r = .185, p < .000) e asseio (r = .179, p < .000).

Considerando o contingente da amostra total, tanto a população portuguesa quanto a brasileira, também faz-se emergir correlações estatisticamente significantes entre os fatores da Escala de Autoatratividade com o conjunto de escalas utilizados no presente estudo de tese. Vale destacar que no que tange a amostra portuguesa, foram apenas utilizadas as escalas de Apreciação Corporal (EAC) e as variáveis sociodemográficas de envolvimento religioso e pertencimento a dada religião, segundo tabela que segue.

Tabela 04.

Intercorrelações (*r* de Pearson) dos fatores da EAA com as escalas EAC, ESV, EAR, EFS, EAS, EAD, CES-D, ERIU, ERG (total e por item) e a variável Pertença à Religião (Brasil e Portugal)

	Sensualidade		Inteligência		Bom Humor		Afetividade		Apr. Pessoal		Moralidade		Asseio	
	r	*p*	*r*	*p*	*r*	*p*	*r*	*P*	*r*	*p*	*r*	*p*	*r*	*p*
Aprec. Corporal	,517**	,000	,351**	,000	,257**	,000	,303**	,000	,421**	,000	,337**	,000	,293**	,000
Satis. Vida	,380**	,000	,363**	,000	,315**	,000	,237**	,000	,374**	,000	,250**	,000	,227**	,000
Autoestima	,569**	,000	,422**	,000	,399**	,000	,353**	,000	,448**	,000	,367**	,000	,287**	,000
Felic. Subjetiva	,459**	,000	,303**	,000	,400**	,000	,205**	,000	,339**	,000	,210**	,000	,216**	,000
Reflexão	,035	,405	,117**	,005	-,045	,285	,095*	,024	,096*	,023	,114**	,007	,028	,510
Ruminação	,151**	,000	095*	,024	,011	,794	,113**	,007	,098*	,020	,106*	,012	,097*	,022
Mediação Icônica	,170**	,000	,125**	,003	,020	,632	,154**	,000	,098*	,020	,107*	,011	,083*	,050
Conscientização	,310**	,000	,316**	,000	,182**	,000	,268**	,000	,336**	,000	,314**	,000	,222**	,000
Atentividade	,086*	,042	,152**	,000	,049	,247	,144**	,001	,077	,069	,130**	,002	,067	,115
Mediação Cognitiva	,027	,529	,033	,431	-,011	,801	,063	,135	,027	,520	,042	,322	,049	,246
Afeto Depressivo	-,286**	,000	-,214**	,000	-,321**	,000	-,114**	,007	-,241**	,000	-,103*	,015	-,123**	,004
Afeto Positivo	,353**	,000	,306**	,000	,302**	,000	,238**	,000	,314**	,000	,233**	,000	,214**	,000
Ati. Somática	-,217**	,000	-,250**	,000	-,216**	,000	-,095*	,024	-,195**	,000	-,083*	,049	-,115**	,006
Rel. Interpessoais	-,176**	,000	-,132**	,002	-,199**	,000	-,075	,074	-,123**	,003	-,034	,425	-,046	,278
Rel. Envol. c/Religião	,188**	,000	,156**	,000	,173**	,000	,191**	,000	,208**	,000	,210**	,000	,170**	,000
Reli. Global	,215**	,000	,121**	,004	,173**	,000	,260**	,000	,227**	,000	,253**	,000	,188**	,000
ERG01 (Adesão) Religiosa	,120**	,004	,051	,228	,082	,052	,154**	,000	,125**	,003	,163**	,000	,124**	,003

ERG02 (Comportamento Religioso)	,121**	,004	,073	,085	,097*	,021	,187**	,000	,129**	,002	,171**	,000	,100*	,018
ERG03 (Experiência Mística)	,212**	,000	,131**	,002	,154**	,000	,243**	,000	,224**	,000	,228**	,000	,160**	,000
ERG04 (Fé)	,210**	,000	,149**	,000	,192**	,000	,249**	,000	,196**	,000	,235**	,000	,204**	,000
ERG05 (Vinculação Epistêmica)	,220**	,000	,100*	,018	,188**	,000	,230**	,000	,255**	,000	,239**	,000	,185**	,000
Reli. Sim	,159**	,000	,084*	,030	,116**	,003	,184**	,000	,188**	,000	,170**	,000	,208**	,000

Nota: * correlação significante até o nível de 0.01 e **correlação significante até o nível 0.05

Considerando a amostra como um todo, tanto os participantes brasileiros quanto os portugueses, constata-se a presença de correlações estatisticamente significantes entre a Escala de Apreciação Corporal (EAC) e os fatores sensualidade (r = .517, p < .000), inteligência (r = .351, p < .000), bom humor (r = .257, p < .000), afetividade (r = .303, p < .000), apresentação pessoal (r = .421, p <.000), moralidade (r = .337, p < .000) e asseio (r = .293, p <.000); entre os mesmos fatores e a Escala de Satisfação com a Vida, sensualidade (r = .380, p < .000), inteligência (r = .363, p <.000), bom humor (r = .315, p < .000), afetividade (r = .237, p <.000), apresentação pessoal (r = .374, p <.000), moralidade (r = .250, p <.000) e asseio (r = .227, p <.000); na Escala de Autoestima de Rosemberg e os fatores sensualidade (r = .569, p < .000), inteligência (r = .422, p <.000), bom humor (r = .399, p < .000), afetividade (r = .353, p <.000), apresentação pessoal (r = .448, p <.000), moralidade (r = .367, p <.000) e asseio (r = .287, p <.000).

Correlações positivas também foram encontradas entre a Escala de Felicidade Subjetiva e os fatores sensualidade (r = .459, p <.000), inteligência (r = .303, p < .000), bom humor (r = .400, p <.000), afetividade (r = .205, p <.000), apresentação pessoal (r = .339, p < .000), moralidade (r = .210, p <.000) e asseio (r = .216, p <.000); entre o fator Reflexão, da Escala de Autoconsciência Situacional (EAS), com o fator inteligência (r = .117, p < .005), e na seção AS Ruminação com o fator inteligência (r = .151, p < .000); como também entre o fator Mediação Icônica, com os fatores sensualidade (r = .170, p < .000), inteligência (r = .125, p < .003) e afetividade (r = .154, p <.000).

Encontram-se, do mesmo modo, correlações estatisticamente significantes, entre o fator Conscientização, da Escala de Autoconsciência Disposicional (EAD) e os fatores sensualidade (r = .310, p < .000), inteligência (r = .316, p < .000), bom humor (r = .182, p <.000), afetividade (r = .268, p < .000), apresentação pessoal (r = .336, p < .000), moralidade (r = .314, p <.000) e asseio (r = .222, p < .000); entre o fator Atentividade com os fatores inteligência (r = .152, p < .000), afetividade (r = .144, p < .001) e moralidade (r = .130, p < .002).

Identifica-se também correlações negativas entre o fator de Afeto Depressivo do CES-D com os fatores sensualidade (r = .-286, p < .000), inteligência (r = .-214, p < .000), bom humor (r = .-321, p <.000), afetividade (r = .-114, p < .000), apresentação pessoal (r = .-241, p < .000) e asseio (r = .-123, p <.004); por sua vez, as correlações foram positivas com o fator Afeto Positivo e os fatores sensualidade (r = . 353, p <.000), inteligência (r = .306, p < .000), bom humor (r = .302, p <.000), afetividade (r = .238, p <.000), apresentação pessoal (r = .314, p < .000), moralidade (r = .233, p < .000) e asseio (r = .214, p < .000).

Ainda na CES-D, novamente negativa, foram as correlações percebidas entre o fator Atividade Somática com os fatores sensualidade (r = .-217, p < .000), inteligência (r = .-250, p <.000), bom humor (r = .-216, p < .000) e apresentação pessoal (r =.-195, p <.000). Prossegue negativa as correlações entre o fator Relações Interpessoais junto às variáveis sensualidade (r = .-176, p < .000), inteligência (r = .-132, p <.002), bom humor (r = .-199, p <.000) e apresentação pessoal (r = .-123, p < .003).

No quesito religiosidade, percebem-se correlações estatisticamente significantes entre a escala de item único Envolvimento com a Religião e os fatores sensualidade (r = .188, p < .000), inteligência (r = .156, p <.000), bom humor (r .173) (p < .000), afetividade (r = .191, p < .000), apresentação pessoal (r = .208, p <.000), moralidade (r = .210, p < .000)

e asseio (r = .170, p <.000); entre a Escala de Religiosidade Global (ERG), com os fatores sensualidade (r =.215, p < .000), inteligência (r =.121, p < .004), bom humor (r =.173, p < .000), afetividade (r =.260, p <.000), apresentação pessoal (r = .227, p < .000), moralidade (r = .253, p < .000) e asseio (r = .188, p < .000)

Também há correlações significantes quando os participantes se dizem adeptos de determinada tradição religiosa junto aos fatores sensualidade (r = .120, p < .004), afetividade (r = .154, p <.000), apresentação pessoal (r = .125, p <.003), moralidade (r = .163, p <.000) e asseio (r = .124, p <.003). Ainda neste tema, observa-se correlações entre aqueles que relatam participar de rituais religiosos com os fatores sensualidade (r = .121, p <.004), afetividade (r = .187, p < .000), apresentação pessoal (r = .129, p <.002) e moralidade (r = .171, p <.000); entre o vivenciar de estados de completa união com Deus e os fatores sensualidade (r = .212, p < .000), inteligência (r = .131, p .002), bom humor (r = .154, p <.000), afetividade (r = .243, p <.000), apresentação pessoal (r = .224, p < .000), moralidade (r = .228, p < .000) e asseio (r = .160, p < .000); quando os participantes dizem depositar sua confiança e esperança e os fatores sensualidade (r = .210, p < .000), inteligência (r = .149, p <.000), bom humor (r = .192, p < .000), afetividade (r = .249, p <.000), apresentação pessoal (r = .196, p < .000), moralidade (r = .235, p < .000) e asseio (r = .204, p <.000); entre o que o conhecimento religioso afirma e os fatores sensualidade (r = .220, p < .000), bom humor (r = .188, p < .000), afetividade (r = .230, p < .000), apresentação pessoal (r = .255, p < .000), moralidade (r = .239, p < .000) e asseio (r = .185, p <.000) e quando os participantes dizem possuir religião com os fatores sensualidade (r = .159, p < .000), bom humor (r = .116, p < .003), afetividade (r =.184, p <.000), apresentação pessoal (r =.188, p <.000), moralidade (r = .170, p <.000) e asseio (r = .208, p <.000).

Para analisar as intercorrelações da Escala de Autoatratividade (EAA) com as variáveis sociodemográficas, levando-se em conta a amostra como um todo, observa-se a

presença de intercorrelações estatisticamente significantes, conforme espelha a tabela que segue.

Tabela 05.

Intercorrelações (*r* de Pearson) dos fatores da EAA com as escalas EAC, ESV, EAR, EFS, EAS, EAD, CES-D, ERIU, ERG (total e por item) e a variável Pertença à Religião (Brasil e Portugal)

Fatores	Sensualidade		Inteligência		Bom Humor		Afetividade		Apr. Pessoal		Moralidade		Asseio	
	r	*p*	*r*	*p*	*r*	*p*	*r*	*P*	*r*	*p*	*R*	*p*	*r*	*p*
1. Escolaridade	,051	,186	,120**	,002	-,002	,953	-,002	,951	-,052	,183	,026	,498	-,080*	,038
2. Qt.Filhos	,079*	,042	,029	,452	,036	,350	,079*	,041	,065	,091	,115**	,003	,126**	,001
3. V.Renda Ind.	,000	,996	,012	,764	-,058	,145	-,050	,205	-,019	,636	-,015	,695	-,093*	,019
4. V.Renda Fam.	-,030	,473	-,053	.196	-,073	,076	-,093*	,024	-.043	,298	-,086	,037	-,102*	,014
5. Idade	,113**	,003	,043	,271	,014	,720	.135**	,000	,050	,193	,175**	,000	,106**	,006
6. Idade 14_20	-,175**	,000	-,050	,687	-,016	,687	-,082*	,035	-,053	,173	-,093*	,016	-,079*	,042
7. Idade 21_35	,147**	,000	,019	,629	,011	,786	,008	844	,049	,206	-,004	,915	,023	,544
8. Idade 36_76	,029	,449	,041	,287	,006	,871	,100**	0,10	,002	.952	.132**	,001	,074	,057
9. Brasil	,058	,136	-,024	,541	,025	,525	,108**	,005	,129**	,001	,051	,189	,202**	,000
10. Heterossexual	,044	,260	-,016	,681	,010	,789	,055	,155	,063	,102	,066	,089	,086*	,026
11. Masculino	-,050	,196	,025	,518	-,024	,538	-,147**	,000	-,048	,217	-,145**	,000	-,179**	,000
12 Filhos Sim	,099*	,011	,051	,186	,038	,328	,101**	,009	,074	,054	,118**	,002	,115**	,003
13. Ren. Ind.Sim	,196**	,000	,105**	,008	,120**	,002	,157**	,000	,120**	,002	,171**	,000	,090*	,022
14. Ren. Fam.Sim	,035	,378	,067	,096	,007	,864	,000	,992	,016	,684	-,006	,890	,064	,109
15. Reli.Sim	,159**	,000	,084*	,030	,116**	,003	,184**	,000	,188**	,000	,170**	,000	,208**	,000

Nota: *correlação significante até o nível 0.01 e **correlação significante até o nível 0.05

Quando da correlação dos fatores da Escala de Autoatratividade (EAA) com as variáveis sociodemográficas na amostra total, percebe-se a presença de correlações estatisticamente significantes entre a variável escolaridade com o fator inteligência (*r* = .120,

p <. .002); entre a variável quantidade de filhos com os fatores moralidade (*r* = .115, *p* <. .003) e asseio (*r* = .126, *p* <. .001).

No tocante ao desenvolvimento etário, observa-se, correlação significante entre a variável idade e o fator sensualidade (*r* = . 113, *p* <. .003), afetividade (*r* = .135, *p* <. .000) e moralidade (*r* = .175, *p* <. .000), bem como, especificamente, por ora negativa, no segmento etário que vai dos 14 aos 20 anos e o fator sensualidade (*r* = .-175, *p* < .000); não mais negativa, entre a variável idade dos 21 aos 35 anos, também com a variável sensualidade (*r* = .147, *p* <..000), como também, dos 36 aos 76 anos, uma correlação com o fator moralidade (*r* = . 132, *p* <.001).

No quesito nacionalidade, constata-se a presença de correlações entre a amostra brasileira com os fatores afetividade (*r* = .108, *p* <. 005), apresentação pessoal (*r* = .129, *p* <.001) e asseio (*r* = .202, *p* <.000). Quando se põe em tela a variável masculinidade, observa-se a presença de correlações, por sua vez negativas, desta com os fatores afetividade (*r* = .-147, *p*<.000), moralidade (*r* = .-145, *p* <.000) e asseio (*r* = .-179, *p* <.000).

No tocante a variável filhos, aqueles que respondem sim, apresentam-se correlacionados aos fatores moralidade (*r* = .118, *p* < .002) e asseio (*r* = .115, *p* < .003). Em se tratando de renda individual, faz-se presente correlações estatisticamente significantes, entre os participantes que responderam afirmativamente, com os fatores sensualidade (*r* = .196, *p* <.000), bom humor (*r* = .120, *p* <.002), afetividade (*r* = .157, *p* <.000), apresentação pessoal (*r* = .120, *p* <.002) e moralidade (*r* = .171, *p* <.000); assim como foram percebidas correlações entre aqueles respondentes que disseram possuir religião com os fatores sensualidade (*r* = .159, *p* < .000), bom humor (*r* = .116, *p* <.003), afetividade (*r* = .184, *p* <.000), apresentação pessoal (*r* = .188, *p* <.000), moralidade (*r* = .170, *p* <.000) e asseio (*r* = .208, *p* <.000).

Para o escrutínio da relação entre os fatores da Escala de Autoatratividade com as variáveis, no que tange à amostra portuguesa, percebe-e a presença de intercorrelações estatisticamente significantes, o que é posto em observação na presente tabela.

Tabela 06.

Intercorrelações (*r* de Pearson) dos fatores da EAA com as escalas EAC, ESV, EAR, EFS, EAS, EAD, CES-D, ERIU, ERG (total e por item) e a variável Pertença à Religião (Portugal)

Fatores	Sensualidade		Inteligência		Bom Humor		Afetividade		Apr. Pessoal		Moralidade		Asseio	
	r	*p*	*r*	*p*	*r*	*p*	*r*	*p*	*r*	*p*	*r*	*p*	*r*	*p*
1. Escolaridade	-,098	,317	,203*	,036	-,033	,735	-,155	,110	-,139	,152	-,079	,420	-,102	,295
2. Qt.Filhos	-,102	,298	-,054	,583	-,128	,191	-,049	,616	-,059	,543	,072	,464	,076	,436
3. V.Renda Ind.	-,094	,345	,196*	,047	-,075	,451	,025	,802	-,017	,866	,154	,119	-,032	,748
4. V.Renda Fam.	-,070	,478	,108	,276	,074	,458	,041	,681	,013	,898	,101	,307	,018	,856
5. Idade	-,144	,140	,023	,812	-,180	,063	-,106	,276	-,187	,053	,044	,653	-,101	,298
6. Idade 14_20	-,088	,369	-,183	,059	,067	,492	,157	,105	,154	,114	,034	,730	,108	,270
7. Idade 21_35	,223*	,021	,188	,053	,054	,584	-111	,256	-,012	,901	-,085	,385	-,086	,381
8. Idade 36_76	-,205*	,035	-,014	,887	-,176	,070	-,063	,521	-,203*	,036	,077	,430	-,028	,771
10. Heterossexual	-,101	,302	-,180	,063	-,075	,445	,054	,583	,021	,831	,044	,656	,056	,565
11. Masculino	-,163	,096	,111	,257	-,124	,206	-,346**	,000	-,267**	,006	-,319**	,001	-,388**	,000
12 Filhos Sim	-,062	,527	,040	,681	-,132	,174	-,001	,995	,009	,929	,122	,211	,108	,270
13. Ren. Ind.Sim	,065	,523	,154	,127	-,019	,849	,041	,688	-,033	,742	,088	,385	,083	,411
14. Ren. Fam.Sim	-,035	,758	,150	,183	-,027	,815	-,140	,217	-,026	,820	,001	,994	,099	,383
15. Reli.Sim	-,161	,103	-,092	,351	-,043	,666	-,022	,827	-,128	,194	,011	,913	,048	,627

Nota: *correlação significante até o nível 0.01; **correlação significante até o nível 0.05 .

Considerando, exclusivamente, o contingente de participantes da amostra portuguesa, observa-se a presença de correlações negativas, estatisticamente significantes, entre a variável sociodemográfica referente aos participantes do sexo masculino com os fatores

afetividade (r = .-346, p <.000), moralidade (r = .-319, p < .001) e asseio (r = .-388, p <.000).

Sobre a amostra brasileira, também faz-se emergir a significância estatística das correlações dos fatores da Escala de Autoatratividade com as variáveis sociodemográficas, conforme detalha a tabela por ora apresentada.

Tabela 07.

Intercorrelações (*r* de Pearson) dos fatores da EAA com as escalas EAC, ESV, EAR, EFS, EAS, EAD, CES-D, ERIU, ERG (total e por item) e a variável Pertença à Religião (Brasil)

Fatores	Sensualidade		Inteligência		Bom Humor		Afetividade		Apr. Pessoal		Moralidade		Asseio	
	R	*p*	*r*	*p*	*r*	*p*	*R*	*P*	*r*	*p*	*R*	*p*	*r*	*p*
1. Escolaridade	,125**	,003	,103*	,015	,014	,732	,090*	,034	,005	,912	,083*	,049	-,025	,547
2. Qt.Filhos	,084*	,046	,039	,356	,045	,287	,078	,063	,060	,158	,114**	,007	,110**	,009
3. V.Renda Ind.	,020	,638	-,024	,577	-,053	,222	-,054	,207	-,007	,875	-,041	,346	-,086*	,045
4. V.Renda Fam.	-,029	,523	-,064	,162	-,082	,072	-,106*	,020	-,050	,275	-,100*	,028	-,121**	,008
5. Idade	,148**	,000	,046	,277	.041	,330	,176**	,000	,084*	,046	,196**	,000	,144**	,001
6. Idade 14_20	-,187**	,000	-,029	,491	-,027	,520	-,121**	,004	-,081	,054	-,112**	,008	-,111**	,009
7. Idade 21_35	,137**	,001	-,008	,852	,004	,922	,027	,521	,057	,174	,008	,852	,042	,315
8. Idade 36_76	0,59	,165	,050	,235	,031	,467	,125**	,003	,028	,502	,139**	,001	,089*	,035
9. Brasil	.d	.	.d	.	.d	.	.d	.	.d	.	.d	.	.d	.
10. Heterossexual	,062	,143	,022	,608	,023	,591	,039	,354	,053	,207	,064	,207	,064	,132
11. Masculino	-,025	,554	,005	,898	-,004	,931	-,092*	,029	,009	,823	-,109**	,010	-,107*	,011
12 Filhos Sim	,108*	,011	,056	,185	,052	,217	,100*	,017	,066	,120	,112**	,008	,092*	,029
13. Ren. Ind.Sim	,212**	,000	,100*	,020	,138*	,001	,170**	,000	,134**	,002	,181**	,000	,077	,071
14. Ren. Fam.Sim	,025	,563	,063	,144	,008	,860	-,017	,698	-,023	,601	-,031	,472	-,021	,630
15. Reli.Sim	,188**	,000	,124**	,003	,138**	,001	,190**	,000	,200**	,000	,185**	,000	,179**	,000

Nota: *correlação significante até o nível 0.01; **correlação significante até o nível 0.05 e o "d" não pode ser computado por que ao menos uma das variáveis é constante.

Já quando se trata da amostra brasileira, faz-se perceptível a correlação estatisticamente significante entre diferentes variáveis sociodemográficas e fatores da referida escala. A primeira das correlações diz respeito à variável escolaridade, a qual se encontra correlacionada ao fator sensualidade (r = .125, p <.003); seguida da variável idade, junto aos fatores sensualidade (r = .148, p <.000), afetividade (r = .176, p <.000), moralidade (r = .196, p <.000) e asseio (r = .144, p < .001).

Ainda no contexto etário, percebe-se a presença de correlação negativa entre a variável referente aos participantes com idades entre 14 e 20 anos, com os fatores sensualidade (r = .-187, p < .000) e "afetividade" (r = .-121, p <.004) e, por ora positiva, entre a variável referente aos participantes com idades entre 21 e 35 anos com o fator sensualidade (r = .137, p <.001) e a variável relacionada aos participantes com idades entre 36 e 76 anos com os fatores afetividade (r = . 125, p <.003) e moralidade (r = .139, p < .001).

Quando o assunto é renda, há correlação positiva entre os participantes que possuem renda individual com os fatores sensualidade (r = .212, p <.000), bom humor (r = .138, p <.001), afetividade (r = .170, p < .000), apresentação pessoal (r = .134, p <.002) e moralidade (r = .181, p <.000). Sobre a variável "possuí religião", os participantes da amostra brasileira que responderam positivamente, apresentam correlações com os fatores sensualidade (r = .188, p <.000), inteligência (r = . 124, p <.003), bom humor (r = .138, p <.001), afetividade (r = .190, p <.000), apresentação pessoal (r = .200, p <.000), moralidade (r = .185, p <.000) e asseio (r = .179, p <.000).

Considerando a amostra total do presente estudo de tese, com a ressalva de que na amostra portuguesa foram apenas aplicadas as escalas de Apreciação Corporal (EAC) e

Autoatratividade (EAA), observa-se, quando da análise da dimensionalidade do conjunto de escalas, a exceção da EAA, frente a diferentes variáveis sociodemográficas, a presença de intercorrelações com considerável significância estatística, segundo detalha a tabela apresentada na sequência.

Tabela 08.

Intercorrelações (*r* de Pearson) dos fatores da EAA com as escalas EAC, ESV, EAR, EFS, EAS, EAD, CES-D, ERIU, ERG (total e por item) e a variável Pertença à Religião (Brasil e Portugal)

	Brasil		Heterossexual		Escolaridade		Idade		Qt. Filhos		V.Renda Ind.		V.Renda Fam.	
	r	*p*	*r*	*p*	*r*	*p*	*R*	*p*	*r*	*p*	*r*	*p*	*r*	*p*
Aprec. Corporal	-,023	,560	,117**	,002	-,002	,965	,134**	,000	,109**	,005	,026	,518	-,019	,641
Satis. Vida	.b	,000	-,010	,819	,060	,153	,041	,327	,083*	,048	,079	,067	,039	,396
Autoestima	.b	,000	,039	,356	,137**	,001	,262**	,000	,188**	,000	,046	,281	-,039	,389
Felic. Subjetiva	.b	,000	,006	,894	,064	,127	,085*	,044	,031	,467	,026	,543	-,011	,805
Reflexão	.b	,000	,004	,922	,005	,902	-,043	,304	-,032	,453	-,008	,858	,020	,665
Ruminação	.b	,000	-,047	,263	-,004	,930	-,026	,535	-,037	,385	-,033	,440	-,026	,563
Mediação Icônica	.b	,000	,023	,585	,042	,316	,081	,056	,030	,471	,014	,743	-,010	,830
Conscientização	.b	,000	,046	,280	,057	,176	,164**	,000	,137**	,001	,007	,875	-,042	,354
Atentividade	.b	,000	,015	,729	,037	,386	-,073	,084	-,014	,743	-,040	,347	-,037	,418
Mediação Cognitiva	.b	,000	-,070	,097	-,066	,117	-,128**	,002	-,112**	,008	-,036	,409	-,013	,770
Afeto Depressivo	.b	,000	-,046	,274	-,079	,062	-,013	,760	,003	,946	-,093*	,030	-,049	,286
Afeto Positivo	.b	,000	,024	,572	,056	,182	,118**	,005	,111**	,008	-,061	,157	-,115*	,011
Ati. Somática	.b	,000	-,055	,190	-,030	,478	,038	,370	,010	,807	-,103*	,017	-,086	,060
Rel. Interpessoais	.b	,000	-,022	,608	-,082	,051	-,005	,908	-,028	,508	-,056	,190	-,040	,384
Rel. Envol. c/Religião	,084	,054	,179**	,000	-,062	,152	,069	,114	,041	,341	-,026	,551	,008	,859
Reli. Global	.b	,000	,346**	,000	,013	,751	,175**	,000	,126**	,003	-,004	,934	-,022	,630
ERG01 (Adesão Religiosa)	.b	,000	,322**	,000	-,023	,581	,105*	,012	,069	,102	-,003	,952	-,007	,873

ERG02 (Comportamento Religioso)	.b	,000	,291**	,000	-,009	,840	,080	,058	,013	,751	-,003	,936	-,003	,940
ERG03 (Experiência Mística)	.b	,000	,235**	,000	,037	,381	,214**	,000	,134**	,001	,011	,804	-,021	,648
ERG04 (Fé)	.b	,000	,278**	,000	,044	,292	,167**	,000	,134**	,001	-,027	,538	-,044	,336
ERG05 (Vinculação Epistêmica)	.b	,000	,276**	,000	,012	,778	,152**	,000	,170**	,000	,006	,898	-,018	,698
Reli. Sim	,286**	,000	,244**	,000	-,073	,060	,098*	,011	,046	,237	,029	,459	,038	,366

Nota: *correlação significante até o nível 0.01; **correlação significante até o nível 0.05 e o "b" não pode ser computado por que ao menos uma das variáveis é constante.

Ao retirar a Escala de Autoatratividade (EAA) da análise das correlações entre o conjunto de escalas do presente estudo de tese com as variáveis sociodemográficas, observa-se, no universo geral da amostra, a existência de correlações estatisticamente significantes entre a Escala de Apreciação Corporal (EAC) e a variável referente aos participantes de orientação sexual heterossexual (r = .117, p <.002), a variável idade (r = .134, p <.000) e quantidade de filhos (r = .109, p < .005); entre a Escala de Autoestima de Rosenberg e as variáveis escolaridade (r = .137, p <.001), idade (r = .262, p <.000) e quantidade de filhos (r = . 188, p <.000); entre o fator Conscientização, da EAD, e as variáveis idade (r = .164, p <.000) e quantidade de filhos (r = . 137, p <.001).

Levando-se em conta a mesma escala, correlação negativa fora identificada entre o fator Mediação Cognitiva e a variável idade (r = .-128, p < .002). Outra vez positiva, foi a correlação entre o fator Afeto Positivo da Escala de rastreamento populacional para depressão – CES-D e a variável idade (r = .118, p <.005); assim como, entre a escala de Envolvimento Religioso com a variável heterossexual (r = .179, p <.000).

No que diz respeito à Escala de Religiosidade Global (ERG), observa-se correlação estatisticamente significante entre esta e as variáveis heterossexual (r = .346, p <.000), idade (r = .175, p <.000) e quantidade de filhos (r = .126, p <.003). Ainda no tocante à dimensão religiosa, constata-se a presença de correlação, também significante, entre aqueles que dizem ser adeptos de uma determinada tradição religiosa e a variável heterossexual (r =

.322, *p* <.000); entre os que dizem participar de rituais religiosos com a variável heterossexual (*r* = .291, *p* <.000); entre os participantes que dizem vivenciar estados de completa união com Deus e as variáveis heterossexual (*r* = .235, *p* <.000), idade (*r* = .214, *p* <.000) e quantidade de filhos (*r* = .134, *p* <.001); entre os que relatam depositar sua confiança e esperança com as variáveis heterossexual (*r* = .278, *p* <.000), idade (*r* = . 167, *p* <.000) e quantidade de filhos (*r* = .134, *p* <.001); entre o que o conhecimento religioso afirma e as variáveis heterossexual (*r* = .276, *p* < .000), idade (*r* = .152, *p* <.000) e quantidade de filhos (*r* = .170, *p* <.000); bem como dentre aqueles que dizem possuir uma religião e as variáveis Brasil (*r* = .286, *p* <.000) e heterossexual (*r* = .244, *p* < .000).

Especificamente no tocante a amostra lisboeta, quando do exame da dimensionalidade do conjunto de escalas utilizadas, a exceção da Escala de Autoatratividade (EAA), na interface com dado universo de variáveis sociodemográficas, levando-se em conta apenas as escalas aplicadas na referida amostra, a EAA e a Escala de Apreciação Corporal (EAC), não se faz emergir a presença de intercorrelações estatisticamente significantes, conforme destaca a tabela a seguir.

Tabela 09.

Intercorrelações (*r* de Pearson) dos fatores da EAA com as escalas EAC, ESV, EAR, EFS, EAS, EAD, CES-D, ERIU, ERG (total e por item) e a variável Pertença à Religião (Portugal)

	Heterossexual		Escolaridade		Idade		Qt. Filhos		V.Renda Ind.		V.Renda Fam.	
	R	*p*	*r*	*p*	*r*	*p*	*r*	*p*	*r*	*p*	*r*	*p*
Aprec. Corporal	,096	,326	-,103	,293	,003	,987	,042	,671	,084	,399	-,051	,607
Rel. Envol. c/Religião	,066	,712	-,166	,347	-,232	,186	-,187	,290	-,189	,300	-,116	,522
Reli. Sim	-,012	,903	-,030	,761	,124	,211	,167	,090	,163	,102	,103	,306

Por sua vez a respeito da amostra brasileira, mantendo-se exclusa a Escala de Autoatratividade (EAA), do conjunto de escalas utilizadas no presente estudo de tese, quando analisado o exame da dimensionalidade destas com diferentes variáveis sociodemográficas, observa-se a presença de correlações estatisticamente significantes, segundo elenca a tabela a seguir.

Tabela 10.

Intercorrelações (*r* de Pearson) dos fatores da EAA com as escalas EAC, ESV, EAR, EFS, EAS, EAD, CES-D, ERIU, ERG (total e por item) e a variável Pertença à Religião (Brasil)

	Heterossexual		Escolaridade		Idade		Qt. Filhos		V.Renda Ind.		V.Renda Fam.	
	r	*p*	*r*	*p*	*r*	*P*	*r*	*p*	*r*	*p*	*r*	*p*
Aprec. Corporal	,128**	,002	,027	,516	,155**	,000	,119**	,005	,013	,768	-,017	,703
Satis. Vida	-,010	,819	,060	,153	,041	,327	,083*	,048	,079	,067	,039	,396
Autoestima	,039	,356	,137**	,001	,262**	,000	,188**	,000	,046	,281	-,039	,389
Felic. Subjetiva	,006	,894	,064	,127	,085*	,044	,031	,467	,026	,543	-,011	,805
Reflexão	,004	,922	,005	,902	-,043	,304	-,032	,453	-,008	,858	,020	,665
Ruminação	-,047	,263	-,004	,930	-,026	,535	-,037	,385	-,033	,440	-,026	,563
Mediação Icônica	,023	,585	,042	,316	,081	,056	,030	,471	,014	,743	-,010	,830
Conscientização	,046	,280	,057	,176	,164**	,000	,137**	,001	,007	,875	-,042	,354
Atentividade	,015	,729	,037	,386	-,073	,084	-,014	,743	-,040	,347	-,037	,418
Mediação Cognitiva	-,070	,097	-,066	,117	-,128**	,002	-,112**	,008	-,036	,409	-,013	,770
Afeto Depressivo	-,046	,274	-,079	,062	-,013	,760	,003	,946	-,093*	,030	-,049	,286
Afeto Positivo	,024	,572	,056	,182	,118**	,005	,111**	,008	-,061	,157	-,115*	,011
Ati. Somática	-,055	,190	-,030	,478	,038	,370	,010	,807	-,103*	,017	-,086	,060
Rel. Interpessoais	-,022	,608	-,082	,051	-,005	,908	-,028	,508	-,056	,190	-,040	,384
Rel. Envol. c/Religião	,180**	,000	-,043	,334	,094*	,036	,046	,303	-,005	,917	,012	,810
Reli. Global	,346**	,000	,013	,751	,175**	,000	,126**	,003	-,004	,934	-,022	,630
ERG01 (Adesão Religiosa)	,322**	,000	-,023	,581	,105*	,012	,069	,102	-,003	,952	-,007	,873
ERG02 (Comportamento Religioso)	,291**	,000	-,009	,840	,080	,058	,013	,751	-,003	,936	-,003	,940
ERG03 (Experiência Mística)	,235**	,000	,037	,381	,214**	,000	,134**	,001	,011	,804	-,021	,648

ERG04 (Fé)	,278**	,000	,044	,292	,167**	,000	,134**	,001	-,027	,538	-,044	,336
ERG05 (Vinculação Epistêmica)	,276**	,000	,012	,778	,152**	,000	,170**	,000	,006	,898	-,018	,698
Reli. Sim	,275**	,000	-,020	,629	,095*	,025	,001	,988	,036	,410	,030	,507

Nota: *correlação significante até o nível 0.01; **correlação significante até o nível 0.05.

Sobre a amostra brasileira, percebe-se a presença de correlações estatisticamente significantes entre a Escala de Apreciação Corporal (EAC) com as variáveis heterossexual (r = . 128, p <.002), idade (r = .155, p <.000) e quantidade de filhos (r = .119, p <.005); entre a Escala de Autoestima de Rosenberg com a variável escolaridade (r = .137, p <.001), idade (r = .262, p <.000) e quantidade de filhos (r = .188, p <.000); entre o fator Conscientização, oriundo da Escala de Autoconsciência Disposicional (EAD) com as variáveis idade (r = .164, p <.000) e quantidade de filhos (r = 137, p < .001); como também, uma correlação negativa entre o fator Mediação Cognitiva, originário da EAD, e a variável idade (r = . -128, p <.002). Há a presença de correlações entre o fator Afeto Positivo, da CES-D, e a variável idade (r = .118, p <. 005); entre a Escala de Envolvimento com Religião e a variável heterossexual (r = .180, p < .000); entre a Escala de Religiosidade Global (ERG) e as variáveis heterossexual (r = .346, p <.000), idade (r = .175, p <.000) e quantidade de filhos (r = .126, p <.003); entre os que responderam ser adeptos de uma determinada tradição religiosa e a variável heterossexual (r = .322, p <.000); entre os que participam de rituais religiosos e a variável heterossexual (r = .291, p <.000); entre aqueles que responderam vivenciar estados de completa união com Deus e as variáveis heterossexual (r = .235, p < .000), idade (r = .214, p <.000) e quantidade de filhos (r = .134, p <.001); entre os que depositam sua fé e confiança e as variáveis heterossexual (r = .278, p <.000), idade (r = .167, p <.000) e quantidade de filhos (r = .134, p <.000); entre os que dizem o que o conhecimento religioso afirma e as variáveis heterossexual (r = .276, p <.000), idade (r = .152, p <.000) e quantidade de filhos (r = .170, p <.000) e, por fim, entre os que responderam possuir religião e a variável heterossexual (r = .275, p < .000).

A respeito do contingente das tradições religiosas encontradas na amostra total do estudo, identifica-se uma tipologia diversa, conforme especifica a tabela a seguir.

Tabela 11.

Descritiva Religião

		Frequência	Percentual	Percentual Válido	Percentual Cumulativo
Válidos	1.Sem religião	179	26,7	30,5	30,5
	2.Espiritualista geral	2	,3	,3	30,8
	4.Adventista do 7º Dia	5	,7	,9	31,7
	6.Assembléia de Deus	35	5,2	6,0	37,6
	7.Batista	43	6,4	7,3	45,0
	8.Budista	1	,1	,2	45,1
	9.Candomblé	2	,3	,3	45,5
	10.Espírita	20	3,0	3,4	48,9
	11.Católica	214	31,9	36,5	85,3
	12.Evangélico/Protestante	52	7,8	8,9	94,2
	13.Cristão não especificado	16	2,4	2,7	96,9
	16.Mórmon	3	,4	,5	97,4
	17.Presbiteriana	7	1,0	1,2	98,6
	19.Umbanda	1	,1	,2	98,8
	20.Testemunha de Jeová	1	,1	,2	99,0
	21.Congregação Cristã no Brasil	3	,4	,5	99,5
	22.Universal do Reino de Deus	1	,1	,2	99,7
	23.Salvation Army	1	,1	,2	99,8
	24.Casa da Cidade	1	,1	,2	100,0
	Total	587	87,6	100,0	
Missing	Sistema	83	12,4		
Total		670	100,0		

A respeito das correlações das escalas do estudo com as variáveis de orientação religiosa, observa-se, no universo geral da amostra, à 2ª etapa da coleta, 587 participantes, a presença de Católicos (nº214/31,9%); daqueles que se autodeclaram Sem Religião (nº179/26,7%); Evangélicos/Protestantes (nº52/7,8%); Batistas (nº43/6,4%); daqueles oriundos da igreja Assembléia de Deus (nº35/5,2%); Espírita (nº20/3,0%); Cristão não especificado (nº16/2,4%); os que fazem parte da igreja Presbiteriana (nº07/1,0%); os Adventistas do 7º Dia (nº05/.7%); Mórmons (nº03/,4%); igreja Congregação Cristã no Brasil (nº03/,4%); Espiritualista geral (nº02/,3%); Candomblé (nº02/,3%); Budista (nº01/,1%); Umbanda (nº01/,1%); Testemunha de Jeová (nº01/,1%); Universal do Reino de Deus (nº01/,1%); Salvation Army (nº01/,1%) e Casa da Cidade (nº01/,1%).

Levando-se em conta a amostra total do estudo, quando do exame da dimensionalidade dos fatores da Escala de Autoatratividade (EAA) e das demais escalas utilizadas, a exceção da Escala de Autoatratividade, com as variáveis sociodemográficas restritas ao campo da religiosidade, em especial à tipologia e não adesão a dada tradição religiosa, faz-se perceber a presença de correlações estatisticamente significantes, as quais podem ser apreciadas na tabela que segue.

Tabela 12.

Intercorrelações (*r* de Pearson) dos fatores da EAA com as escalas EAC, ESV, EAR, EFS, EAS, EAD, CES-D, ERIU, ERG (total e por item) e a variável Pertença à Religião (Brasil e Portugal)

	Sem Religião		Assembleia de Deus		Batista		Católica		Evangélica Protestante		Cristão não especificado		Presbiteriana	
	rpb	*P*	*rpb*	*p*	*rpb*	*p*	*rpb*	*p*	*rpb*	*p*	*rpb*	*p*	*rpb*	*p*
Sensualidade	-,175**	,000	-,049	,240	,058	,160	,097*	,019	,096*	,020	-,002	,970	,021	,618
Inteligência	-,126**	,002	-,062	,134	,037	,375	,115**	,005	,011	,798	,012	,778	-,036	,384
Bom Humor	-,118**	,004	-,059	,155	,070	,090	,132**	,001	,000	,991	-,024	,559	-,006	,876

Afetividade	-,172**	,000	-,022	,597	,025	,544	,119**	,004	,034	,414	-,016	,695	,019	,644
Apr. Pessoal	-,184**	,000	-,012	,777	,094*	,023	,074	,073	,093*	,024	-,009	,832	,026	,536
Moralidade	-,186**	,000	-,015	,721	,048	,244	,123**	,003	,055	,185	,018	,657	-,039	,342
Asseio	-,159**	,000	-,046	,268	,047	,259	,091*	,027	,054	,192	,012	,779	-,012	,775
Aprec. Corporal	-,212**	,000	,037	,374	,070	,089	,128**	,002	,062	,132	-,008	,842	,031	,454
Satis. Vida	-,163**	,000	-,038	,371	,036	,398	,172**	,000	,004	,921	-,103*	,015	,027	,521
Auto Estima	-,188**	,000	-,022	,609	,067	,113	,119**	,005	,072	,091	,002	,964	,007	,870
Felic. Subjetiva	-,191**	,000	,073	,084	,038	,370	,179**	,000	-,024	,574	-,086*	,043	-,025	,551
Reflexão	,015	,721	-,042	,323	-,051	,234	,055	,198	,000	,998	-,036	,395	,055	,192
Ruminação	,015	,733	,023	,595	-,076	,072	,032	,448	-,005	,916	-,003	,939	-,002	,967
Med. lcônica	-,003	,946	-,029	,493	-,122**	,004	,073	,085	,039	,356	,007	,863	-,033	,434
Conscientização	,015	,722	-,050	,242	-,013	,752	,082	,052	-,023	,594	-,080	,060	-,008	,857
Atentividade	,053	,216	-,084*	,048	,028	,513	-,027	,526	,039	,360	-,012	,785	-,053	,212
Med. Congnitiva	,084*	,048	-,061	,151	-,064	,129	,035	,413	,004	,922	-,031	,470	-,043	,314
Afe. Depressivo	,126**	,003	,025	,559	-,027	,518	-,103*	,015	-,016	,701	,017	,686	-,045	,290
Afe. Positivo	-,134**	,002	,000	,996	,010	,806	,086*	,044	,071	,092	,017	,689	,036	,402
Ati. Somática	,119**	,005	,014	,747	-,068	,112	-,054	,204	-,039	,354	,076	,073	-,034	,427
Rel. Interpessoais	,052	,220	,013	,756	,003	,953	-,045	,290	,000	,997	,029	,499	-,049	,249
Rel. Env. c/ Religião	-,668**	,000	,221**	,000	,151**	,001	,218**	,000	,147**	,001	,014	,750	,138**	,002
Rel. Global	-,641**	,000	,243**	,000	,209**	,000	,210**	,000	,203**	,000	,004	,934	,016	,704
ERG01 (Adesão Religiosa)	-,628**	,000	,249**	,000	,188**	,000	,213**	,000	,175**	,000	,051	,226	,040	,347
ERG02 (Comportamento Religioso)	-,575**	,000	,248**	,000	,170**	,000	,190**	,000	,174**	,000	-,010	,817	,043	,308
ERG03 (Experiência Mística)	-,453**	,000	,180**	,000	,157**	,000	,120**	,005	,166**	,000	-,024	,579	,012	,785
ERG04 (Fé)	-,435**	,000	,103*	,015	,140**	,001	,181**	,000	,134**	,002	-,020	,646	-,020	,640
ERG05 (Vinculação Epistêmica)	-,497**	,000	,193**	,000	,190**	,000	,149**	,000	,174**	,000	,010	,815	-,016	,710
Rel. Sim	-,972**	,000	,166**	,000	,185**	,000	,500**	,000	,180**	,000	,110**	,007	,072	,079

Nota: *correlação significante até o nível 0.01; **correlação significante até o nível 0.05

Quando da correlação dos fatores saturados da Escala de Autoatratividade e das demais escalas do estudo, junto às variáveis de orientação religiosa, percebe-se a presença de correlações estatisticamente significantes, neste caso, de carga fatorial negativa, entre o fator sensualidade e a variável sem religião (*rpb* = .-175, *p* <.000); igualmente negativa entre o fator inteligência e a variável sem religião (*rpb* = .-126, *p* < .002) e a variável católica (*rpb*

= .115, *p* <.005), esta, por sua vez, positiva; oriundo da mesma escala e também de carga fatorial negativa, é a correlação do fator bom humor, igualmente com as variáveis sem religião (*rpb* = .-118, *p* <.004) e católica (*rpb* = .132, *p* <.001); entre o fator afetividade e as variáveis sem religião (*rpb* = .-172, *p* <.000) e católica (*rpb* = .119, *p* <.004); de carga fatorial negativa, entre o fator apresentação pessoal e a variável sem religião (*rpb* = .-184, *p* <.000); entre o fator moralidade, de correlação negativa com a variável sem religião (*rpb* = .-186, *p* <.000) e positiva com a variável católica (*rpb* = .123, *p* <.003). Também notifica-se correlação negativa entre o fator asseio e a variável sem religião (*rpb* = .-159, *p* <.000).

A Escala de Apreciação Corporal encontra-se negativamente correlacionada com a variável sem religião (*rpb* = .-212, *p* < .000) e positivamente correlacionada com a variável católica (*rpb* = .128, *p* < .002); a Escala de Satisfação com a Vida também mantém uma correlação negativa com a variável sem religião (*rpb* = .-163, *p* <.000) e positiva com a variável católica (*rpb* = .172, *p* <. 000); a Escala de Autoestima de Rosenberg apresenta correlação negativa com a variável sem religião (*rpb* = .-188, *p* <. 000) e positiva com a variável católica (*rpb* = .119, *p* < .005); entre a Escala de Felicidade Subjetiva e as variáveis sem religião, de correlação negativa, (*rpb* = .-191, *p* < .000) e positiva, com a variável católica (*rpb* = .179, *p* < .000); com o fator Mediação Icônica, da Escala de Autoconsciência Disposicional (EAD), estabelece uma correlação negativa com a variável batista (*rpb* = .-122, *p* < .004); entre o fator Afeto Depressivo, da CES-D, com a variável sem religião (*rpb* = .126, *p* < .003); por sua vez, a mesma variável, sem religião (*rpb* = .-134, *p* < .002), correlaciona-se negativamente, com o fator Afeto Positivo, da CES-D.

Também há registro de correlações entre o fator Atividade Somática, da CES-D, e a variável sem religião (*rpb* = .119, *p* <.005); entre a Escala de Envolvimento Religioso com as variáveis sem religião, de correlação negativa, (*rpb* = .-668, *p* <.000), Assembléia de

Deus (*rpb* = .221, *p* <.000), Batista (*rpb* = .151, *p* <.001), Católica (*rpb* = .218, *p* <.000), Evangélico Protestante (*rpb* = . 147, *p* <.001) e Presbiteriana (*rpb* = .138, *p* < .002).

Mantendo-se na vertente religiosa, observa-se a presença de correlações estatisticamente significantes entre a Escala de Religiosidade Global (ERG) e a variável sem religião, esta de valência negativa, (*rpb* = .-641, *p* <.000), Assembléia de Deus (*rpb* = .243, *p* <.000), Batista (*rpb* = .209, *p* < .000), Católica (*rpb* = .210, *p* <.000) e Evangélico Protestante (*rpb* = .203, *p* <.000); entre aqueles que se dizem adeptos de uma determinada religião com as variáveis sem religião, negativamente correlacionada, (*rpb* = .-628, *p* <.000), Assembléia de Deus (*rpb* = .249, *p* < .000), Batista (*rpb* = .188, *p* < .000), Católica (*rpb* = .213, *p* < .000) e Evangélico Protestante (*rpb* = .175, *p* < .000).

Ainda na tocante à perspectiva religiosa, identifica-se a presença de correlações entre aqueles que dizem participar de rituais religiosos com as variáveis sem religião (*rpb* = .-575, *p* < .000), Assembléia de Deus (*rpb* = .248, *p* <.000), Batista (*rpb* = .170, *p* <.000), Católica (*rpb* = .190, *p* < .000) e Evangélico Protestante (*rpb* = .174, *p* < .000); entre aqueles que dizem vivenciar estados de completa união com Deus junto às variáveis sem religião (*rpb* = .-453, *p* <.000), Assembléia de Deus (*rpb* = .180, *p* < .000), Batista (*rpb* = .157, *p* <.000), Católica (*rpb* = .120, *p* <.000) e Evangélico Protestante (*rpb* = .166, *p* <.000); bem como dentre aqueles que depositam confiança e perseverança com as variáveis sem religião (*rpb* = .-435, *p* <.000), Batista (*rpb* = .140, *p* <.001), Católico (*rpb* = .181, *p* <.000) e Evangélico Protestante (*rpb* = .134, *p* <.002); entre os que responderam ao que o conhecimento religioso afirma com as variáveis sem religião (*rpb* = .-497, *p* < .000), Assembléia de Deus (*rpb* = .193, *p* <.000), Batista (*rpb* = .190, *p* <.000), Católica (*rpb* = .149, *p* <.000) e Evangélico Protestante (*rpb* = .174, *p* <.000); e, por fim, dentre os que responderam possuir religião com as variáveis sem religião, de correlação negativa, (*rpb* = .-972, *p* <.000), Assembléia de

Deus (*rpb* = .166, *p* <.000), Batista (*rpb* = .185, *p* <.000), Católica (*rpb* = .500, *p* <.000) e Evangélico Protestante (*rpb* = .180, *p* < .000).

Quando da análise da dimensionalidade dos fatores da Escala de Autoatratividade em si, levando-se em conta a amostra como um todo, constata-se a presença de intercorrelações com considerável significância estatística, conforme é possível apreciar na tabela que segue.

Tabela 13.

Intercorrelações (*r* de Pearson) dos fatores da EAA com as escalas EAC, ESV, EAR, EFS, EAS, EAD, CES-D, ERIU, ERG (total e por item) e a variável Pertença à Religião (Brasil e Portugal)

Fatores	Sensualidade		Inteligência		Bom Humor		Afetividade		Apr.Pessoal		Moralidade		Asseio	
	r	*p*	*r*	*p*	*r*	*p*	*r*	*p*	*r*	*p*	*r*	*p*	*r*	*p*
Sensualidade	1													
Inteligência	61**	,000	1											
Bom Humor	,487**	,000	,415**	,000	1									
Afetividade	,444**	,000	,424**	,000	,503**	,000	1							
Apr. Pessoal	,731**	,000	,523**	,000	,400**	,000	,411**	,000	1					
Moralidade	,453**	,000	,499**	,000	,420**	,000	,698**	,000	,466**	,000	1			
Asseio	,459**	,000	,415**	,000	,301**	,000	,498**	,000	,549**	,000	,543**	,000	1	

Nota:**correlação significante até o nível 0.01

Quando das correlações entre os fatores da Escala de Autoatratividade em si, considerando a amostra total, identifica-se intercorrelações estatisticamente significantes entre o fator sensualidade com os fatores inteligência (*r* = .561, *p* <.000), bom humor (*r* = .487, *p* < .000), afetividade (*r* = .444, *p* <.000), apresentação pessoal (*r* = .731, *p* <.000), asseio (*r* = .459, *p* <.000) e moralidade (*r* = .453, *p* < .000); entre o fator inteligência com sensualidade (*r* = .561, *p* < .000), bom humor (*r* = .415, *p* < .000), afetividade (*r* = .424, *p* < .000), apresentação pessoal (*r* = .523, *p* < .000), moralidade (*r* = .499, *p* < .000) e asseio (*r* =

.415, $p < .000$); entre o fator bom humor com os fatores sensualidade ($r = .487$, $p < .000$), inteligência ($r = .415$, $p < .000$), afetividade ($r = .503$, $p < .000$), apresentação pessoal ($r = .400$, $p < .000$) e moralidade ($r = .420$, $p < .000$) e asseio ($r = .301$, $p < .000$); entre o fator afetividade e os fatores sensualidade ($r = .444$, $p < .000$), inteligência ($r = .424$, $p < .000$), bom humor ($r = .503$, $p < .000$), apresentação pessoal ($r = .411$, $p < .000$), moralidade ($r = .698$, $p < .000$) e asseio ($r = .498$, $p < .000$); entre o fator apresentação pessoal e os fatores sensualidade ($r = .731$, $p < .000$), inteligência ($r = .523$, $p < .000$), bom humor ($r = .400$, $p < .000$), afetividade ($r = .411$, $p < .000$), moralidade ($r = .466$, $p < .000$) e asseio ($r = .549$, $p < .000$); entre o fator moralidade e os fatores sensualidade ($r = .453$, $p < .000$), inteligência (r = .499, $p < .000$), bom humor ($r = .420$, $p < .000$), afetividade ($r = .698$, $p < .000$), apresentação pessoal ($r = .466$, $p < .000$) e asseio ($r = .543$, $p < .000$) e, por fim, entre o fator asseio com os fatores sensualidade ($r = .459$, $p < .000$), inteligência ($r = .415$, $p < .000$), bom humor ($r = .301$, $p < .000$), afetividade ($r = .498$, $p < 000$), apresentação pessoal ($r = .549$, $p < .000$) e moralidade ($r = .543$, $p < .000$).

Acerca da descrição da idade e da orientação sexual dos participantes do estudo observa-se um contingente de três grandes categorias etárias e duas dimensões da orientação sexual, a heterossexual e a homossexual, as quais serão pormenorizadas na tabela que segue.

Tabela 14.

Descrita idade o orientação sexual

Descritiva Idade/Orientação Sexual			Idade Cat. 3			Total
			14 – 20 a	21 – 35 a	36 – 76 a	
Heterossexual Atração sexo oposto	0 Atraído por mesmo sexo	Quant.	33	57	8	97
		%	33,7%	58,2%	8,2%	100,0%
	1 Atraído por sexo oposto	Quant.	206	275	90	559
		%	36,1%	48,2%	15,8%	100,0%

	Quant.	239	332	98	656
	%	35,7%	49,6%	14,6%	100,0%

No tocante às variáveis idade e orientação sexual constata-se a participação de 33 pessoas na faixa etária de 14 a 20 anos que declaram atração sexual por pessoas do mesmo sexo, e, no mesmo escalonamento etário, 206 que declaram interesse sexual por pessoas do sexo oposto, ambos, alcançam, nesta faixa etária, um percentual de 35.7%.

No segmento etário que vai dos 21 aos 35 anos, registra-se a presença de 57 participantes de orientação sexual homoafetiva e 275 heterossexuais, perfazendo, na faixa etária em questão, um percentual de 49.6%. A terceira faixa etária, que vai dos 36 aos 76 anos, há a presença de 08 participantes declaradamente homossexuais e 90 de orientação heterossexual, contabilizando, neste segmento etário,um percentual de 14,6%.

Tendo em tela a amostra total, quando da análise da dimensionalidade dos fatores da Escala de Autoatratividade, das demais escalas utilizadas no exibido estudo de tese e das variáveis sociodemográficas afeitas ao campo da religiosidade junto às variáveis orientação sexual e segmento etário, nota-se o aparecimento de intercorrelações estatisticamente significantes, consoante à tabela que sucede.

Tabela 15.

Intercorrelações (*r* de Pearson) dos fatores da EAA com as escalas EAC, ESV, EAR, EFS, EAS, EAD, CES-D, ERIU, ERG (total e por item) e a variável Pertença à Religião (Brasil e Portugal)

	Homo-Ida1		Homo-Ida2		Homo-Ida3		Hete-Ida1		Hete-Ida2		Hete-Ida3	
	rpb	*p*	*rpb*	*p*	*rpb*	*P*	*rpb*	*p*	*rpb*	*p*	*rpb*	*p*
Sensualidade	-,050	,198	-,013	,734	-,003	,932	-,150**	,000	,157**	,000	,031	,417
Inteligência	-,016	,675	,009	,822	,063	,106	-,043	,266	,014	,716	,023	,556

Bom Humor	-,013	,738	-,003	,933	,003	,939	-,006	,876	,013	,746	,006	,885
Afetividade	-,036	,358	-,039	,317	-,006	,881	-,064	,099	,030	,443	,105**	,006
Apr. Pessoal	-,006	,884	-,061	,113	-,036	,346	-,051	,187	,084*	,029	,014	,717
Moralidade	-,035	,359	-,071	,065	,041	,293	-,078*	,042	,036	,349	,124**	,001
Asseio	-,051	,190	-,069	,076	-,004	,926	-,058	,132	,063	,104	,077*	,045
Aprec. Corporal	-,061	,112	-,122**	,002	,061	,115	-,010	,799	,049	,207	,071	,066
Satis. Vida	-,024	,567	,003	,937	,085*	,044	,030	,484	-,026	,534	-,004	,924
Auto Estima	-,059	,162	-,037	,383	,102*	,015	-,184**	,000	,119**	,005	,120**	,004
Felic. Subjetiva	-,074	,080	,054	,204	,014	,745	-,083*	,048	,105*	,013	-,023	,589
Reflexão	,045	,289	-,027	,525	-,047	,262	-,001	,989	,025	,548	-,033	,437
Ruminação	,043	,307	,048	,253	-,059	,163	-,007	,873	,015	,717	-,052	,216
Medilconica	-,007	,874	-,020	,634	-,015	,716	-,019	,647	,012	,773	,024	,568
Conscientização	,008	,848	-,057	,181	-,026	,535	-,057	,177	-,005	,909	,131**	,002
Atentividade	,039	,353	-,045	,287	-,020	,631	,089*	,034	-,047	,270	-,034	,423
Med. Congnitiva	,036	,389	,058	,168	,006	,890	,093*	,027	-,055	,195	-,117**	,006
Afe. Depressivo	,100*	,018	,002	,954	-,078	,064	-,017	,684	-,044	,293	,034	,415
Afe. Positivo	-,063	,138	-,001	,986	,068	,107	-,095*	,025	,099*	,019	,017	,692
Ati. Somática	,052	,215	,049	,242	-,060	,153	-,064	,130	-,026	,537	,064	,131
Rel. Interpessoais	,060	,156	-,006	,884	-,048	,257	,003	,947	-,032	,455	,016	,703
Rel. Envolvimento c/ Religião	-,146**	,001	-,103*	,017	-,037	,388	,024	,575	,042	,330	,070	,109
Rel. Global	-,268**	,000	-,191**	,000	-,089*	,035	-,033	,434	,168**	,000	,140**	,001
ERG01 (Adesão Religiosa)	-,231**	,000	-,180**	,000	-,116**	,006	,028	,506	,127**	,003	,095*	,024
ERG02 (Comportamento Religioso)	-,213**	,000	-,172**	,000	-,075	,074	,034	,419	,121**	,004	,065	,121
ERG03 (Experiência Mística)	-,214**	,000	-,113**	,007	-,028	,511	-,083*	,048	,130**	,002	,157**	,000
ERG04 (Fé)	-,223**	,000	-,156**	,000	-,049	,246	-,073	,084	,157**	,000	,135**	,001
ERG05 (Vinculação Epistêmica)	-,209**	,000	-,150**	,000	-,086*	,040	-,052	,214	,151**	,000	,124**	,003
Rel. Sim	-,207**	,000	-,137**	,000	-,027	,481	,005	,890	,111**	,004	,089*	,022

Nota: *correlação significante até o nível 0.01; **correlação significante até o nível 0.05

A respeito das correlações estatisticamente significantes entre orientação sexual e idade, junto às escalas utilizadas no presente estudo de tese, percebe-se a existência de sua ocorrência na Escala de Autoatratividade (EAA) entre os seguintes fatores: sensualidade, correlacionado, negativamente, com a variável referente aos participantes de orientação

sexual heterossexual com idades entre 14 e 20 anos (r = .-150, p < .000) e, positivamente, com a variável relacionada aos participantes de orientação sexual heterossexual com idades entre 21 e 35 anos (r = .157, p <.000); com o fator afetividade com a variável heterossexual com idades entre 36 e 76 anos (r = .105, p <.000) e o fator moralidade, também com a variável heterossexual com idades entre 36 a 76 anos (r = .124, p < .001).

Ainda neste quesito, se identifica uma correlação negativa entre a Escala de Apreciação Corporal (EAC) com a variável referente aos participantes de orientação sexual homossexual com idades entre 21 a 35 anos (r = .-122, p < .002); também há indícios de correlações entre a Escala de Autoestima de Rosenberg com as variáveis heterossexual com idades entre 14 e 20 anos (r = .-184, p < .000), heterossexual com idades entre 21 a 35 anos (r = . 119, p < .000) e a variável relacionada aos participantes com orientação sexual heterossexual com idades entre 36 a76 anos (r = .120, p < .004); entre o fator Conscientização, da EAD, junto à variável heterossexual com idades entre 36 a76 anos (r = .131, p <.002); correlação negativa entre o fator Mediação Cognitiva, oriundo da mesma escala, e a variável heterossexual com idades entre 36 a76 anos (r = .-117, p < .006); entre a Escala de Envolvimento com a Religião, negativamente correlacionado com a variável referente aos participantes de orientação sexual homossexual com idades entre 14 a 20 anos (r = .-146, p < .001); e também, de valência negativa, correlacionada com a Escala de Religiosidade Global (ERG), e as variáveis homossexual com idades entre 14 e 20 anos (r = .-268, p < .000), homossexual com idades entre 21 e 35 anos (r = .-191, p < .000), heterossexual com idades entre 21 e 35 anos (r = . 168, p < .000) e a variável heterossexual com idades entre 36 a 76 anos (r = .140, p <. 001).

Quando se trata da interface entre orientação sexual e idade, junto às variáveis oriundas do campo da religiosidade, identificam-se correlações negativas entre a Escala de Religiosidade Global (ERG) entre o item 01 (Adesão Religiosa), com a variável relacionada

aos participantes com orientação sexual homossexual com idades entre 14 a 20 anos (r = .-231, p < .000), com os participantes homossexuais com idades entre 21 a 35 anos (r = .-180, p < .000), homossexual com idades entre 36 a 76 anos (r = .-116, p < .000) e a correlação, não mais negativa, com a variável heterossexual com idades entre 21 e 35 anos (r = .127, p < .003).

Na mesma perspectiva, preserva-se negativa as correlações estatisticamente significantes da Escala de Religiosidade Global (ERG), entre o item 02 (Comportamento Religioso), com a variável referente aos participantes de orientação sexual homossexual com idades entre 14 e 20 anos (r = . -213, p < .000), homossexuais, no âmbito geral, com idades entre 21 e 35 anos (r = .-172, p < .000) e com a variável heterossexuais com idades entre 21 e 35 anos (r = .121, p <.004); com o item 03 (Experiência Mística) e as variáveis, negativamente correlacionadas, homossexual com idades entre 14 a 20 anos (r = .-214, p < .000), homossexual com idades entre 21 e 35 anos (r = .-113, p < .000) e, positivamente correlacionado com as variáveis heterossexual com idades entre 21 a 35 anos (r = .130, p <.002) e a variável referente aos participantes de orientação sexual heterossexual com idades entre 36 e 76 anos (r = .157, p <.000); junto ao item 04 (Fé) com a variável homossexual idades entre 14 a 20 anos (r = .-223, p <.000), homossexual com idades entre 21 e 35 anos (r = .156, p < .000), heterossexual com idades entre 21 e 35 anos (r = .157, p < .000) e heterossexual com idades entre 36 e 76 anos (r = .135, p < .001); entre o item 05 (Vinculação Epistêmica) e as variáveis homossexual com idades entre 14 e 20 anos (r = .-209, p <.000), homossexual com idades entre 21 e 35 anos (r = .-150, p <.000), heterossexual com idades entre 21 e 35 anos (r = .151, p < .000) e variável referente aos participantes de orientação sexual heterossexual com idades entre 36 e 76 anos (r = . 124, p < .003) e, por fim, entre os participantes que dizem ter religião com as variáveis homossexual com idades entre 14 e 20 anos (r = .-207, p < .000), homossexual com idades

entre 21 e 35 anos (r = .-137, p < .000) e heterossexual com idades entre 21 e 35 anos (*r* = .111, *p* < .004).

No tocante ao quantitativo de participantes por sexo, há, na amostra portuguesa, dentro do universo de 107 participantes, 57 pessoas do sexo feminino e 47 do sexo masculino, consoante à tabela que segue.

Tabela 16.

Descritiva Brasil/Masculino

			Masculino		Total
			0 Feminino	1 Masculino	
Brasil	0 Portugal	Quant.	59	47	106
		% Brasil	55,7%	44,3%	100,0%
	1 Brasil	Quant.	415	148	563
		% Brasil	73,7%	26,3%	100,0%
Total		Quant.	474	195	669
		% Brasil	70,9%	29,1%	100,0%

Na amostra brasileira também registra-se a supremacia de participantes do sexo feminino, 415 mulheres, contra 148 homens. Considerando a amostra como um todo há o contingente de 474 participantes do sexo feminino e 195 do sexo masculino.

A respeito da orientação sexual, entre os lisboetas, 27 participantes se dizem atraídos por pessoas do mesmo sexo e 80 por pessoas do sexo oposto. Entre os brasileiros, 71 se sentem atraídos por pessoas do mesmo sexo e 491 por pessoas do sexo oposto.

Tabela 17.

Brasil * Heterossexual Atração sexo oposto

			Heterossexual Atração sexo oposto		Total
			0 Atraído por mesmo sexo	1 Atraído por sexo oposto	
Brasil	0 Portugal	Quant.	27	80	107
		% Brasil	25,2%	74,8%	100,0%
	1 Brasil	Quant.	71	491	562
		% Brasil	12,6%	87,4%	100,0%
Total		Quant.	98	571	669
		% Brasil	14,6%	85,4%	100,0%

No âmbito geral da amostra, 98 pessoas revelaram possuir interesse afetivo/sexual por pessoas do mesmo sexo, enquanto 571 se dizem interessadas por pessoas do sexo oposto.

A fim de garantir a análise da dimensionalidade da Escala de Apreciação Corporal (EAC) com as variáveis sociodemograficas, no âmbito da amostra total do estudo, percebe-se a presença de correlações estatisticamente significantes as quais podem ser apreciadas em observação à tabela que sucede.

Tabela 18.

Intercorrelações (*r* de Pearson) dos fatores da EAA com as escalas EAC, ESV, EAR, EFS, EAS, EAD, CES-D, ERIU, ERG (total e por item) e a variável Pertença à Religião (Brasil)

	Brasil		Masculino		Heterosexual Atração sexo oposto	
	rpb	*p*	*rpb*	*p*	*rpb*	*p*
Rel. Envolvimento c/ Religião	,084	,054	-,113**	,009	,179**	,000
Aprec. Corporal	-,023	,560	,031	,419	,117**	,002

EAC01(Imagem Corporal Positiva)	,027	,487	-,147**	,000	,138**	,000
EAC02 (Imagem Corporal Positiva)	-,021	,580	,067	,084	,084*	,030
EAC03 (Imagem Corporal Positiva)	-,035	,366	,039	,314	,113**	,004
EAC04 (Imagem Corporal Positiva)	-,035	,365	,053	,172	,088*	,023
EAC05 (Imagem Corporal Positiva)	,002	,963	-,041	,291	,063	,104
EAC06 (Imagem Corporal Positiva)	,010	,801	,021	,593	,104**	,007
EAC07 (Imagem Corporal Positiva)	-,048	,217	-,018	,649	,069	,076
EAC08 (Imagem Corporal Positiva)	,065	,094	,087*	,024	,069	,073
EAC09 (Imagem Corporal Positiva)	-,048	,211	,077*	,046	,053	,169
EAC10 (Imagem Corporal Positiva)	,011	,770	,072	,062	,084*	,029
EAC11 (Imagem Corporal Positiva)	-,112**	,004	,059	,129	,016	,674
EAC12 (Imagem Corporal Positiva)	-,067	,085	-,053	,172	,047	,234
EAC13 (Imagem Corporal Positiva)	,069	,073	,025	,523	,113**	,003

Nota: *correlação significante até o nível 0.01; **correlação significante até o nível 0.05

Ao se abordar as correlações estatisticamente significantes entre envolvimento religioso com a Escala de Religiosidade Global, a Escala de Apreciação Corporal e as variáveis sociodemográficas, considerando a amostra brasileira, percebe-se correlação com a Escala de Envolvimento Religioso com as variáveis referentes aos participantes do sexo masculino (*rpb* = -.113, $p < .009$) e heterossexuais (*rpb* = .179, $p < .000$); no âmbito geral, entre a Escala de Apreciação Corporal e a variável heterossexual (*rpb* = .117, $p < .002$) e; mais especificamente, nos itens 01 (Imagem Corporal Positiva) com as variáveis masculino (*rpb* = .-147, $p < .000$) e a variável heterossexual (*rpb* = .138, $p < .000$); o item 03 (Imagem Corporal Positiva) e a variável heterossexual (*rpb* = .113, $p < .004$); com o item 11 (Imagem Corporal Positiva) e a variável Brasil (*rpb* = .-112, $p < .004$) e o item 13 (Imagem Corporal Positiva) e a variável heterossexual (*rpb* = .113, $p < .003$).

Dando continuidade ao exame da dimensionalidade entre a Escala de fator único de envolvimento com a religião e a Escala de Apreciação Corporal, no que tange a escala como

um todo e seus itens em particular, com as variáveis sociodemográficas, constata-se a presença de intercorrelações de significância estatística como avulta a Tabela 19 que segue.

Tabela 19.

Intercorrelações (*r* de Pearson) dos fatores da EAA com as escalas EAC, ESV, EAR, EFS, EAS, EAD, CES-D, ERIU, ERG (total e por item) e a variável Pertença à Religião (Brasil)

	Idade		Escolaridade		Quantidade Filhos		Valor Renda Individual		Valor Renda Familiar	
	r	*p*	*r*	*p*	*r*	*P*	*r*	*p*	*r*	*p*
Rel. Envolvimento c/ Religião	,069	,114	-,062	,152	,041	,341	-,026	,551	,008	,859
Aprec. Corporal	,134**	,000	-,002	,965	,109**	,005	,026	,518	-,019	,641
EAC01(Imagem Corporal Positiva)	,031	,420	-,066	,089	,055	,158	,034	,392	,041	,318
EAC02 (Imagem Corporal Positiva)	,136**	,000	,024	,537	,096*	,013	,020	,619	-,040	,338
EAC03 (Imagem Corporal Positiva)	,119**	,002	,024	,532	,090*	,020	,002	,968	-,038	,363
EAC04 (Imagem Corporal Positiva)	,082*	,034	-,014	,722	,075	,054	,002	,965	-,043	,294
EAC05 (Imagem Corporal Positiva)	,040	,299	-,039	,312	,097*	,012	-,033	,398	-,047	,255
EAC06 (Imagem Corporal Positiva)	,101**	,009	,016	,672	,119**	,002	,017	,669	-,008	,854
EAC07 (Imagem Corporal Positiva)	,050	,192	,004	,928	,036	,351	,010	,808	-,001	,973
EAC08 (Imagem Corporal Positiva)	,158**	,000	,011	,770	,150**	,000	,016	,682	-,023	,570
EAC09 (Imagem Corporal Positiva)	,127**	,001	-,008	,844	,029	,461	,049	,218	,060	,148
EAC10 (Imagem Corporal Positiva)	,143**	,000	,036	,357	,104**	,007	,028	,477	-,024	,558
EAC11 (Imagem Corporal Positiva)	,151**	,000	,019	,632	,121**	,002	,069	,078	,006	,884
EAC12 (Imagem Corporal Positiva)	-,064	,100	-,005	,903	-,095*	,015	,013	,740	,007	,874
EAC13 (Imagem Corporal Positiva)	,092*	,018	-,033	,391	,091*	,019	-,013	,737	-,063	,130

Nota: *correlação significante até o nível 0.01; **correlação significante até o nível 0.05

Ainda no que concerne a amostra brasileira, quando são correlacionados as Escalas de Religiosidade Global, Apreciação Corporal e outras variáveis sociodemograficas, percebem-se correlações estatisticamente significantes entre a Escala de Apreciação Corporal, como um todo, e as variáveis idade (r = .134, p < .000) e quantidade de filhos (r = .109, p < .005); e, especificamente, entre o item 03 (Imagem Corporal Positiva) e a variável idade (r = .119, p < .002), o item 06 (Imagem Corporal Positiva) e a variável quantidade de

filhos (*r* . 119, *p* < .002), e o item 08 (Imagem Corporal Positiva), com as variáveis idade (*r* = .158, *p* < .000) e quantidade de filhos (*r* = .150, *p* < .000), e o item 09 (Imagem Corporal Positiva) e a variável idade (*r* = .127, *p* < .001), e o item 10 (Imagem Corporal Positiva) com as variáveis idade (*r* = .143, *p* < .000) e quantidade de filhos (*r* = .104, *p* < .000), e o item 11 (Imagem Corporal Positiva) e as variáveis idade (*r* = .151, *p* < .000) e quantidade de filhos (*r* = .121, *p* < .002).

No que concerne a amostra portuguesa em específico, com vistas ao exame da dimensionalidade da Escala de Apreciação Corporal com envolvimento com a religião e as variáveis sociodemográficas, faz-se emergir intercorrelações estatisticamente significantes, conforme ressaltam as tabelas que seguem.

Tabela 20.

Intercorrelações (*r* de Pearson) dos fatores da EAA com as escalas EAC, ESV, EAR, EFS, EAS, EAD, CES-D, ERIU, ERG (total e por item) e a variável Pertença à Religião (Portugal)

	Heterossexual Atração sexo oposto		Valor Renda Familiar	
	r	*p*	*r*	*p*
Rel. Envolvimento c/ Religião	,066	,712	,102	,567
Aprec. Corporal	,096	,326	-,158	,106
EAC01(Imagem Corporal Positiva)	,202*	,037	-,257**	,008
EAC02 (Imagem Corporal Positiva)	,068	,487	-,130	,185
EAC03 (Imagem Corporal Positiva)	,135	,166	-,174	,075
EAC04 (Imagem Corporal Positiva)	,126	,197	-,047	,633
EAC05 (Imagem Corporal Positiva)	,090	,358	-,234*	,016
EAC06 (Imagem Corporal Positiva)	,005	,956	-,104	,288
EAC07 (Imagem Corporal Positiva)	,087	,373	-,188	,053
EAC08 (Imagem Corporal Positiva)	,060	,539	,023	,812
EAC09 (Imagem Corporal Positiva)	,075	,444	,129	,186

EAC10 (Imagem Corporal Positiva)	,036	,713	-,069	,480
EAC11 (Imagem Corporal Positiva)	-,059	,548	-,191*	,049
EAC12 (Imagem Corporal Positiva)	,021	,833	-,141	,150
EAC13 (Imagem Corporal Positiva)	,033	,739	-,060	,539

Nota: *correlação significante até o nível 0.01; **correlação significante até o nível 0.05

Tabela 21.

Intercorrelações (*r* de Pearson) dos fatores da EAA com as escalas EAC, ESV, EAR, EFS, EAS, EAD, CES-D, ERIU, ERG (total e por item) e a variável Pertença à Religião (Portugal)

	Idade		Escolaridade		Quantidade de Filhos		Valor Renda Individual		Valor Renda Familiar	
	r	*p*	*r*	*p*	*r*	*p*	*r*	*p*	*r*	*p*
Rel. Envolvimento c/ Religião	-,232	,186	-,166	,347	-,187	,290	-,189	,300	-,116	,522
Aprec. Corporal	,003	,978	-,103	,293	,042	,671	,084	,399	-,051	,607
EAC01(Imagem Corporal Positiva)	,016	,871	-,118	,226	,168	,083	,106	,288	,132	,183
EAC02 (Imagem Corporal Positiva)	,019	,842	-,060	,537	-,096	,326	,177	,073	-,094	,344
EAC03 (Imagem Corporal Positiva)	-,103	,291	-,088	,370	-,089	,362	,024	,806	-,102	,302
EAC04 (Imagem Corporal Positiva)	,054	,582	-,085	,384	,054	,580	,124	,211	,016	,870
EAC05 (Imagem Corporal Positiva)	-,046	,641	-,145	,137	,021	,827	-,031	,754	-,129	,192
EAC06 (Imagem Corporal Positiva)	-,001	,991	-,062	,523	,106	,278	,063	,525	,030	,766
EAC07 (Imagem Corporal Positiva)	-,069	,478	-,004	,969	,054	,580	,027	,787	-,084	,397
EAC08 (Imagem Corporal Positiva)	-,033	,733	-,053	,587	-,006	,948	-,013	,894	-,048	,629
EAC09 (Imagem Corporal Positiva)	-,008	,935	-,038	,700	-,010	,916	-,096	,334	,035	,724
EAC10 (Imagem Corporal Positiva)	,112	,249	-,033	,736	,080	,411	,211*	,033	,042	,670
EAC11 (Imagem Corporal Positiva)	,160	,100	,030	,758	,211*	,029	,114	,253	-,053	,590
EAC12 (Imagem Corporal Positiva)	-,086	,380	-,106	,277	,000	,996	-,032	,752	-,024	,808
EAC13 (Imagem Corporal Positiva)	,048	,625	-,156	,108	-,107	,273	,138	,164	-,159	,106

Nota: *correlação significante até o nível 0.01; **correlação significante até o nível 0.05

No tocante à amostra brasileira, faz-se perceber correlações entre a Escala de item único de Envolvimento com a Religião, a Escala de Apreciação Corporal, no âmbito geral e

em itens específicos, com as variáveis heterossexual e masculino. Na Escala de Envolvimento com a Religião há uma correlação com a variável heterossexual (r = .180, p <.000); na Escala de Apreciação Corporal, como um todo, com a variável heterossexual (r = .128, p < .002); e, especificamente, no item 01 (Imagem Corporal Positiva), percebe-se uma correlação negativa com as variáveis heterossexual (r = .124, p < .003) e masculino (r = .-127, p < .003), entre o item 03 (Imagem Corporal Positiva) e a variável heterossexual (r = .117, p < .005), entre o item 06 (Imagem Corporal Positiva) e a variável heterossexual (r = .124, p < .003) e o item 13 (Imagem Corporal Positiva) com a variável heterossexual (r = .121, p < .004).

Por sua vez, especificamente na amostra brasileira, quando da análise da dimensionalidade da Escala de Apreciação Corporal junto ao envolvimento com a religião e as variáveis sociodemográficas, faz-se perceber a presença de correlações estatisticamente significantes, conforme detalham as tabelas que seguem.

Tabela 22.

Intercorrelações (*r* de Pearson) dos fatores da EAA com as escalas EAC, ESV, EAR, EFS, EAS, EAD, CES-D, ERIU, ERG (total e por item) e a variável Pertença à Religião (Brasil)

	Heterossexual Atração sexo oposto		Masculino	
	r	*p*	*R*	*P*
Rel. Envolvimento c/ Religião	,180**	,000	-,114*	,010
Aprec. Corporal	,128**	,002	,060	,157
EAC01(Imagem Corporal Positiva)	,124**	,003	-,127**	,003
EAC02 (Imagem Corporal Positiva)	,093*	,028	,097*	,021
EAC03 (Imagem Corporal Positiva)	,117**	,005	,069	,101
EAC04 (Imagem Corporal Positiva)	,090*	,033	,064	,132
EAC05 (Imagem Corporal Positiva)	,059	,160	-,012	,771

EAC06 (Imagem Corporal Positiva)	,124**	,003	,042	,319
EAC07 (Imagem Corporal Positiva)	,074	,078	,004	,916
EAC08 (Imagem Corporal Positiva)	,063	,137	,112**	,008
EAC09 (Imagem Corporal Positiva)	,059	,164	,061	,147
EAC10 (Imagem Corporal Positiva)	,094*	,025	,098*	,020
EAC11 (Imagem Corporal Positiva)	,050	,236	,084*	,047
EAC12 (Imagem Corporal Positiva)	,064	,131	-,049	,251
EAC13 (Imagem Corporal Positiva)	,121**	,004	,050	,232

Nota: *correlação significante até o nível 0.01; **correlação significante até o nível 0.05

Tabela 23.

Intercorrelações (*r* de Pearson) dos fatores da EAA com as escalas EAC, ESV, EAR, EFS, EAS, EAD, CES-D, ERIU, ERG (total e por item) e a variável Pertença à Religião (Brasil)

	Idade		Escolaridade		Quantidade Filhos		Valor Renda Individual		Valor Renda Familiar	
	r	*p*	*r*	*p*	*r*	*p*	*r*	*p*	*r*	*p*
Rel. Envolvimento c/ Religião	,094*	,036	-,043	,334	,046	,303	-,005	,917	,012	,810
Aprec. Corporal	,155**	,000	,027	,516	,119**	,005	,013	,768	-,017	,703
EAC01(Imagem Corporal Positiva)	,033	,430	-,050	,232	,044	,301	,023	,588	,037	,420
EAC02 (Imagem Corporal Positiva)	,153**	,000	,051	,223	,114**	,007	-,009	,833	-,037	,418
EAC03 (Imagem Corporal Positiva)	,153**	,000	,059	,164	,109**	,010	-,007	,875	-,034	,454
EAC04 (Imagem Corporal Positiva)	,087*	,040	-,004	,931	,081	,055	-,022	,614	-,046	,312
EAC05 (Imagem Corporal Positiva)	,053	,213	-,010	,809	,103*	,014	-,035	,418	-,044	,340
EAC06 (Imagem Corporal Positiva)	,116**	,006	,048	,254	,120**	,004	,010	,811	-,010	,833
EAC07 (Imagem Corporal Positiva)	,070	,098	-,007	,876	,041	,326	,001	,987	,005	,916
EAC08 (Imagem Corporal Positiva)	,188**	,000	,056	,186	,157**	,000	,028	,510	-,024	,596
EAC09 (Imagem Corporal Positiva)	,147**	,000	-,012	,776	,038	,370	,068	,114	,064	,162
EAC10 (Imagem Corporal Positiva)	,148**	,000	,068	,107	,105*	,013	,000	,994	-,028	,540
EAC11 (Imagem Corporal Positiva)	,152**	,000	-,014	,748	,131**	,002	,051	,234	,012	,793
EAC12 (Imagem Corporal Positiva)	-,061	,156	,016	,716	-,097*	,023	,015	,731	,010	,829
EAC13 (Imagem Corporal Positiva)	,098*	,020	,021	,619	,097*	,021	-,031	,466	-,060	,186

Nota: *correlação significante até o nível 0.01; **correlação significante até o nível 0.05

Acerca da amostra brasileira, observa-se a existência de correlações entre a Escala de Apreciação Corporal, como um todo, com as variáveis idade (r = . 155, p < .000) e quantidade de filhos (r = .119, p < .005); especificamente, entre o item 02 (Imagem Corporal Positiva) com a variável idade (r = .153, p < .000); entre o item 03 (Imagem Corporal Positiva), também com a variável idade (r = .153, p < .000); entre o item 06 (Imagem Corporal Positiva) e a variável quantidade de filhos (r = .120, p < .004); entre o item 08 (Imagem Corporal Positiva) com as variáveis idade (r = .188, p < .000) e quantidade de filhos (r = .157, p < .000); entre o item 09 (Imagem Corporal Positiva) com a variável idade (r = .147, p < .000); o item 10 (Imagem Corporal Positiva) com a variável idade (r = .148, p < .000); entre o item 11 (Imagem Corporal Positiva) com as variáveis idade (r = .152, p < .000) e quantidade de filhos (r = .131, p < .002).

Com base nos resultados apresentados nesta seção quantitativa, observa-se, mediante a amostra recrutada para participação no referido estudo de tese, no tocante a Escala de Autoatratividade (EAA), central ao estudo em questão, a presença de uma estrutura fatorial de considerável consistência interna e relevantes índices de intercorrelações, o que denota o estado ótimo do referido instrumento, o qual pode ser utilizado, inclusive, para fins diagnósticos. De modo também significante é o funcionamento das demais escalas utilizados no estudo, a exceção do desempenho da Escala de Autoestima de Rosenberg, e dos fatores de algumas outras escalas, os quais apresentaram Alfa de Cronbach abaixo de .40, referência para utilização de instrumentos de avaliação psicométrica em pesquisas, êxito esse representado pela qualidade das correlações da EAA expressas, não apenas entre seus fatores e destes com os fatores de outros instrumentos, mas, especialmente, no tocante sua interface junto às variáveis sociodemográficas idade, religiosidade, quantidade de filhos e orientação sexual.

Regressão Stepwise

Para teste empírico da hipótese de um papel protetivo do envolvimento com a religião sobre os efeitos da autoatratividade sobre as medidas de funcionamento psicológico e cognitivo do estudo, realizou-se o exame destas relações por meio de modelo de regressão. Na Tabela 24 encontram-se os resultados das análises com o modelo de regressão Stepwise tendo como variáveis independentes os fatores de autatratividade, e como variáveis dependentes as demais escalas do estudo, tendo-se o envolvimento com a religião (escala ERIU) como 1° passo do modelo de regressão.

Tabela 24

Resumo das regressões das escalas EAC, ESV, EAR, EFS, EAS, EAD e CES-D (VDs) tendo VIs como 1° passo Envolvimento com a Religião e como 2° passo (Stepwise) as 7 dimensões da Autoatratividade (EAA), sendo apresentados os valores das % de variância explicada significativas

	1o passo			2° passo				
VDs	Envolv. Religião	Sensualidade	Inteligência	Bom Humor	Afetividade	Apres. Pessoal	Moralidade	Asseio
EAC.Aprec.Corporal	5.1[c]	23.6[c]	Ns	Ns	ns	Ns	1.0[b]	ns
E.SatisVida	4.6[c]	10.9[c]	2.5[c]	1.0[b]	ns	.7[a]	ns	ns
E. AutoEstima de Ros.	4.4[c]	26.4[c]	.7[a]	1.5[b]	ns	Ns	ns	ns
E. Felic.Subjetiva	6.2[c]	16.0[c]	Ns	3.1c	.9[b]	Ns	ns	ns
EAS.Medi. Icônica	Ns	2.6[c]	Ns	1.1[b]	.6[a]	ns	ns	ns
EAS.Reflexão	Ns	ns	1.3[b]	.9[a]	.9[a]	ns	ns	ns
EAS.Ruminação	Ns	1.9[c]	Ns	Ns	ns	ns	ns	ns
EAD.Medi. Cognitiva	Ns	ns	Ns	Ns	ns	ns	ns	ns
EAD.Conscientização	Ns	ns	1.1[b]	Ns	ns	10.2[c]	3.1[c]	ns
EAD.Atentividade	Ns	ns	2.0[c]	Ns	.7[a]	ns	ns	ns
C. Afe. Depressivo	1.2[b]	1.8[c]	Ns	8.5[c]	1.0[a]	ns	ns	ns
C. Afe. Positivo	3.0[c]	9.7[c]	.8[a]	1.7[c]	ns	ns	ns	ns

C.Ati. Somática	1.2[b]	ns	4.9 [c]	1.2[b]	ns	ns	.8[a]	ns
C.Rel.Interpessoais	.8[a]	.6[a]	Ns	3.2[c]	ns	ns	.8[a]	ns

Nota a = $p < .05$; b = $p < .01$; c = $p < .001$

Sensualidade explicou a variância de Apreciação Corporal (23.6%), Satisfação com a Vida (10.9%), Autoestima (26.4%), Felicidade Subjetiva (16.0%), Mediação Icônica (2.6%), Ruminação (1.9%), Afeto Depressivo (1.8%), Afeto Positivo (9.7%), e Relações Interpessoais (.6%).

Inteligência explicou a variância de Satisfação com a Vida (2.5%), Autoestima (.7%), Reflexão (1.3%), Conscientização (1.1%), Atentividade (2.0%), Afeto Positivo (.8%), e Atividade Somática (4.9%).

Bom Humor explicou a variância de Satisfação com a Vida (1.0%), Autoestima (1,5%), Felicidade Subjetiva (3.1%), Mediação Icônica (1.1%), Reflexão (.9%), Afeto Depressivo (8.5%), Afeto Positivo (1.7%), Atividade Somática (1.2%) e Relações Interpessoais (3.2%).

Afetividade explicou a variância de Felicidade Subjetiva (.9%), Mediação Icônica (.6%), Reflexão (.9%), Atentividade (.7%) e Afeto Depressivo (1.0%).

Apresentação Pessoal explicou a variância de Satisfação com a Vida (.7%) e Conscientização (10.2%).

Moralidade explicou a variância de Apreciação Corporal (1.0%), Conscientização (3.1%), Atividade Somática (.8%) e Relações Interpessoais (.8%).

Asseio não explicou a variância de nenhum dos demais construtos que entraram no modelo.

O conjunto dos resultados permite a inferência de que o envolvimento com a religião não exerceu efeito protetivo substancial em relação ao impacto da autoatratividade, esta última evidencia ser um aspecto importante da cognição, exercendo impacto considerável sobre grande conjunto de variáveis relacionadas ao self (apreciação corporal, autoconsciência e autoestima), bem estar (satisfação com a vida e felicidade subjetiva) e humor (afeto depressivo, afeto positivo, atividade somática e relações interpessoais).

Análise SSA Integrativa

No último ciclo de análises estatísticas visando um mais profundo acercamento das interrelações entre os construtos da tese e demais variáveis de interesse, operou-se uma Análise SSA com todas as escalas psicométricas visando uma integração mais robusta das análises já efetuadas. Ao se observar a projeção SSA integrativa, observa-se a disposição de três dimensões distintas, uma que compreende os aspectos autofocalizadores, outra relacionada aos afetos negativos e uma terceira afeita ao âmbito do bem estar, conforme pode ser observado na Figura 05.

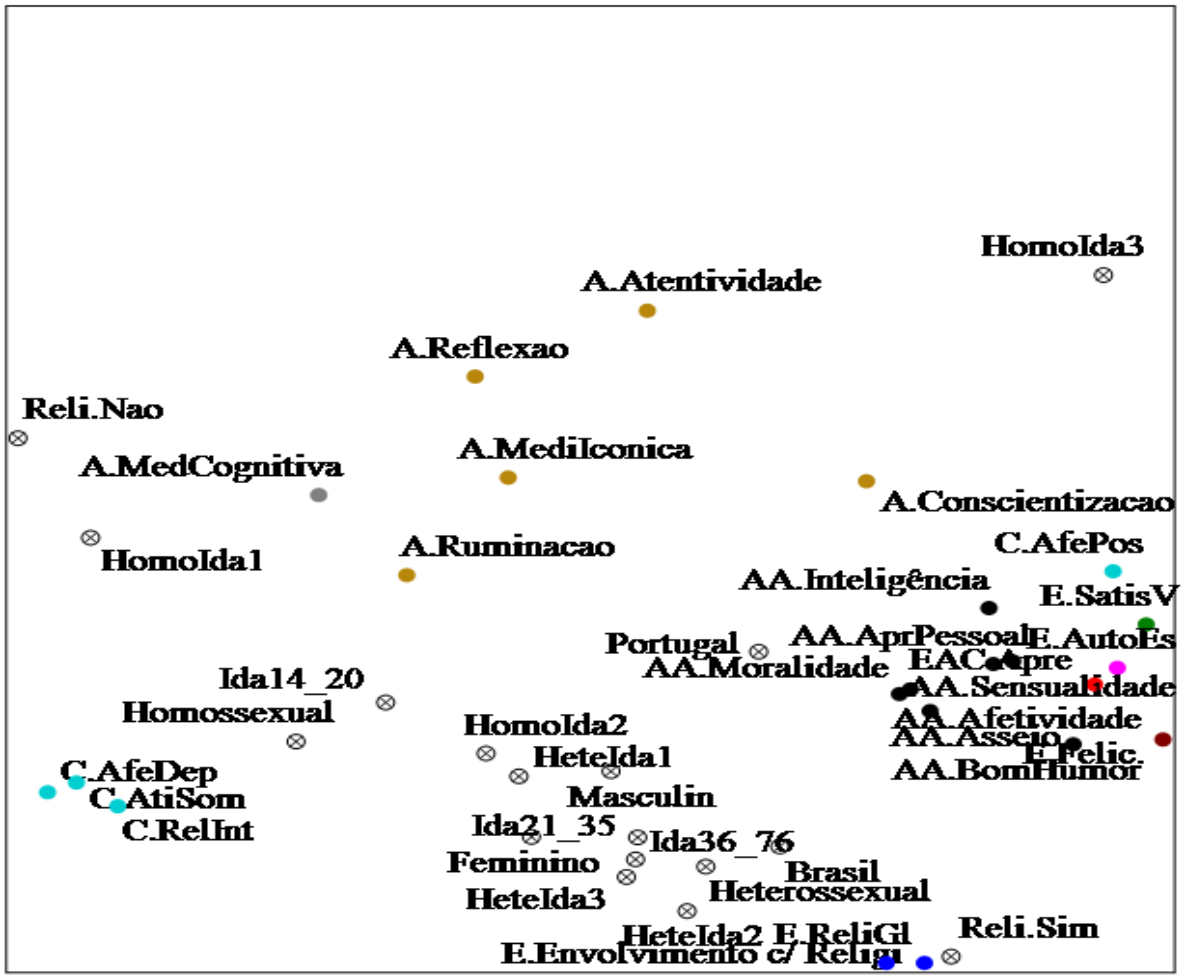

Figura 05.

SSA integrativa com todas as escalas do estudo, tendo como variáveis externas sexo, idade, orientação sexual, orientação sexual por grupo etário, nacionalidade e Pertença à Religião (3D 1X2; Coeficiente de Alienação = .09869)

Situado à região central do quadrante superior do espaço dimensional da projeção, identifica-se a presença dos itens de ruminação, mediação cognitiva e icônica, reflexão e atentividade.

Na porção esquerda do quadrante inferior faz-se presentes os itens de afeto depressivo, atividade somática e relações interpessoais, em relação as quais encontram-se próximas as variáveis sociodemográficas de caráter etário, onde os participantes mais jovens, de 14 a 20 anos, a despeito do sexo, mantêm proximidade. Todavia, é curioso observar que os participantes de orientação sexual homoafetiva, também apresentam

significativa proximidade com esta dimensão mais depreciativa do self, em especial os homossexuais situados no primeiro escalonamento etário, participantes de 14 a 20 anos.

Vale ressaltar que tais participantes também apresentam proximidade com o item mediação icônica, o qual se propõe por em investigação continua os aspectos internos da auto-observação por meio de representações imagéticas, item este que instala uma plataforma de instanciamento de uma vigilância persuasiva dos aspectos internos os quais podem exercer influência sob a condução à um quadro ruminativo.

Outro dado que merece destaque diz respeito ao não pertencimento a dada tradição religiosa, os participantes que assim se reconhecem apresentam proximidade com esta face danosa da projeção em exame.

Ainda no quadrante inferior, por sua vez na face direita, encontra-se um agrupamento de fatores e variáveis que apontam para uma dimensão propositiva da condição humana. Nesta identifica-se a presença dos itens Conscientização, Afeto positivo, Inteligência, Satisfação com a vida, Apresentação pessoal, Autoestima, Moralidade, Escala de Apreciação Corporal, Sensualidade, Asseio e o Bom humor.

No que tange a nacionalidade da amostra, observa-se que os participantes lisboetas apresentam uma proximidade significativa com o conjunto de itens supracitados, mantendo-se mais próximo do item Moralidade. Todavia, vale ressaltar que aos participantes portugueses foram apenas apresentadas duas escalas - a de Autoatratividade e a de Apreciação Corporal, junto a um questionário sociodemográfico.

Também de proximidade significativa com o conjunto de itens supracitados estão os participantes de nacionalidade brasileira, bem como os de orientação sexual heteroafetiva, como um todo, os heterossexuais mais jovens, de 14 a 20 anos, dos 21 a 35 anos e aqueles de 36 a 76 anos. Por sua vez, não só os participantes heterossexuais marcaram presença nesta dimensão, mas também os participantes homossexuais na faixa etária de 21 a 35.

No âmbito etário *strictu sensu*, observa-se que os participantes, independente do sexo e da orientação sexual, na faixa etária de 21 a 35 anos e de 36 a 76 anos, também marcam presença nas cercanias desta dimensão de bem estar.

No tocante ao sexo, também situa-se nesta dimensão a presença dos participantes tanto masculinos quanto femininos.Também chama atenção nesta proximidade com fatores de atratividade, bem estar e humor positivo (afeto positivo) de elementos do campo da religiosidade a exemplo da religiosidade global, do envolvimento com religião e àqueles que responderam afirmativamente ao questionamento de pertença à religião.

No que tange à observação do ciclo vital, em suas respectivas faixas etárias, nota-se uma organização da mesma em sentido horizontal, e da esquerda para a direita, partindo-se dos fatores de valência negativa relacionados a risco à depressão (afeto depressivo; atividade somática; relações interpessoais) localizados à esquerda da projeção e com os participantes mais jovens (idades de anos) situados em suas cercanias, passando pelo intermeio, e numa região de transição na projeção, onde estão situados os de idades médias (21 a 35 anos), culminando com o último grupo etário do ciclo vital, com os participantes mais maduros (36 a 76 anos) situados no lado direito da projeção, e mais voltados aos elementos positivos – os fatores de atratividade, bem-estar e humor positivo (afeto positivo). Nota-se também que os participantes mais jovens são os que se aproximam dos processos de autofocalização, em especial, da ruminação, o ciclo da vida cursando com um progressivo afastamento deste elemento, e com um incremento de adesão à religião (Envolvimento com a Religião).

Capitulo 13. Estudo 3 (Estudo Fenomenal)

À luz do objetivo principal do presente estudo de tese o qual compreende identificar o que são os padrões de atratividade, como estes são representados no âmbito da experiência interna dos participantes, assim como se dá a interface destes com os processos de atratividade autopercebida, autofocalização, autoestima, bem estar, humor depressivo e religiosidade, revelados no fluxo do desenvolvimento do ciclo vital de homens e mulheres de orientação sexual homossexual e heterossexual, residentes na Região Metropolitana do Grande Recife, a parte fenomenal do estudo em questão, compreende a análise, com base no método fenomenológico padrão adotado por Cott e Rock (2008), de seis entrevistas em profundidade, as quais foram realizadas, mediante a aplicação de roteiro pré-definido (em anexo), bem como em respeito aos princípios éticos na pesquisa com seres humanos.

A identificação do perfil dos participantes, nesta fase do referido estudo, pode ser observado na planilha que segue, a qual será pormenorizada na sequência.

Tabela 25.

Descritiva variáveis sociodemográficas dos entrevistados

Entrevistados	Sexo	Idade (anos)	Orient. Sexual	Religiosidade	Escolaridade
Entrev. nº 1	Masculino	18	Homossexual	Sem religião	Graduando
Entrev. nº 2	Masculino	21	Homossexual	Sem religião	Graduando
Entrev. nº 3	Masculino	48	Homossexual	Sem religião	Doutorando
Entrev. nº 4	Feminino	28	Homossexual	Sem religião	Graduando
Entrev. nº 5	Feminino	36	Heterossexual	Com religião	Graduando
Entrev. nº 6	Feminino	34	Homossexual	Sem religião	Graduado

No tocante à categorização da amostra, esta se encontra equilibrada, paritariamente, no que concerne à variável sexo: três participantes do sexo masculino e igual número do sexo

feminino. A respeito do ciclo vital, em ambos os grupos identifica-se a presença de participantes jovens e adultos, além de um participante adolescente no grupo dos homens.

Sobre a orientação sexual, a exceção de uma mulher adulta, todos os demais participantes são de orientação sexual homoafetiva. Situação semelhante ocorre quando da apresentação da orientação religiosa, apenas um dos participantes, relatou possuir filiação religiosa, os demais se autodenominam sem religião.

A respeito da escolaridade, três dos participantes são estudantes de universidades públicas na área de ciências sociais aplicadas (graduação em Serviço Social), a exceção de uma estudante da área de ciências humanas (graduação em Direito), oriunda de instituição privada de ensino superior. Ainda neste quesito, dentre os dois participantes que restam, ambos já concluíram a graduação, na área de ciências humanas, e um deles prossegue os estudos a nível *strictu sensu*.

Tais casos foram particularmente analisados, a fim de perceber qual a estrutura e o dinamismo dos elementos da experiência interna identificados no fluxo do pensamento dos participantes investigados no tocante à experiência relacionada à atratividade pessoal (autoatratividade), e no processo de tomada de consciência de seus padrões, com base na perspectiva teórica dos estudos sobre consciência fenomenal (Chalmers, 1996; Velmans, 1991, Nascimento, 2008; Shanon, 2003) e experiência interna na forma como esta tem sido abordada na psicologia, sumariamente, por Hurlburt e Heavey (2001), perspectiva esta que, outrora, teoricamente fora apresentada de modo mais detalhado e, por ora, terá relembrado seus principais conceitos.

Tal natureza de experiência fora classificada pelos autores supracitados, a partir de cinco elementos distintos: *fala interna; visualização interna; consciência sensória; sentimento* e o *pensamento não simbolizado.*

O elemento da *fala interna* é, geralmente, definida como a atividade de falar consigo mesmo em silêncio, elemento este que atua como regulador da experiência interna, haja vista sua ocorrência se dá, de modo mais frequente, quando comparada aos demais elementos. Possui variadas funções como: auto-orientação e autorregulação verbal; resolução de problemas; planejamento e memória, além de exercer participação na autoconsciência e na aquisição de autoinformação. Também se sugere que a fala interna pode reproduzir e expandir, internamente, fontes sociais e físicas de autoconsciência, assim como criar uma distância psicológica entre o eu e os eventos mentais, facilitando, deste modo, a auto-observação (Morin, 2005).

A *visualização interna* configura um tipo de imagem mental – a qual se move sempre para dentro, em direção às experiências que não estão associadas a objetos particulares, no ambiente ou no corpo, mas que são, em certo sentido, geradas internamente (Chalmers, 1996). Um dos elementos mais frequentes desta natureza de experiência, assim como aquele com ênfase nas proferições, a visualização interna implica em ver algo na imaginação que não está atualmente presente na percepção (Heavey & Hurlburt, 2008).

O elemento da experiência interna sob a alcunha de *consciência sensória*, diz respeito à experiência de prestar atenção especial a algum aspecto sensorial específico do corpo ou do ambiente externo ou interno, de maneira focal e direta, envolvendo alguma qualidade sensorial específica do objeto.

Outro elemento importante é o *sentimento*, o qual compreende a representação de algum tipo de afeto, seja ele de caráter positivo ou negativo, a exemplo da tristeza, felicidade, ansiedade, medo, entre outros, também de considerável frequência no fluxo da experiência interna (Heavey & Hurlburt, 2008).

Menos comum, mas não menos importante, é o elemento da experiência interna na forma do *pensamento não simbolizado*. Este diz da experiência de um pensamento explícito, diferenciado, que não é passível de ser explicado pelos caminhos cognitivos previamente elencados: as falas; as imagens; os sentimentos ou as sensações.

Com base na perspectiva teórica supracitada, no âmbito geral, o conjunto de elementos da experiência interna identificados no fluxo do pensamento dos entrevistados, aponta para forte prevalência do elemento da fala interna, seguida das visualizações, dos sentimentos e da consciência sensória, revelando-se ausentes episódios de pensamento não simbolizado, as quais serão apresentadas na sequência.

No tocante ao elemento da ***Fala interna***, este se apresentou, quase sempre, na forma de monólogos, emitidos por vozes humanas, por vezes do próprio entrevistado, de sexo e média de idade identificada, a exceção de uma das entrevistadas que relata a presença de uma voz de componente espiritual – a voz do Espírito Santo -, conforme pode ser percebido do excerto oriundo da entrevista do quinto participante, a saber:

> “Entrevistador (E).: Seria a voz de uma pessoa, de uma criatura, de um personagem, adulto, infantil, idoso?
>
> Participante (P).: Então, pelas minhas crenças, pelos meus movimentos, eu acredito que essa voz seja, não sei se eu posso dizer né..
>
> Entrevistador (E): Fique a vontade.

> Participante (P): Que seja o *Espírito Santo*, dizendo... tá entendendo? [...]".[...].(Mulher, 36 anos, heterossexual, estudante de Direito, evangélica).

Segundo destaca Nascimento (2008), são diversas as nuances da representação fenomenológica inscrita sob o elemento da fala interna, diversidade esta, a qual pode ser expressa, na forma de ideações metafísicas, e reflexões de natureza filosófica ou espiritual, consoante as bases de transcendência do self.

Todavia, tal natureza de representação, na observação da literatura em vigor e na empiria a esta atrelada, não tem se revelado habitual, tornando-se mais corriqueira àquelas formas onde se faz prevalente a presença de personagens concretos, materiais, conhecidos ou não do indivíduo, a exemplo da representação dos próprios entrevistados, uma terceira pessoa - uma espécie de narrador -, familiares e amigos, os quais ocupavam o papel de protagonistas, segundo exemplifica o fragmento oriundo do depoimento do segundo entrevistado, o qual, ao descrever o que se passou em sua mente quando do exercício autofocalizador, relata ter ouvido uma única voz a dizer, repetidas vezes, que ele é atraente em diferentes aspectos:

> "Entrevistador (E): Você consegue identificar o sexo dessa voz?
>
> Participante (P): *Eu diria que era feminino*.
>
> Entrevistador (E): Você consegue identificar a idade dessa voz? [...]
>
> Participante (P): *De 25 a 30 anos*, mais do que isso não.
>
> Entrevistador (E): Seria a voz de uma pessoa ou criatura, personagem adulto, infantil, idoso [...]?

> Participante (P): *Uma pessoa*, vamos dizer, uma, *uma narração, uma narradora*, uma pessoa".(Homem, 21 anos, homossexual, estudante de Serviço Social, sem filiação religiosa).

Tais monólogos eram operados por intermédio de pequenas frases, ou mesmo palavras, por vezes sobrepostas, fato que pode ser observado no excerto oriundo do relato do primeiro entrevistado, quando expressa ter, em seu pensamento, quando da realização do exercício autofocalizador, se visualizado no espelho e ouvido sua própria voz dizendo que ele também poderia ser bonito, atraente.

> "Entrevistador (E): Era uma única voz ou eram diferentes vozes falando?
>
> Participante (P): *Era a minha voz*. [...]
>
> Entrevistador (E): Essa voz, no caso a sua voz, ela emitia palavras soltas, ou representavam monólogos, diálogos, conversas inteiras, fragmentos, pedaços de conversa?
>
> Participante (P): *Frases soltas, é, fragmentos eu diria*.
>
> Entrevistador (E): Tratava-se de uma conversa ordenada, numa sequência que permitia a compreensão com clareza imediata ou de uma sobreposição de uma mistura de vozes falando ao mesmo tempo?
>
> Participante (P): *Eram várias, várias frases ao mesmo tempo*, só que era a minha voz. [...]
>
> Entrevistador (E): Elas tinham uma ordem? [...]
>
> Participante (P): *Acho que sobrepostas*, mas dava pra entender".(Homem, 18 anos, homossexual, estudante de Serviço Social, sem filiação religiosa).

O modo de apresentação pontuado na passagem supracitada, encontra respaldo nas observações elencadas por James (1890/1983) acerca da natureza amontoada, adjunta e não ordenada dos elementos no fluxo da consciência, de forma elusiva e difícil de serem introspeccionados.

Ainda considerando os aspectos fenomenais dos episódios de fala interna, aspectos relacionados ao ritmo e a intensidade das enunciações também foram registrados, conforme detalha a segunda entrevistada, quando do exame dos componentes discurssivos identificados por ocasião do exercício autofocalizador, os quais foram previamente apresentados.

> "Entrevistador (E): Certo, tu consegue identificar algum elemento que fale do ritmo, da velocidade dessa voz? Tinha ritmo, tinha velocidade?
>
> Participante (P): Eram afirmações. Como eu tô falando contigo assim: 'você, ééé atraente por que você gosta dessa música', *nesse ritmo. Não mais que isso.Também não retrocedia, ficava nesse ritmo.*
>
> Entrevistador (E): Você classifica que não seria então um ritmo nem muito acelerado nem muito devagar?
>
> Participante (P): *Normal.*
>
> Entrevistador (E): Beleza. E a intensidade, o volume dessa voz?
>
> Participante (P): *Médio.* Não era alto, ela não gritava e também não falava muito baixo, era médio". (Homem, 21 anos, homossexual, estudante de Serviço Social, sem filiação religiosa).

Vale ressaltar que o elemento da fala interna, segundo adverte Nascimento (2008), com base em Morin (2003 e 2004), revela certo protagonismo enquanto mediador da autoconsciência, quando comparado aos demais elementos da experiência interna, haja vista por intermédio deste é permitido ao self perceber e processar informações a seu próprio respeito, sejam estas relacionadas a processos mentais ou mesmo a características pessoais.

Sobre os episódios de *Visualizações Internas*, constata-se uma diversidade de imagens, fazendo-se prevalente aquelas que representam cenas completas, que expressam a imagem de lugares, objetos, em especial, de pessoas, ou partes de corpos humanos, fato passível de observação no trecho da entrevista do terceiro participante, quando o participante fora arguido acerca de ter identificado algum elemento de conformidade imagética no fluxo de seu pensamento, com base no relato da experiência fenomenal acionada pelo exercício autofocalizador, a qual apresentava, sobremaneira, forte conotação discursiva.

> "Entrevistador (P): [...] Você viu alguma coisa em sua mente, se você visualizou alguma figura ou algumas cenas no seu pensamento?
>
> Participante (P): É, *visualizei várias coisas, várias imagens de pessoas*, de conversas, *de situações*. [...]". (Homem, 48 anos, homossexual, professor, doutorando, sem filiação religiosa).

Nascimento (2008) destaca que as imagens mentais são muito eficazes no cumprimento do papel de mediador de autoconsciência, como tomada de perspectiva e audiências, uma vez que possibilita, por dotar o self da capacidade de se ver e de ser visto por audiências específicas.

Reitera a ocorrência de diversidade de elementos imagéticos presentes no fluxo da experiência interna o relato do quarto entrevistado ao descrever cenas que emergiram no

momento do exercício autofocalizador que traziam componentes relacionados à convivência familiar quando na infância.

> "Entrevistador (E): [...], Vamos lá, durante o tempo que você se manteve em silêncio você percebeu se por todo tempo ou em dado momento você viu em sua mente, você viu algo ou alguma coisa em mente, você visualizou alguma figura, alguma cena em seu pensamento?
>
> Participante (P): *Tantas cenas*, mas assim, eu vejo mais.
>
> Entrevistador (E): Então, eram imagens de lugares, paisagens, pessoas, objetos.
>
> Participante (P): *A minha casa e as pessoas".* (Mulher, 28 anos, homossexual, estudante de Serviço Social, sem filiação religiosa).

Com base neste excerto, persevera Nascimento (2008), acerca das audiências especificas, que imaginar-se ser observado por familiares, amigos e congêneres, leva a focalização de autoaspectos que serviram à aquisição de autoinformação e, consequente, abertura de um processo de autoapreciação.

Advem do mesmo entrevistado, elementos que apontam para a identificação dos conteúdos fenomenais das visualizações internas, a exemplo da nitidez. Na experiência fenomenal do entrevistado o repertório imagético apresentou-se, quase sempre, de forma sequenciada, com o registro de elementos qualitativos de textura, cor, forma, profundidade, tamanho, contorno, como se faz observar no relato do quarto entrevistado.

> "Entrevistador (E): Essas imagens apresentavam textura, [...]?
>
> Participante (P): *Áspera.*

Entrevistador (E): Apresentava cor?

Participante (P): Rapaz! Por incrível que pareça, não tinha cor, mas, assim, tinha, digamos assim, um, um neutro, tipo assim, *um cinza, branco*, não tinha assim azul, amarelo, verde, mas, assim, um negócio *branco, um cinza, preto, cores mais, assim neutras assim, mais sóbrias*". [...]

"Entrevistador (E): E o tamanho? Eram grandes, médias, pequenas?

Participante (P): [...] *As imagens eram do tamanho natural* mesmo, não tinha uma proporção, *é normal*.

Entrevistador (E): Humm, e qual a nitidez, vividez dessas imagens?

Participante (P): *Bem real*

Entrevistador (E): Nítidas?

Participante (P): Nítidas". (Mulher, 28 anos, homossexual, estudante de Serviço Social, sem filiação religiosa).

Aspecto que também pode ser observado no depoimento do segundo entrevistado, conforme excerto que segue.

"Entrevistador (E): [...]. Essas imagens apresentavam textura? [...].

Participante (P): *Lisa.*

Entrevistador (E): Lisa. Apresentavam cor?

Participante (P): *Amarelo*. [...]

Entrevistador (E): E o tamanho? [...]

> Participante (P): *Acho que eram médios*". (Homem, 21 anos, homossexual, estudante de Serviço Social, sem filiação religiosa).

Aspecto fenomenal interessante, ainda no tocante ao relato acerca da experiência fenomenal do segundo entrevistado, diz respeito ao modo de visualização das imagens, as quais, em algumas situações, foram associadas ao dinamismo de um vídeo, conforme é possível observar no fragmento a seguir:

> "Entrevistador (E): Era uma imagem completa?
>
> Participante (P): *Era*.
>
> Entrevistador (E): Tinha textura essa imagem?
>
> Participante (P): *Era normal, como se eu tivesse [...] assistindo, um filme."* (Homem, 21 anos, homossexual, estudante de Serviço Social, sem filiação religiosa).

E, em outras situações, apresentava a conformação uma foto ou um quadro, segundo trecho da entrevista concedida pelo quinto participante, ao recordar de uma cena repleta de elementos imagéticos, a exemplo de pessoas e objetos, segundo detalha excerto que segue:

> "Entrevistador (E): Eram imagens completas ou parciais, pedaços de imagens ou objetos? [...]
>
> Participante (P): Então, *foi como se fosse uma foto*, quando você vê uma foto, você não consegue ver todos aqueles detalhes? Pronto, foi naquele sentido de eu estar sentada aqui, ele estar sentado aqui, tem um banner aqui, tem umas máquinas aqui e, logo em seguida, para outro ambiente, uns passando aqui, outro alí [...]". (Mulher, 36 anos, heterossexual, estudante de Direito, evangélica).

A passagem em questão põe em cena a reflexão sobre o fato de que as funções imaginativas da mente podem gerar imagens diversas e de dinamismos distintos, a exemplo de imagens com ausência de movimento, como a imagem de uma foto, a qual fora por ora citada, bem como imagens dotadas de movimento, assim como cenas de televisão, filmes, videoclips.

Vale destacar que o achado, com base no fragmento em questão, reflete, no âmbito fenomenal, o que fora anteriormente sinalizado pelos achados de Nascimento (2008), a partir do uso de instrumento psicométrico THV-Self e Não-Self, com base em pesquisa de corte psicológico, embora esta não seja fenomenal de modo estrito senso, a utilização de tal instrumento, por definição, depende da introspecção, do mergulho no domínio fenomenal para ser respondido adequadamente, quando foram encontrados pelo autor escores distintos para a cinética das imagens mentais, participantes as visualizando com e sem movimento percebido.

Tais visualizações se apresentaram em uma sequência de imagens completas, separadas, cuja ordenação se dava de modo crescente, considerando aspectos qualitativos de forma, cor e profundidade, conforme observa-se no excerto que segue, oriundo da primeira entrevista, quando, no momento final do tempo de um minuto, destinado a realização do exercício autofocalizador, o participante relata ter visualizado, mentalmente, a passagem os segundos na forma de números.

> "Entrevistador (E): Esses números se apresentaram visualmente, nesse tempo em que você ficou um minuto de olhos fechados, de que forma?
>
> Participante (P): *Com o fundo preto, acho que por que eu tava com o olho fechado, aí aparecia os números. Um seguido do outro, quase como fosse uma contagem*. [...]

> Entrevistador (E): Quais números?
>
> Participante (P): *1, 2,3* [...]
>
> Entrevistador (E): Eram imagens completas ou parciais? Pedaços de imagens ou objetos?
>
> Participante (P): *Imagens completas*. [...]
>
> Entrevistador (E): Eles se apresentavam juntos, se apresentavam separados?
>
> Participante (P): *Um de cada vez*". (Homem, 18 anos, homossexual, estudante de Serviço Social, sem filiação religiosa).

Tal excerto chama atenção ao exame da exploração mental não só do self, como também de objetos não-self, em seus vários ângulos e possibilidades de visualização, representando uma possibilidade de experienciação multidimensional do ambiente físico e dos objetos a este incorporado, importantes ao self reflexivo e a autoconsciência (Morin (2004, 2005, 2006; Nascimento, 2008).

Mais especificamente, a questão imagética da numerosidade cognitiva, pode ser amparada nas investigações de Paivio (2007) sobre o dilema da evolução da linguagem e da cognição, sob o qual, argumenta o referido autor em prol de uma visão dual de mente, ou seja, apesar de linguagem e cognição parecem inseparáveis, ambas são, na verdade, dois sistemas diferentes, mas interligados no processamento cognitivo, operantes em tarefas as mais variadas, desde autoinspeção corpórea, tomada de decisão, planejamento, autoregulação, raciocínio numérico, e outras atividades no âmbito da numerosidade da mente (Paivio, 2007; Nascimento, 2008; Nascimento & Roazzi, 2013; Kosslyn, Ganis &

Thompson, 2003; Kosslyn & Pomerantz, 1977; Sternberg, 2008; Finke, Pinker & Farah, 1989; Shepard & Metzler, 1971).

Comum a todos os participantes entrevistados fora a presença do elemento da experiência interna na forma do ***Sentimento***. Observa-se que os conteúdos fenomenais do elemento em questão foram, em sua maioria, adjetivados de forma depreciativa, denunciando a supremacia de sentimentos de natureza negativa, segundo se constata no excerto do segundo entrevistado, quando da apreciação de sua própria imagem no espelho, advinda da ocasião do exercício autofocalizador, conforme fora previamente citado.

> "Entrevistador (E): [...]. Esse sentimento que você relatou ter vivenciado né, você falou de um sentimento anteriormente, é [...] de que forma você sentiu isso?
>
> Participante (P): Quando eu me vi no espelho, é [...] logo me veio à cabeça que o meu corpo pode não ser [...] não satisfazer outra pessoa e veio isso em mim, essa *inferiorização*". (Homem, 21 anos, homossexual, estudante de Serviço Social, sem filiação religiosa).

A exceção do relato do terceiro entrevistado, que revelou o experienciar de um misto de sentimentos, tanto positivo quanto negativo, com prevalência do primeiro, por sua vez associados aos repertório discursivo que emergiu do fluxo do pensamento do participante, quando do momento do exercício autofocalizador, segundo observa-se no fragmento que segue.

> "Entrevistador (E): Você falou tanto de sentimentos, emoções agradáveis, de ter experienciado sentimentos agradáveis e desagradáveis né? Algum desses prevaleceu? Prevaleceu mais sentimentos agradáveis ou desagradáveis?

> Participante (P): Acho que prevalece, lógico, *os sentimentos mais agradáveis.*
>
> Entrevistador (E): Certo, estes sentimentos, eles apareciam sozinhos ou juntos a outros sentimentos? [...].
>
> Participante (P): Não, *às vezes eles aparecem juntos*, às vezes é agradável, só agradável e às vezes ele é só desagradável, às vezes ele é agradável e desagradável. [...]
>
> Entrevistador (E): Desses sentimentos, quais seriam os mais evidentes? [...]
>
> Participante (P): Ham, *acho que a alegria, mais predominante*, até porque é um comentário que lhe faz bem". (Homem, 48 anos, homossexual, professor, doutorando, sem filiação religiosa).

O elemento dos sentimentos, diz respeito ao experienciar de um gradiente afetivo, seja positivo ou negativo, no fluxo da experiência interna, a exemplo da tristeza, alegria, (bom/mau) humor, nervosismo, ansiedade, dentre outros que ocorrem, de modo isolado ou associado a outras elementos (Hurlburt e Heavey, 2008). Os sentimentos narrados pelo participante a partir do procedimento EFEA ecoam os levantados pelos autores citados usando metodologia de amostragem temporal – o DES (Descriptive Experience Sampling), cujos dados evidenciam, em sucessivas pesquisas realizadas pelo grupo citado, a prevalência de componentes afetivos no âmbito da experiência interna dos indivíduos, quando introspeccionados em ambientes naturais (ver Hurlburt & Akhter, 2008; Hurlburt & Heavey, 2001).

Apesar de menos frequente o elemento da experiência interna na forma da <u>*Consciência Sensória*</u> também marcou presença. Sensações como frio, calor, pressão,

velocidade ou mesmo sensações de natureza difusa – a exemplo da sensação de “borboletas no estômago” - em determinadas partes do corpo – mãos, peito, coração, olhos, abdômen e garganta, as quais podem exemplificadas a partir do fragmento da entrevista do primeiro entrevistado, o qual identificou a ocorrência, isolada, desta natureza de elemento da experiência interna, ao final do período do exercício autofocalizador.

> “Entrevistador (E): Durante o tempo em que você esteve em silêncio com os olhos fechados, [...] lhe pareceu estar acontecendo, mesmo sem que você tivesse visualizado algo em sua mente, ou sem que você tenha experienciado um sentimento ou percebido alguma sensação corpórea ou mesmo sem que você tenha usado palavras?
>
> Participante (P): Não [...] eu *senti, assim um pouco de frio só*. [...]
>
> Entrevistador (E): Você sentiu essa sensação de frio em qual momento? [...]
>
> Participante (P): *Acho que da metade pro final.* [...]
>
> Entrevistador (E): Essa sensação de frio tu consegue situar ela em alguma parte específica do teu corpo?
>
> Participante (P): *Nas mãos*.
>
> Entrevistador (E): [...] Qual a intensidade dessa sensação?
>
> Participante (P): *Não tava tão frio[...], mas dava pra sentir*. [...]
>
> Entrevistador (E): E ela se mantém sempre com a mesma intensidade ou essa intensidade muda?
>
> Participante (P): *Sempre com a mesma intensidade.*

Entrevistador (E): Qual a intensidade dela?

Participante (P): *Média* ". (Homem, 18 anos, homossexual, estudante do curso de Serviço Social, sem filiação religiosa).

A presença da referida sensação térmica, para além do modelo sumariado por Hurlburt e Heavey (2001), encontra fundamento numa pletora de elementos da experiência interna extensamente apresentados por Chalmers (1996), a qual se assenta no domínio da experiência oriunda do campo de ontogênese sensorial, compartilhado também por experiências de natureza visual, auditiva, tátil, olfativa, gustativa, de calor e de dor.

Este achado também replica informações anteriormente levantadas por ocasião do estudo sobre a experiência interna de um participante de orientação sexual homoafetiva de Nascimento, Viana e Freire (em preparação), o qual, quando submetido ao procedimento do EFEA (Entrevista cognitivo-fenomenológica de estados autoconscientes) (Nascimento, 2008), referiu consciência sensória de calor durante instrospecção. Ambos achados reiteram a relevância do elemento da experiência interna na forma da consciência sensória, conforme similares achados de pesquisas realizadas a partir do procedimento DES (Hurlburt & Akther, 2006), devendo ser estudado com mais vagar, para maior robustez de documentação fenomenológica.

Sobre as formas de consciência sensória de natureza mais difusa, observa-se a passagem da entrevista do quinto participante, quando a entrevistada faz referência a visualização de uma cena de encontro romântico com um ex namorado, a saber:

"Entrevistador (E): [...] Em algum momento ou durante todo o tempo mesmo, você percebeu alguma sensação corpórea [...] ?

Participante (P): No meu corpo físico?

Entrevistador (E): *Sim.*

> Participante (P): *Meu coração acelerou e como se tivesse uma borboleta no estômago, sabe aquela sensação bem gostosinha?* [...].(Mulher, 36 anos, heterossexual, estudante de Direito, evangélica).

No excerto em questão, a experiência interna, na forma da consciência sensória, incide sobre um olhar atentivo para a propriocepção, ou seja, para o próprio corpo, no caso, para a internalidade corporal (Hurlburt & Heavey, 2001; Nascimento, 2008), à semelhança das vivências qualitativas de dor, outro dos elementos propostos para a composição da consciência por Chalmers (1996).

Contudo, o modo de apresentação dos referidos elementos da experiência interna não ocorreram, exclusivamente, de forma isolada. Mais frequente se deu a interface entre tais elementos evidenciando o dinamismo complexo do fluxo da experiência interna dentre os participantes das entrevistas.

Neste sentido, quando associados, os elementos da experiência interna em questão, é possível identificar forte prevalência das elações entre os episódios de fala interna e visualizações internas, por vezes somadas aos elementos sentimento e consciência sensória, fato perceptível quando da observação de trecho da entrevista do sexto participante, no momento em que a entrevistada rememora os diálogos entre ela e sua companheira, vivenciados no fluxo de seu pensamento na ocasião do exercício autofocalizador.

> “Entrevistador (E): O que você ouviu se apresentou de forma associada a outras coisas que não palavras ou vozes, [...]?
>
> Participante (P): Assim, não sei se isso que você tá perguntando, mas *as palavras e as frases vinham associadas com as cenas*.” (Mulher, 34 anos, homossexual, nível superior completo, funcionária pública, sem filiação religiosa).

Tal fragmento revela a presença de um estado autoconsciente marcado por visualizações internas de diversas constelações imagéticas atreladas à fala interna na forma de proferições silenciosas, achado que reitera o que fora observado em estudo anterior sobre a experiência interna de indivíduo de orientação sexual homoafetiva (Nascimento, Viana & Freire, em preparação), com base na utilização da ferramenta EFEA (Nascimento, 2008), a qual também fora utilizada no presente estudo de tese, sob o qual notifica-se a presença da ocorrência da interface entre os elementos da fala interna, na forma da frase "amor próprio" e das visualizações internas, quando o participante relata ter visualizado a si mesmo, vestido com a mesma roupa e mexendo nos próprios cabelos.

O mesmo participante destaca ainda que diferentes elementos da experiência interna se fizeram presentes no fluxo de seu pensamento, interfaceando imagem, voz e sentimento, conforme expressa a passagem que segue.

> "Entrevistador (E): As cenas que traziam as imagens que você via, trazia esse sentimento e as palavras também?
>
> Participante (P): *Humrum*". (Mulher, 34 anos, homossexual, nível superior completo, funcionária pública, sem filiação religiosa).

Ainda nesta seara, no tocante a ordem temporal dos elementos da experiência interna identificados, também é marcante a liderança dos elementos da fala interna e da visualização interna, segundo o excerto oriundo da quinta entrevista, no momento em que a entrevistada fora convidada a recuperar a ocorrência dos elementos que se fizeram presentes no fluxo de sua experiência interna.

> "Entrevistador (E): [...] Eu gostaria que você me detalhasse a ordem que esses elementos tiveram nesse período de um minuto, do início ao fim. Por exemplo, qual o primeiro elemento?

> Participante (P): Certo. Eu fechei os olhos, *primeiro minha mente não tinha nada, ficou totalmente vazia*, aí, logo em seguida, veio *a voz dizendo "não, você não é sexy, você não é desse jeito, você não é [..]*.
>
> "Entrevistador (E): Então primeiro foram as palavras que você ouviu, o primeiro elemento, depois desse elemento vieram as imagens.
>
> Participante (P): *Is*so".
>
> "Entrevistador (E): Então, palavra, imagens. O terceiro elemento, qual foi?
>
> Participante (P): *A sensação".* (Mulher, 36 anos, heterossexual, estudante de Direito, evangélica).

Vale frisar que os elementos da experiência interna elencados pela literatura vigente, em especial como tem sido reportado por Hurlburt e Heavey (2001), surgem no fluxo desta natureza de experiência, tanto de modo isolado, ordenado e sequencial, como também associado, fazendo-se atrelar diferentes elementos, com dada frequência os de base linguajeira e visual. Dentre tais elementos, há de se registrar o elemento do "Pensamento não simbolizado", o qual, apesar de não ter se revelado presente neste estudo fenomenal, diz da expressão de uma modalidade da experiência interna pouco investigada, quando em comparação com as demais elementos pontuadas, a qual representa uma forma de experienciação vívida, oriunda dos domínios internos, no entanto, cuja veiculação não se dá por intermédio dos caminhos previamente assinalados, o da fala e da visualização interna, do sentimento ou da consciência sensória.

Ordem temporal também percebida no relato do terceiro participante entrevistado, conforme é possível observar no trecho a seguir:

> "Entrevistador (E): [...], Eu gostaria que você me detalhasse a ordem que esses elementos apareceram em sua mente, desde o primeiro deles até o

último durante o tempo de 1 minuto que você esteve em silêncio com os olhos fechados [...].

Participantes (P): *As imagens.*

Entrevistador (E): As imagens. Quais imagens?

Participantes (P): *Imagens de situações, de conversas, de situações de cantada, de olhares.*

Entrevistador (E): Certo. Depois das imagens, qual o segundo elemento?

Participantes (P): *O som, o som das conversas*. [...]

Entrevistador (E): Terceiro lugar. Terceiro elemento, qual seria? (pausa) Você falou de imagem, você falou de som [...]

Participante (P): *É, acho que a imagem, o som e os sentimentos* pode ser, que são associados ou surgem como retorno, ou como resposta a determinadas colocações, a determinadas conversas ou a determinados estímulos. Acho que é basicamente isso.

Entrevistador (E): São esses três elementos nessa ordem

Participante (P): É". (Homem, 48 anos, homossexual, professor, doutorando, sem filiação religiosa).

O aspecto que se fez presente no relato dos participantes anuncia dada forma de categorização da referida experiência, que escapa à sumarização proposta por Hurlburt e Heavey (2001), aqui denominada de *Autoconsciência e processo autoavaliativo*. Tal categoria focaria então, no senso de estar autoconsciente, de manter sob a atenção do pensamento algum autoaspecto e, a partir desta apreciação, poder emitir juízos sobre o

mesmo. O aspecto em tela tem sido proposto por Nascimento (2008) como referenciando o fato de que a autoconsciência exibe um domínio fenomenal, tanto quanto um domínio psicológico, e que um componente de autoexperiência, nucleado a consciência fenomenal, ladeia a autoatentividade própria a este sistema cognitivo, quando do processamento de informações autorreferentes. Esta compomente experiencial da autoconsciência deve portanto ser considerado um mediador da experiência interna, conforme o autor citado, logo, *autoconsciência fenomenal*, alçada a construto e domínio a ser explorado em programa de pesquisa suplementar ao da autoconsciência como processamento cognitivo puro e simples, tal como pensado no âmbito do paradigma da teoria OSA de Duval e Wicklund (1972; ver também Duval & Lalwani, 1999).

Indícios deste processo de categorização pode ser percebido quando do observação da entrevista do primeiro participante, no momento em que este, com base no exercício autofocalizador, fora convidado a explicar por quais modos de anunciação os padrões se fizeram apresentar, conforme pode ser observado no fragmento que segue.

> "Entrevistador (E).: Até agora você me contou se você se considera atraente ou não. Eu gostaria então que você retornasse aquele minuto em que você ficou de olhos fechados e me dissesse como você chegou a essa conclusão. Como esse padrão de atratividade surge? Qual a roupagem que esse padrão tem, como ele se torna real pra você? [...]
>
> Participante (P): É... foi mais o padrão físico mesmo. *Eu me olhando e percebendo o corpo mesmo, o externo, e... aí veio aquela imagem* de que eu não seria tão atraente, mas aí, logo em seguida, veio que eu poderia mudar esse fator e me tornar uma pessoa atraente." (Homem, 18 anos, homossexual, estudante de Serviço Social, sem filiação religiosa).

Segundo destaca Nascimento (2008), com base em Mead (1972), o processo social permite o confrontar do self com formas diversas de pensamentos, sentimentos e comportamentos, os quais, quando apresentados ao próprio self e, observado a discrepância entre estes e seus respectivos padrões de correção, possibilitam um ganho de objetividade na autoinvestigação, o qual, por sua vez, repercutiria na melhoria da autoconsciência com o consequente aprimoramento da percepção das características do próprio self.

Quando da apreciação dos padrões de atratividade, identifica-se, dentre os sujeitos entrevistados, a exceção de um participante adolescente que diz de uma atratividade de acento fortemente físico, a prevalência de argumentos fundados nos aspectos não físicos da atratividade, sem, contudo, deixar de considerar o papel dos aspectos propriamente físicos, no conjunto da obra, argumento este, exemplificado na passagem da sexta entrevistada.

> "Entrevistador (E): Bom, até agora você me contou se você se considera atraente ou não. A partir desse teu depoimento, gostaria que você retornasse aquele 1 minuto, que você ficou de olhos fechados, e me dissesse como você chegou a essa conclusão, né? Como esse padrão de atratividade, do que é ser atraente surgiu para você [...].
>
> Participante (P): [...] A questão é da *intelectualidade*, alguém que *conversa legal*, tem uma conversa boa e que estiga minha curiosidade e, e, é aprofunda em temas da vida, me atrai bastante. E, é apesar de *gostar de rir com bobagem* também né? Mas, pra essa coisa do primeiro momento, é o que me atrai mais. Então, o que, que acho que me atrai no outro é como eu também tento me apresentar, porque é o que eu acho legal e o que eu gosto assim éé. [...]
>
> Entrevistador (E): É algo atraente no sentido como você falou mais intelectual, né? De uma base mais não física.

> Participante (P): Exato. Apesar de que eu acho que faz falta, *é uma composição, mas pode ser uma mulher linda, maravilhosa e que se não for legal e não me atrair, nessa perspectiva, não tem beleza. Assim, pra mim,* eu acho que isso é mais forte, não é do que [...] é um conjunto. Na verdade, *não tô dizendo que isso eu não dê valor a questão física. Acho legal, acho que é uma composição interessante, mas, prá mim, se não tiver algo nesse, nesse tipo de encantamento, sabe? Da pessoa falando, a voz dela e o que ela pensa, aí isso não, não, não é atrativo prá mim,* [...].”(Mulher, 34 anos, homossexual, nível superior completo, funcionária pública, sem filiação religiosa).

No que tange a identificação de quais são os modos de acesso à consciência adotados pelos padrões de atratividade, vale frisar o que diz Lalwani (2013) sobre o que são os padrões. Para o referido autor, os padrões são imagens codificadas de formas, tomadas como corretas, de pensar, sentir, agir e ser, os quais, enquanto representações, de conteúdo quase ilimitado, emergem e se modificam de acordo com os princípios que governam as representações cognitivas para determinado self. Neste sentido, tais imagens codificadas, seriam então expressas na forma dos elementos da experiência interna, os quais serviriam a mediação dos padrões na consciência dos sujeitos, fato este que apresenta uma novidade aos estudos modernos com base na teoria original da autoconsciência - OSA Theory (Duval & Wicklund, 1972), cuja rede teórica constitutiva não tem ainda desenvolvido aporte explanatório sobre a questão de como se dá a emergência dos padrões de correção na experiência consciente dos indivíduos.

Conforme os elementos levantados no fluxo da experiência interna dos participantes deste estudo fenomenal, observa-se, à luz dos dados coletados, achados que apontam para a identificação de expressiva presença de elementos de base linguajeira, bem como imagética,

cuja incidência se dá, mais raramente, de modo isolado e, mais frequentemente, de forma interfaceada com o elemento das visualizações internas, ou mesmo, de modo menos enfático, junto a outros elementos da experiência interna, segundo as elementos sumariados na tipologia de cinco itens porposta por Hurlburt e Heavey (2001).

Tamanha perspectiva, apresenta certa filiação com o princípio da face dual, linguajeira e imagética, da noção de self, conforme fora pontuado pela Teoria do Código Dual, elencada por Paivio (2007), bem como ressalta a potência da fala interna enquanto organizadora do self, segundo destaca Morin (2004), a qual pode ser exemplificada no excerto a seguir, advindo da entrevista do terceiro participante.

> "Entrevistador (E): Mas o que te passou nesse período de 1 minuto, que te fez a pensar e a chegar a essa conclusão de que você é atraente ou não? [...]
>
> Participante (P): (...) então assim, esse minuto eu fiquei muito mais relembrando, *o que as pessoas dizem* que aí termina confirmando o que eu já sei, (...)"(Homem, 48 anos, homossexual, doutorando, sem filiação religiosa).

Bem como, na passagem extraída no relato do primeiro participante, a saber:

> "Entrevistador (E).: (...) Como esse padrão de atratividade surge? Qual a roupagem que esse padrão tem, como ele se torna real pra você? [...]
>
> Participante (P): (...) Eu me olhando e percebendo o corpo mesmo, o externo, e... *aí veio aquela imagem* de que eu não seria tão atraente, (...)". (Homem, 18 anos, homossexual, estudante de Serviço Social, sem filiação religiosa).

Contudo, levando-se em conta o que fora exposto até o presente momento, a definição da estrutura da experiência êmica do que vem a ser atratividade, com base na amostra recrutada para este estudo fenomenal, parece se estruturar a partir da operação de um processo autoconsciente, de caráter autoavaliativo, aquele no qual o sujeito, como um todo, ou em dado aspecto, tornasse objeto de sua própria atenção e escrutínio reflexivo (Morin, 2005), o qual privilegia as vias cognitivas discursivas, com base nos conteúdos linguajeiros expressos pelos elementos de fala interna, seja na forma de monólogos ou diálogos, oriundo das vozes dos próprios participantes e/ou de outros, quase sempre significativos, como pais, irmãos, companheiros e amigos, e imagéticas, aquelas que enfatizam o repertório visual, de rica tipologia - imagens de pessoas e objetos – e fenomenologia – imagens completas, parciais, com elementos de nitidez, forma e tamanho – conformados em cenas e paisagens tanto de natureza estática quanto dinâmica, semelhantes as tipologizadas pelo estudo de Nascimento (2008).

Tal estrutura espelha o que salienta a literatura vigente sobre os elementos da experiência interna, em especial àqueles sumariados por Hurlburt e Heavey (2001), e mais extensivamente tratados por Chalmers (1996), bem como ressalta o forte acento linguajeiro e imagético apresentado pela Teoria do Código Dual (Paivio, 2007), o caráter mediador que tais elementos apresentam na cognição (Morin, 2006; Nascimento & Roazzi, 2013) e sua roupagem fenomenal, conforme alerta Nascimento (2008).

A *Síntese Estrutural* da experiência da autoatratividade entre a amostra do presente estudo fenomenal e que demarca a essência do fenômeno investigado da perspectiva dos participantes, aponta para a presença dos elementos da experiência interna na forma como este tem sido sumariados por Hurlburt e Heavey (2001). Registra-se a presença do elemento na forma da *Fala interna*, caracterizada pela proferição de vozes humanas, ou divinas – a voz do Espírito Santo -, dos próprios participantes ou de outros significativos – familiares e

amigos – expressa tanto na forma de diálogos como de monólogos, frases soltas, vozes sobrepostas, com conteúdos fenomenais de ritmo e intensidade; *Visualizações internas*, como imagens de lugares, pessoas, objetos, marcadas por conteúdos fenomenais de nitidez, cinestesia, cor, forma, textura, perspectiva e tamanho; dos *Sentimentos,* tanto de valência positiva, quanto negativa, por vezes de natureza mista e *Consciência sensória*, mediante a incidência de episódios de pressão em dada parte do corpo, a exemplo da região do peitoral e na garganta, sensações térmicas – sensação de frio – em certa porção corporal – na região das mãos -, bem como sensações proprioceptivas de natureza difusa – sensação de "borboletas no estômago". Para além da lista de elementos elencados pelos autores supracitados, há também a presença do elemento da *Autoconsciência e processo autoavaliativo*, que se edifica no postulado de Nascimento (2008) para a existência de um gradiente fenomenal para o autofoco - autoconsciência fenomenal, o qual se alinha ao conglomerado de elementos, de base representacional, pormenorizados por Chalmers (1996), em especial com aquele na forma do *pensamento consciente,* o qual se ocupa, particularmente, de explicitar os pensamentos correntes de alguém acerca de si mesmo.

Dentre os elementos aqui apresentados há a prevalência daqueles de base linguajeira e imagética, cuja apresentação se dá de modo isolado, ou mediante a interface entre ambos, bem como junto aos demais elementos citados, num indício a ser melhor documentado em investigações posteriores do orgânico entrelaçamento entre a consciência fenomenal, entretecida dinamicamente na experiência interna, e a arquitetura de base dual da cognição, como defendem Paivio (2007), e teóricos defensores de perspectiva imagista em representação mental da psicologia cognitiva (Nascimento, 2008; Kosslyn *et al.*, 2003).

Com base nos indícios aqui apresentados, é possível afirmar que o objetivo do presente estudo fenomenal fora alcançado, objetivo este que versa acerca da identificação da e do dinamismo dos elementos da experiência interna identificados no fluxo do pensamento

dos participantes investigados no tocante à experiência relacionada à atratividade pessoal (autoatratividade), e no processo de tomada de consciência de seus padrões, com base na perspectiva teórica dos estudos sobre consciência fenomenal (Chalmers, 1996; Velmans, 1991, Nascimento, 2008; Shanon, 2003) e experiência interna na forma como esta tem sido abordada na psicologia, sumariamente, por Hurlburt e Heavey (2001) e Nascimento (2008), em contexto nacional.

Capitulo 14: Discussão

A fim de refletir sobre a descrição da estrutura fenomenal da experiência de autoatratividade no fluxo da experiência interna, em especial pelas vias dos elementos da fala interna e da visualização interna, perspectiva pouco privilegiada na literatura nacional e internacional, a exceção da investigação de Nascimento (2008), pioneira na descrição em profundidade da fala interna e da visualização interna, relacionados ao self físico tanto na consciência de vigília, quanto nos estados alterados, o presente estudo de tese tem como objetivo principal identificar os padrões de atratividade, qual sua dinâmica representacional no seio da experiência interna e o enlaçamento no processo autoavaliativo dos processos de atratividade autopercebida, autofocalização (autoconsciência situacional e disposicional), autoestima, bem estar (satisfação com a vida e felicidade), humor depressivo e religiosidade apresentados no desenvolvimento do ciclo vital de homens e mulheres de orientação sexual heterossexual e homossexual na Região Metropolitana do Recife e na cidade de Lisboa, Portugal.

Também consta dos objetivos, por sua vez secundários, do presente estudo, levantar a natureza dos padrões de atratividade, se seriam estes de base física ou não física, em termos de sua semântica e fenomenalidade; mapear as interrelações entre atratividade autopercebida (física e não física) e os tipos e níveis de autoconsciência (situacional e disposicional), autoestima, bem estar (satisfação com a vida e felicidade), humor depressivo e religiosidade; descrever os elementos e estruturas da experiência interna durante estado autoconsciente relacionado à autoatratividade e discernir a natureza representacional dos padrões nesse substrato fenomenal; investigar o impacto da atratividade autopercebida sobre os processos de autofocalização, bem estar psicológico e humor depressivo e o possível papel moderador destas relações exercido pela religiosidade; investigar o papel de variáveis sociodemográficas na delimitação dos níveis e tipos de fatores das escalas psicométricas e

dos elementos e estruturas do gradiente fenomenal da experiência interna durante estado autoconsciente relacionado a autoatratividade e construir e validar instrumento psicométrico de aferição da atratividade autopercebida (Escala de Autoatratividade/Viana & Nascimento, 2014).

Tais objetivos encontram-se espelhados em um sete hipóteses, as quais dão sustentação ao presente estudo de tese e aqui serão apresentadas e sumariadas suas respectivas evidências. Esta reflexão sobre o significado global da pesquisa ora apresentada inicia-se com o exame da Hipótese 1, a de que o campo semântico da autoatratividade é complexo e multidimensional, comportando significados relacionados à base física do self e a elementos de base não física.

No tocante ao estudo qualitativo (Estudo 1), a presente hipótese fora corroborada a partir da constatação de que os significados êmicos da atratividade, na amostra investigada, expressam, de fato, que tal construto organiza-se a partir de um conjunto de itens diversos, dispostos em 10 categorias semânticas distintas, a saber, 1. Sensualidade, 2. Beleza, 3. Características Físicas, 4. Apresentação Pessoal, 5. Etiqueta, 6. Inteligência, 7. Moralidade, 8. Comportamento, 9. Bom Humor e 10. Asseio; uma de base "física" (Características Físicas), com ênfase na apreciação, geral ou específica, dos aspectos anatomo-fisiológicos dos corpos, e outra, mais expressiva, de base "não física" (Sensualidade, Beleza, Apresentação Pessoal, Etiqueta, Inteligência, Moralidade, Comportamento, Bom Humor e Asseio), atrelada ao âmbito da sociabilidade, com atenção à moralidade, intelectualidade e ao comportamento.

Tais achados expandem o que aponta a literatura vigente sobre atratividade. De natureza polissêmica, o constructo atratividade põe em cena a diversidade de contextos sobre os quais tem sido empregado. Tamanha diversidade se faz expressar no campo das ciências agrárias, a exemplo dos estudos laboratoriais desenvolvidos por Vidal *et al.* (2010), acerca da

atratividade nas abelhas; das moscas de frutas (Feitosa et al., 2008) e preferência para ovoposição (Baldin et al., 2007); nas ciências da administração, a exemplo do estudo sobre a avaliação da eficácia das estratégias de posicionamento de determinadas organizações e da atratividade setorial, para os acionistas, dos principais setores da economia brasileira (Mello & Marco, 2004); na publicidade, em como esta impacta o aumento do consumo de álcool, sobretudo, entre sujeitos jovens (Pisnky & Jundi, 2008); nas ciências do turismo, com o estudo sobre avaliação do potencial turístico da trilha do Jequitibá, Parque Estadual dos Três Picos (RJ) (Ikemoto, 2009), bem como na área da saúde, com os estudos em odontologia sobre atratividade da face (Morosine & Moresca, 2012; Borges et al., 2012).

Menos expressiva tem sido a apreciação das ciências humanas sobre o constructo atratividade. Especificamente em psicologia, no Brasil, o interesse pela atratividade versa sobre seu aspecto físico/facial, com ênfase na atratividade entre faces simétricas e naturais, (Silva & Fukushima, 2010); sobre infidelidade e atratividade facial de homens e mulheres (Tokumaru et al., 2010) e sobre a atratividade entre crianças em idade pré-escolar (Lee Manoel et al., 2002).

Em uma busca mais aprofundada nos periódicos nacionais, em diferentes áreas, em especial nas ciências humanas e sociais, dos últimos cinco anos, encontram-se estudos que, apesar de não abordarem o tema da atratividade em si, mantém com esta estreita correlação, a exemplo do trabalho de Maia, F. G. da et al (2011) sobre as exigências e normativas do envelhecimento na masculinidade; ainda no tocante ao envelhecimento, registra-se o estudo de Debert, G. e Brigueiro, M. (2012), sobre as fronteiras do gênero e da sexualidade, as quais contribuem com a caracterização dos corpos e dos prazeres no processo de subjetivação tanto dos homens quanto das mulheres, e a pesquisa de Simões, J.et al (2010) a respeito da corporalidade, trazendo à cena questões étnicas/raciais, de gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil.

Na cena da ciência psicológica internacional, é possível identificar, nos últimos cinco anos, estudos sobre atratividade em diferentes perspectivas, sobre a influência da cor vermelha na atratividade (Francis et al., 2013); relações entre atratividade e as preferências implícitas e explícitas para a atratividade física em parceiros românticos (Eastwick *et al.*, 2011); a importância da atratividade na vida cotidiana das pessoas, com ênfase nos efeitos dos traços da personalidade e da atratividade física em grupos sociais (Anderson et al., 2001), assim como, do ponto de vista dos estudos em cognição, notifica-se a presença do estudo de Maner *et al.* (2012), acerca do desenvolvimento da sensitividade em categorias sociais básicas, estudos estes que apontam para uma forma de compreensão da atratividade mais próxima de uma perspectiva evolutiva e adaptativa da compreensão humana, atribuindo maior relevo às diferentes dimensões da atratividade que não aquelas exclusivamente afeitas aos limites da atratividade física.

Todavia ainda revela-se raro, tanto na cena nacional, quanto na internacional, a realização de estudos sobre as forma de atratividade *autoreferida*, privilegiando-se seu contraponto, a expressão *heteroreferida*. Mais raro ainda são os estudos sobre atratividade a partir de outros substratos que não os da atratividade física como expressões de alegria e atratividade sexual (Tracy e colaboradores, 2011) e avaliação das professoras a respeito de crianças em idade escolar Lee-Manoel (2002). Parca também tem sido a investigação acerca da temática atratividade em outros segmentos etários, como entre as pessoas idosas (Alterovitz *et al.*, 2011). Por sua vez, inexistente é a incidência de estudos sobre atratividade com sujeitos de outras orientações sexuais que não heteronormativas, bem como, de investigações acerca de vertente experiencial e fenomenal, relacionadas à experiência interna e consciência fenomenal (Chalmers, 1996; Velmans, 2009; Nascimento, 2008).

Desta feita, dado o atual estado da arte acerca do constructo atratividade no âmbito da ciência psicológica, constata-se que os estudos operados sob esta seara experimentam certa

tensão, de um lado, a produção científica nacional apontando, com certa frequência, a ênfase na dimensão física da atratividade, os aspectos anatômicos dos corpos, com ênfase na simetria facial, para fins de interação afetivo-sexual, especificamente, de caráter heterossexual, e, de outro lado, os esforços advindos da literatura internacional, os quais parecem dar revelo a outras nuances da atratividade, a exemplos dos afetos, emoções, comportamentos, na interface com os aspectos socioculturais, como também a utilização de um aparato metodológico mais diversificado, do que aqueles utilizados nos estudos brasileiros, a fim de cercar o construto atratividade no intuito de construir um esforço por compreendê-lo de modo mais amplo.

A Hipótese 2, tem o foco sobre a Escala de Autoatratividade (EAA) e o exame de se a mesma tem adequada dimensionalidade e características psicométricas, bem como validade ecológica, no que espelha os significados êmicos da atratividade pessoal, se a dimensionalidade reproduz a organização do campo semântico;

Quando da realização do Estudo 2, *ex-post-facto*, observa-se a confirmação dos achados no estudo qualitativo, por sua vez, focalizados na dimensão "não física" da atratividade, os quais apontam para a presença de sete fatores distintos, estatisticamente significantes, para explicar a configuração dos padrões de atratividade (Sensualidade/Alfa de Cronbach = .931; Inteligência/Alfa de Cronbach = .901; Bom humor/Alfa de Cronbach =.894; Afetividade/Alfa de Cronbach =.849; Apresentação pessoal/Alfa de Cronbach =.892; Moralidade/Alfa de Cronbach =.811 e Asseio/Alfa de Cronbach =.828), fatores estes que, quando submetidos ao exame das regressões do tipo stepwise, se prestam a explicação de suas variâncias junto as demais escalas do estudo a exceção do fator asseio que não explicou a variância de nenhum dos construtos que entraram no modelo.

Tais análises apontam que a EAA constitui um instrumento com excelente nível de consistência interna (Escala total/Alfa de Cronbach =.96), o que recomenda sua utilização, inclusive, para fins diagnósticos (Hair et al., 2005; Nascimento, 2008).

Observou-se que a estrutura levantada pela metodologia das facetas sobre a autoatratividade é complexa e espelha a riqueza de significados que são atribuídos a este processo psicológico na perspectiva êmica e fenomenológica dos participantes, tal como encontrado no Estudo 1, evidenciando ser a autoatratividade um construto multidimensional, com elementos distintos de base física e não física compondo sua estrutura organizacional interna.

A Hipótese 3 com atenção específica às dimensões de significado da autoatratividade, as quais devam se organizar e presentificar-se distintivamente ao longo do ciclo vital de homens e mulheres de orientação sexual hetero e homoafetiva, sendo modeladas culturalmente, em contextos de sociabilidade, etários e societários distintos, também foi corroborada a partir das evidências levantadas no Estudo 2 (ex-post-facto).

Ao examinar a análise multidimensional SSA integrativa percebe-se, no tocante ao escalonamento etário, a emergência de um fluxo horizontal, que parte de um campo de afeto depressivo (afeto depressivo; atividade somática; relações interpessoais), em especial para os participantes mais jovens, com idades entre 14 e 20 anos, seguindo por uma região intermediária onde se encontram situados os participantes com idades entre 21 a 35 anos, findando com os que integram o maior escalonamento etário, composto por participantes dos 36 aos 76 anos, os quais se encontram situados num campo constituído por um agrupamento de fatores e variáveis que apontam para uma dimensão propositiva da condição humana, realçada por fatores como Conscientização, Afeto positivo, Inteligência, Satisfação com a vida, Apresentação pessoal, Autoestima, Moralidade, Escala de Apreciação Corporal, Sensualidade, Asseio e o Bom humor.

O movimento em questão e o interfacear deste com os diferentes fatores supracitados, encontra eco na perspectiva ecológica do desenvolvimento humano de caráter biopsicossocial, a qual salienta a adoção de um olhar mais processual sobre o desenvolvimento marcado por um continuum de permanências e descontinuidades (Bronfenbrenner, 2011).

Nestes termos, compreender o desenvolvimento como um processo empreenderia um esforço por considerar uma perspectiva biopsicossocial, com o intuito de não apenas se debruçar sobre a compreensão das vicissitudes dos níveis ecológicos do desenvolvimento, como também incluir à cena os aspectos estruturais e funcionais do indivíduo, a exemplo dos caracteres biológicos, psicológicos e comportamentais.

Destaca Bronfenbrenner e Morris (1998 In: Bronfenbrenner, 2011) que é justamente ao longo do fluxo do ciclo vital do desenvolvimento que os processos de interação recíproca entre pessoa e contexto encontram sustentação, processos estes denominados de processos proximais.

Tais processos, dentre as pessoas de mais idade, segundo destacada Bronfenbrenner (2011), apresentam um ganho substancial quando da presença da experiência das pessoas. Esta proposição, a experiência, na relação com o contexto ocupa um papel central no modelo biopsicossocial do desenvolvimento, uma vez que esta serve de guia do conteúdo experiencial e fenomenal do processo de desenvolvimento humano.

Neste sentido, ao observar tais aspectos, no tocante à amostra recrutada para o presente estudo de tese, seria possível supor que os participantes com mais idade, entre 21 e 35 anos e 36 e 76 anos, quando comparados aos mais jovens, 14 a 20 anos, possuiriam, no âmbito geral, maior bagagem de conteúdo emocional e motivacional, o qual exerceria considerável influencia, tanto no modo como no direcionamento do desenvolvimento humano, tornando,

desta feita, tais agrupamentos de participantes mais imunes à influência danosa operada pelos padrões de atratividade.

Por sua vez, os participantes mais jovens, apesar de possuírem um conjunto de atributos físicos associados à atratividade, não seriam ainda, ao menos em sua plenitude, possuidores dos atributos não físicos da atratividade, a exemplo da moralidade, da inteligência em sua forma mais madura e culta, entre outros aspectos elencados como elementos estruturantes da atratividade, os quais adquiridos a partir da dada experiência, dado que explica, possivelmente, por qual razão tais participantes, quando dos resultados das análises efetuadas, encontram-se nas cercanias de um campo de afeto negativo.

No âmbito geral, nos últimos cincos anos, os periódicos na área, bem como trabalhos de tese, apresentam estudos que destacam a perspectiva desenvolvimental no âmbito do ciclo vital, no enlaçe com as questões de orientação sexual, etnia dentre outras variáveis, a exemplo da pesquisa de Simões, J. A (2011) sobre corpo e sexualidade no envelhecimento de homens gays; o estudo longitudinal sobre insatisfação corporal em adolescentes, realizado por Fortes LS, et al. (2013); o trabalho de tese da investigadora Paula, A. I. de (2010), acerca da percepção das dimensões corporais dos adolescentes do sexo feminino à luz de suas implicações a nivel psicológico, físico e comportamental.

A Hipótese 4 reivindica que a autoatratividade está relacionada em níveis altos a escores otimizados de variáveis cognitivas de valência positiva dos processos autofocalizadores (autoconsciência situacional e disposicional), autorepresentações do self (autoestima), bem estar psicológico (satisfação com a vida e felicidade), humor (afeto positivo) e religiosidade ao longo do ciclo vital de homens e mulheres de orientação sexual hetero e homoafetiva; e inversamente, baixos níveis de autoatratividade se relacionarão com escores otimizados das variáveis citadas de valência negativa.

Os achados referentes a presente hipótese, da relativa proximidade dos participantes mais jovens com aspectos da mediação cognitiva (escala EAD) e ruminação (escala EAS), necessitam de um cuidadoso exame, dada a incipiência de estudos até o presente com a utilização da Escala de Autoconsciência Disposicional, Nascimento (2008), de modo que a relação nem é direta da mediação cognitiva com a ruminação, nem imediata, nem necessária, sendo prudente que se aguardem estudos para elucidação das complexas interações entre os dois construtos no âmbito da dimensão estado-traço da autoconsciência humana (Nascimento, 2008).

Todavia, os achados parecem apresentar indícios que apontam para uma provável confirmação da referida hipótese, com base na observação das análises dimensionais SSA da Escala de Autoconsciência Situacional, a qual situa os participantes de orientação sexual tanto hetero como homoafetiva no campo da autoconsciência ruminativa, aquela natureza de auto-observação carregada de conteúdos depreciativos acerca do self, estes, os participantes homossexuais, no âmbito geral, encontram-se situados no centro da faceta em questão, por sua vez, quando observado em agrupamentos etários, os homossexuais mais jovens, dos 14 aos 20 anos, marcam presença na porção superior da faceta mais próximo da variável feminino e de um conjunto de itens de ruminação, visualização que sinaliza como os mais jovens, também entre os de orientação sexual homoafetiva, também são mais fortemente impactados.

Na face oposta da mesma faceta, por ora mais isolado, mantendo aproximação mediana com a variável masculino, estão os homossexuais com idades entre 21 e 35 anos, já na porção superior direita, junto a um conjunto de variáveis sociodemograficas estão os homossexuais com maior idade, entre 36 e 76 anos cos. Ambos os grupos etários dos participantes homossexuais, mantém relação de maior distância com os itens de ruminação, o que insinua que, no tocante à idade, há diferenças na forma como os participantes são

impactados pelos padrões de atratividade. Se, para os mais jovens, o impacto parece ser mais danoso, entre os mais velhos o dano parece ser minimizado ora pela independência e certo "isolamento" observado entre os participantes de 21 e 35 anos e ora por maior proximidade entre os homossexuais de 36 a 76 anos e os participantes mais jovens, independente da orientação sexual, assim como os heterossexuais como um todo.

De modo distinto à pulverização etária identificada entre os participantes homossexuais, dentre os autodeclarados heterossexuais observa-se certa aglutinação. Seja no âmbito geral ou mesmo levando-se me conta escalonamentos etários específicos, os participantes heterossexuais encontram-se cravados na proção central da faceta da autoconsciência ruminativa, todavia, mantêm uma uma relação de estreita proximidade entre si, os heterossexuais como um todo; os mais jovens, de 14 a 20 anos; os adultos, de 21 a 35 anos e os de mais idade, de 36 a 76 anos, e a um conjuto de variáveis sociodemograficas, com especial alusão à variável de natureza religiosa, a que refer-se aos participantes que responderam professar determinada fé.

Neste contexto observa-se que, a despeito das orientações sexuais, seja hetero ou homossexual, ambos marcam presença na faceta da autoconsciência ruminativa, todavia a forma como se dá tal presença, apresenta caraterísticas particularizantes. Uma que chama atenção diz respeito a pertença a dada religião, a qual marca presença entre os participantes heterossexuais. Tamanho achado reflete a importância da dimensão religiosa na vida das pessoas com destaque a seu papel organizador da vida em sociedade, segundo destaca Giovanetti (2004).

Tais achados também são corroborados pelas análises dimensionais SSA da Escala de Autoconsciência Disposicional, a qual situa os participantes homossexuais na faceta da mediação cognitiva, bem como na fronteira entre este e a faceta atentividade, no caso dos participantes homossexuais mais jovens, de 14 a 20 anos, próximo a um conjunto de itens de

mediação cognitiva e da variável sociodemográfica que expressão aqueles que dizem não possuir religião, em especial os pontos extremos do escalonamento etário, os mais jovens e os mais velhos. Tal campo, o da mediação cognitiva, cogitasse, poderia eventualmente abrir uma espécie de "janela", para o instanciamento de uma autoconsciência do tipo ruminativa conforme teoriza Nascimento (2008).

Em situação distinta, encontram-se os participantes heterossexuais como um todo, os quais situam-se no topo da faceta conscientização, e, em sua região central, os heterosexuais com mais idade, dos 36 aos 76 anos, próximo a um conjunto de itens de conscientização, achado que parece frisar o quanto a experiência acumulada com o passar dos anos contribui para uma forma de desenvolvimento mais proprositiva.

Todavia, é curioso observar que quando se visualiza a localização dos participantes heterossexuais de 14 a 20 anos e dos de 21 a 35 anos no diagrama SSA da escala EAD, percebe-se que estes, apesar de estarem situados nas facetas da atentividade e da conscientização, respectivamente, ocupam uma zona fronteiriça, a qual faz pensar que, em especial para os mais jovens, independente da orientação sexual, há a vivência de consideráveis níveis de atentividade e vigilância persuasiva dos aspectos internos, os quais se coadunam com a explicação com base na proposição da experiência na forma como fora apontada por Bronfenbrenner (2011).

Os achados em questão também podem ser apreciados com base na teoria dos autoesquemas de gênero proposta por Markus (1977). Para a autora a disposição das pessoas em tipos esquemáticos e aesquemáticos conformaria um repertório de esquemas cognitivos os quais, construídos na interface com os contextos socioculturais nos quais as pessoas estão inseridas, expressariam modos de ser mais ou menos adaptados. Nestes termos, na amostra do estudo de tese em questão, aqueles que incorporaram os esquemas de feminilidade e masculinidade, ao longo do ciclo vital, em especial nos escalonamentos etários mais

longevos, revelaram-se mais adaptados aos padrões de atratividade, enquanto que os não esquemáticos, sobretudo, os mais jovens e os de idade intermediária, entre 21 e 35 anos de idade, situam-se em zonas caracterizadas por afetos negativos e, consequentemente, restrita capacidade de adaptação, ou encontram-se numa porção intermediária entre a referida zona e outra de afeto mais proprositivo, respectivamente.

Vale destacar que, no tocante ao âmbito da religiosidade, o significado de sua insipiência entre os adolescentes, e suas possíveis implicações, certa proximidade com uma postura depressiva e ruminativa, ou mesmo questões ainda desconhecidas, como um possível estatuto benéfico, ou não, na cognição, com especial atenção à mediação cognitiva, dos adolescentes que relatam professar alguma fé, encontra amparo teórico nas investigações de Amatuzzi (2000) sobre a teoria do desenvolvimento religioso, o qual ao elencar níveis diferentes de maturidade religiosa, situa os adolescentes, entre 13 e 21 anos, segmento etário que corresponde a amostra de adolescentes do presente estudo de tese, no terceiro estágio, o da "Fé Sintético-Convencional", estágio este em que a pessoa possui uma ideologia, um conjunto mais ou menos consistente de valores e crenças, mas não a objetivou para avaliação e, em certo sentido, não tem consciência de possuí-la.

No que concerne os participantes mais velhos, dos jovens adultos aos idosos, também é possível explicar uma maior proximidade destes segmentos etários do campo da religiosidade e os efeitos benéficos deste advindos, com base na mesma teoria. Destaca Amatuzzi (2000) que, a partir dos jovens adultos, dos 18/20 até os 30 anos; passando pelos adultos, dos 30 aos 35/40 anos; os adultos maduros, dos 35/40 aos 60 anos até os adultos mais velhos, entre os 60 e 80 anos, em média, observa-se o surgimento de uma abertura para uma relação de caráter mais intimista e aprofundado com a experiência religiosa, abertura esta que não se restringe à relação interpessoal, mas igualmente alcança as relações com as demais coisas no mundo, assumindo outras feições e profundidades ao longo do fluxo do

desenvolvimento do ciclo vital humano, com o adendo, ao passar do tempo, de uma postura mais produtiva diante da vida, com a superação das rotinas e dos padrões, relativizando as normas e os papéis sociais na busca de um sentido mais pessoal para a vida, findando com um convite à libertação das diferentes formas de apego aos quais estamos submetidos.

Aqui também vale destacar o modelo com considerável similitude com o proposto por Amatuzzi (2000), este, por sua vez, apresenta um olhar mais especifico sobre o domínio religioso, a dimensão da fé. Para Fowler (1992), o desenvolvimento da fé, condição impar ao desenvolvimento religioso, também se daria a partir do desenrolar do ciclo vital humano, desenrolar este que estaria então, organizados em estágios, os quais partem de uma atmosfera mais de maior insegurança relacional e centramento no self, observada quando do nascimento e dos primeiros anos de vida, e se prolonga com maior abertura na relação com ao autor e o robustecimento do self, o qual atingiria o ápice por ocasião da adultez tardia, onde, de forma aspiral, cada estágio, serveria de alavanca para o alcance do próximo.

O enlaçe com a religião também pode ser percebido na investigação de Villasenor (2011) sobre a crise institucional da igreja, quando aponta para a presença dos sem religião de religião própria, ressaltando a presença de uma realidade que revela a construção de outras formas de se relacionar com o transcendente.

Por sua vez, os participantes de orientação sexual heterossexual revelam-se mais próximos de uma dimensão de afeto positivo, caracterizada pela presença de conteúdo religioso de pertença e envolvimento com dada fé, assim como uma aproximação, mais moderada com os fatores de Conscientização, Afeto positivo, Inteligência, Satisfação com a vida, Apresentação pessoal, Autoestima, Moralidade, Escala de Apreciação Corporal, Sensualidade, Asseio e o Bom humor, em franco contraste com a distância observada aos participantes homossexuais em relação ao envolvimento com a religião e aos aspectos de bem estar e atratividade percebida, e demais construtos supracitados.

Tamanhos achados apontam o que destaca a literatura clássica nesta seara de que se faz necessário empreender uma compreensão mais ampla sobre a sexualidade humana, a qual não mais deve ser sustentada pela tese da diferença anatômica dos corpos/sexos (Fry, 1985), mas sim sobre a reflexão de que a homossexualidade não é autoevidente, mas deve sim ser situada em dado contexto histórico, segundo destaca Foucault (1976). Tal pensamento se coaduna com a reflexão acerca da amostra de participantes homossexuais do presente estudo de tese, uma vez que assumir, publicamente, um estilo de vida homossexual pode inaugurar um risco para cognição, o qual não deve ser interpretado por intermédio da vivência da experiência homossexual em si apenas, mas, sobretudo, a um conglomerado de estados de coisas sociohistoricamente demarcadas, que, por toda uma sorte de aspectos, faz com que seja ainda oneroso ao sujeito homossexual assumir sua condição de "ser gay", acarretando impactos, nem sempre benefícos, à constituição de sua subjetividade.

Estudos realizados em seara não cognitiva trazem uma luz especial ao entendimento destas relações complexas vivenciadas por gays brasileiros no tocante às trajetórias religiosas possíveis a esta comunidade ao presente. Santiago (2007) em estudo de caso edificado em atendimento psicanalítico reflete sobre os modos como a questão homossexual introduz importante arguição e problematização sobre a angústia de viver entre os sexos em sociedades democráticas individualistas de massa, em que o discurso do participante relata vivências de profundo antagonismo e conflito entre religião e sexualidade, sendo este conflito grande fomentador de seus padecimentos subjetivos e sentimentos de inferioridade.

Outras soluções ao conflito fé-sexualidade se desenham em outras vivências da homossexualidade, nem sempre culminando com rechaço da religião, mas às vezes urgindo profundas ressignificações na experiência religiosa, implicando em mudanças de religião e do estatuto subjetivo da própria orientação sexual. Nesta direção, Machado (1998) relata em pesquisa de corte etnográfico a experiência de ex-integrante de religião de matriz africana, o

qual após extensa vivência de conflitos subjetivos relacionados à própria experiência homossexual, opta por conversão ao Pentecostalismo, abandono de seu pertencimento ao que considera grupo de risco e deixando para trás ameaças relacionadas a AIDS.

O conjunto destas reflexões, cotejado aos achados da análise SSA integrativa, convidam ao prosseguimento de linha de pesquisa específica que aprofunde a compreensão sobre as complexas interações entre religião e (homo)sexualidade nas vivências nativas brasileiras, os estudos psicológicos e cognitivos são na atualidade escassos.

A Hipótese 5 traz a cena desta reflexão o fato de que a autoatratividade não só está relacionada, mas ela impacta de modo robusto as variáveis de autoconsciência (situacional e disposicional), autoestima, bem estar (satisfação com a vida e felicidade), humor depressivo e religiosidade ao longo do ciclo vital de homens e mulheres de orientação sexual hetero e homoafetiva, sendo porém tal impacto moderado pelo envolvimento com a religião, a qual exerce efeito protetivo sobre o self em relação a autoatratividade.

Com base no resultado das análises fatoriais e multidimensionais, bem como da análise de Regressão Stepwise, as quais destacam que a religiosidade, apesar de representar um aspecto vigoroso da vida cotidiana, segundo aponta Dalgalarrondo (2008) e reitera Giovanetti (2004), impactando, conforme fora observado empiricamente, um conjunto de variáveis relacionadas ao self (apreciação corporal, autoconsciência e autoestima), bem estar (satisfação com a vida e felicidade subjetiva) e humor (afeto depressivo, afeto positivo, atividade somática e relações interpessoais), não se revelou, dentre a amostra investigada, à luz no último modelo de análise estatística citado, como aspecto suficientemente potente para minorar a influência do padrão de atratividade.

Por sua vez, as análises estatísticas prévias, com base na metodologia das facetas, apontam que os participantes que professam determinada fé, são os que mais se aproximam do campo do bem estar, da autoestima, da percepção corporal e da autoatratividade.

Neste sentido, parece não restar dúvida de que a religiosidade, no mínimo, auxilia o indivíduo a não cair na ruminação, devido a baixa atratividade, assim como passa a perceber com outros olhos sua própria atratividade e percepção corporal.

Tais achados ancoram-se num marco teórico que aponta que, não é de agora que a necessidade religiosa ocupa um lócus fundamental na estruturação do psiquismo humano, importante ao ponto de que, a não satisfação deste ocasionaria a origem da genuína patologia psíquica, segundo relata um dos pioneiros em psicologia da religião (Rümke 1952/1939 In: Paiva, 2001).

Conforme Simmel (1909/1997 In: Dalgalarrondo, 2008), a religiosidade deve ser pensada como um "estado" ou uma "necessidade" interna, um agrupamento de saberes postos pela tradição, no intuito de atender a tal necessidade. Para o referido autor, a religiosidade assume o status de um "ser particular", uma "qualidade funcional" da humanidade de forte impacto na vida de uns e restrita relevância para outros.

Tal dimensão revela-se tão poderosa na vida das pessoas a ponto de representar uma rede psicológica como apoio para manter a harmonia do self no tocante aos processos autoavaliativos em diferentes segmentos etários, ponto de vista corroborado por estudos sobre "O Desenvolvimento Religioso da Adolescência ao Adulto de Meia Idade" ("Religions Development from Adolescence to Middlle Adulthood"); e por McFadden, H. Susan (2005), intitulado "Pontos de Conexão: Gerontologia e Psicologia da Religião" ("Points of Connection: Gerontology and the Psychology of Religion"), ambos oriundos do Handbook of the Psychology of Religion and Spirituality, editado por Palouitzan, F. et al. (2005). Neste estudo a autora aborda a questão do quão a longevidade humana tem impactado, significativamente, os estudos sobre religião e psicologia. Prossegue destacando que as pessoas idosas, costumeiramente, apresentam índices elevados de religiosidade, em

comparação a outros segmentos etários, e que estes recebem das organizações religiosas as quais estão vinculados, considerável apoio psicológico.

Os achados da análise SSA vão ao encontro destas pontuações teóricas, quando observa-se um claro desenvolvimento e progressiva maturação da ontogênse da religiosidade na amostra do estudo, em que a depender do ciclo da vida em que os indivíduos estejam, estarão se aproximando da religião (religiosidade global e envolvimento com a religião) à medida em que vão seguindo-se as faixas etárias, sendo os mais maduros também os mais religiosos, e que haurem os benefícios da religiosidade mais edificada, junto com as positivas apreciações sobre sua atratividade pessoal percepção corporal, autoestima, e bem estar (satisfação com a vida e felicidade).

A Hipótese 6, fortemente alicerçada no Estudo 2 (ex-post-facto), trata de que variáveis sociodemográficas como sexo, orientação sexual, idade, renda e religiosidade devem estar relacionadas a distintos perfis de fatores das escalas psicométricas e dos elementos e estruturas do gradiente fenomenal da experiência interna durante estado autoconsciente relacionado a autoatratividade.

Esta hipótese também fora corroborada uma vez que se percebe com base na observação da análise dimensional SSA integrativa, que a conformação do padrão de atratividade apresenta nuances distintas no tocante ao sexo, tanto os participantes do sexo masculino, quanto do feminino, encontram-se situados na porção central da face inferior do diagrama, o qual representa um intermediário entre os campos de afeto depressivo, localizado na porção esquerda do quadrante inferior, e outro de afeto positivo, situado no mesmo quadrante, por sua vez, na face direita. No que diz respeito a idade observa-se que, no âmbito geral da amostra, os participantes mais jovens, de 14 a 20 anos, estão cravados no campo do afeto depressivo, enquanto os adultos, de 21 a 35 anos, e os de mais idade, de 36 a 76 anos, marcam presença na no campo central inferior.

No tocante à orientação sexual, nota-se que os participantes homossexuais, no âmbito geral, estão situados na face esquerda do quadrante, a qual corresponde ao afeto depressivo, no entanto, se fora observar por agrupamento etário, faz-se perceber que os participantes homossexuais mais jovens estão presentes no campo do afeto depressivo, os adultos, na dimensão intermediária e os mais velhos, no campo do afeto positivo. Já os de orientação sexual heteroafetiva, tanto no âmbito geral, quando da observação dos diferentes agrupamentos etários, estão alocados no campo central do diagrama.

No que diz respeito à pertença a dada tradição religiosa, se faz perceber clara alocação em pólos opostos, de um lado, na face do afeto depressivo, encontram-se aqueles que se autodenominam como sem religião, passando, na região central, por aqueles que apresentam considerável nível de envolvimento com a religião, findando com os que declaram adesão a dada fé.

Também vale ressaltar que há diferenças significantes quando da nacionalidade da amostra. Para os participantes lisboetas, tal padrão assume uma proximidade significativa com o fator moralidade, o qual destaca aspectos como justiça, honestidade, honra e dignidade, enquanto questões centrais de tal construto, conformando um padrão de atratividade que mais valoriza sua porção não física, dado que apresenta certa similitude com a configuração do padrão de atratividade entre os participantes da amostra brasileira, a qual também enfatiza a dimensão não física da atratividade, quando de seus julgamentos, mesmo não atribuindo muito relevo às questões da moralidade, revelando mais proximidade com as questões de pertença e envolvimento religioso.

Observa-se também a proximidade com os fatores Conscientização, Afeto positivo, Inteligência, Satisfação com a vida, Apresentação pessoal, Autoestima, Escala de Apreciação Corporal, Sensualidade, Asseio e o Bom humor. Contudo, vale ressaltar, que as considerações aqui apresentadas devem ser observadas com parcimônia, haja vista aos

participantes portugueses foram aplicadas apenas duas medidas psicométricas: a Escala de Autoatratividade (EAA) e a Escala de Apreciação Corporal (EAC).

Em geral, observa-se o quanto inúmeras das correlações encontradas espelham os achados da análise SSA sobre o papel das variáveis independentes sociodemográficas na organização do funcionamento das variáveis teóricas examinadas, numa evidência do quanto a autoatratividade e outros construtos sofrem influência expressiva dos níveis desenvolvimentais, ecológicos e societários em que se dá concretamente o desenvolvimento psicológico e ontogênese das estruturas cognitivas postas em tela nesta tese, em acordo com o esperado por inúmeros autores da psicologia cognitiva (Paivio, 2008; Morin, 2004; Bronfenbrenner, 2011; Nascimento, 2006; Nascimento & Roazzi, 2013; 2014).

A Hipótese 7 convida a um detalhamento de que a experiência interna relacionada a autoatratividade deve exibir uma fenomenologia complexa com elementos de distintos conteúdos representacionais, sendo mediada pela autoconsciência fenomenal, com presentificação na consciência dos padrões de autoatratividade veiculados por estes elementos construtores da experiência da atratividade pessoal.

Dado o exame das hipóteses, com base em suas respectivas evidências, pode-se inferir então que os padrões de atratividade e sua fenomenologia, quando da operação dos processos autofocalizadores relacionados a tal construto, tornam-se conscientes, especialmente, por meio de uma via cognitiva de forte base linguajeira e imagética, não raro tramada a conteúdos de base sentimental, tanto de valência positiva quanto negativa. Tamanha inferência encontra amparo no campo teórico dos estudo sobre a consciência tomada enquanto um processo, fortemente fenomenal, perspectiva abraçada por Dybvig (2005), bem como por Velmans (1995), quando da defesa das qualidades subjetivas da experiência consciente, os qualia.

Chalmers (1996) sai na defesa do argumento de que a mente humana se organiza a partir de duas dimensões, uma fenomenal, que enfatiza os modos de experienciação dos fenômenos mentais e outra psicológica, a qual se ocupa em compreender o funcionamento da maquinaria psíquica em si.

Mais recentemente Searle (2012), previamente sinalizada por Kriegel (2006), se posiciona na contra mão de argumentos que apontam para um repertório de conhecimentos acerca da consciência a partir de uma perspectiva reducionista, materialista, a qual busca explicá-la, sobremaneira, a partir dos correlatos cerebrais (Crick, 1994; Denett,1991), e Nascimento (2008) sai em defesa de uma dimensão experiencial dos processos autofocalizadores organicamente atrelados ao agenciamento do foco autoatentivo da consciência (consciência fenomenal), em condições tanto de vigília quanto em estados alterados ou incomuns da consciência.

Searle (2007), também se alinha à perspectiva fenomenal da consciência, por sua vez, sob a influência da fenomenologia européia e a filosofia indiana clássica, a qual advoga que a consciência é, predominantemente, fenomenal, sem, contudo deixar de reconhecer o papel dos referentes neurofisiológicos presentes na consciência.

Tal ponto de vista lança um olhar sobre a consciência que não a limita, mas sim expande seu campo de compreensão, na medida em que introduz, neste contexto, de modo complementar e dialógico, os aspectos fenomenais dos sujeitos com ênfase nos relatos em primeira pessoa, compreendendo que os pontos de vista supracitados devem ser considerados como complementares uma vez que são mutuamente irredutíveis.

Ao considerar o conjunto dos três estudos realizados, observa-se a presença de uma estrutura da atratividade com base tanto na dimensão psicológica da mente, com ênfase em sua funcionalidade, em seus aspectos causais, os quais são apropriadamente investigados por via experimental e psicométrica (Nascimento, 2008) e outra de acento fenomenal, a qual é

caracterizada pela(s) a(s) forma(s) como as pessoas sentem, experienciam a mente (Chalmers, 1996 e Kriegel, 2006), tal aspecto requerendo delineamentos calcados em métodos em 1ª pessoa, e relatos fenomenais introspectivos, como os aliciados por Procedimentos EFEA, base metodológica do estudo fenomenal da presente tese.

Do ponto de vista psicológico, os achados fazem perceber que os padrões de atratividade são conformados de modo a priorizar uma estrutura qualitativa, de origem êmica, que prioriza os aspectos não físicos da atratividade (Inteligência, Bom humor, Afetividade, Moralidade, Apresentação pessoal, Asseio e Sensualidade), sem, contudo deixar de considerar sua base física, tanto no tocante à separação por sexo, quanto por orientação sexual.

Quando observada as correlações dos fatores da Escala de Autoatratividade (EAA) entre si, bem como dentre as demais escalas, observa-se que, no tocante à orientação sexual, os participantes homossexuais seriam mais direcionados ao desdobramento de um processo autoconsciente do tipo ruminativo, caracterizado por aspectos como afeto depressivo, ruminação, mediação icônica, dentre outros congêneres, enquanto que os heterossexuais estariam alocados na direção de um processo autoconsciente do tipo reflexivo, caracterizado pelo agrupamento de conteúdos positivos como conscientização, reflexão, bom humor, afeto positivo, satisfação com a vida, bem estar, autoestima e correlatos.

A respeito da nacionalidade observa-se que a amostra lisboeta parece estruturar seu padrão de atratividade, mais próximo do fator moralidade, enquanto a amostra brasileira, parece manter-se mais próxima de um conjunto de variáveis externas, nas cercanias do campo do diagrama caracterizado pelos aspectos positivos.

No que diz respeito ao sexo, ambos, tanto os homens quanto as mulheres, mantém-se na porção central, “intermediária”, do quadrante inferior.

Tais resultados deixam transparecer um fluxo da estrutura dos padrões de atratividade que parte de um ponto que preza por uma avaliação depreciativa do autoaspecto e migra à um horizonte proprositivo de avaliação do autoaspecto.

Do ponto de vista fenomenal, mesmo considerando o contingente restrito de participantes, embora, este, por sua vez, supere o mínimo exigido, de três participantes, para a razoável medida de generalização nesta natureza de estudo conforme especialistas na metodologia de estudos de caso (Yin, 1984), bem como em sua maioria composta por sujeito de orientação sexual homossexual, faz-se perceber o desenho de uma estrutura fenomenal que prioriza a ocorrência diversa e variada de elementos discursivos e visuais, cuja apresentação se faz por vezes de forma isolada, por outra de modo associadas entre si, discursos e palavras, quando não associados também a um misto de sentimentos de valência positiva e negativa, com certa prevalência desta mediante seu oposto. Vale ressaltar que também fora identificado a presença do elemento da consciência sensória, bem como uma considerável ênfase na ocorrência de processos autoavaliadores.

Diante do exposto até o presente momento, faz-se perceber que a questão da natureza cognitiva dos padrões de atratividade aponta para a estruturação de uma dimensionalidade tanto no âmbito psicológico, com ênfase nas bases causais ou explanatórias dos comportamentos, quanto no fenomenal caracterizado pela(s) a(s) forma(s) como as pessoas sentem, experienciam a mente (Chalmers, 1996; Kriegel, 2006), dimensões estas que que servem à conformação de uma rede de *self-schemata* que surge a partir da discrepância entre o padrão e o self.

Nestes termos, observa-se que os standards aparecem apenas por meio das mediações, ou seja, mediados pelos elementos da experiência interna, especialmente os de base linguajeira e imagética, a tríade cognitiva, self-autofoco-padrão, faz-se emergir por intermédio da consciência fenomenal.

Os achados do presente estudo representam um ganho as pesquisas modernas sobre autoconsciência (Duval & Wicklund, 1972) na medida em que ressaltam a presença de uma dimensão pouco privilegiada na tradição dos estudos nesta seara, a saber: a perspectiva fenomenal da autoconsciência, a qual, com ênfase no reconhecimento de sua estrutura e dinamismo, no desenrolar do ciclo vital de homens e mulheres de orientação sexual homo e heteroafetiva, possibilita o confrontar de diferentes perspectivas téoricas, no intuito de somar esforços aos estudos neste seara, a fim de ampliá-los.

Capitulo 15: Considerações finais

Desta feita, a contribuição geral do presente estudo de tese consta de inaugurar uma campo de investigação acerca de um aspecto potente da subjetividade, o que são os padrões de atratividade, considerando sua ontogênese dual, de base física e não física, atento a como eles se apresentam no fluxo da experiência interna das pessoas, qual sua fenomenologia e como tais impactam a autoapreciação e outras diferentes dimensões do desenvolvimento humano, a exemplo da autoestima e do bem estar psicológico, à luz de uma mirada cognitiva, somando a esta discussão não apenas uma reflexão teórico-empírica, como também deixando como legado, ao desenvolvimento de estudos futuros, eficaz instrumento psicométrico que permite captar, de modo mais amplo a estrutura dos padrões de autoatratividade.

Todavia, o aspecto introdutório e genérico do presente estudo, na medida em que se reveste de significado, assumindo um espécie de "guião" na seara da psicologia cognitiva sob tal construto, bem como, o contributo da realização de um estudo de natureza multimetodológica, a qual representa uma forma mais eficiente de acercamento e entendimento acerca do fenômeno investigado, também expressa um dos seus principais limites, o qual reside no não aprofundamento, na não imersão, substancial, das elações entre a dimensão da atratividade e outras relevantes ao pleno funcionamento da subjetividade humana.

No tocante as contribuições futuras do presente estudo, no âmbito geral, vale destacar a importância de ampliar tal agenda de pesquisa, dando ênfase na investigação da natureza estrutural e fenomenal dos padrões de atratividade, dimensão de relevância à autoapreciação, bem como à sociabilidade humana, com vistas, especialmente, ao avanço da documentação transcultural da Escala de Autoatratividade (EAA).

Outra contribuição relevante aponta para o anuncio e escrutínio da natureza do que é um padrão, do que é um padrão em si, se este de fato seria uma estrutura inegociável ou comportaria algum tipo de negociação com o self, o que faz possível apreciar tal constructo a partir de diferentes dimensões da vida cotidiana, e não, especificamente, a partir do campo da atratividade. Deste modo, faz-se possível iluminar uma seara ainda nebulosa sobre a importância de se observar os impactos, quase sempre danosos, acarretados ao self quando da apreciação da discrepância entre ele e dada sorte específica de padrão.

Do ponto de vista metodológico, também é recomendável a adoção de ferramentas metodológicas em primeira pessoa, as quais buscam dar vazão à fenomenologia dos padrões, bem como a triangulação metodológica a qual possibilitará um acercamento mais poderoso dos dados coletados, ocasionando na maior robustez quando da averiguação das hipóteses postas em exame.

Tal proposta de triangulação, futuramente, pode ser exitosamente alcançada por intermédio da teoria das facetas (Guttman, 1968), a qual representa um importante aporte para fundamentar esforços de pesquisa futuros que busquem triangular dados fenomenais com dados em 3ª pessoa, e psicométricos, a exemplo do que fora efetuado no presente estudo de tese.

Vale ressaltar ainda que esta tese apresenta-se como um dos modelos possíveis para investigar, de modo seguro e rigoroso, com foco em triangulação metodológica, dados da experiência consciente e de aspectos do processamento cognitivo, de modo a fomentar a construção de teoria no campo da cognição.

Parece ser extensa a população beneficiada com o legado do presente estudo, haja vista a centralidade da dimensão da atratividade na vida cotidiana, se faz presente ao longo do desenvolvimento do ciclo vital, atingindo diferentes níveis de importância e complexidade, em especial, atualmente no Brasil, país líder mundial na realização de

procedimentos estéticos os quais, em sua maioria acalentam o desejo de fazer com que as pessoas se tornem e se sintam cada vez mais atraentes.

Neste sentido, se julgar atraente, se avaliar de modo aprazível, independentemente da rigidez dos padrões estabelecidos pelos ditames da moda ou outros tão “cruéis” quanto este, implica, sobretudo, no retormar dos caminhos do autoconhecimento, e que esta trajetória possa contribuir, cada vez mais e melhor, com um modo de ser e estar mais adaptativo, feliz e, consequentemente psicologicamente saudável.

Referências

Adler, A. (1964). The Individual Psychology of Alfred Adler. H. L. Ansbacher and R. R. Ansbacher (Eds.). New York: Harper Torchbooks. ISBN 0-06-131154-5.

Almeida, M. V. (1996). Corpo Presente. Treze reflexões antropológicas sobre o corpo. Editora Celta.

Almeida, M. V. (2000). Senhores de Si. Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade. Editora Fim de Século, Lisboa, Portugal.

Almeida, N. et al (Org.) (1999). Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis. Ed. Garamond.

Allport, G. W. (1961). Pattern and growth in personality. New York: Holf, Rinehart & Winston.

Amatuzzi, M. M. (2001). Esboço de teoria do desenvolvimento religioso. IN: G. J. Paiva (Org.). *Entre Necessidade e Desejo: Diálogos da Psicologia com a Religião* (p. 2551). São Paulo: Edições Loyola.

Anderson, C.; John, O. P.; Keltner, D., Kring, A. M. (2001). Who attains social status? Effects of personality and physical attractiveness in social groups. Journal of Personality and Social Psychology. Vol 81(1), 116-132.

Andrews, F.M. & Robinson, J.P. (1991). Measures of subjective well being. In J.P. Robinson, P.R. Shaver, & L.S. Wrightsman (Eds.), Measures os Personality and Social Psychological Attitudes. vol.1, pp. 61-67). San Diego: Academic Press.

Andrews, F.M., & Withey, S.B. (1976). Social Indicators of Well Being: America's perception of life quality. New York: Plenum Press.

Aurélio, B. H. Dicionário Aurélio da Língua portuguesa (versão online – www.dicionariodoaurelio.com).

Ariès, P. et al (Orgs.) (1985). Sexualidades ocidentais. Tradução: Lygia A. Watnabe e Thereza Christina F. Stuner. São Paulo: Editora Brasiliense.

Ávila, A. (2007). Para conhecer a Psicologia da Religião. Capítulo 7. (M. J. R. Nunes & T. Gambi, Trad.). São Paulo: Loyola.

Badinter, E. (1992). XY De L'identite Masculine. Edition Odile Jacob.

Baldin, E. et al. (2002). Atração e desenvolvimento de Leptoglossus gonagra (Fabr.) (Hemiptera: Coreidae) em cultivares de abóbora e moranga. Scientia Agrícola, v.59, n.1, p.191-196, jan./mar.

Baldin, E. et al. (2007). Controle de mosca-branca com extratos vegetais, em tomateiro cultivado em casa - de- vegetação. Horticultura Brasileira 25: 602-606.

Baldwin, J. M. (1897). Social and ethical interpretations in mental development: A study in social psychology. New York: Macmillan.

Baltes, P. B. (1979). Life-span developmental psychology: Some converging observations on history and theory. In. P. B. Baltes & O. G. Brim (Eds.), Life-span development and behavior (Vol. 2, PP. 256-279). New York: Academic Press.

Baltes, P. B., Reese, H. W. & Lipsett, L. P. (1980). Life-span developmental psychology. Annual Review of Psychology, 31, 65-110.

Bardin, L. (1979). *Análise de conteúdo*. Lisboa, Portugal: Ed. 70.

Bayer, R. (1987). Homosexuality and American Psychiatry. The Politics of Diagnosis. Published by Princeton University Press.

Bell, R. Q. (1968). A reinterpretation of the direction of effects in studies of socialization. Psychological Review, 75, 81-95.

Biernacki. P. & Waldorf, D. snowball Sampling: Problems and techniques of chain referral sampling. Sociological Methods & Reasearch, vol. Nº 2, November, 141-161p.

Bilsky, W. (2003). A Teoria das Facetas: noções básicas. Revista Estudos de Psicologia, 8(3), 357-365.

Bloch, M. e Bloch, J. (1980). "Women and the dialectics of nature in eighteenth-century French thought", In MacCormack, C. e Strathern, M. orgs., Nature, Culture and Gender. Cambridge: Cambridge University Press, PP. 25-41.

Borges A.C.G. et al. (2012). Influence of different width/height ratio of maxillary anterior teeth in the attractiveness of gingival smiles. Dental Press J Orthod. Sept-Oct;17(5):115-22.

Bradburn, N. M. (1969). The structure of psychological well being. Chicago: Aldine Publishing.

Bronfenbrenner, U. (1979). The ecology of human development: Experiments by nature and design. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Bronfenbrenner, U. (1961a). The changing American child: A speclative analysis. Merrill-Palmer Quarterly, 7, 73-84.

Bronfenbrenner, U. (1961b). Toward a theoretical model for the analysisof child relationship in the social context. In. J. C. Glidewell (Ed.), Parental attitudes and child behavior (PP. 96-109).

Bronfenbrenner, U. (1963). Development theory in transition. In H. W. Stevenson (Ed.), Child psychology: Sixty-second yearbook of the National Society for the Study of Education, part 1 (PP. 517-542). Chicago: University of Chicago Press.

Bronfenbrenner, U. (1967). The psychological costs of quality and equality in education. Child Development, 38, 909-925.

Bronfenbrenner, U. (1977). Toward na experimental ecology of human development. American Psychologist, 32, 513-531.

Bronfenbrenner, U. (1979) (1996). The ecology of human development: Experiments by nature and design. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Bronfenbrenner, U. (2011). *Bioecologia do desenvolvimento humano. Tornando os seres humanos mais humanos.* Tradução: André de Carvalho-Barreto; Revisão técnica: Sílvia H. Koller – Porto Alegre: Artmed.

Bronfenbrenner, U. & Evans, G. W. (2000). Developmental sciencein the 21 st century: Emerging theoretical models, research designs, and empirical findings. Social Development, 9 (1), 115-125.

Bronfenbrenner, U. & Morris, P. A. (1998). The ecology of developmental process. In W. Damon (Series Ed) & R. M. Lerner (Vol. Ed.), Handbook of child psychology: Vol. 1. Theoretical models of human development (5th Ed., PP. 993-1028). New York: John Wiley.

Bullough, V. L. (1974). Handbook of Medieval Sexuality. Edited by Vern L. Bullough and James A. Brundage. Garland Publishing Inc.

Cairns, R. B. & Cairns, B. D. (1994). Lifelines and risks: pathways of youth in our time. Nem York: Cambridge University Press.

Campbell, A., Converse, P.E., & Rogers, W.L. (1976). The Quality of American Life: Perceptions, evaluations and satisfactions. New York: Russel Sage Foundations.

Cantril, H. (1967). The Pattern of Human Concerns. New Brunswick: Rutgers University Press.

Chalmers, D, J. (1996).The Conscious Mind in Search of a Theory of Conscious Experience. Department of Philosophy University of California, Santa Cruz Santa Cruz, CA 95064.

Cohen, E. H., & Amar, R. (1999). External variables as points in SSA: A comparison with the unfolding techniques. In R. Meyer Schweizer, D. Hänzi, B. Jann, E. Peier-Kläntschi, & H. J. Schweizer-Meyer (Eds.), *Facet theory: Design and analysis* (pp. 259-279). Bern, Germany: Facet Theory Association.

Comaroff, J. (1982). "Medicine, symbol and ideology", in Wright, P., e Treacher, A. (Orgs.), The Problem of Medical Knowledge: examining the Social Construction of Medicine, Edimburgo, Edinburgh University Press.

Comaroff, J. (1985). Body, of Power, Spirit of Resistance: The Culture and History os a South African People, Chicago, University of Chicago Press.

Connerton, P. (1993) (1989). Como as Sociedades Recordam, Oeiras, Celta.

Cooley, C. H. (1964/1902). Human Nature and the Social Order. New York, NY. Schocken Books.

Costa, J. F. (1992). A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo. Rio de Janeiro: Editora Relume-Dumará.

Costa, J. F. (1995). A face e o verso: estudos sobre o homoerotismo II. São Paulo, Editora Escuta.

Craver, C. S. & Scheier, M. F. (1981). Attention and self-regulation: A control-theory approach to human behavior. New York: Springer-Verlag.

Crick F.H. (1994) The astonishing hypothesis: The scientific search for the soul. New York: Scribner.

Csordas, T. (1990). "Embodiment as a paradigm for anthropology", Ethos, 18 (1), 5-47.

Dalgalarrondo, P. (2008). Religião, psicopatologia e saúde mental. Porto Alegre: Artmed.

Dancey, C. e Reyde, J. (2013). Estatística sem matemática para psicologia. 5ª ed. Porto Alegre: Penso.

Darwin, C. (1859). On the origin of the species by means of natural selection, or, the preservation offavored races in the struggle for life. London: John Murray. In: Sedikides, C. e Skowronski, J. (1997). The Symbolic Self in Evolutionary Context. Personality and Social Psychology review.

Darwin, C. (1871). The descent of man, and selection in relation to sex. New York: Appleton. In: Sedikides, C. e Skowronski, J. (1997). The Symbolic Self in Evolutionary Context. Personality and Social Psychology review.

Darwin, C. (1958) (1959). Origin of Species. Nova Iorque: New American Library, Mentor.

Del Priori, M. (2005). O amor em terras brasileiras. História do amor no Brasil. São Paulo. Editora Contexto.

Debert, G. e Brigeiro, M. (2012). Fronteiras de gênero e a sexualidade na velhice. Revista Brasileira de Ciências Sociais – Vol. 27 nº 80.

Diener, e. et al (1985). The satisfaction with life scale. Journal of Personality Assessment, 49, 1.

Diener, E., Such, E. M., Lucas, R. E., & Smith, H. L. (1999). Subjective well being: Three decades of progress. Psychological Bulletin, 125, 276-302.

Dennett, D. C. (1991). Consciousness explained, Boston: Little Brown.

Dennett, D. C. (1992). Consciousness explained. Back Bay Books.

Dennett, D. C. et al (2007). Neuroscience and Philosophy: Brain, Mind, and Language (Columbia University Press).

Duby, G. (Org.) (1991). Amour et Sexualité em Occident. Paris: Points.

Duval, S., & Wicklund, R. A. (1972). A theory of objective self awareness . New York: Academic Press.

Duval, T. S., & Lalwani, N. (1999). Objective self-awareness and causal attributions for self-standard discrepancies: Changing self or changing standards of correctness. Personality and Social Psychology Bulletin, 25, 1220-1229.

Dybvig, M. (2005). Modern Theories of Consciouness: Some Alternatives. Synergies. Interdisciplinary Communications. Center for Advanced Study at the Norwegian Academy os Science and Letters.

Eastwick, P. W.; Hunt, L. L. (2014). Relational mate value: Consensus and uniqueness in romantic evaluations. Journal os Personality and Social Psychology, vol 106(5), 728-751.

Elliot, Andrew J.; Maier, Markus A. (2007). The red attractiveness effect, applying the loannidis and Trikalinos teste, and the broader scientific context: A reply to Francis (2013) Journal of Experiemntal Psychology: General, Vol. 142 (1). Feb 2013, 297-300.

Endres, A. A. et al. (2005). Considerações sobre Coprophanaeus ensifer (Germar) (Coleoptera, Scarabaeidae) em um remanescente de Mata Atlântica no Estado da Paraíba, Brasil. Revista Brasileira de Entomologia 49(3): 427-429, setembro.

Erickson, E. (1959). Identity and the life cycle. Psychological Issues, 1, 18 – 164. In: Siqueira, M. M. M. & Padovam, V. A. R. (2008). Bases Teóricas de Bem-Estar Subjetivo, Bem-Estar Psicológico e Bem-estar no Trabalho. Brasilia. Psicologia, Teoria e Pesquisa. Vol. 24 nº2, pp. 201 – 209.

Escobar, et al.(2013). Mediation on self-rumination on mental health related aspects: a multidimensional approach.

Featherstone, M., e Turner, B. S., (1995). "Body and society: na introduction", Body and Society, 1 (1), 1-12.

Feitosa, S. S. et al. (2008). Flutuação populacional de moscas-das-frutas (Diptera; Tephritidae) associadas a variedades de manga no município de Jose de Freitas – Piauí. Rev. Bras. Frutic., Jaboticabal - SP, v. 30, n. 1, p. 112-117, Março.

Fenigstein, A; Scheier, M. F. & Buss, A. H. (1975). Public and private self-consciouness: Assessment and theory. Journal of Consulting and Clinical Psychology, 36, 1241-1250.

Ferreira, A. A. L.; Jacó-Vilela, A. M. & Portugal, F. T., (Org.) (2007). História da psicologia: rumos e percursos. Rio de Janeiro: Nau. Ed.

Finke, R. A., Pinker, S., & Farah, M. J. (1989). Reinterpreting visual patterns in mental imagery. Cognitive Science, 13(1), 51-78.

Flick, U. (2009). Qualidade na pesquisa qualitativa; tradução Roberto Cataldo Costa; Consultoria, supervisão e revisão técnica desta edição Dirceu da Silva. – Porto Alegre: Artmed.

Fortes LS, et al. (2013). Insatisfação corporal em adolescentes: uma investigação longitudinal. Revista Psiq. Clín., nº40 (5): 167-71.

Foucault, M. (1976/1988). A vontade de Saber. (História da Sexualidade, Vol. 1). Rio de Janeiro: Editora Graal.

Fowler, J. W. (1992). Estágios da fé: psicologia do desenvolvimento humano e busca de sentido. São Leopoldo – RS, Sinodal.

Francis, G. (2013). Publications bias in "Red, rank and romance in women viewing men". Journal of Experimental Psychology: General, vol 142(1), Feb 2013, 292-296.

Franz, J. G. (1939). Survey of sociometric technique. Sociometry, 2, 76-92.

Fry, P. (1985). O que é homossexualidade. / Peter Fry e Edward Mac Rac – São Paulo. Abril Cultural: Editora Brasiliense.

Galinha, J.C. & Ribeiro, J.L. (2005). História e evolução do conceito de bem-estar subjectivo. Revista Psicologia, Saúde &Doenças, nº 6 (2), 203-214.

Galton, F. (1876). The history of twins as a criterion of the relative power of nature. Anthropological Institute Journal, 5, 391-406.

Gewirtz, H. B. & Gewirtz, J. L. (1969). Caretaking setting, background events and behavior differences in four Israeli childrearing environments: Some preliminary trends. In. B. M. Foss (Ed.), Determinants of behavior (Vol. 4, PP. 229-295). London: Methuen.

Giavoni, A. & Tamayo, A. (2000). Inventário dos esquemas de gênero do autoconceito (IEGA). Psicologia: teoria e pesquisa. Maio-Ago. Vol. 16, nº 2, p. 175-184.

Giavoni, A. & Tamayo, A. (2005). Invetário feminino de esquemas de gênero e autoconceito (IFEGA). Estudos de Psicologia. Vol. 10(1), 25-34.

Giddens, Anthony (1991). Modernidade e Identidade Pessoal, Oeiras, Celta.

Giddens, A. (1992). A Transformação de Intimidade. Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas. Stanford University Press.

Gilmore, D. (1990). Manhood on the Making: Cultural Concepts of Masculinity. New Haven: Yale University Press.

Giovanetti, J. P. (2001). Psicologia e senso religioso: a necessidade e o desejo Modalidades da época. In G. J. Paiva (Org.). *Entre Necessidade e Desejo: Diálogos da Psicologia com a Religião* (p. 91101). São Paulo: Edições Loyola.

Giovanetti, J. P. (2004). A representação da religião na pós modernidade. Introdução. In G. J. Paiva & W. Zangari (Orgs.). *A Representação na Religião: Perspectivas Psicológicas* (p. 129146). São Paulo: Edições Loyola.

Green, J. N. (2000). Além do carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. Tradução Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. São Paulo, Editora UNESP.

Greenberg, D. F. (1988). The Construction of Homosexuality. University of Chicago Press.

Günther, H. (2006). Pesquisa Qualitativa versus Pesquisa Quantitativa: Esta É a Questão? Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa. Maio – Ago., 22(2), 201-210.

Gurin, G. Veroff, J., & Feld, S. (1960). Americans View their Mental Health. New York: Basic.

Guttman, L. (1968). A general nonmetric technique for finding the smallest coordinate space for a configuration of points. Psychometrika, 33, 469-504.

Haguette, T. M. F. (2003). Metodologias Qualitativas na Sociologia. 9ª edição. Ed. Vozes, Petrópolis.

Heilbron, M. L. (1996). Ser e estar homossexual: dilemas de construção de identidade social. In: PARKER, R. & BARBOSA, R. (orgs.) Sexualidades Brasileiras. Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará.

Hier, S. P. (1971). Contemporary sociological thought: themes and theories.Canadian Scholars' Press Inc. Blumer, Herbert. Society as Symbolic Interaction.

Higgins, E. T. (1987). Self-discrepancy: A theory relating self and affect. *Psychological Review*, *94,* 319–340

Higgins, E. T, Klein, R., & Strauman, T. (1985). Self-concept discrepancy theory: A psychological model for distinguishing among different aspects of depression and anxiety. *Social Cognition, 3*, 51 -76.

Hurlburt, R. T. and Heavey, C. L. (2001). Telling what we know: describing inner experience. T rends in Cognitive Sciences. Vol.5 No.9 September.

Heavey, C. L., & Hurlburt, R. T. (2008). The phenomena of inner experience, Consciousness and Cognition.

Hurlburt, R. T. (2009). Iteratively Apprehending Pristine Experience.Journal of Consciousness Studies, 16, No. 10–12, p. 156–88.

Hurlburt, R. T. and Akhter, S. A. (2008). Unsymbolized thinking. Consciousness and Cognition. Vol. 17, p. 1364-1374.

Huxley, J. S. (1957). The three types of evolutionary progress. Nature, 180, 454-455. In: Sedikides, C. e Skowronski, J. (1997). The Symbolic Self in Evolutionary Context. Personality and Social Psychology review.

Ikemoto, S. M.; Moraes, M. G. e Costa, V. C. da. (2009) Avaliação do potencial interpretativo da Trilha do Jequitibá, Parque Estadual dos Três Picos, Rio de Janeiro.Sociedade & Natureza, Uberlândia, 21 (3): 271--287, dez.

Jahoda, M. (1958). Current concepts of positive mental health. New York: Basic Books. In: Siqueira, M. M. M. & Padovam, V. A. R. (2008). Bases Teóricas de Bem-Estar Subjetivo, Bem-Estar Psicológico e Bem-estar no Trabalho. Brasilia. Psicologia, Teoria e Pesquisa. Vol. 24 nº2, pp. 201 – 209.

James, W. (1950). The Principles of Psychology. Vol. 1. New York: Dover. Originally published in 1890.

James, W. (1890/1983). The Principles of Psychology. Cambridge, MA: Harvard University Press (with introduction by George A. Miller).

Jennings, H. H. (1941). Sociometry and social theory. American Sociological Review, 6, 512-522.

Jung, C. G. (1993). Modern man in search of a soul. New York: Harcourt, Brace & World. In: Siqueira, M. M. M. & Padovam, V. A. R. (2008). Bases Teóricas de Bem-Estar Subjetivo, Bem-Estar Psicológico e Bem-estar no Trabalho. Brasília. Psicologia, Teoria e Pesquisa. Vol. 24 nº2, pp. 201 – 209.

Karelitz, S. et al (1964). Relation of crying activity in early infancy to speech and intellectual development at age three. Child Development, 35(3), 769-777.

Kosslyn, S. M.; & Pomerantz, J. R. (1977). Imagery, Propositions, and the Form of Internal Representations. Cognitive Psychology, 9, 52-76.

Kosslyn, S. M.; Ganis, G.; & Thompson, W. L. (2003). Mental imagery: Against the nihilistic hypothesis. Trends in Cognitive Sciences, 7(3), 109-111.

Kotelchuck, M. (1983). Research on fathers and public policy. Paper presented at the meeting of the Society for Research in Child Development, Detroit, MI.

Kriegel, U. (2006). Theories of Consciousness. Philosophy Compass 1 (1):58-64.

Kuo, Z. Y. (1967). The dynamics of behavioral development: na epigenetic view. Nem York: Random House.

Lalwani, N. (2013). Standards of correctness. In: Duval, T. S.; Silvia, P. e Lalwani, N (2013). Self-awareness and causal attribution: A dual systems theory. Kluwer Academic; Boston.

Laquer, T. W. (2001). Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud. Tradução Vera Whately. Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará.

Lee-Manoel, C. Landgraf et al. (2002). Quem é Bom (e Eu Gosto) é Bonito: Efeitos da Familiaridade na Percepção de Atratividade Física em Pré-Escolares. Psicologia: Reflexão e Crítica, 15(2), pp. 271-282.

Lerner, R. M. (2002). Concepts and theories of human development (3 rd. Ed.). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.

Levenson, R. Michael; Aldwin, M. Carolyn e D'Mello, Michele (2005). Religions Development from Adolescence to Middlle Adulthood. In: Palouitzan, F. Raymond e Park, L. Crystal (2005). Handbook of the Psychology of Religion and Spirituality, Guilfor Press.

Lock, M. (1993). "Cultivating the body: anthropology and epistemologies of bodily practice and knowledge", Annual Review of Anthropology, 22, 133-155.

Lyubomirsky, S., & Lepper, H. (1999). A measure of subjective happiness: Preliminary reliability and construct validation. Social Indicators Research, 46, 137-155. The original publication is available at www.springerlink.com.

Machado, Lins de Barros & Piccolo (2010). Judaísmo e homossexualidade. Revista Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 30(1):11-31.

Machado, M. D. D. C. (1998). Conversão religiosa e a opção pela heterossexualidade em tempos de aids: notas de uma pesquisa. *Cadernos Pagu*, 11, 275-301.

Magnusson, D. (1988). Individual development from na interactional perspective. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.

Maia, F. G. da et al (2011). Envelhecimentos: entre vivências plurais e exigências normativas. Revista Sociais e Humanas, Santa Maria, v. 24, n. 02, jul/dez 2011, p. 162-177.

Maner, J. K.; Miller, S. L.; Moss, J. H.: Leo, J. L.;Plant, E. A. (2012). Motivated social categorization: Fundamental motives enhance people's sensitivity to basic social categories. Journal or Personality and Social Psychology, vol 103(1), 70-83.

Markus, H. et AL (1982). Self-Schemas and Gender. Journal of Personality and Social Psychology. Vol. 42, No. 1, 38-50

Maslow, A. (1968). Toward a psychology of being (2º Ed). New York: Van Nostrand.In: Siqueira, M. M. M. & Padovam, V. A. R. (2008). Bases Teóricas de Bem-Estar Subjetivo, Bem-Estar Psicológico e Bem-estar no Trabalho. Brasília. Psicologia, Teoria e Pesquisa. Vol. 24 nº2, pp. 201 – 209.

Mauss, M. (1980). "Les techinics Du corps", Sociologie et Anthropologie, p. 365-388, Paris, PUF.

Mc Cullough, G., Heubner, E. S., & Laughlin, J. (2000). Life events, self-concept, and adolescents' positive subjective well-being. Psychology in the Schools, 37, 281-291.

McFadden, H. Susan (2005). Points of Connection: Gerontology and the Psychology of Religion. In: Palouitzan, F. Raymond e Park, L. Crystal (2005). Handbook of the Psychology of Religion and Spirituality, Guilfor Press.

Mead, M. (2000). Sexo e temperamento. São Paulo. Editora Perspectiva S.A.

Mello, R. B. e Marcon, R. (2004). Avaliação da Eficácia das Estratégias de Posicionamento e do Nível de Atratividade Setorial, do Ponto de Vista do Acionista.RAC, v. 8, n. 2, Abr./Jun.

Meltzer, B. e Petras, J. W. (1972). The Chicago and IOWA Schools of Symbolic Interactionism. In: Haguette, Teresa Maria Frota (2003). Metodologias Qualitativas na Sociologia. 9ª edição. Ed. Vozes, Petrópolis.

Morosini I.A.C. e Moresca. (2012). Study of face pleasantness using facial analysis in standardized frontal photographs. Dental Press J Orthod. 2012 Sept-Oct;17(5):24-34.

Morin, A. (1998). Imagery and self-awareness: A theoretical note. Theory and Review in Psychology, August.

Morin, A. (2006). Levels of consciousness and self-awareness: A comparison and integration of various neurocognitive views. Consciousness and Cognition, 15(2), 358-371.

Morin, A. (2009). Self-awareness deficits following loss of inner speech: Dr. Jill Bolte Taylor's case study. Consciousness and Cognition, 18(2), 524-529.

Morin, A. (2002). Self-Awareness review part 1: do you are self-reflective or self-ruminative? Science and Consciouness Review. Dec., 1.

Morin, A. (2004). Levels of Consciouness. Science & Consciouness Review, 2.

Morin, A. (2005). Possible links between self, self-awareness and inner speeech: Theoretical background underlaying mechanisms and empirical evidence. Journal of Consciousness Studies, 12 (4-5), 115-134.

Mead, G. H. (1934). Mind, self and society. Chicago: Chicago University Press.

Mead, M. (1972). Blackberry Winter: My Earlier Years. New York: William Morrow. ISBN 0-688-00051-7.

Moreno, J. L. (1934). Who shall survive? A new approach to the problem of human inter-relations. New York: Nervous and Mental Disease Publishing.

Moss, H. A. (1967). Sex, age, and state as determinants of mother-infant interaction. Merrill-Palmer Quarterly, 13(1), 19-36.

Mott, L. (2000). Violação dos Direitos Humanos e Assassinato de Homossexuais no Brasil, Salvador. Editora Grupo Gay da Bahia.

Mussen, P. H. (Series Ed.), & Haith, M. M., & Campos, J. J. (Vol. Eds.) (1983). Handbook of child psychology: Vol.2. Infancy and developmental psychobiology (4th Ed.). New York: John Wiley.

Mussen, P. H. & Kessen, W. (1983). Handbook of child psychology: Vol. 1. History, theory and methods (4th Ed.). New York: John Wiley.

Nascimento, A. M. & Roazzi, A. (2013). Autoconsciência, Imagens Mentais e Media com Cognitive. Psicologia: Reflexão e Crítica, 26(3), 493-505.

Nascimento, A. M. (2008). Autoconsciência Situacional, Imagens Mentais, Religiosidade e Estados Incomuns da Consciência: Um estudo sociocognitivo. Tese de Doutorado não publicada, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

Nascimento, A. M. (2010). Autoconsciência, Imagens Mentais e Experiências Místicas: a Religiosidade nos processos de (re)construção do *Self.* Projeto de Pesquisa.Universidade Federal de Pernambuco, departamento de psicologia, pós-graduação em psicologia cognitiva. Registro CEP/CCS/UFPE No 337/10.

Nascimento, A. M. (em preparação). Mensurando religiosidade em formato breve: Evidências de fidedignidade e validade da Escala de Religiosidade de Item Único (ERIU). A ser submetida em *Avaliação Psicológica*.

Nascimento, A. M., & Roazzi, A. (2014). Religiosidade e Satisfação com a Religião em estudantes universitários. Revista Amazônica, Ano7, Vol XIII, número 1, Jan-Jun, pág. 143-174.

Natividade, Marcelo (2010). Uma homossexualidade santificada? Revista Religião e Sociedade. Rio de Janeiro, 30 (2):90-121.

Natividade, Marcelo (2010). Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 61, nº 21.

Neugarten, B. L. (1973). Personality change in late life: A developmental perspective. Em C. Eisdorfer & M. P. Lawton (Orgs.).The psychology of adult development and aging (pp. 311-335). Washington: American Psychological Association.

Novo, R. (2003). Para além da Eudaimonia – o bem-estar psicológico em mulheres na idade adulta avançada. Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para Ciência e a Tecnologia. In: Galinha, J.C. & Ribeiro, J.L. (2005). História e evolução do conceito de bem-estar subjectivo. Revista Psicologia, Saúde & Doenças, nº 6 (2), 203-214.

Pais-Ribeiro, J. L. (1998). Psicologia e Saúde. Lisboa: ISPA.

Pais-Ribeiro, J. L. (2005). Introdução à psicologia da saúde. Coimbra: Quarteto.

Paiva, G. J. (2001). Psicologia e senso religioso: Modalidades do desejo. In G. J. Paiva (Org.). *Entre Necessidade e Desejo: Diálogos da Psicologia com a Religião* (p. 6978). São Paulo: Edições Loyola.

Paivio, A. (2006). Dual Coding Theory and Education (University of Western Ontario). Draft chapter for the conference on "Pathways to Literacy Achievement for High Poverty Children," The University of Michigan School of Education, September 29-October 1, 2006.

Paivio, A. (2007). Mind and Its Evolution: A Dual Coding Theoretical Approach. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

Paternostro, L. C. (1999). "Mnemotécnica e Tecnovidade", Data Grama Zero. Disponível em: http://www.dgzero.org/dez99/Art_05.htm. Acessado em: 13/07/2012.

Pinsky, I. e Jundi, S. (2008) O impacto da publicidade de bebidas alcoólicas sobre o consumo entre jovens: revisão da literatura internacional. Rev. Bras Psiquiatria; 30(4):362-74.

Rabinow, P. (1992). “Artiificiality and enlightenment: from sociobiology to biosociality”, in Crary, J., e Kwinter, S. (Orgs.), Incorporations, Nova Iorque, Urzone.

Radloff, L. S. (1977). The CES-D Scale: A self-report depression scale for research in the general population. Applied Psychological Measurement, 1(3), 385-401.

Rensch, B. (1959). Evolution above the species level. London: Methuen. In: Sedikides, C. e Skowronski, J. (1997). The Symbolic Self in Evolutionary Context. Personality and Social Psychology review.

Ryan, R. M. & Deci, E. L. (2001). On happiness and human potentials: A review of research on hedonic and eudaimonic well being. Annual Review of Psychology, 52, 141-166.

Ryff, C. D. (1989). Happines is everything, or is it? Explorations on the meaning of psychological sell being. Journal of Personality and Social Psychology., 57, 1069-1081.

Ryff, C. D. & Keyes, C. L. M. (1995). The structure of psychological well being revisited. Journal of Personality and Social Psychology, 69, 719-727.

Roazzi, A. (1995). Categorização, formação de conceitos e processos de construção de mundo: Procedimento de classificações múltiplas para o estudo de sistemas conceituais e sua forma de análise através de métodos de análise multidimensionais. *Cadernos de Psicologia, 1*, 1-27.

Robinson, P. (1977). A Modernização do Sexo. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira.

Rosaldo, M. (1984). “Toward na anthropology of self and feeling”, in Shweder, R., e LeVine, R. (Orgs.), Culture Theory: Essays on Mind, Self and Emotion, Cambridge, Cambridge University Press.

Rubin, G. (1975) (1998). Thinking sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality. In: NARDIR, P. & SCHNEIDER, B. (org.) Social perspectives in lesbian and gay studies: a reader. London: Routledge.

Santiago, J. (2007). The current clinic of male homosexuality: solution or choice of object. *Psicologia em Revista, 13*(2), 253-266.

Schneirla, T. C. (1966). Behavioral development and comparative psychology. Quarterly Review of Biology, 41, 283-302.

Scott, J. (1991). Gênero: uma categoria útil a análise histórica. Cadernos Pagu, nº 3, Desacordos, desamores e diferenças. Campinas: Pagu – Núcleo de Estudos de Gênero, p. 16.

Searle, J. (2007). Filosofia da Linguagem: uma entrevista com John Searle. ReVEL. Vol. 5, nº 8.Tradução de Gabriel de Ávila Othero. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

Sedgwick, E. K. (1990). Regarding Sedgwick: Essays on Queer Culture and Critical Theory. Edited by Stephen M. Barber and David L. Clarck. Editora Routledge.

Sedikides, C. e Skowronski, J. (1997). The Symbolic Self in Evolutionary Context. Personality and Social Psychology review.

Shanon, B. (2003). Altered States and the Study of Consciousness – The Case of Ayahuasca. The Journal of Mind and Behavior Spring, Volume 24, Number 2 Pages 125-154.

Shepard, R. N.; Metzler, J. (1971). Mental rotation of three-dimentional objects. Science, 171(3972), p.701-703.

Shilling, C. (1993). The Body and Social Theory, Londres, Sage.

Silva, C. G,; Paiva, V.: Parker, R; (2013). Religions youth and homosexuality: challenges for promotion of health and sexual righst. Interface -´Comunic., Saúde, Educ., vol. 17, nº44, p. 103-117.

Silva, L. M. & Fukusima, S. S. (2010). Faces Simétricas por Reflexão das Hemifaces Não São Mais Atraentes que as Faces Naturais. Psicologia: Reflexão e Crítica, 23(3), 466-475.

Silveira, D. X.; & Jorge, M. R. (1998). Propriedades psicométricas da escala de rastreamento populacional para depressão CES-D em populações clínica e não-clínica de adolescentes e adultos jovens. *Rev. psiquiatria. clínica., 25*(5), 251-261.

Silvia, P. J. & Duval, T. S. (2001). Objective self-awareness theory: Recent progress and enduring problems. Personality and Social Psychology Review, 5, 230-241.

Simões, J. A. et al (2010). Jeitos de corpo: cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo. Cadernos Pagu (35), julho-dezembro, pág. 37-78.

Simões, J. A. (2011). Corpo e sexualidade nas experiências de envelhecimento de homens gays em São Paulo.In: Belkis Trench, Tereza Etsuko da Costa Rosa (Org.) (2011). Nós e o outro: envelhecimento, reflexões, práticas e pesquisa. São Paulo: Instituto de Saúde.

Siqueira, M. M. M. & Padovam, V. A. R. (2008). Bases Teóricas de Bem-Estar Subjetivo, Bem-Estar Psicológico e Bem-estar no Trabalho. Brasília. Psicologia, Teoria e Pesquisa. Vol. 24 nº2, pp. 201 – 209.

Sirgy, M. J. (2002). The Psychology of Quality of Life. Dordrecht: Klwer academic Publishers.

Souza Neto, E. N. de (2009). Entre boys e frangos: análise das performances de gênero dos homens que se prostituem em Recife / Epitácio Nunes de Souza Neto. Dissertação. Departamento de Psicologia UFPE – Recife: O Autor.

Sternberg, R. J. Psicologia cognitiva. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008. ISBN-10: 852161392X.

Strathern, M. (1992). Reproducing the Future: Anthropology, Kinship and the New Reproductive Technologies, Nova Iorque, Routledge.

Synnott, M. (1993). The Body Social. Symbolism, Self and Society, Londres, Routledge.

Tajfel, H. (1981). Human groups and social categories. Studies in social psychology. Cambridge: Cambridge University Press.

Takano, K., & Tanno, Y. (2009). Self-Rumination, Self-Reflection, and Depression: Self-Rumination Counteracts the Adaptive Effect of Self-Reflection. Behavior Research and Therapy, 47, 260-264.

Taussig, M. (1993). Mimesis and Alterity: A Particular History os Senses, Londres e Nova Iorque, Routledge.

Tracy, J. L. and Shariff, A. F. (2011). What are emotions expressions for? Current directions in Psychological Science. 20:395.

Tokumaru. R. S. (2010). O efeito da infidelidade sobre a atratividade facial de homens e mulheres. Estudos de Psicologia, 15(1), Janeiro-Abril, 103-110.

Toren, C. (1993). "Making history: the significance of chilhood cognition for a comparative anthropology of mind", man (N. S.), 28, 461-478.

Uttla, B. ; Morin, A e Hampera, B. (2011). Are inner speech self-report questionnaires reliable and valid?. Versão digital disponível em www.sciencedirect.com

Vallacher, R. R. and Solodky, M. (1979). Objective Self-Awareness, Standards of Evaluation and Moral Behavior. Jornal of Experimental Social Psychology, 15, 254-262.

Vidal, M. G. et al. (2010). Pollination and fruit set in pumpkin (Cucurbita pepo) by honey bees Revista Brasil. Bot., V.33, n.1, p.107-113, jan.-mar.

Veenhoven, R. (1996). The Study of Life satisfaction. In: W. E. Saris, R. Veenhoven, A.C. Scherpenzeel, & B. Bunting (Eds.), A Comparative Study of Satisfaction With Life in Europe (pp 11 – 48). Eötvös: University Press. In: Galinha, J.C. & Ribeiro, J.L. (2005). História e evolução do conceito de bem-estar subjectivo. Revista Psicologia, Saúde & Doenças, nº 6 (2), 203-214.

Velmans, M. (2012). Reflexive Monism: psychophysical relations among mind, matter and consciousness.Goldsmiths, University of London, New Cross, London SE14 6NW In M. Velmans and Y. Nagasawa (eds.) (2012) Journal of Consciousness Studies Special Issue on Monist Alternatives to Physicalism, 19 (9-10) pp. 143-165.

Velmans, M. (2009). How to Define Consciousness - And How Not to Define Consciousness. Journal of Consciousness Studies, 16(5), 139-156.

Velmans, M. (1991).Consciousness from a first person perspective. Behavioral and Brain Sciences 14(4), 702-726.

Weber, M. (1983). A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. Lisboa: Editora Presença.

Weeks, J. (1985). Sexuality and Its Discontents: Meaning, Myths and Modern Sexuality. Londres: Routledge and Kegan Paul.

Weeks, J. (1987). Questions of Identity. In Caplan, P. org., The Cultural Construction of Sexuality. Londres: Routledge, PP. 31-51.

Who (2001). The World Health Report 2001: Mental health – New understanding, new hope. Geneva: World Health Organization.

Wilson, W. (1967). Correlates of avowed happiness. Psychological Bulletin, 67, 294-306.

Zanon, C. e Hutz, C. S.. (2009). Propriedades psicométricas da Escala Fatorial de Neuroticismo e do Questionário de Ruminação e Reflexão. Aval. psicol. [online]. Vol.8, n.2, pp. 279-281. ISSN 2175-3431.

Zanon, C., & Teixeira, M. A. P. (2006). Adaptação do Questionário de Ruminação e Reflexão (QRR) para estudantes universitários brasileiros. *Interação em Psicologia*, *10*(1), 75-82.

Yin, R. K. (1984). Case study research: Design and methods. London: Sage.

ANEXOS

ANEXO. 1

Escala de Auto Atratividade (EAA) (Viana & Nascimento, 2014)

Instrução Geral:

A presente escala objetiva averiguar as características de sua atratividade pessoal, ou seja, a maneira como você se percebe ou não atraente. Leia com atenção a instrução a seguir e responda aos itens contidos no questionário de forma mais sincera e objetiva possível. Não há tempo definido para a realização da tarefa nem respostas corretas, deste modo, fique a vontade para responder no tempo que achar mais adequado.

Instrução para Marcação na Escala:

Circule o número na escala abaixo que melhor descreve sua concordância com o conteúdo de cada item relacionado a como você se percebe atraente. Tal escala está organizada em cinco pontos, o primeiro deles, o número '1', significa 'discordo totalmente do conteúdo do item', e o último deles, o número '5', significa 'concordo totalmente com o conteúdo do item':

1 ---------- 2 ---------- 3 ---------- 4 ---------- 5				
Discordo totalmente	Discordo um pouco	Nem discordo nem concordo	Concordo um pouco	Concordo totalmente

Em relação a minha atratividade pessoal, me considero uma pessoa...

1. Sexy 1 ---------- 2 ---------- 3 ---------- 4 ---------- 5
2. Atualizada 1 ---------- 2 ---------- 3 ---------- 4 ---------- 5

ANEXO. 2

Escala de Apreciação Corporal (EAC) (Tylka, T, 2006) (Validada por Campana, et al 2012)

Orientações aos participantes: para cada item, por favor, circule o número que melhor caracterize suas atitudes ou comportamentos.

	Nunca	**Quase nunca**	**Às vezes**	**Frequentemente**	**Sempre**
1. Eu respeito meu corpo	1	2	3	4	5
2. Eu me sinto bem acerca de meu corpo	1	2	3	4	5

Pontuação: _____

ANEXO. 3

TESTE DE AUTOCONSCIÊNCIA SITUACIONAL (Nascimento, 2008)

Instrução:

O teste seguinte avalia as características de sua autoatenção, ou seja, a maneira como você tem consciência de você mesmo(a) num determinado instante. Leia as questões contidas no questionário procurando respondê-las de forma objetiva. Não há tempo pré-definido para concluir a tarefa nem respostas corretas; portanto, procure responder com sinceridade e manter-se prestando a atenção em você mesmo(a) durante a realização da tarefa. Leia com atenção as autoafirmações que seguem e marque de acordo com a escala proposta abaixo quão adequadas as afirmações descrevem como você se percebe **exatamente agora, neste exato instante**.

Instrução para Marcação na Escala:

Circule o número na escala abaixo que melhor descreve sua concordância com o conteúdo de cada auto-afirmação relacionada a como você se percebe neste exato momento e não na vida em geral, indo desde o número '1' que significa 'discordo totalmente do conteúdo da auto-afirmação' ao número '5' que significa 'concordo totalmente com o conteúdo da auto-afirmação':

1 ---------- 2 ---------- 3 ---------- 4 ---------- 5				
Discordo totalmente	Discordo um pouco	Nem discordo nem concordo	Concordo um pouco	Concordo totalmente

1.Neste instante, eu não estou pensando em mim mesmo buscando melhor conhecer meus pensamentos, emoções e necessidades.

1 ---------- 2 ---------- 3 ---------- 4 ---------- 5

ANEXO. 4

TESTE DE AUTOCONSCIÊNCIA DISPOSICIONAL (Nascimento, 2008)

Instrução:

O teste seguinte avalia seus hábitos de focalização da atenção. Leia as questões contidas no questionário procurando respondê-las de forma objetiva. Não há tempo pré-definido para concluir a tarefa nem respostas corretas; portanto, procure responder com sinceridade e manter-se prestando a atenção em você mesmo(a) durante a realização da tarefa. Leia com atenção as auto-afirmações que seguem e marque de acordo com a escala proposta abaixo quão adequadas as afirmações descrevem **como você se percebe em geral**, ou seja, como você habitualmente percebe a **sua maneira de ser na vida diária**.

Instrução para Marcação na Escala:

Circule o número na escala abaixo que melhor descreve sua concordância com o conteúdo de cada auto-afirmação relacionada a como você se percebe na vida cotidiana, indo desde o número ‘1’ que significa ‘discordo totalmente do conteúdo da auto-afirmação’ ao número ‘5’ que significa ‘concordo totalmente com o conteúdo da auto-afirmação’:

1 ---------- 2 ---------- 3 ---------- 4 ---------- 5				
Discordo totalmente	Discordo um pouco	Nem discordo nem concordo	Concordo um pouco	Concordo totalmente

1.Eu presto bastante atenção em mim mesmo.

1 ---------- 2 ---------- 3 ---------- 4 ---------- 5

2.Eu gosto de me autoanalisar, de refletir sobre mim mesmo e conhecer mais meus pensamentos, emoções e necessidades

.

1 ---------- 2 ---------- 3 ---------- 4 ---------- 5

3.Eu gosto de conversar comigo sobre mim mesmo em pensamento.

1 ---------- 2 ---------- 3 ---------- 4 ---------- 5

ANEXO.5

ESCALA DE AUTOESTIMA DE ROSENBERG ADAPTADA POR NASCIMENTO (2009)

Instruções: Este teste avalia os tipos de sentimentos que você percebe ter por si mesmo (a) – sua auto-estima, neste momento de sua vida. Leia as afirmações abaixo e escolha uma entre as quatro possíveis respostas em função de quanto você está de acordo com as mesmas. Não existem respostas certas ou erradas, mas é importante avaliar cada uma das afirmações com base no que elas provocam em você. Responda com sinceridade, circulando abaixo de cada afirmação o número que corresponde aos sentimentos que o conteúdo da frase suscita em você. Para cada afirmação, responda segundo o modelo seguinte:

1 ---------- 2 ---------- 3 ---------- 4			
Discordo fortemente	Discordo	Concordo	Concordo fortemente

1. Em geral, estou satisfeito (a) comigo mesmo (a). ..... **1 - 2 - 3 – 4**

2. Às vezes acho que não sou bom (boa) de jeito nenhum. .....**1 - 2 - 3 - 4**

3. Eu sinto que tenho várias boas qualidades.....**1 - 2 - 3 – 4**

ANEXO.6

ESCALA DE SATISFAÇÃO COM A VIDA (Diener et al., 1985), versão brasileira (Nascimento, 2013)

Abaixo estão cinco declarações com as quais você pode concordar ou discordar. Usando a escala de 1 a 7 abaixo, indique o seu acordo com cada item, colocando o número apropriado na linha que vem antes do item. Por favor, seja aberto(a) e honesto(a) em sua resposta.

7 – Concordo fortemente
6 – Concordo
5 – Concordo um pouco
4 - Não concordo nem discordo
3 – Discordo um pouco
2 – Discordo
1 – Discordo fortemente

1. ____ Na maioria dos modos a minha vida está perto do meu ideal.
2. ____ As condições da minha vida são excelentes.
3. ____ Estou satisfeito com a minha vida.

ANEXO .7

ESCALA DE FELICIDADE SUBJETIVA (Lyubomirsky & Lepper, 1999),

versão brasileira (Rodrigues & Silva, 2010)

1. Em geral me considero

Uma pessoa não muito feliz	1	2	3	4	5	6	7	Uma pessoa feliz

2. Comparando com a maioria dos meus amigos, eu me considero

Uma pessoa não muito feliz	1	2	3	4	5	6	7	Uma pessoa feliz

3. Algumas pessoas são geralmente muito felizes. Elas aproveitam a vida, aconteça o que acontecer, procurando obter o máximo. Em que grau essa descrição se aplica a você?

Em nada se aplica a mim	1	2	3	4	5	6	7	Aplica-se muito em mim

ANEXO .8

Teste CES-D / Rastreamento de Depressão

O teste CES-Da seguir avalia o estado atual de seu humor. Leia atentamente as instruções e procure ser bastante objetivo/a em sua auto-avaliação, circulando o número em cada item que corresponde à maneira como você tem se sentido e percebido ultimamente.

Instruções: Segue abaixo uma lista de tipos de sentimentos e comportamentos. Solicitamos que você assinale a freqüência com que tenha se sentido dessa maneira durante a semana passada, segundo a escala abaixo:

0	Raramente (menos que 1 dia)
1	Durante pouco tempo (1 ou 2 dias)
2	Durante um tempo moderado (de 3 a 4 dias)
3	Durante a maior parte do tempo (de 5 a 7 dias)

DURANTE A ÚLTIMA SEMANA:

01. Senti-me incomodado/a com coisas que habitualmente não me incomodam.**0 - 1 - 2 - 3**

02. Não tive vontade de comer, tive pouco apetite. .....**0 - 1 - 2 - 3**

03. Senti não conseguir melhorar meu estado de ânimo mesmo com a ajuda de familiares e amigos. ..... **0 - 1 - 2 - 3**

ANEXO. 9

ESCALA DE RELIGIOSIDADE GLOBAL (Nascimento, 2008)

Este teste objetiva descrever o seu engajamento religioso em geral. Leia com atenção cada item e marque com um X o número que melhor descreve a maneira como você percebe a sua religiosidade **neste momento de sua vida**, independente de você ter ou não uma religião, segundo a escala seguinte:

1	**2**	**3**	**4**	**5**
Discordo totalmente	Discordo um pouco	Nem discordo nem concordo	Concordo um pouco	Concordo totalmente

Itens	**Escala**				
01. Eu sou adepto de uma determinada tradição religiosa, acredito em suas crenças fundamentais, participo de seus rituais e procuro orientar a minha vida cotidiana segundo seus ensinos.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
02. Eu participo de rituais religiosos e vários de meus comportamentos são orientados religiosamente, além de executar práticas religiosas quando estou sozinho ou em companhia de outras pessoas.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
03. Eu vivencio estados de completa união com Deus ou com o que me parece ser a Força ou Poder que governa tudo que existe e nesses estados me sinto muito diferente de como me percebo na vida cotidiana.	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**

ANEXO. 10

Protocolo Pesquisa *"Autoconsciência e Padrões de Atratividade no ciclo vital de homens e mulheres de orientação sexual homo e heteroafetiva na Região Metropolitana do Recife"*

Autor: Normando José Queiroz Viana (doutorando PPG/Cognitiva – UFPE)

Orientação: Prof. Dr. Alexsandro Medeiros do Nascimento, LACCOS/UFPE

Objetivo Geral:

Conhecer a forma como adolescentes, adultos e idosos, da Região Metropolitana do Recife, se tornam diretamente conscientes do modo como os padrões de atratividade são identificados, construídos e vivenciados na experiência interna dos participantes do estudo.

Anuência

Para tanto, eu gostaria de convidar-lhe a participar deste estudo. Caso tenha interesse, solicito sua autorização, a qual deverá ser escrita, mediante sua assinatura em termo de consentimento, e gravada em áudio.

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1º Momento: Instruções para Tarefa

"Eu vou pedir que você ouça com atenção a frase que irei dizer, em que eu vou sugerir que você pense em algo relacionado a você mesmo. Para isso, você se manterá em silêncio, fechará os olhos e, após o término da minha frase, durante o prazo de 1 (um) minuto, deverá prestar atenção ao que ocorre em sua cabeça, em sua mente e toda e qualquer experiência por você vivenciada durante este período, enquanto você pensa no que eu vou lhe sugerir.Você compreendeu a instrução ou quer que eu a repita? (se não, repetir a instrução) (se sim) Você poderia me dizer com suas palavras?

Então, a partir deste momento você deverá fazer silêncio, feche os olhos e preste atenção ao que irei dizer. Peço que ao longo do tempo de 1 (um) minuto após o término de minha fala, se mantenha em silêncio e com os olhos fechados e preste atenção em você mesmo, enquanto pensa no que eu vou lhe sugerir, pois após este período irei lhe fazer algumas perguntas sobre o que você pode prestar atenção durante este período.Você entendeu? Alguma dúvida? (se sim, qual? Responder) (se não) Podemos começar?

Frase estímulo:

"Eu quero que você pense se você é uma pessoa atraente"

(1 minuto)

Pode abrir os olhos.

2º Momento: Entrevista Fenomenológica

"Bem, agora eu gostaria que você me contasse com o maior número possível de detalhes o que se passou em você durante o período em que se manteve em silêncio e com os olhos fechados?

Relato Livre

Você gostaria de completar seu relato com algo de que se lembre de ter prestado atenção durante este período que não tenha contado ainda? Tente compartilhar comigo o máximo de informações possíveis sobre o que se passou em você durante o período de 1 (um) minuto.

Relado de Complemento

4º Momento: Investigação da Experiência Interna

"Eu gostaria de explorar com mais detalhes o que você vivenciou quando se manteve em silêncio e com os olhos fechados".

Fala Interna (Pensamento verbal silencioso, fala para você mesmo)

1. Quando você estava em silêncio e com os olhos fechados você ouviu em sua mente alguma palavra ou frase sendo dita?
2. Se sim, o que essas vozes diziam?
3. Quem emitia as vozes?
4. De quem essas vozes pareciam ser?
5. Era uma única voz ou eram diferentes vozes?
6. Eram vozes conhecidas ou estranhas?
7. Estas vozes emitiam palavras soltas, ou representavam monólogos, diálogos, conversas inteiras ou fragmentos, pedaços de conversas?
8. Tratava-se de uma conversa ordenada, numa sequência que permitia a compreensão com clareza imediata ou de uma sobreposição, de uma mistura de vozes falando ao mesmo tempo?
9. Você consegue identificar o sexo desta(s) voz(es)?
10. Você consegue identificar a idade desta(s) voz(es)?
11. Seria a voz de uma pessoa ou criatura adulta, infantil ou idosa?
12. Você consegue precisar o ritmo desta(s) voz(es)?
13. E a intensidade (timbre)?
14. Qual a velocidade com que esta(s) palavra(s) se apresentava(m)?
15. Existia emoção nesta(s) voz(es)?
16. Você consegue identificar o tipo de emoção que você sentiu ao ouvir esta(s) voz(es)?
17. Tratava-se de um tipo de emoção específico, ou de diferentes tipos de emoção? Se sim, qual (quais)?
18. Dentre estes tipos de emoção, algum deles prevaleceu? Se sim, qual (quais)?

19. A voz(es) que você escutou apareceu(eram) sozinha(s) ou junta(s) a outras vozes? Se sim, qual (quais)?

20. O que voce ouviu se apresentou de forma associada a outras coisas que não palavras ou frases? Se sim, qual (quais)?

Visualização Interna (Visualização de algo que surge na sua imaginação)

1. Durante o tempo em que se manteve em silêncio você viu alguma coisa em sua mente, você visualizou alguma figura ou cena em seu pensamento?

2. O que você exatamente viu?Eram imagens de lugares, paisagens, pessoas, objetos?

3. Como se apresentou o que você viu?

4. Tratava-se de imagens de coisas que você conhece ou desconhece?

5. Você visualizou coisas que existem no mundo ou seres imaginados?

6. Eram imagens completas ou parciais, pedaços de imagens ou objetos?

7. Estas imagens apresentavam textura – se áspera, lisa, macia etc?;

8. Apresentavam cor?

9. E o tamanho? Eram grandes, médias ou pequenas?

10. Em qual momento a(s) imagem(ens) surgiram em sua mente?

11. Qual a nitidez (a vividez) desta(s) imagem(ens)?

12. Estas imagens apareceram sozinhas ou juntas a outras imagens? Se sim, qual (quais) foi (foram)?

13. O que você viu se apresentou de forma associada a outras coisas que não visualizações internas? Se sim, qual (quais)?

Sentimentos (A forma como vivenciar emoções positivas e/ou negativas)

1. Durante ao período em que se manteve em silêncio você vivenciou algum sentimento ou emoção?

2. Se sim, o que realmente você sentiu?

3. De que forma você sentiu?

4. Em que momento esses sentimentos surgiram?

5. Qual a intensidade desse(s) sentimento(s)/emoção(ções)?

6. Eram sentimento/emoções agradáveis ou desagradáveis?

7. Estes sentimentos apareceram sozinhos ou juntos a outros sentimentos/emoções?Se sim, qual (quais) foi (foram)?
8. O que voce sentiu se apresentou de forma associada a outras coisas que não sentimentos/emoções? Se sim, qual (quais)?

Consciência Sensória (Como você experiencia as sensações corporais – ex.: frio, calor, dormência, pressão, zumbido, luz, escuridão, etc.)

1. Durante o período em que se manteve em silêncio, você percebeu se, por todo o tempo ou em dado momento, alguma sensação se fez presente?
2. O que você sentiu?
3. De que forma esta sensação se apresentou? Como você a sentiu, percebeu?
4. Você sentiu algum tipo de sensação visual? Se sim, qual (quais)?
5. Algum tipo de sensação auditiva? Se sim, qual (quais)?
6. Você sentiu alguma sensação de dor? Se sim, qual (quais)?
7. Você sentiu alguma sensação de temperatura? Se sim, qual (quais)?
8. Algum tipo de sensação de textura? Se sim, qual (quais)?
9. Você sentiu alguma sensação de pressão em alguma parte de seu corpo? Se sim, o que você sentiu?
10. Qual a intensidade desta(s) sensação(ções)?
11. Em qual momento esta(s) sensação(ções) surgiu(ram)?
12. O que você sentiu apareceu sozinho ou junto a outras sensações?
13. O que voce sentiu se apresentou de forma associada a outras coisas que não sensações? Se sim, qual (quais)?

Gostaria que você relatasse algo que acha que não relatou até o presente momento desta entrevista. Há ainda algum elemento que tenha ocorrido em sua mente durante o período em que se manteve em silêncio e com os olhos fechados que você não relatou nem exploramos juntos até agora? (se sim)

Pensamento Não Simbolizado (Forma de pensamento que não se dá a partir da fala consigo mesmo, das visualizações internas, dos sentimentos ou da consciência sensória)

1. Durante o tempo em que você esteve em silêncio e com os olhos fechados apareceu em sua mente algum tipo de pensamento que lhe pareceu estar acontecendo mesmo sem que você tivesse visualizado algo em sua mente, ou sem que você tenha experienciado algum sentimento ou percebido alguma sensação física ou mesmo sem que você tenha usado palavras?
2. Se sim, relate qual(quais) pensamento(s) foi(ram) e como ele(s) lhe pareceu(ram) vir à sua mente durante o período em que esteve de olhos fechados?

<u>Narrativa Fenomenológica</u> (ordem temporal da emergência dos conteúdos fenomenológicos)

Você me relatou tudo o que lhe veio à mente durante o período em que esteve em silêncio e com os olhos fechados e os formatos que esses elementos tiveram, como palavras, imagens, sentimentos, sensações ou mesmo pensamentos que não estavam associados a quaisquer dos elementos citados. Eu gostaria que você me detalhasse a ordem em que esses elementos

apareceram em sua mente, desde o primeiro deles até o último durante o tempo de 1 (um) minuto em que você esteve em silêncio e com os olhos fechados.

Qual foi o 1º elemento? (citar e descrever); Qual foi o 2º elemento? (citar e descrever); etc.

- Até agora você me contou se você se considera atraente ou não. Eu gostaria então que você retornasse àquele 1 minuto em que você ficou de olhos fechados e me dissesse como você chegou a esta conclusão.

OBRIGADO POR SUA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA!

ANEXO. 11

QUESTIONÁRIO SÓCIODEMOGRÁFICO

1. Qual o seu sexo?

   (1) Masculino (0) Feminino

2. Qual sua orientação sexual?

   (1) Heterossexual (2) Homossexual (3) Bissexual

   (4) Outros Qual?_____

3. Qual o maior nível de escolaridade obtido por você até o presente momento?

   (1) Ensino Fundamental I Incompleto
   (2) Ensino Fundamental I Completo
   (3) Ensino Fundamental II Incompleto
   (4) Ensino Fundamental II Completo
   (5) Curso Técnico Incompleto em _____
   (6) Curso Técnico Completo em _____
   (7) Curso Superior ou Graduação Incompleta em _____
   (8) Curso Superior ou Graduação Completa em _____
   (9) Curso de Especialização Incompleto em _____
   (10) Curso de Especialização Completo em _____
   (11) Curso de Mestrado Incompleto em _____
   (12) Curso de Mestrado Completo em _____
   (13) Curso de Doutorado Incompleto em _____
   (14) Curso de Doutorado Completo em _____

4. Qual a sua ocupação atual ou última?

   (1) Autônomo/a. Cargo ou Função: _____
   (2) Emprego no Setor Privado. Cargo ou Função: _____
   (3) Emprego no Setor Público. Cargo ou Função: _____
   (4) Área Agrícola. Setor de _____
   (5) Estudante
   (6) Outra:_____

5. Qual a sua nacionalidade?

   (1) Brasileira (2) Estrangeira. País de Origem: _____

   Mora no Brasil desde quando? _____

6. Qual a sua cidade de nascimento?

   Nasci em _____ no Estado de _____

7. Qual o seu local de residência atual?

   Município ou Cidade de _____

8. Qual seu Estado Civil?

   (1) Solteiro (a)
   (2) Casado (a)
   (3) Separado (a)
   (4) Divorciado (a)
   (5) Recasado (a)/casado(a) de novo
   (6) Viúvo (a)
   (7) Outro:_____

9. Quantos filhos você tem?

   (0) Não tenho filhos
   (1) Tenho _____ filho(s)

10. Qual o seu nível de Renda Individual atual?

    (0) Não tenho Renda Individual atual, sou custeado por família ou outros
    (1) Até R$500,00
    (2) De R$ 501,00 até R$ 1.000,00
    (3) De R$ 1.001,00 até R$ 2.000,00
    (4) De R$ 2.001,00 até R$ 3.000,00
    (5) De R$ 3.001,00 até R$ 4.000,00
    (6) De R$ 4.001,00 até R$ 5.000,00
    (7) De R$ 5.001,00 em diante

11. Você tem Religião atualmente? (Obs.: Este item não se refere a algum tipo de religiosidade ou espiritualidade privada, mas a uma vinculação concreta a uma tradição religiosa expressa por uma vinculação explícita a uma instituição ou igreja e participação mais ou menos frequente aos seus rituais e práticas)

    (0) Não (1) Sim. Minha religião atual é _____

OBRIGADO POR SUA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA!

ANEXO. 12

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA COGNITIVA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(PARA MAIORES DE 18 ANOS OU EMANCIPADOS - Resolução 466/12)

Convidamos o (a) Sr. (a) para participar como voluntário (a) da pesquisa *"Autoconsciência e padrões de atratividade no ciclo vital de homens e mulheres de orientação sexual homo e heteroafetiva na Região Metropolitana do Recife"*, que está sob a responsabilidade do pesquisador Normando José Queiroz Viana, Av. Acadêmico Hélio Ramos, s/n, Centro de Filosofia e Ciências Humanas – CFCH, 8º Andar, CEP 50670-901, Cidade Universitária, Recife – PE, pelos telefones (81) 2126-8272 / (81) 8662-4825 ou pelo seguinte e-mail: falecomigo_1976@hotmail.com e está sob a orientação do Prof. Dr. Alexsandro Medeiros do Nascimento, Av. Acadêmico Hélio Ramos, s/n, Centro de Filosofia e Ciências Humanas – CFCH, 8º Andar, CEP 50670-901, Cidade Universitária, Recife – PE, pelos telefones (81) 2126-8272 / (81) 2126-7630 ou pelo seguinte e-mail: alexmeden@hotmail.com.

Este Termo de Consentimento pode conter informações que o/a senhor/a não entenda. Caso haja alguma dúvida, pergunte à pessoa que está lhe entrevistando para que o/a senhor/a esteja bem esclarecido (a) sobre sua participação na pesquisa. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, caso aceite em fazer parte do estudo, rubrique as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa o (a) Sr. (a) não será penalizado (a) de forma alguma. Também garantimos que o (a) Senhor (a) tem o direito de retirar o consentimento da sua participação em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer penalidade.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

 Identificar os padrões de atratividade, qual sua dinâmica representacional no seio da experiência interna e o enlaçamento no processo autoavaliativo com os processos de atratividade autopercebida, autofocalização, auto-estima, bem estar, humor depressivo e religiosidade apresentados no desenvolvimento do ciclo vital de homens e mulheres, de orientação sexual hetero e homoafetiva na Região Metropolitana do Recife.

 Os participantes do estudo serão adolescentes, jovens, adultos e idosos, de orientação sexual heterossexual e homossexual.

 A coleta dos dados acontecerá em três etapas. A saber:

1ª etapa: refere-se à validação da escala de autoatratividade proposta por Viana e Nascimento (2014) a qual será aplicada juntamente ao questionário sociodemográfico;

2ª etapa: intenciona identificar e apreender as habilidades cognitivas mais gerais. Nesta etapa serão aplicados tanto o questionário sociodemográfico; quanto as medidas psicométricas de atratividade (validada na 1ª etapa); auto-estima; apreciação corporal;

satisfação com a vida; felicidade subjetiva; religiosidade global; rastreamento da depressão; bem como os testes de autoconsciência situacional e disposicional;

3ª etapa: compreende a identificação e apreensão de habilidades cognitivas mais específicas e aprofundadas do autoconceito e da autoconsciência, como também o acesso a dimensão fenomenal dos sujeitos, randomicamente selecionados, quando da 2ª etapa dos procedimentos, possibilitada pela aplicação da entrevista em profundidade de caráter fenomenológico-cognitivo.

 Os dados serão coletados, quando da 1ª e 2ª etapa, de forma individual ou coletiva, conforme a disponibilidade e conveniência do(a) participante, em ambiente adequado – isento de barulho, com boa iluminação, isolamento acústico e munido de mesas, cadeiras ou bancas escolares – por intermédio da respostas aos instrumentos apresentados na forma impressa em papel A4, as quais deverão ser efetuadas em caneta esferográfica nas cores preta ou azul. Na 3ª etapa a coleta dar-se-á a partir do recurso da audiogravação.

 O tempo para realização da coleta nas diferentes etapas da pesquisa é livre.

 Aqueles que participarem da 1ª etapa da coleta (800 participantes) não participarão das etapas seguintes. 32 participantes, dentre os 360 que integraram a 2ª etapa da coleta, serão recrutados a participarem da 3ª etapa.

 Os riscos diretos para os(as) participantes da pesquisa são considerados mínimos, os quais podem ser expressos na forma de constrangimento, o qual será evitado e/ou minorado mediante a realização da coleta de modo individualizado, sigiloso e em ambiente reservado.

 Não haverá benefícios diretos aos participantes, no entanto, indiretamente, estes serão beneficiados pelo exercício do autofoco, o qual corroborará com o instanciamento de estados autoconscientes, de modo reflexivo, os fortaleceriam a capacidade que estes têm de minorar as influências que os standards de atratividade exercem sobre os processos autoavaliativos, ocasionando prejuízos ao funcionamento psicológico saudável.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa advindos do questionário sociodemográfico, do conjunto de testes e do áudio da entrevista, ficarão sob a responsabilidade do pesquisador Normando José Queiroz Viana, e serão armazenados em arquivo exclusivo e no computador pessoal do mesmo, em sua residência, situada à Rua dos Peixinhos, 879,Cajueiro, Recife/PE, pelo período de mínimo 5 anos.

O (a) senhor (a) não pagará nada para participar desta pesquisa. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidos pelos pesquisadores (ressarcimento de transporte e alimentação). Fica também garantida indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial.

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: **(Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cepccs@ufpe.br).**

_____

Normando José Queiroz Viana

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIO (A)

Eu, _____, CPF _____, abaixo assinado, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e de ter tido a oportunidade

de conversar e ter esclarecido as minhas dúvidas com o pesquisador responsável, concordo em participar do estudo *"Autoconsciência e padrões de atratividade no ciclo vital de homens e mulheres de orientação sexual homo e heteroafetiva na Região Metropolitana do Recife"*, como voluntário (a). Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo pesquisador sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Local e data _____

Assinatura do participante:
_____

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e o aceite do voluntário em participar. (02 testemunhas não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome:	Nome:
Assinatura:	Assinatura:

ANEXO. 13

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA COGNITIVA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(PARA RESPONSÁVEL LEGAL PELO MENOR DE 18 ANOS - Resolução 466/12)

Solicitamos a sua autorização para convidar o (a) seu/sua filho (a) {ou menor que está sob sua responsabilidade} para participar, como voluntário (a), da pesquisa *"Autoconsciência e padrões de atratividade no ciclo vital de homens e mulheres de orientação sexual homo e heteroafetiva na Região Metropolitana do Recife"*. Esta pesquisa é da responsabilidade do pesquisador Normando José Queiroz Viana Av. Acadêmico Hélio Ramos, s/n, Centro de Filosofia e Ciências Humanas – CFCH, 8º Andar, CEP 50670-901, Cidade Universitária, Recife – PE, pelos telefones (81) 2126-8272 / (81) 8662-4825 ou pelo seguinte e-mail: falecomigo_1976@hotmail.com e está sob a orientação do Prof. Dr. Alexsandro Medeiros do Nascimento, Av. Acadêmico Hélio Ramos, s/n, Centro de Filosofia e Ciências Humanas – CFCH, 8º Andar, CEP 50670-901, Cidade Universitária, Recife – PE, pelos telefones (81) 2126-8272 / (81) 2126-7630 ou pelo seguinte e-mail: alexmeden@hotmail.com.

Este Termo de Consentimento pode conter informações que o/a senhor/a não entenda. Caso haja alguma dúvida, pergunte à pessoa que está lhe entrevistando para que o/a senhor/a esteja bem esclarecido (a) sobre sua participação na pesquisa. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar que o (a) menor faça parte do estudo, rubrique as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa nem o (a) Sr.(a) nem o/a voluntário/a que está sob sua responsabilidade serão penalizados (as) de forma alguma. O (a) Senhor (a) tem o direito de retirar o consentimento da participação do (a) menor a qualquer tempo, sem qualquer penalidade.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

 Identificar os padrões de atratividade, qual sua dinâmica representacional no seio da experiência interna e o enlaçamento no processo autoavaliativo com os processos de atratividade autopercebida, autofocalização, auto-estima, bem estar, humor depressivo e religiosidade apresentados no desenvolvimento do ciclo vital de homens e mulheres, de orientação sexual hetero e homoafetiva na Região Metropolitana do Recife.

 Os participantes do estudo serão adolescentes, jovens, adultos e idosos, de orientação sexual heterossexual e homossexual.

 A coleta dos dados acontecerá em três etapas. A saber:

1ª etapa: refere-se à validação da escala de autoatratividade proposta por Viana e Nascimento (2014) a qual será aplicada juntamente ao questionário sociodemográfico;
2ª etapa: intenciona identificar e apreender as habilidades cognitivas mais gerais. Nesta etapa serão aplicados tanto o questionário sociodemográfico; quanto as medidas psicométricas de atratividade (validada na 1ª etapa); auto-estima; apreciação corporal; satisfação com a vida; felicidade subjetiva; religiosidade global; rastreamento da depressão; bem como os testes de autoconsciência situacional e disposicional;
3ª etapa: compreende a identificação e apreensão de habilidades cognitivas mais específicas e aprofundadas do autoconceito e da autoconsciência, como também o acesso a dimensão fenomenal dos sujeitos, randomicamente selecionados, quando da 2ª etapa dos procedimentos, possibilitada pela aplicação da entrevista em profundidade de caráter fenomenológico-cognitivo.

 Os dados serão coletados, quando da 1ª e 2ª etapa, de forma individual ou coletiva, conforme a disponibilidade e conveniência do(a) participante, em ambiente adequado – isento de barulho, com boa iluminação, isolamento acústico e munido de mesas, cadeiras ou bancas escolares – por intermédio da respostas aos instrumentos apresentados na forma impressa em papel A4, as quais deverão ser efetuadas em caneta esferográfica nas cores preta ou azul. Na 3ª etapa a coleta dar-se-á a partir do recurso da audiogravação.

 O tempo para realização da coleta nas diferentes etapas da pesquisa é livre.

 Aqueles que participarem da 1ª etapa da coleta (800 participantes) não participarão das etapas seguintes. 32 participantes, dentre os 360 que integraram a 2ª etapa da coleta, serão recrutados a participarem da 3ª etapa.

 A coleta ocorrerá nas dependências da escola, em sala de aula e ou em espaço destinado pela instituição de ensino para tal finalidade, no decorrer do horário escolar no qual o aluno está matriculado ou na instituição (ONG e correlatos) da qual os adolescentes fazem parte, sem precisar que os mesmos se desloquem para outros locais.

Os riscos diretos para os(as) participantes da pesquisa são considerados mínimos, os quais podem ser expressos na forma de constrangimento, o qual será evitado e/ou minorado mediante a realização da coleta de modo individualizado, sigiloso e em ambiente reservado.

 Não haverá benefícios diretos aos participantes, no entanto, indiretamente, estes serão beneficiados pelo exercício do autofoco, o qual corroborará com o instanciamento de estados autoconscientes, de modo reflexivo, os fortaleceriam a capacidade que estes têm de minorar as influências que os standards de atratividade exercem sobre os processos autoavaliativos, ocasionando prejuízos ao funcionamento psicológico saudável.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa advindos do questionário sociodemográfico, do conjunto de testes e do áudio da entrevista, ficarão sob a responsabilidade do pesquisador Normando José Queiroz Viana, e serão armazenados em arquivo exclusivo e no computador pessoal do mesmo, em sua residência, situada à Rua dos Peixinhos, 879,Cajueiro, Recife/PE, pelo período de mínimo 5 anos.

O (a) senhor (a) não pagará nada para participar desta pesquisa. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidos pelos pesquisadores (ressarcimento de transporte e alimentação). Fica também garantida indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial.

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: **(Avenida**

da Engenharia s/n – 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cepccs@ufpe.br).

_____

Normando José Queiroz Viana

CONSENTIMENTO DO RESPONSÁVEL PARA A PARTICIPAÇÃO DO/A VOLUNTÁRIO

Eu, _____, CPF_____, abaixo assinado, responsável por _____, autorizo a sua participação no estudo *"Autoconsciência e padrões de atratividade no ciclo vital de homens e mulheres de orientação sexual homo e heteroafetiva na Região Metropolitana do Recife"*, como voluntário (a). Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo (a) pesquisador (a) sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da participação dele (a). Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade (ou interrupção de seu acompanhamento/ assistência/tratamento) para mim ou para o (a) menor em questão.

Local e data _____

Assinatura do participante:

_____

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e o aceite do voluntário em participar. (02 testemunhas não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome:	Nome:
Assinatura:	Assinatura:

ANEXO. 14

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA COGNITIVA

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PARA MENORES DE 12 a 18 ANOS - Resolução 466/12)

Convidamos você, após autorização dos seus pais (ou responsáveis legais) para participar como voluntário (a) da pesquisa *"Autoconsciência e padrões de atratividade no ciclo vital de homens e mulheres de orientação sexual homo e heteroafetiva na Região Metropolitana do Recife"*, que está sob a responsabilidade do pesquisador Normando José Queiroz Viana, Av. Acadêmico Hélio Ramos, s/n, Centro de Filosofia e Ciências Humanas – CFCH, 8º Andar, CEP 50670-901, Cidade Universitária, Recife – PE, pelos telefones (81) 2126-8272 / (81) 8662-4825 ou pelo seguinte e-mail: falecomigo_1976@hotmail.com e está sob a orientação do Prof. Dr. Alexsandro Medeiros do Nascimento, Av. Acadêmico Hélio Ramos, s/n, Centro de Filosofia e Ciências Humanas – CFCH, 8º Andar, CEP 50670-901, Cidade Universitária, Recife – PE, pelos telefones (81) 2126-8272 / (81) 2126-7630 ou pelo seguinte e-mail: alexmeden@hotmail.com

Este Termo de Consentimento pode conter informações que você entenda. Caso haja alguma dúvida, pergunte à pessoa que está lhe entrevistando para que esteja bem esclarecido (a) sobre sua participação na pesquisa. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer pagamento para participar. Você será esclarecido(a) sobre qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. Após ler as informações a seguir, caso aceite participar do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é para ser entregue aos seus pais para guardar e a outra é do pesquisador responsável. Caso não aceite participar, não haverá nenhum problema se desistir, é um direito seu. Para participar deste estudo, o responsável por você deverá autorizar e assinar um Termo de Consentimento, podendo retirar esse consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

 Identificar os padrões de atratividade, qual sua dinâmica representacional no seio da experiência interna e o enlaçamento no processo autoavaliativo com os processos de atratividade autopercebida, autofocalização, auto-estima, bem estar, humor depressivo e religiosidade apresentados no desenvolvimento do ciclo vital de homens e mulheres, de orientação sexual hetero e homoafetiva na Região Metropolitana do Recife.

 Os participantes do estudo serão adolescentes, jovens, adultos e idosos, de orientação sexual heterossexual e homossexual.
 A coleta dos dados acontecerá em três etapas. A saber:
1ª etapa: refere-se à validação da escala de autoatratividade proposta por Viana e Nascimento (2014) a qual será aplicada juntamente ao questionário sociodemográfico;
2ª etapa: intenciona identificar e apreender as habilidades cognitivas mais gerais. Nesta etapa serão aplicados tanto o questionário sociodemográfico; quanto as medidas psicométricas de atratividade (validada na 1ª etapa); auto-estima; apreciação corporal; satisfação com a vida; felicidade subjetiva; religiosidade global; rastreamento da depressão; bem como os testes de autoconsciência situacional e disposicional;
3ª etapa: compreende a identificação e apreensão de habilidades cognitivas mais específicas e aprofundadas do autoconceito e da autoconsciência, como também o acesso a dimensão fenomenal dos sujeitos, randomicamente selecionados, quando da 2ª etapa dos procedimentos, possibilitada pela aplicação da entrevista em profundidade de caráter fenomenológico-cognitivo.
 Os dados serão coletados, quando da 1ª e 2ª etapa, de forma individual ou coletiva, conforme a disponibilidade e conveniência do(a) participante, em ambiente adequado – isento de barulho, com boa iluminação, isolamento acústico e munido de mesas, cadeiras ou bancas escolares – por intermédio da respostas aos instrumentos apresentados na forma impressa em papel A4, as quais deverão ser efetuadas em caneta esferográfica nas cores preta ou azul. Na 3ª etapa a coleta dar-se-á a partir do recurso da audiogravação.
 O tempo para realização da coleta nas diferentes etapas da pesquisa é livre.
 Aqueles que participarem da 1ª etapa da coleta (800 participantes) não participarão das etapas seguintes. 32 participantes, dentre os 360 que integraram a 2ª etapa da coleta, serão recrutados a participarem da 3ª etapa.
 Os riscos diretos para os(as) participantes da pesquisa são considerados mínimos, os quais podem ser expressos na forma de constrangimento, o qual será evitado e/ou minorado mediante a realização da coleta de modo individualizado, sigiloso e em ambiente reservado.

 Não haverá benefícios diretos aos participantes, no entanto, indiretamente, estes serão beneficiados pelo exercício do autofoco, o qual corroborará com o instanciamento de estados autoconscientes, de modo reflexivo, os fortaleceriam a capacidade que estes têm de minorar as influências que os standards de atratividade exercem sobre os processos autoavaliativos, ocasionando prejuízos ao funcionamento psicológico saudável.
As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa advindos do questionário sociodemográfico, do conjunto de testes e do áudio da entrevista, ficarão sob a responsabilidade do pesquisador Normando José Queiroz Viana, e serão armazenados em arquivo exclusivo e no computador pessoal do mesmo, em sua residência, situada à Rua dos Peixinhos, 879,Cajueiro, Recife/PE, pelo período de mínimo 5 anos.
Nem você nem os seus pais pagarão (ou responsáveis legais) pagarão nada para participar desta pesquisa. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação e de seus pais serão assumidas ou ressarcidas pelos pesquisadores. Fica também garantida indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial.
Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: **(Avenida**

da Engenharia s/n – 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cepccs@ufpe.br).

_____

Normando José Queiroz Viana

ASSENTIMENTO DO MENOR DE IDADE EM PARTICIPAR COMO VOLUNTÁRIO

Eu, _____, portador (a) do documento de Identidade _____ (se já tiver documento), abaixo assinado, concordo em participar do estudo *"Autoconsciência e padrões de atratividade no ciclo vital de homens e mulheres de orientação sexual homo e heteroafetiva na Região Metropolitana do Recife"*, como voluntário (a). Fui informado (a) e esclarecido (a) pelo (a) pesquisador (a) sobre a pesquisa, o que vai ser feito, assim como os possíveis riscos e benefícios que podem acontecer com a minha participação. Foi-me garantido que posso desistir de participar a qualquer momento, sem que eu ou meus pais precise pagar nada.

Local e data _____

Assinatura do participante:
_____

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e o aceite do voluntário em participar. (02 testemunhas não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome:	Nome:
Assinatura:	Assinatura:

ANEXO. 15

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA COGNITIVA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PARA MAIORES DE 18 ANOS OU EMANCIPADOS)

Resolução nº 466/12 Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde - Brasil)

Convidamos o(a) Sr.(a) para participar, como voluntário(a), da pesquisa *"Autoconsciência e padrões de atratividade no ciclo vital de homens e mulheres de orientação sexual homo e heteroafetiva na Região Metropolitana do Recife"*, parte integrante do doutoramento em Psicologia Cognitiva/UFPE, Recife, Pernambuco, Brasil, com período de estágio sanduíche no Centro em Rede de Investigação em Antropologia – CRIA, Lisboa, Portugal. Tal pesquisa encontra-se sob a responsabilidade do pesquisador *Normando José Queiroz Viana* (morada institucional no Brasil: Av. Acadêmico Hélio Ramos, s/nº, Centro de Filosofia e Ciências Humanas – CFCH, 8º Andar, CEP 50670-901, Cidade Universitária, Recife – PE, Brasil, Tel.: +558121268272/+5581986624825 – morada institucional em Portugal: Av. das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa, Portugal, Tel.:+351217903000 Fax: +351 217964710. E-mail: falecomigo_1976@hotmail.com) com a orientação do Prof. Dr. Alexsandro Medeiros do Nascimento (morada institucional no Brasil: Av. Acadêmico Hélio Ramos, s/nº, Centro de Filosofia e Ciências Humanas – CFCH, 8º Andar, CEP 50670-901, Cidade Universitária, Recife – PE, pelos telefones +55812126-8272/+558121267630 ou pelo seguinte e-mail: alexmeden@hotmail.com).

Este Termo de Consentimento pode conter informações que o(a) senhor(a) não entenda. Caso haja alguma dúvida, pergunte à pessoa que está lhe entrevistando para que o(a) senhor(a) esteja bem esclarecido(a) sobre sua participação na pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, caso aceite fazer parte do estudo, rubrique as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa o(a) senhor(a) não será penalizado(a) de forma alguma. Também garantimos que o(a) senhor(a) tem o direito de retirar o consentimento da sua participação em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer penalidade.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

 Objetivo: Identificar os padrões de atratividade, sua dinâmica representacional no seio da experiência interna e o enlaçamento no processo autoavaliativo com os processos de atratividade autopercebida, autofocalização, auto-estima, bem estar, humor depressivo e religiosidade apresentados no desenvolvimento do ciclo vital de homens e mulheres, de orientação sexual hetero e homoafetiva na Região Metropolitana do Recife;

 Os participantes do estudo serão adolescentes, jovens, adultos e idosos, de orientação sexual heterossexual e homossexual;
 A coleta dos dados, na cidade de Lisboa, Portugal, acontecerá em uma única etapa, a qual compreende a validação da Escala de Autoatratividade, elaborada por Viana e Nascimento (2014). Para tanto, será aplicada a referida escala, juntamente com a Escala de Apreciação Corporal e com o Questionário Sociodemográfico;
 Os dados serão coletados de forma individual ou coletiva, conforme a disponibilidade e conveniência do(a) participante, em ambiente adequado – isento de barulho, com boa iluminação, isolamento acústico e munido de mesas, cadeiras ou bancas escolares – por intermédio das respostas aos instrumentos apresentados na forma impressa em papel A4, as quais deverão ser efetuadas em caneta esferográfica nas cores preta ou azul;

 O tempo para realização da coleta é livre;

 Os riscos diretos para os(as) participantes da pesquisa são considerados mínimos, os quais podem ser expressos na forma de constrangimento, o que será evitado e/ou minorado mediante a realização da coleta de modo individualizado, sigiloso e em ambiente reservado;

 Não haverá benefícios diretos aos participantes, no entanto, indiretamente, estes serão beneficiados pelo exercício do autofoco, o qual corroborará com o instanciamento de estados autoconscientes, de modo reflexivo, fortalecendo a capacidade que estes têm de minorar as influências que os padrões de atratividade exercem sobre os processos autoavaliativos, ocasionando prejuízos ao funcionamento psicológico saudável.

As informações desta pesquisa são confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos participantes, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa ficarão sob a responsabilidade do pesquisador Normando José Queiroz Viana, e serão armazenados em arquivo exclusivo, em sua residência, situada à Rua dos Peixinhos, 879, Cajueiro, Recife, Pernambuco, Brasil, pelo período de mínimo 5 anos.

O(a) senhor(a) não pagará nada para participar desta pesquisa. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidas pelo pesquisador (ressarcimento de transporte e alimentação). Fica também garantida indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial.

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Brasil, no endereço: **(Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, Brasil, CEP: 50740-600, Tel.: (55xx81) 2126.8588 – e-mail: cepccs@ufpe.br).**

_____

Normando José Queiroz Viana

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIO(A)

Eu, _____, NIF _____, abaixo assinado, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as minhas dúvidas com o pesquisador responsável, concordo em participar do estudo *"Autoconsciência e padrões de atratividade no ciclo vital de homens e mulheres de orientação sexual homo e heteroafetiva na Região Metropolitana do Recife"*, como voluntário(a). Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo investigador sobre a pesquisa, os procedimentos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Local e data _____

Assinatura do participante:
_____

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e o aceite do voluntário em participar. (02 testemunhas não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome:	Nome:
Assinatura:	Assinatura: